



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA
CENTRO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS
MESTRADO**

JOSÉ CARLOS DA ROCHA

**EXPERIÊNCIAS POÉTICAS EM ARTE EDUCAÇÃO COM
ADOLESCENTES NO
CENTRO DE INTERNAÇÃO FEMININA**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Artes Visuais do Centro de Artes, da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Artes Visuais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Jociele Lampert

FLORIANÓPOLIS - SC

2017



R672e Rocha, José Carlos da
Experiências poéticas em arte educação com adolescentes
no centro de internação feminina /José Carlos da Rocha. -
2017.

480 p. il. color ; 29 cm

Orientadora: Jocielle Lampert

Bibliografia: p. 255-258

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa
Catarina, Centro de Artes, Programa de Pós-Graduação em
Artes Visuais, Florianópolis, 2017.

1. Arte - Mulheres na Arte. 2. Artes - Aspectos Sociais.
I. Lampert, Jocielle. II. Universidade do Estado de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. III.
Título.

CDD:704.042 - 20.ed.



JOSÉ CARLOS DA ROCHA

**EXPERIÊNCIAS POÉTICAS EM ARTE EDUCAÇÃO COM
ADOLESCENTES NO
CENTRO DE INTERNAÇÃO FEMININA**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Artes Visuais, na linha de Ensino das Artes Visuais, do Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Artes Visuais.

Banca Examinadora:

Orientadora:

Prof.^a Dr.^a Jocielle Lampert
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC - SC

Avaliador Externo:

Prof.^a Dr.^a Sumaya Mattar
Escola de Comunicação e Artes – ECA - USP - SP

Avaliador Interno:

Prof. Dr. Vicente Concilio
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC - SC

Suplente Avaliador Externo:

Prof.^a Dr.^a Helga Corrêa
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM - RS

Suplente Avaliador Interno:

Prof.^a Dr.^a Raquel Stolf
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC – SC

FLORIANÓPOLIS - SC

2017





Dedico esta pesquisa às pessoas que estão impedidas de conhecer a Arte como forma de liberdade.





AGRADECIMENTOS

A Deus e aos meus pais, Pedro e Zuleima, em memória, pela oportunidade de nascer, viver, conhecer e aprender as coisas deste mundo.

Aos meus entes queridos que partiram, especialmente minha esposa, Marlene.

Aos que convivo, filhos Luciana e Maico, genro Jorge, e aos que chegam renovando a vida, como a neta Yasmin, os quais fazem parte da minha constituição.

À orientadora, Prof.^a Jocielle Lampert, pela confiança, debates, e pela oportunidade de desenvolver a presente pesquisa.

Às participantes desta pesquisa, pela colaboração e dedicação, por compartilharem suas experiências e memórias; sem elas nada seria possível: Dudah Boladona, Jana Ruiva, Janaína Menorzinha, Menor Cachoeirinha, Pérola, Pikena, Puka, Tati e Yasmin Kezi.

Aos mestres convidados para a Comissão Examinadora: Sumaya Mattar e Vicente Concilio, pelas leituras, sugestões e colaborações preciosas.

À querida professora Juliana Crispe, uma fonte de estímulo que me impulsionou a buscar novos conhecimentos sobre a Arte.

Aos professores e funcionários da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, pela oportunidade de propiciar o Mestrado em Artes Visuais de referência e qualidade.

À Secretaria de Estado da Justiça e Cidadania de Santa Catarina, Departamento de Administração Socioeducativa, aos administradores do Plantão de Atendimento Inicial no Centro de Internação Feminina – Florianópolis, pela oportunidade propiciada de desenvolver esta pesquisa com as adolescentes em conflito com a lei, especialmente a pedagoga Flávia Silva Pedro e Heronildo Manoel de Andrade, e aos demais funcionários da Instituição.

Aos amigos artistas do Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke e do Mestrado em Artes Visuais da UDESC, que permitiram ampliar meus conhecimentos teóricos e práticos para o Ensino das Artes Visuais.

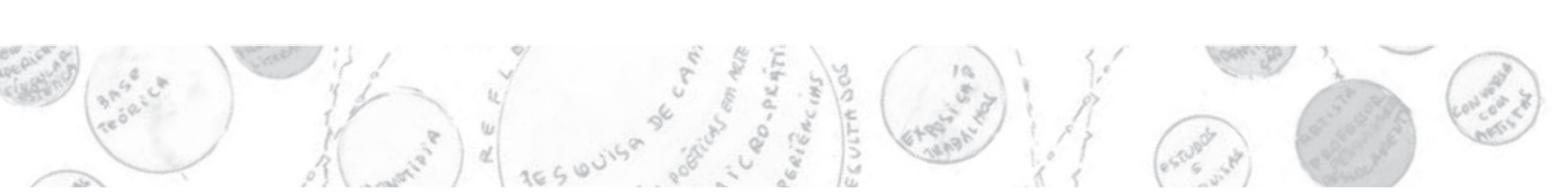
À Zulma Borges, por sua acuidade na revisão textual e pelas sugestões.

Aos livros, textos, artigos, pinturas, filmes, desenhos, esculturas, leituras, cursos, exposições, danças, teatros, viagens, dissertações, imagens, teses, músicas, museus, *performance*, que contribuíram para ampliar e aprofundar meus conhecimentos, percepções e reflexões sobre a Arte.

Agradecimento especial

À estimada Professora Jocielle Lampert,
que acreditou no meu sonho.





Por ser a realização de um organismo em suas lutas e conquistas em um mundo de coisas, a experiência é a arte em estado germinal.

John Dewey, Arte como experiência (2012).

Chegar até aqui é uma benção, sou eternamente grato por esta experiência, pois o conhecimento pode germinar, crescer, florescer e frutificar a qualquer tempo em todas as estações da vida por meio da Arte.

Jovem artista-pesquisador-professor de 63 anos – Rocha – primavera de 2016.





RESUMO

Este estudo trata de reflexões e experiências do Ensino das Artes Visuais com adolescentes de quinze a vinte e um anos em conflito com a lei, internadas na unidade pública prisional fechada denominada Centro de Internação Feminina (CIF), uma instituição socioeducativa, em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Esta pesquisa partiu do desejo de compartilhar e vivenciar saberes sobre a Arte nesse espaço, como artista e educador, com o objetivo de ressignificar pregnâncias da memória e experiências singulares e estéticas das adolescentes tolhidas de liberdade. Mediante o desenvolvimento de processos artísticos propostos, consideram-se as conexões entre a narrativa, o desenho, a pintura, a monotipia, a cianotipia e a fotografia como construção de fazer emergir as experiências significativas que permaneceram imanentes nas memórias das adolescentes. Nesse sentido, procuram-se conceitos nos estudos teóricos de Almeida (2009), Barbosa (2015,1991), Bergson (2010), Irwin (2013), Baudrillard (2004), Foucault (2014), Eisner (2011), Benjamin (1995), Poel (1981), Freire (1996) e Dewey (2012), que abordam questões referentes à presente pesquisa. Nessa direção, busca-se encontrar novos caminhos para desenvolver dispositivos no Ensino das Artes Visuais, levando em consideração o processo artístico como forma de romper barreiras do conhecimento, desenvolver a capacidade de ver, aprender, pensar, expressar e refletir criticamente sobre as próprias produções artísticas, bem como melhorar a autoestima e aprimorar o senso crítico das adolescentes que estão fora do meio acadêmico. Como forma de avaliação e observação dos resultados encontrados, utilizam-se formulários com perguntas sobre os exercícios contidos no desenvolvimento do Plano de Ensino Arte Educação planejado para esta pesquisa. Demonstrem-se dois movimentos: um sobre os trabalhos artísticos e narrativas sobre memórias e experiências elaboradas pelas adolescentes, e outro, no encontro de experiências, reflexões críticas, observações e percepções como artista-pesquisador-professor. Nesse contexto, a pesquisa de campo buscou encontrar respostas e perguntas, proporcionando intersecções na construção de novas subjetividades e ressignificações por meio do Ensino das Artes Visuais.

PALAVRAS-CHAVE: Experiência poética. Arte e Educação. Reclusão de Adolescentes. Ensino das Artes Visuais. Memória.





ABSTRACT

This study treats of reflections and experiences of teaching of the Visual Arts with adolescents from fifteen to twenty-one years in conflict with the law, admitted in public closed prison unit called Female Hospitalization Centre (CIF), a socio-educational institution, in Florianópolis, Santa Catarina, Brazil. This research started from desire to share knowledge and experience about the art in this space, as an artist and educator, aiming to redefine its meaning pregnancies of memory and unique and aesthetic experiences of adolescents become restricted freedom. Through the development of artistic processes proposed, the connections between the narrative, drawing, painting, the monotype, cyanotype and photography as construction of significant experiences emerge that remained in the memories of the immanent teenagers in this sense, are concepts in theoretical studies of Almeida (2009), Barbosa (2015, 1991), Bergson (2010), Irwin (2013), Baudrillard (2004) Foucault (2014), Eisner (2011), Benjamin (1995), Poel (1981), Freire (1996) and Dewey (2012), that address issues regarding this research. In this sense, the aim is to find new ways to develop devices in Visual Arts Education, taking into account the artistic process as a way to break barriers of knowledge, develop the ability to see, learn, think, express and reflect critically on their own artistic productions, as well as improve self-esteem and enhance the critical sense of teenagers who are outside academia. As a way of assessing and observing the results, forms with questions about the exercises contained in the development of Art Education Teaching plan planned for this research. Demonstrate-if two movements: one on the artwork and narratives about memories and experiences developed by teenagers, and another meeting of experiences, critical reflections, observations and insights as an artist-researcher-professor. In this context, the field research sought to find answers and questions, providing intersections on construction of new subjectivities and ressignificações through the teaching of Visual Arts.

KEYWORDS: Poetic experience. Art and education. Imprisonment of Adolescents. Teaching of Visual Arts. Memory.





Figura	25 - Yasmin. Representação do que é Arte.....	86
Figura	26 - Apresentação dos trabalhos do artista-pesquisador	90
Figura	27 - Revista Cartografia do Artista.....	92
Figura	28 - Revista Identidade do Artista.....	93
Figura	29 - Imagens selecionadas pelas participantes.....	94
Figura	30 - Fotografias selecionadas pelas participantes	96
Figura	31 - Imagens das participantes. Fotografia	100
Figura	32 - Processo da microprática de monotipia a óleo	102
Figura	33 - Processo dos trabalhos de cianotipia das participantes	106
Figura	34 - Participantes observando as fotografias e seus contextos	110
Figura	35 - Participantes como registro de amizade	113
Figura	36 - Os livros: Memória Afetiva e Museu dos Objetos. 2016.....	115
Figura	37 - Calendário Afetivo em desenho de linha pura	116
Figura	38 - Participantes na microprática do processo de desenho em linha....	118
Figura	39 - Convite Exposição dos trabalhos das participantes. 2016.....	121
Figura	40 - Diagrama Janaina Menorzinha. José C. da Rocha. 2016.....	125
Figura	41 - Retrato Janaina Menorzinha. Lápis HD. 2016	129
Figura	42 - Diagrama Jana Ruiva. 2016.....	131
Figura	43 - Retrato Jana Ruiva. Lápis HD. 2016.....	134
Figura	44 - Diagrama Pérola. 2016	135
Figura	45 - Retrato Pérola. Lápis HD. 2016	138
Figura	46 - Diagrama Djessyh Puka. 2016.....	139
Figura	47 - Retrato da Djessyh Puka. Lápis HD. 2016.....	142
Figura	48 - Diagrama Dudah Boladona. 2016	143
Figura	49 - Retrato Dudah Boladona. Lápis HD. 2016.....	146
Figura	50 - Diagrama Menor Cachoeirinha. 2016	147
Figura	51 - Retrato Menor Cachoeirinha. Lápis HD. 2016.	150
Figura	52 - Diagrama Pikena. 2016.....	151
Figura	53 - Retrato Pikena. Lápis HD. 2016.....	154

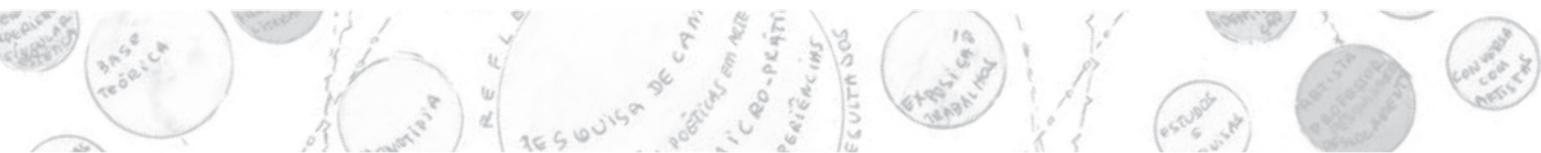


Figura	54 - Abertura Exposição. Coquetel. Confraternização. 2016	156
Figura	55 - Funcionários da Administração da Instituição. CIF. 2016	157
Figura	56 - Trabalhos de monotipia das participantes. 2016	158
Figura	57 - Trabalhos de cianotipia das participantes. 2016	160
Figura	58 - Fotografia das participantes nas micropráticas. 2016.....	162
Figura	59 - Trabalhos de pintura e desenho em linha das participantes. 2016..	164
Figura	60 - Diagrama de Identidade	173
Figura	61 - Verão I - 1. ^a impressão da técnica de monotipia em papel aquarela. 2014.....	189
Figura	62 - Verão II - 2. ^a impressão da técnica de monotipia em papel aquarela. 2014.....	189
Figura	63 - Verão III - 3. ^a impressão da técnica de monotipia em papel aquarela. 2014	189
Figura	64 - Praia da solidão I - 1. ^a Impressão da técnica de monotipia em papel japonês. 2014	190
Figura	65 - Praia da solidão II - 2. ^a Impressão da técnica de monotipia em papel japonês. 2014	190
Figura	66 - Resultado da experiência de cianotipia. 2014	192
Figura	67 - Folíolos. Resultado da experiência da monotipia. 2014	192
Figura	68 - Retrato A, pintura a óleo, negativo e resultado da técnica de cianotipia. 2014.....	193
Figura	69 - Retrato B, Pintura a óleo, negativo e resultado da técnica de cianotipia. 2014.....	194
Figura	70 - Autorretrato A. Lápis HD e nanquim. Negativo e resultado de cianotipia. 2014.....	194
Figura	71 - Autorretrato B. Lápis HD. Negativo e resultado de cianotipia. 2014	195
Figura	72 - Ilha Flutuante I. Técnica: encáustica. 2014.....	196
Figura	73 - Microprática de Encáustica e referências bibliográficas. 2015	196
Figura	74 - Retratos e autorretrato. Encáustica sob pintura, desenhos e fotografia. 2015.....	197



Figura	98 - Anatomia do Apotheke. 2015	214
Figura	99 - Fotografias dos artistas na disciplina Sobre Ser Professor Artista. 2015	216
Figura	100 - Estágio docente Sala de pintura na disciplina Processo Pictórico. UDESC. 2015.....	218
Figura	101 - Orientação da Prof. ^a Jocielle aos acadêmicos e estagiários docentes. 2015	218
Figura	102 - Fabricação de tinta a óleo. 2015.....	219
Figura	103 - Acadêmicos na disciplina Sobre Ser Professor Artista. 2015.	221
Figura	104 - Retrato Afetivo. 2013.....	223
Figura	105 - Autorretrato. Lápis HD. 2015.....	223
Figura	106 - Autorretratos. Técnicas: lápis aquarela, lápis HD e tinta a óleo. 2013	224
Figura	107 - Memórias Afetivas - Museu dos Objetos - Técnica lápis HD/Nanquim. 2013	225
Figura	108 - Natureza. Técnica Aquarela. 2016.....	226
Figura	109 - Diagrama Onde Estou?.....	229
Capa	Fotografia do autor da pesquisa de um trabalho de cianotipia de uma participante.	



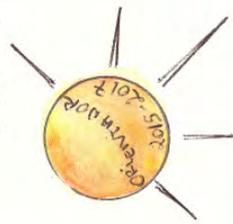


SUMÁRIO

	O LUGAR QUE PROCURO	25
1	CAMINHOS ESCOLHIDOS	33
1.1	CENTRO DE INTERNAÇÃO FEMININA (CIF).....	34
1.2	ARTE EDUCAÇÃO.....	40
1.3	A ARTE COMO EXPERIÊNCIA POÉTICA.....	49
1.4	HIBRIDIZAÇÃO ENTRE NARRATIVA E LINGUAGEM VISUAL.....	60
1.5	REMINISCÊNCIAS.....	63
2	CONFIGURAÇÕES DE EXPERIÊNCIAS POÉTICAS	71
2.1	PESQUISA DE CAMPO: QUESTIONÁRIOS - MICROPRÁTICAS.....	76
2.2	DIAGRAMAS DAS ADOLESCENTES.....	124
2.3	EXPOSIÇÃO DOS TRABALHOS DAS ADOLESCENTES.....	155
2.4	REFLEXÃO E OBSERVAÇÃO DOS RESULTADOS.....	167
3	DESLOCAMENTOS COMO ARTISTA-PESQUISADOR - PROFESSOR	175
3.1	DESLOCAMENTOS DE IDENTIDADE.....	179
3.2	ESTÚDIO DE PINTURA APOTHEKE COMO FONTE DE ESTUDO E PRÁTICA ARTÍSTICA.....	187
3.3	EXPERIÊNCIAS SINGULARES NO DESLOCAMENTO DE IDENTIDADE .	215
3.4	COMO ME IDENTIFICO?.....	222
	ONDE ESTOU?	231
	REFERÊNCIAS	239
	APÊNDICE: DOCUMENTOS DA PESQUISA EM CD	
	ANEXO A - FORMULÁRIOS: QUESTIONÁRIOS	243
	ANEXO B - FORMULÁRIOS RESPONDIDOS	259
	ANEXO C - TRABALHOS DAS ADOLESCENTES	371



FIGURA 1

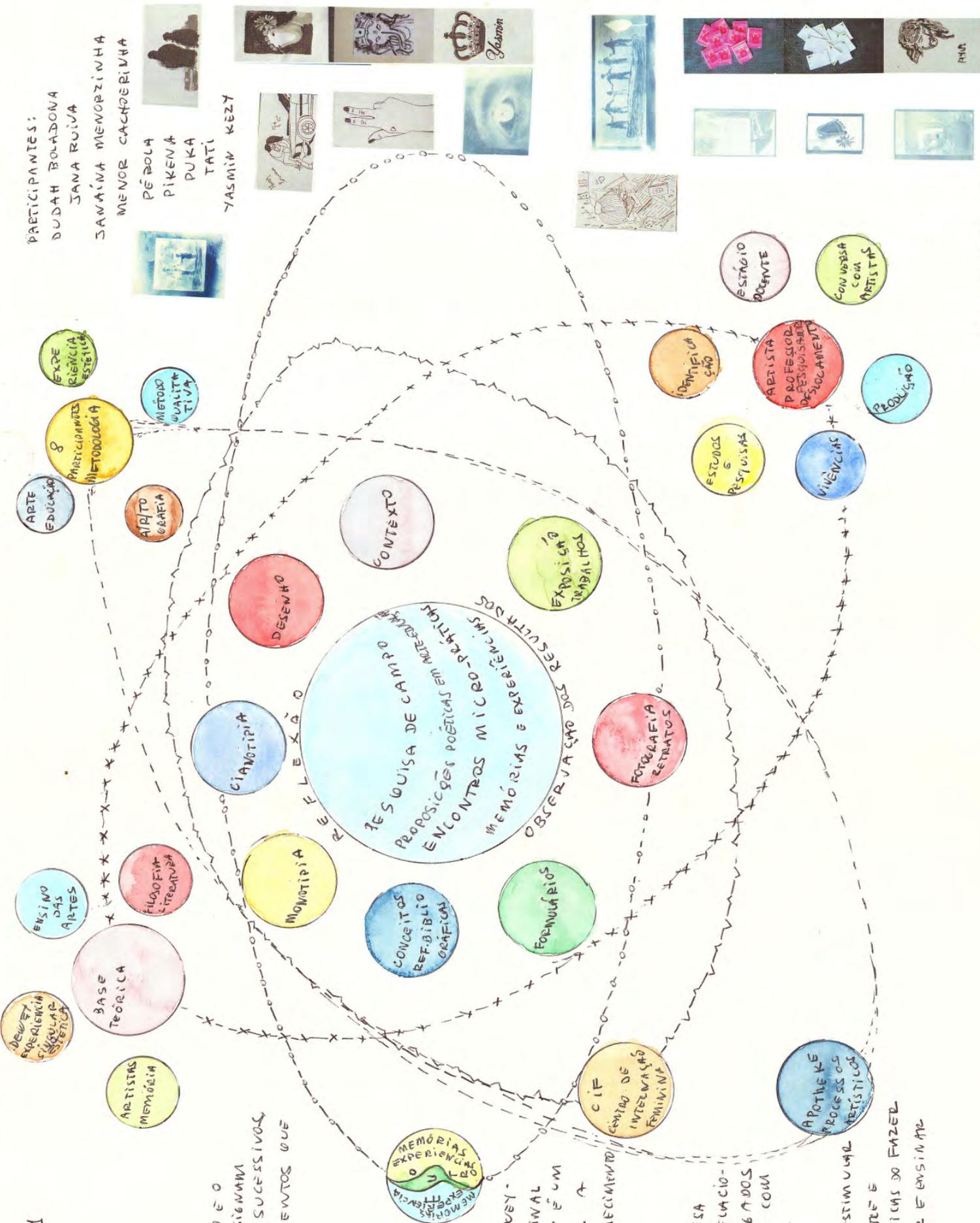


MEMÓRIA: O PASSADO É O PRESENTE NÃO DESIGNAM DOIS MOMENTOS SUCESSIVOS, MAIS DOIS ELEMENTOS QUE COEXISTEM.

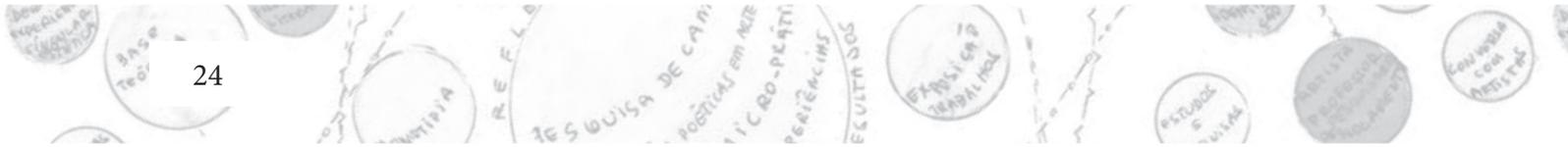
EXPERIÊNCIA - DEWEY - É O ESTADO GERMINAL DA ARTE. E A ARTE É UM MEIO DE POMPER A BARREIRA DO CONHECIMENTO

ARTE-EDUCAÇÃO: ENSINO É PESQUISA REALIZADA EM RELAÇÃO A MOMENTOS CARGADOS DE SIGNIFICADO COM OS APRENDIZES.

A/RTOGRAFIA - ESTIMULAR A BUSCA O QUE ENTRE E DENTRE AS PRÁTICAS DO FAZER ARTE, PESQUISAR E ENSINAR



- PARTICIPANTES:
 DUDAH BOLADONA
 JANA RUIVA
 JANAINA MENORZINHA
 MENOR CACHERINHA
 PÉROLA
 PIKENA
 PUKA
 TATI
 YASMIM KEZY



O LUGAR QUE PROCURO

Desde cedo, ainda criança, sempre tive uma pequena noção de que a Arte sempre acompanhava meus pensamentos, por meio da curiosidade, das figuras dos livros, dos riscos e rabiscos que preenchiam todos os cantos das folhas dos cadernos, da observação dos desenhos dos gibis que vendia e trocava, das sessões dos matinês aos domingos, da viagem de trem cujos trilhos não apareciam e eu pensava que o trem voava sobre as águas, dos sabores das tortas e biscoitos levados nos passeios de família, das leituras dos livros e revistas em quadrinhos, dos brinquedos de madeira que ocupavam a imaginação, das revistinhas proibidas para menores, das pinturas nas cartolinas, da tigela cheia de balas coloridas que ganhei de presente da minha madrinha no Natal, da caixa de lápis de cor que ganhei do meu tio e que me fez sentir um mágico das cores, das orações em latim como coroinha, das leituras da coleção do mundo infantil, das histórias contadas pelas professoras, quando precocemente e inesperadamente fui desacreditado no segundo ano escolar por uma professora, por desenhar, como tarefa, uma árvore para homenagear seu dia. Diante de todos os meus colegas da escola, recebi a sentença de mentiroso e impostor pelo desenho apresentado como não sendo meu, mas de minha mãe. Decepcionado e triste, essa experiência deslocou-me para outros caminhos longe do mundo da Arte. O mundo onde tudo se movia de uma forma que me fascinava desmoronou, e fiquei sem desenhar por muitos e longos anos. Quase uma vida.

Uma vida em que surgiu um novo tempo para construção de uma profissão, de uma família, de percorrer caminhos longe do mundo das Artes. Tudo girava em torno de outras finalidades e necessidades. Mas o desejo de explorar e conhecer a potência da Arte sempre se manteve *stand by* ao passar dos anos, mas latente como o magma de um vulcão prestes a explodir. E essa oportunidade de voltar ao caminho da encruzilhada que ficou no tempo recomeça com a Graduação no bacharelado em Artes Plásticas, na Universidade Estadual de Santa Catarina, onde me despi de todos os paradigmas e mergulhei no mundo das Artes. Pensei no lema de Juscelino Kubitschek: “Cinquenta anos em cinco”. Era o começo de um caminho, em que a percepção de um mundo novo estava para ser construído. Senti que a ponte agora estava ligada e conectada à minha vida real e não mais só no sonho. Passei a pintar e desenhar *full time*. Era um passo difícil, mas como já estava decidido, ficou fácil relembrar minhas habilidades guardadas há tanto tempo. Estavam sendo retomados os primeiros passos de uma longa caminhada sem volta.

Ao mesmo tempo, tive várias experiências ao acudir nas necessidades da enfermidade de minha esposa. Foi um período difícil, com um final triste. Sua partida levou-me a envolver-me e a dedicar-me mais ainda ao processo artístico, e nele encontrei a possibilidade de demonstrar e de externar meus sentimentos e

reminiscências. Aos poucos, fui estudando artistas e suas obras, como Van Gogh, Matisse, Kandinsky, Manet, Monet, Picasso, Vermeer, Rubens, Giotto, Hans Holbein, Da Vinci, Velasquez, Cézanne, Paul Klee, Escher, Sophie Calle e muitos outros, cujas obras me fascinavam em vários sentidos e percepções. Também interessei-me por muitos filósofos, como Henri Bergson, Gilles Deleuze, Levinas, Foucault, Nietzsche e outros. Pela primeira vez em minha vida, visitei em uma só vez as exposições de artistas contemporâneos, impressionistas (CCBB), do Barroco (Caravaggio) no MASP, e a 30.ª Bienal, em São Paulo. Uma experiência estética que marcou um divisor dos meus horizontes, que se moveram e alargaram tanto, que quase perdi de vista onde inicia e não sei onde termina. Assim, fui levado pelas múltiplas possibilidades que o processo artístico propicia, de exteriorizar e desterritorializar meus sentimentos, minhas lembranças afetivas. Algumas disciplinas proporcionaram-me conhecer novos horizontes para expandir e expressar, por meio do processo artístico, essas memórias e experiências.

Surge, assim, uma nova oportunidade de compartilhar com outros minhas experiências. Encontrei novos professores que me apoiaram no transpor as barreiras do passado, abrindo-se, assim, um mundo de possibilidades, realizando minha primeira pesquisa por meio de desenho dos meus objetos afetivos, a relevância de cada um deles e as narrativas contextualizadas dessas experiências, tendo como ponto de interesse as percepções e reflexões que os objetos afetivos despertam e remetem às memórias. Como considero somente as lembranças espontâneas, as narrativas das experiências e memórias provocadas pelos desenhos e textos partem da minha experiência individual, em que cada objeto reflete um momento, um instante, uma experiência, uma alegria, um aprendizado, ou uma lembrança retida ou esquecida, os quais são representados no livro de artista *Museu dos Objetos*¹. O resultado é um museu de objetos que remete às experiências e reminiscências pessoais retornadas e ressignificadas mediante processo artístico.

Nesse contexto, expressei experiências pessoais, que é possível recordar, por meio de desenhos conectados a textos, e permito-me adentrar novamente os compartimentos fechados pelo tempo, descortinando o passado. Essas experiências e trabalhos compartilhados agem como um dispositivo para provocar as experiências e memórias de outras pessoas ao terem contato com meu trabalho. As várias dimensões das experiências revelaram elementos para compor diálogos distintos com os campos de pesquisa para uma reflexão múltipla com pessoas que sensibilizam suas experiências e reminiscências, possibilitando materializar suas narrativas pelo processo artístico. E, nessa direção, a primeira pesquisa possibilitou que eu caminhasse até o primeiro mirante do percurso como artista. Mas essa visão alcançou outros mirantes mais além, um horizonte a perder de vista, com inúmeras indagações

1 Trabalho de Conclusão de Curso – Bacharelado em Artes Plásticas – UDESC – 2013

e curiosidades. Caminhando nessa direção, surge a oportunidade de conhecer outras possibilidades que o Ensino das Artes Visuais proporciona. Em busca de conhecimento e aprimoramento do papel da Arte no contexto do Ensino da Arte Educação, questiona-se como poderia expressar essas experiências com o processo artístico de uma forma compartilhada para outras pessoas, fora do mundo acadêmico, sobre a importância da Arte.

Surge, então, uma nova oportunidade de caminhar para encontrar um outro lugar que procuro, no tempo e espaço, não só como artista, mas como pesquisador e professor. Outras viagens mais longas realizaram-se em busca de novos saberes e olhares sobre a Arte, principalmente com a visita na 56.^a Bienal de Veneza em 2015, na Gallerie dell Accademia, na Coleção Peggy Guggenheim, no Monastério Armeno Mechitarista, no Museu Louvre e Museu d'Orsay, na 32.^a Bienal de São Paulo em 2016, e em lugares onde a Arte está presente. No decorrer do Mestrado em Artes Visuais 2015-2016, novos artistas, teóricos e críticos de Arte estudados contribuíram para aprofundar o conhecimento dessa pesquisa. A participação em cursos, exposições e entrevistas propiciou a ver e perceber possibilidades possíveis e imagináveis.

Para encontrar o lugar que procuro, desenvolvo esta pesquisa propiciada pelo curso de Mestrado em Artes Visuais da Universidade Estadual de Santa Catarina – UDESC, com a orientação da Prof.^a Dr.^a Jocielle Lampert, na área do Ensino das Artes Visuais, com o tema: Experiências poéticas em Arte Educação: Centro de Internação Feminina, com adolescentes em conflito com a lei, em que busco e assumo uma nova identidade, com uma nova dimensão formada por três camadas em um só elemento: artista-pesquisador-professor. E, ao mesmo tempo, procuro formas de ver e aprender por meio de um olhar ressignificado, como a figura da capa desta dissertação, trabalho de cianotipia, elaborado por uma das adolescentes e fotografado pelo autor desta pesquisa. Um caminho novo e repleto de interrogações e dúvidas apresenta-se e expande-se à medida que avanço na presente pesquisa, e questiono-me como aprender a ver, conhecer, agir e sentir as possibilidades de experiências que a Arte proporciona quando se desloca de artista para pesquisador e professor. E, nesse sentido, busco o entendimento de pesquisa no conceito de Sumaya Mattar:

A pesquisa é, pois, compreendida como poderoso instrumento organizador do processo de ensino e aprendizagem, o que não significa que o professor tenha de se tornar um pesquisador no sentido científico do termo, e sim que a aula, o currículo e o próprio processo educativo podem ser concebidos como campos de investigação e experimentação, capazes de gerar conhecimentos. (MATTAR, p.168, 2010).

No primeiro capítulo, Caminhos Escolhidos, relatam-se meios para atingir os objetivos da pesquisa, como o primeiro caminho, o Centro de Internação Feminina (CIF) em Florianópolis, vinculado à Secretaria do Estado da Justiça e Cidadania, como local para realização do presente estudo. No segundo caminho considera-se o projeto de Ensino de Arte Educação elaborado para ser desenvolvido com as adolescentes. No terceiro caminho aborda-se a metodologia da A/r/tografia, que utiliza o método de hibridização e interconexão de texto com desenho, pintura, como forma de expressão, percepção e significação. No último caminho escolhido, seguem conceitos e exemplos de memórias e experiências. Nesses caminhos escolhidos, esses fatores pavimentam e direcionam a pesquisa ao encontro de resultados desconhecidos.

No segundo capítulo, Configuração de Experiências Poéticas, aborda-se a dinâmica das atividades desenvolvidas pelas adolescentes. Como primeira atividade, a utilização dos formulários dos questionários para registrar as narrativas contextualizadas de suas memórias e experiências, e dos trabalhos artísticos elaborados. Compõem-se dos relatos das adolescentes com base nas suas narrativas para desenvolvimento do processo artístico, carregadas de memórias, experiências, imaginações, afetividades, reflexões, percepções e sentidos. Ao mesmo tempo, são observados e acompanhados por reflexão crítica os resultados das ações desenvolvidas em cada encontro, tanto pelas adolescentes como pelo pesquisador. Na segunda subseção apresenta-se um diagrama de cada adolescente nas oito micropráticas. Na terceira subseção, mostram-se os trabalhos expostos na própria instituição ao público, funcionários e internos. E, por último, apresenta-se reflexão crítica, observação e percepção dos resultados obtidos nos encontros, como forma de análise e conhecimento como artista-pesquisador-professor.

No terceiro capítulo, aborda-se o deslocamento como artista-pesquisador-professor, e apresentam-se algumas experiências singulares nos deslocamentos vivenciados pelo pesquisador para construir e corroborar a tríade de ser artista, ser pesquisador e professor numa só identidade, e o que o levou a expandir seus conhecimentos e encontrar novos olhares nos lugares e caminhos percorridos propiciados por esta pesquisa.

No último Capítulo, o questionamento “Onde estou?”, pergunta que sempre gera dúvida depois de percorrer os caminhos escolhidos, gerando outra dúvida, “Encontrei o lugar que procuro? São as considerações finais, com o questionamento “onde estou” e “para onde vou”, uma reflexão de todos os deslocamentos, desenvolvimento e aprendizado na execução do presente estudo, questionando qual foi minha experiência como artista-pesquisador-professor, o que aprendi, o que não aprendi, o que deu resultado e o que não deu, o que gostaria de ter feito mais nos encontros e como expressar experiências utilizando meios propiciados por processos artísticos no Ensino da Arte Visual. São respostas que busco e que geram mais dúvidas e

questionamentos, independentemente dos resultados encontrados e alcançados. E, nesse contexto, procura-se ampliar e aprofundar conhecimentos e experiências para estudo e prática do Ensino das Artes Visuais.

Nesta pesquisa, utiliza-se analogicamente o modelo do sistema solar como suporte gráfico para apresentar as variáveis que constituem o campo de trabalho e pesquisa, com suas conexões e representações, movimentos e interações conforme representado no diagrama da Figura 2. São representações analógicas dos elementos da pesquisa, com vários planetas, satélites e com composições diferentes, rotações e translações, tempo e espaço, numa sincronia que reflete um sistema planetário em harmonia e equilíbrio. Assim, cada elemento representativo tem sua importância no desenvolvimento da pesquisa de campo. A narrativa aparece como uma forma de contribuir para essa reflexão orquestrada, como outro viés significativo, aflorado pelo esforço da memória de ser e estar no mundo. O centro da pesquisa de campo tem a mesma relação que a Terra tem com os planetas que circundam o sistema solar, cada qual com sua representação. A constituição de cada representação das analogias de planetas está configurada pela indicação verbal de suas identidades e funções. Ilustram-se, por exemplo, planetas com base teórica, com metodologia, compostos com seus satélites, que representam os caminhos escolhidos; outros planetas representam deslocamento, como artista-pesquisador-professor e seus satélites, e assim sucessivamente. No mesmo sentido, utiliza-se essa analogia entre os capítulos, representada pelos diagramas das Figuras 1, 2, 13, 60 e 109. E, como recorte, ilustram-se, por diagrama individual de cada adolescente (Figuras 40, 42, 44, 46, 48, 50 e 52), representações das ações desenvolvidas, considerando também por uma analogia espacial, em que as práticas interligam-se e movimentam-se como os astros no espaço. Tudo se movimenta nos sentidos de rotação e translação. Assim, como uma constelação, configura-se esta pesquisa.

Nesse contexto, como artista-pesquisador-professor, procura-se, nessa configuração visual, mostrar todo o arcabouço da pesquisa do presente projeto, configurando simbolicamente por uma criação analógica de um movimento e representação de um sistema planetário, com seus diferentes significados e deslocamentos dentro de um espaço e tempo, em busca de novos conhecimentos e entendimentos de diversos processos artísticos no desenvolvimento e aprimoramento do Ensino das Artes Visuais.

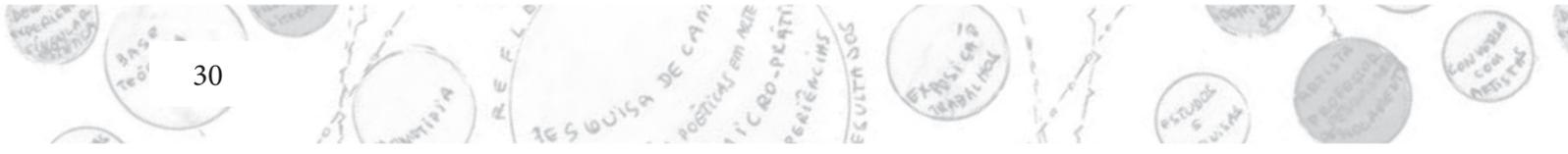
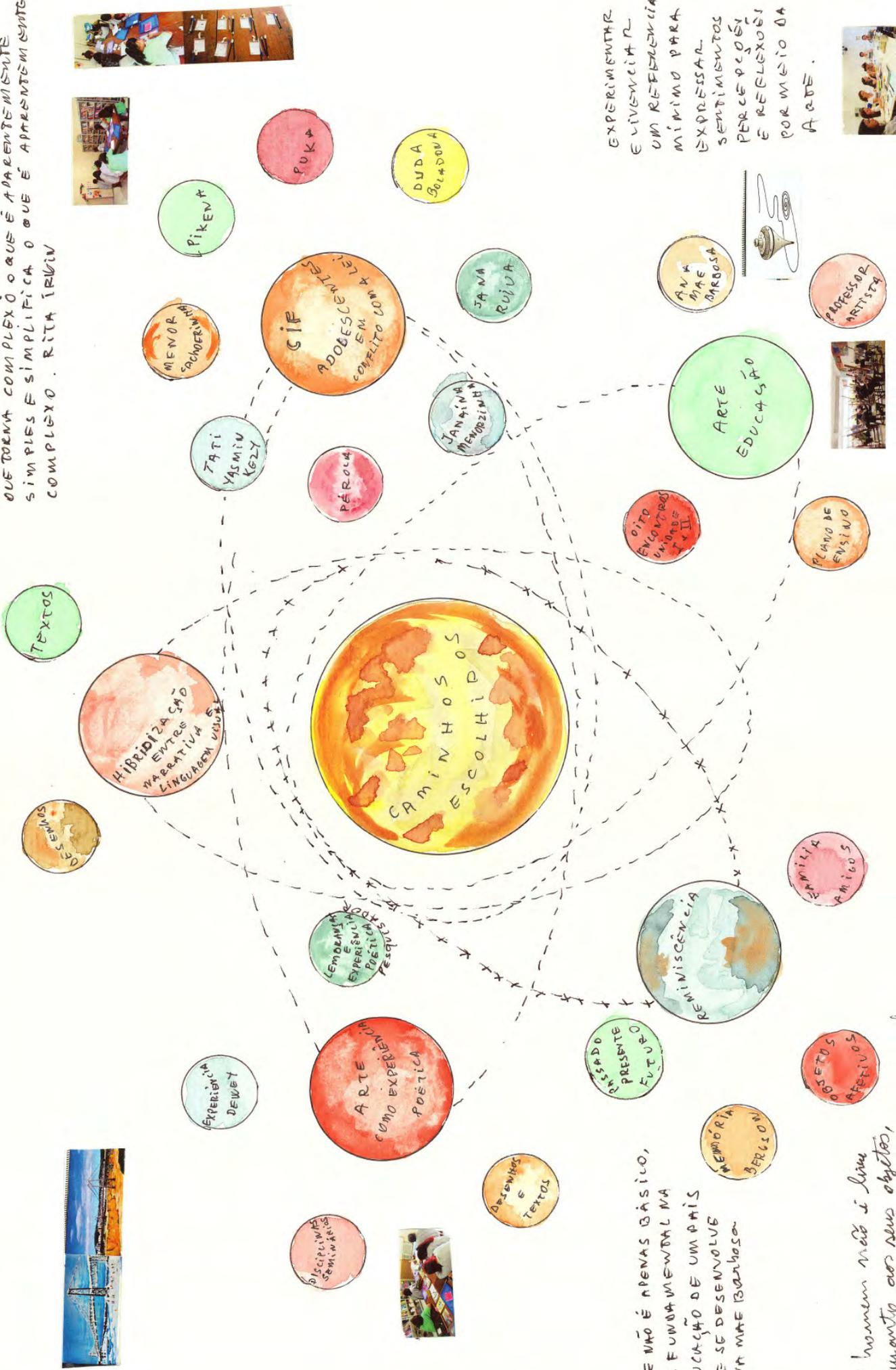


FIGURA 2

ARTE É A ORGANIZAÇÃO VISUAL DA EXPERIÊNCIA QUE TORNA COMPLEXO O QUE É APARENTEMENTE SIMPLES E SIMPLIFICA O QUE É APARENTEMENTE COMPLEXO. RITA IRVING



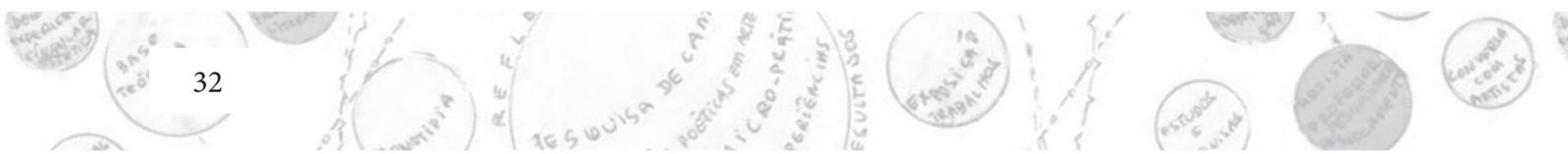
EXPERIMENTAR E VIVENCIAR UM REFERENCIAL MÍNIMO PARA EXPRESSAR SENTIMENTOS PERCEPÇÕES E REFLEXÕES POR MEIO DA ARTE.

ARTE NÃO É APENAS BÁSICO, MAS FUNDAMENTAL NA EDUCAÇÃO DE UM PAÍS QUE SE DESENVOLVE ANA MAE BARBOSA

O homem não é livre enquanto os seus objetos, os objetos não são livres quanto ao homem. JEAN BAUDRILLARD.

PRÁTICAS DEMONSTRATIVAS, CINEMÁTICA, PENSAMENTO, PINTURA, FOTOGRAFIA

FONTE: PRÓPRIA DO(A)



1 CAMINHOS ESCOLHIDOS

Após várias experiências no percurso da Pós-Graduação como artista, as dúvidas cresceram e impulsionaram para outros horizontes, em busca de lugares para encontrar novas percepções e reflexões de ver, pensar e fazer diferente, a fim de expressar e compartilhar meus conhecimentos e experiências sobre Arte. Esse caminho escolhido a percorrer é como uma estrada com muitas placas de sinalizações a observar, muitas pontes, aclives e declives, curvas, bifurcações, faixas indicativas, túneis, encruzilhadas, partes asfaltadas, outras de terra recoberto de pedras, isso tudo se não ocorrerem acidentes e nem faltar combustível para chegar ao lugar que procuro. Nessa escolha, só vou saber as condições desse caminho que vou encontrar, percorrendo, vivenciando, experimentando, observando e refletindo a cada metro deslocado, a cada dia transcorrido. Assim, meu caminho é como uma cartografia, cujo destino planejado tem um lugar para chegar, mas não sei o que vou encontrar, nem respostas para as minhas dúvidas e incertezas. Sei que essa minha viagem terá surpresas, que o inesperado surge sem avisar, como um cruzamento de animais na estrada, um pneu furado, ou uma tempestade de verão, ou um dia frio congelante.

Tudo isso enfrentaria se dirigisse sozinho, só com meus livros e trabalhos, mas não, o veículo que dirijo é como um ônibus, cheio de caixas com suprimentos muito diferentes, que fazem parte da expedição, e em cujos assentos estão pessoas que participam em determinados trechos dessa trajetória. Da base de controle e monitoramento, recebo frequentemente orientação de como enfrentar as diversas situações e como obter melhores resultados nessa viagem, além de posicionar e relatar as experiências.

No percorrer desse caminho sem atalho, abro as caixas com suprimentos que me alimentarão e me manterão durante o espaço/tempo nesse deslocamento. Antes da partida, abro as caixas com as instruções básicas do roteiro dessa trajetória, como funcionará e como operacionalizar passo a passo, e como chegar ao lugar planejado. Assim, penso eu, serão desenvolvidas todas essas camadas que ora se sobrepõem uma à outra, ora trocam de lugar, mas todas estão interligadas e compõem a constituição desta pesquisa. Pergunto: Que dificuldades posso encontrar e como devo preparar-me? Quais caminhos devo escolher? O que devo levar? Aonde pretendo chegar? São questionamentos que me levam a buscar respostas, no Centro de Internação Feminina, na Arte Educação, na hibridização de textos e desenhos da metodologia da A/r/tografia e nos relatos de Memórias e Experiências das adolescentes, como possibilidades para desenvolver a presente pesquisa.

1.1 CENTRO DE INTERNAÇÃO FEMININA (CIF)

Onde realizar a pesquisa de campo? Foi escolhida uma instituição pública com objetivo socioeducativo, denominada Plantão de Atendimento Inicial (PAI), que é uma Unidade de Atendimento Socioeducativo, vinculada à Secretaria de Justiça e Cidadania, tendo como referência técnica e administrativa o Departamento de Administração Socioeducativa (DEASE). Essa unidade apresenta em sua estrutura duas alas: Ala Masculina e Ala Feminina, situadas na Rua Rui Barbosa, n.º 561 (fundos), no Bairro Agrônoma, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Foi considerada somente a Ala Feminina como foco de estudo e pesquisa, que atende adolescentes entre 15 anos e 21 anos, por determinação judicial de internação provisória e definitiva no Centro de Internação Feminina (CIF), (Figura 3, 4 e 5). A missão dessa instituição é a garantia e efetivação de direitos dos adolescentes em conflito com a Lei e sua responsabilização como cidadão e sujeito de direitos, bem como o estímulo ao desenvolvimento de ações socioeducativas pautadas nos Princípios de Direitos Humanos. As adolescentes são provenientes de todo o Estado de Santa Catarina e têm todos os seus direitos garantidos e preservados, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente.

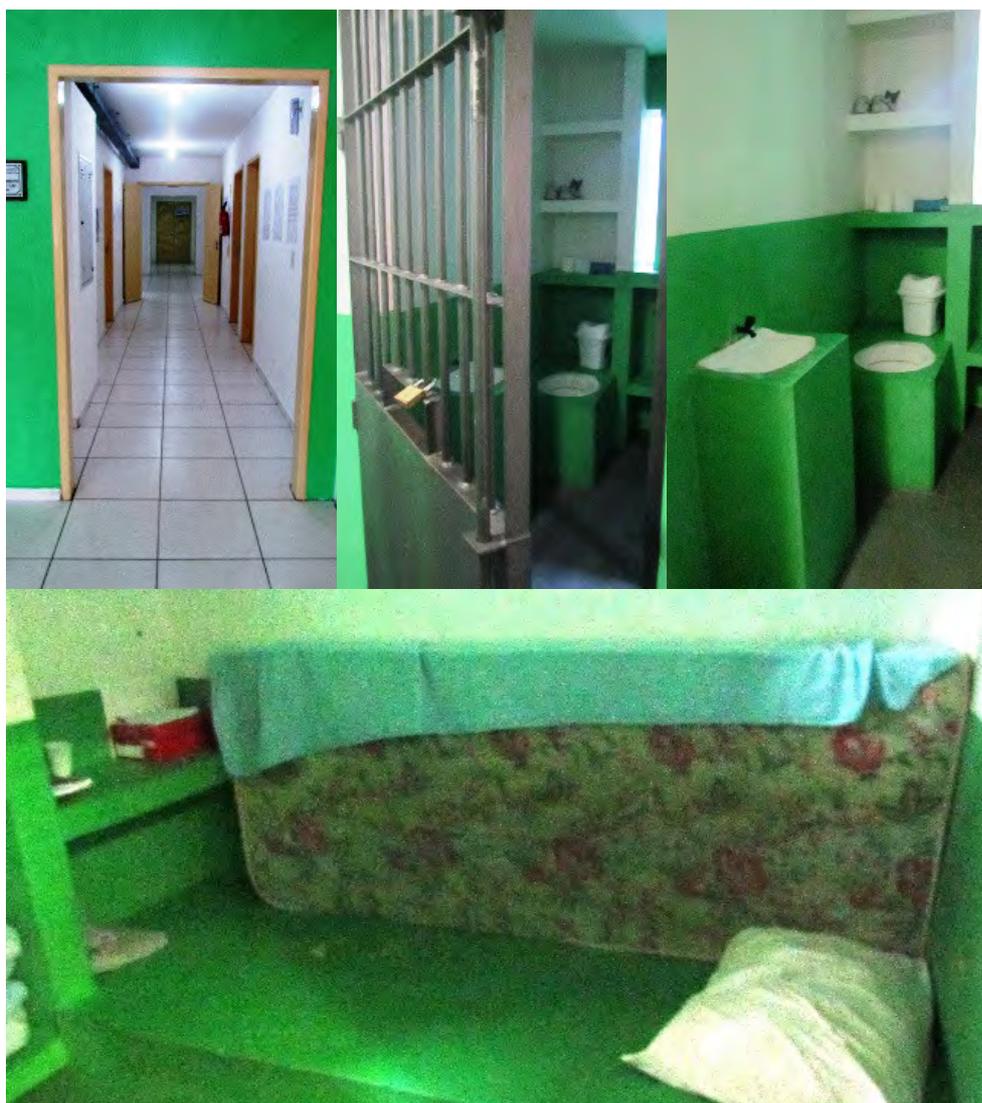
Após várias correspondências entre a administração da Instituição e a orientadora do projeto, Prof.^a Jocielle Lampert (UDESC), foi aceito pela Instituição o Plano de Ensino Arte Educação, com o objetivo de utilizar o processo artístico na busca de experiências singulares por meio de uma abordagem sobre a memória e experiências. Os fatores como as normas e regras da Instituição para atuar como artista-pesquisador-professor são diferentes do meio acadêmico e escolar, exigindo atenção e cuidado com a segurança e fatores de riscos. A pedagoga Flávia Silva Pedro apresentou todas as dependências da Unidade, a sala de estudo e prática para o Ensino e a biblioteca (Figuras 3, 4 e 5). E, por fim, fui apresentado ao grupo de adolescentes, composto de oito adolescentes de 15 a 21 anos, as quais aceitaram o convite de participarem dos encontros semanais. Assim, estava definido um novo caminho a percorrer e a conhecer.

Figura 3 - Local da Instituição: PAI-CIF .2016.



Fonte: Própria

Figura 4 - Local interno da Instituição. Celas das participantes. 2016.



Fonte: Própria

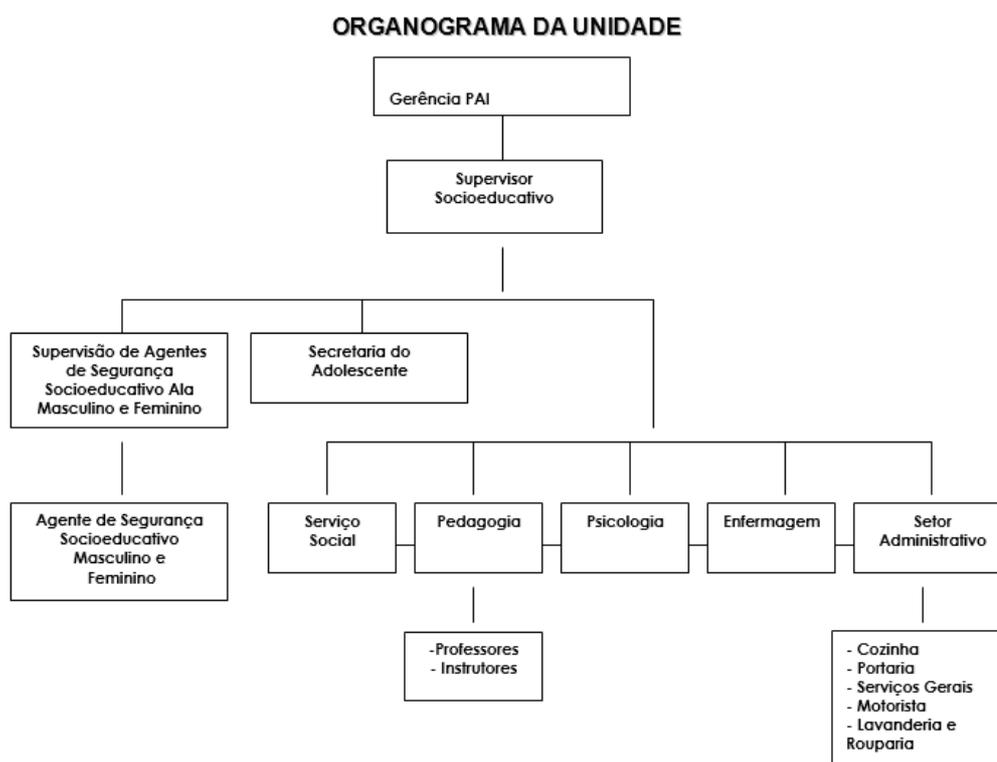
Figura 5 - Local interno da Instituição para micropráticas. 2016.



Fonte: Própria

A Instituição tem suas normas e regimento interno com características e peculiaridades, pelo fato de ser uma instituição socioeducativa de regime fechado. Em decorrência da criação da Secretaria de Justiça e Cidadania em maio de 2011, houve um reordenamento institucional do Sistema Socioeducativo Catarinense, culminando com alterações nas nomenclaturas oficiais do Departamento e das Unidades de Atendimento. Segue o organograma da Instituição e um recorte das normas do regimento interno (Figura 6).

Figura 6 - Organograma da Unidade. PAI - CIF. 2016



Fonte: Regimento Interno da Instituição – Plantão de Atendimento Inicial.

A missão dessa Unidade é materializar os Princípios e Diretrizes preconizados na Constituição da República Federativa do Brasil, na Lei Federal n.º 8069/90 - Estatuto da Criança e do Adolescente, no Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE) e demais Legislações e Tratados Internacionais correlatos, no tocante à garantia e efetivação de direitos dos adolescentes em conflito com a Lei, bem como em sua responsabilização como cidadão e sujeito de direitos. Para efetivação da Missão, são necessários os seguintes objetivos institucionais:

- I. Estimular o desenvolvimento de ações socioeducativas pautadas nos Princípios de Direitos Humanos;
- II. Garantir ações que visem à manutenção e o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários aos adolescentes, potencializando-os para o exercício pleno da cidadania;
- III. Promover reflexões, a partir dos parâmetros socioeducativos, que possibilitem aos adolescentes outras perspectivas e projetos de vida, objetivando o protagonismo juvenil;
- IV. Propiciar a realização de cursos de formação profissional junto às instituições específicas;
- V. Desenvolver no espaço institucional valores que se pautem no cuidado com o ser humano;
- VI. Propiciar a formação profissional continuada aos profissionais da Unidade, junto aos setores competentes da Secretaria de Estado da Justiça e Cidadania;
- VII. Promover reuniões periódicas com todos os servidores para estudos e qualificação profissional;
- VIII. Garantir periodicamente reuniões de estudo de caso, a fim de acompanhar sistematicamente o desenvolvimento dos adolescentes em cumprimento das medidas socioeducativas (Regimento Interno da Instituição).

O adolescente² em conflito com a Lei é o público-alvo de todas as ações desenvolvidas na Unidade. Assim, todas as ações desenvolvidas devem objetivar a valorização e potencialidades do adolescente na sociedade, na vida familiar, na educação e no trabalho. A ação socioeducativa deve ser direcionada para a vida em liberdade e não apenas para a adaptação do adolescente à condição de privação de liberdade. O adolescente tem por direito ser orientado de todas as normas institucionais que configuram a Unidade, as quais deverão ser explicitadas no Manual do Adolescente. As adolescentes terão todos os seus direitos garantidos e preservados, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente. São direitos do adolescente privado de liberdade e encontram-se no Estatuto da criança e adolescente.

² O termo “adolescente”, neste documento, refere-se aos adolescentes do sexo masculino e às adolescentes do sexo feminino.

São deveres do adolescente na Instituição:

- I. Cumprir as obrigações decorrentes de sua internação na Unidade;
- II. Tratar todos em uma relação de respeito, tanto os integrantes do corpo funcional como os demais adolescentes e seus familiares;
- III. Favorecer o espírito de fraternidade, solidariedade nas relações com os colegas, em clima de mútua colaboração;
- IV. Participar das atividades educativas programadas;
- V. Preservar o seu quarto em condições de higiene e organização;
- VI. Participar das atividades obrigatórias;
- VII. Respeitar os horários das atividades e rotinas;
- VIII. Permanecer em sala de aula durante a realização das atividades;
- IX. Respeitar as normas e procedimentos institucionais;
- X. Responsabilizar-se pelo cuidado e limpeza de suas roupas e pertences;
- XI. Responsabilizar-se pelo autocuidado;
- XII. Respeitar os demais adolescentes, funcionários da Unidade e visitantes, não sendo permitido atitudes e comportamentos preconceituosos, discriminatórios, ofensivos, violentos, degradantes, aterrorizantes, humilhantes e correlatos;
- XIII. Zelar pela manutenção e conservação patrimonial da Unidade (Regimento Interno da Instituição).

Dos objetos pertencentes aos adolescentes, não será autorizada a entrada de aparelhos eletrônicos, uma vez que a Unidade possui tais equipamentos para o uso coletivo. A entrada do ventilador será autorizada para cada dormitório, disponibilizado pela família ou responsável legal do adolescente. Não será permitida a venda, troca ou empréstimo de qualquer pertence entre os adolescentes. A doação de pertences por parte dos adolescentes só será permitida no momento do seu desligamento da Unidade, os quais deverão ser encaminhados à Equipe Técnica. É expressamente proibida a posse de fósforos ou isqueiros, ou qualquer outro material que traga risco de incêndio. Nas dependências da Unidade não será permitido o uso de: calçados com cadarço, cachecol, meia-calça, relógio, corrente, anel, pulseira, brinco, piercing, cinto e óculos de sol. O uso de tênis com cadarço será permitido somente nas atividades esportivas orientadas e ficarão sob responsabilidade dos Agentes de Segurança Socioeducativa.

Todas as correspondências e fotos destinadas aos adolescentes serão verificadas e autorizadas pelo Serviço Social. As correspondências trazidas pela família nos finais de semana deverão ser colocadas em caixa apropriada para serem analisadas pelo setor competente. As correspondências emitidas pelos adolescentes deverão ser colocadas por eles em caixa apropriada disponível na Unidade (de segunda

a quinta-feira). Às quintas-feiras, o Serviço Social recolherá o material expedido pelos adolescentes e dará os encaminhamentos aos respectivos destinatários.

Nenhuma correspondência endereçada ao adolescente será entregue sem a análise do profissional de Serviço Social. Na ausência deste, a análise será de responsabilidade de outro membro da Equipe Técnica. Deverão obedecer aos seguintes critérios: A carta será encaminhada em envelope lacrado, devidamente carimbado, contendo uma rubrica do profissional que a liberou. As correspondências dos adolescentes (cartas, bilhetes, etc.) não poderão ser lidas por outros profissionais que não pertençam à Equipe Técnica. Conforme exposto, algumas dessas normas são observadas mais especificamente no desenvolvimento da pesquisa.

Qual a função do presídio? Encontro resposta no texto de Danilo Patzdorf:

É uma instituição desconhecida por quase todos os brasileiros. Criada e gerida pelos governos federal e estadual, seu funcionamento silencioso nos faz esquecer de que as cadeias são tão públicas quanto as escolas e hospitais. Com orgulho, reivindicamos a melhoria da educação e da saúde pública, mas nos esquecemos de olhar para a penitenciária ou até, em alguns casos, defendemos a precarização dos espaços prisionais para excluir qualquer possibilidade de conforto para a pessoa presa. (PATZDORF; apud MATTAR, 2016, p. 53).

Nesse sentido, confesso que desconhecia o local onde realizo a pesquisa, mesmo morando na mesma cidade, e passando diariamente ao lado da Instituição. Fui conhecer somente quando propus compartilhar meus conhecimentos e dúvidas sobre a Arte em locais não acadêmicos. Embora esteja localizada numa das áreas mais valorizadas da cidade, é um lugar invisível aos olhos dos passantes, por sua discricção e acesso. Apesar de haver diferença entre os termos e funções de presídio/penitenciária/centro de internação, todos têm em comum a falta de liberdade.

Segundo Danilo Patzdorf apud Mattar (2016), poucos são os textos jurídicos que tratam da função da penitenciária, ao passo que muito se diz dos deveres e direitos da pessoa presa. Também ressalta que a criminalidade não é uma questão moral, ética ou psicológica a ser resolvida, mas primeiramente uma conjuntura de fatores sociais, históricos, culturais e, sobretudo, educacionais, e compete aos governos e à sociedade civil como um todo articular. Conclui que assistência ao preso e ao internado é dever do Estado, objetivando prevenir o crime e orientar o retorno à convivência em sociedade, e que cabe ao Ensino de Arte a função de criar (e resistir) para abrir outros vetores de subjetivação. Michel Foucault (2014) cita que princípios fundamentais são conhecidos há quase 150 anos como máximas universais da boa “condição penitenciária”, que ainda hoje se esperam efeitos tão maravilhosos e que nunca se efetuaram realmente plenamente, como por exemplo de alguns princípios:

A detenção penal deve então ter por função essencial a transformação do comportamento do indivíduo [...]. A pena privativa de liberdade tem como objetivo principal a recuperação e a reclassificação social do condenado (**Princípio da correção**). Os detentos devem ser isolados ou pelo menos repartidos de acordo com a gravidade penal de seu ato, mas principalmente segundo sua idade, suas disposições, as técnicas de correção que se pretende utilizar para com eles, as fases de sua transformação. (**Princípio da classificação**). A educação do detento é, por parte do poder público, ao mesmo tempo uma preocupação indispensável no interesse da sociedade e uma obrigação para o detento. (**Princípio da educação penitenciária**). O encarceramento deve ser acompanhado de medidas de controle e de assistência até a readaptação definitiva do antigo detento. Seria necessário não só vigiá-lo à sua saída da prisão,[...], É dada assistência aos prisioneiros durante e depois da pena....(**Princípio das instituições anexas**). (FOUCAULT, p.264, 265, 266).

Constata-se que há muitas dificuldades nos sistemas penitenciários do Brasil, tanto no espaço físico, como na ressocialização dos apenados, conforme divulgação dos meios de comunicação, que tem mostrado ultimamente essa realidade.

1.2 ARTE EDUCAÇÃO

Como podemos expressar nossos desejos, sonhos, ilusões, experiências e ideias por meio da Arte? Como expressá-los, quando somos tolhidos de liberdade?

Como referencial teórico básico para a pesquisa de campo quanto à Arte Educação, encontro a professora-pesquisadora-artista, Ana Mae Barbosa (1991), uma das pioneiras nos estudos e reflexões sobre arte/educação no Brasil, que revela em seu livro *A Figura no Ensino da Arte*:

Arte não é apenas básico, mas fundamental na educação de um país que se desenvolve. Arte não é enfeite. Arte é cognição, é profissão, é uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário, e é conteúdo. Como conteúdo, arte representa o melhor trabalho do ser humano. (BARBOSA, 1991, p. 4).

Nesse sentido, a Arte tem sua relevância na vida do homem, proporcionando seu desenvolvimento e crescimento como ser humano. Para Ana Mae Barbosa, “algumas interpretações de Dewey do conceito de arte como experiência consumatória exerceram grande influência nas escolas primárias no Brasil”. Para os educadores

brasileiros, cita: “a Arte é um meio de ajuda para formação do conceito e como a fase final de uma experiência” (BARBOSA, 2002, p. 135). Nessa direção, procura-se desenvolver os exercícios programados no Plano de Ensino: Arte Educação, utilizando o processo artístico como meio de expressão das experiências e memórias das participantes do grupo de estudo e pesquisa.

Arte Educação: como aparece no meu trabalho? Como eu posso construir expressividade da Arte com o outro? Considero aqui, como aporte teórico, Ana Mae Barbosa, no seu texto publicado pela Faculdade Internacional Signorelli, com o título *Arte se Ensina?*, que parodia Paulo Freire, dizendo:

[...] ninguém ensina nada a ninguém, aprendemos uns com os outros, mediatizados pela experiência que o viver e o mundo nos oferecem. Podemos, sim ensinar a aprender. Antes a Educação se concentrava em procurar ensinar a fazer Arte e aí esbarrava nos problemas de talento. Hoje a ambição de ensinar Arte se ampliou, e os que não têm especial talento podem desenvolver sua capacidade de ver Arte, de aprender vendo, interpretando, analisando – e assim podem tornar-se mais capazes de analisarem a si mesmos, os outros e o mundo ao redor. (BARBOSA, 2015.).

Conforme BARBOSA (1991, p. 32), o conhecimento em Artes ocorre na interseção da experimentação, da decodificação e da informação, e considera que a metodologia de análise é de escolha do professor. O importante é que obras de Arte sejam analisadas para que se aprenda a ler e avaliar a imagem. Essa leitura é enriquecida pela informação histórica e ambas partem ou desembocam no fazer artístico (BARBOSA, 1991, p. 37).

Outra forma de considerar as práticas artísticas como forma de Educação na construção humana, busca-se em Sumaya Mattar, que considera importante:

[...] os futuros professores de arte praticarem, definirem e porem em ação a essência e a natureza do processo educativo em arte, não como mera aquisição de habilidades ou transferências de conteúdos, mas como um processo dialógico, ético e estético, essencialmente emancipatório, capaz de envolver a pessoa em sua totalidade existencial e social. (MATTAR, 2010, p. 171).

Como vivências de experiências estéticas, artísticas, o autor desta pesquisa interage dialogicamente com as adolescentes, valendo-se de suas experiências como forma de exemplo concreto colaborativo, recorrendo a diferentes textos e autores, bem como a explicações das etapas dos trabalhos realizados, por exemplo, como foi elaborado o livro *Museu dos Objetos*, suas imagens e textos. Nessa direção, o autor propõe à adolescente compreender, ver, apreciar, refletir e analisar os diferentes

objetos e suas importâncias na vida, utilizando como exemplo seu próprio processo artístico. Outros trabalhos também são relacionados às experiências, memórias e imagens afetivas vivenciadas, sendo usadas várias técnicas artísticas como meio para externar esses momentos. As formas, conteúdo, e a apresentação desses elementos visuais refletem as etapas constituídas do processo artístico e seu resultado nos trabalhos propostos ao grupo de participantes da pesquisa. As ações propostas das micropráticas propiciam reflexão e análise do trabalho a ser desenvolvido e serve de estímulo e exemplo para as participantes envolvidas na proposta desse projeto.

Como afirma Barbosa (1991), na história da Arte o objeto do passado está aqui hoje, é possível ter experiência direta com a fonte de informação, o objeto. Nesse sentido, proponho levar as participantes das micropráticas a não só falarem de si e de seu mundo, de suas experiências, de suas lembranças, de suas histórias de vida e de seus sonhos, mas também aplicar seus próprios elementos de linguagem e expressão, formas e contexto, externando assim momentos vivenciados, e propiciando uma reflexão e uma análise de suas próprias experiências, imagens e memórias. Meus trabalhos são exemplos dessas manifestações e servem como fonte de observação e reflexão para incentivar às adolescentes a relembrem experiências esquecidas. Não se pretende encontrar talentos, mas buscar realizar sonhos, influenciar, estimular, reencontrar e desenvolver uma outra maneira de viver, pensar e conhecer sua interioridade por meio da Arte.

O Plano de Ensino Arte Educação desenvolve-se em oito encontros no Centro de Interação Feminina (CIF). A Instituição tem sala de biblioteca, sala de Arte com espaço para a prática de cianotipia, monotipia, desenho, pintura, colagens e outras atividades de Artes. O grupo de foco é composto por oito adolescentes, com idade média de 15,7 anos. Foi planejado quatro aulas de 45 minutos, totalizando 180 minutos, uma vez por semana, totalizando oito semanas. Ficou estruturado o planejamento com oito encontros de micropráticas, correspondendo a um bimestre: 24 horas/aulas (8 encontros): três horas/aula por encontro, nos meses de abril e maio/2016, tendo como objetivo geral propiciar experiências para a vida, com destaque aos processos artísticos, possibilitando, às participantes, experimentar e vivenciar um referencial mínimo para expressar percepções e reflexões por meio da Arte, utilizando lembranças singulares e memórias como espaço e tempo temáticos. As micropráticas têm como objetivo a melhoria de qualidade de vida, inclusão sociocultural das adolescentes, por meio do incentivo a práticas artísticas incorporadas à percepção e reflexão de suas experiências e memórias. Espera-se que a prática artística planejada, do raciocínio e da execução dos trabalhos, bem como de outros estímulos intelectuais, deva contribuir para o bem-estar, que a criatividade incentive a ter uma visão melhor do mundo, convidando-as “a participar ativamente da formulação de novas possibilidades”. (MATTAR, p.190, 2010).

O Plano de Ensino de Arte Educação tem como objetivo geral propiciar experiências para a vida, com destaque para o conhecimento das chamadas linguagens visuais e processos artísticos, possibilitando à menor interna experimentar e vivenciar um referencial mínimo para expressar seus sentimentos, percepções e reflexões por meio da Arte, utilizando suas experiências singulares e memórias como espaço e tempo de liberdade.

Os encontros foram planejados em duas unidades, compostas de quatro encontros cada uma, assim distribuídos:

UNIDADE I

- 1.º ENCONTRO (3 h/a): Título: Conceito de Arte
- Apresentação em linhas gerais do projeto e identificação de cada adolescente.
- Sobre “aquecimento” (motivação) - apresentação por meio de dinâmica: “eu gosto de x e gostaria de ser chamada y”.
- OBJETIVO(S): Diagnosticar os conhecimentos trazidos pelas adolescentes para ajustar enfoque do encontro e seus estados de ânimos.
- CONTEÚDO(S): O que é Arte?
- METODOLOGIA:
- Entregar duas folhas de papel, uma sem pauta e uma pautada, solicitando que respondam à pergunta, em linguagem visual (desenho), primeiramente e, após, em linguagem verbal (escrito). Colocar no *botton* de identificação (já elaborado) como gostaria de ser chamada. Solicitar para responder, na folha de papel entregue, à pergunta sobre o estado de ânimo, assinalando as opções mencionadas ou não mencionadas.
- AVALIAÇÃO:
- Ao término, os alunos trocam 2 a 2 os desenhos e cada um responde à pergunta-objeto da aula, a partir do desenho da colega.
- O Professor (a) deve destacar a largueza do conceito de Arte e fazer suas anotações sobre as concepções vigentes na turma; exemplificar alguns processos artísticos.
- Tanto os textos desenhados quanto os escritos devem ser levados para análise.

- 2.º ENCONTRO (3 h/a): Título: Reminiscências e experiências
- “Aquecimento” (motivação): Os elementos (objeto, desenho, fotografia, etc.) em nossas lembranças.
- OBJETIVO(S): perguntar e ressaltar quais lembranças das experiências singulares (boas) que se lembram.

- CONTEÚDO(S): O que é uma lembrança?
 - METODOLOGIA: Solicitar que cada adolescente escolha três lembranças de experiências singulares positivas de sua vida (para desenvolver trabalhos artísticos); entregar duas folhas com linhas solicitando para que responda à pergunta em linguagem verbal (escrita), uma, o que é uma lembrança, e a outra, citar três lembranças de experiências singulares de sua vida.
 - Apresentação de imagens (desenhos e textos) do livro de artista *Museu dos Objetos*, referente às lembranças das experiências singulares e memórias do autor (ROCHA, 2013) e de textos de outros artistas, filósofos, escritores, críticos de arte.
 - PARA O PRÓXIMO ENCONTRO: solicitar que escreva as lembranças das experiências significativas que foram despertadas a partir dos desenhos e textos apresentados no livro *Museu dos Objetos*.
 - AVALIAÇÃO: Ao término, as alunas trocam duas a duas as respostas e cada uma responde à pergunta-objeto da aula, a partir do texto da colega. (O que é uma lembrança?).
 - O Professor(a) deve destacar a amplitude do conceito de lembrança/memória e fazer suas anotações sobre as concepções vigentes na turma. Solicitar que tragam e apresentem três elementos de lembranças especiais (fotografia, objetos, cartas, diário, desenho, pintura, imagem, etc.) para o próximo encontro. (Solicitando aos parentes para trazer, se possível). Descrever o contexto (o que aconteceu, como, onde, etc.) da primeira das três lembranças na folha distribuída.
 - Os textos escritos devem ser levados para análise.
-
- 3.º ENCONTRO (3 h/a): Título: Fragmentos de experiências
 - “Aquecimento”(motivação): Os objetos de nossas lembranças das experiências singulares. Por que selecionamos as imagens que foram trazidas?
 - Receber as anotações de quais lembranças das experiências singulares citadas pelo autor no livro *Museu dos Objetos* despertaram ou tangenciaram suas lembranças.
 - OBJETIVO(S): Despertar e reconhecer a importância das lembranças das experiências significativas dos elementos (objetos, textos, figuras, desenhos, pinturas, etc.), sendo ressignificadas por meio do processo artístico.
 - CONTEÚDO(S): O que é monotipia a óleo? Exemplificar e mostrar trabalhos realizados e livros de referências.
 - METODOLOGIA: Identificação e apresentação das três lembranças da experiência significativa (objeto, fotografia, textos, cartas, pintura, desenho,

verbal, visual, etc.) trazidas pelas adolescentes; busca dos elementos nos trabalhos executados na aula anterior; busca de elementos em imagens apresentadas pelo professor e nos livros. Fotografar os objetos das lembranças escolhidas pelas adolescentes para a prática de micro-oficinas.

- Para o próximo encontro: trazer, por escrito, na folha distribuída, o contexto (o que representa, o que aconteceu, quando, onde, etc.) do segundo elemento escolhido de suas lembranças significativas.
- **AValiação:** O Professor(a) deve destacar conceito e histórico de monotipia e fazer suas anotações sobre as concepções vigentes na turma. Diálogo no final da aula; foco: a escolha de uma das lembranças fotografadas para a prática da monotipia.

- 4.º Encontro (3 h/a): Título: Monotipia
- “Aquecimento” (motivação): busca de lembranças das experiências singulares do outro que despertaram ou tangenciaram as suas.
- **OBJETIVO(S):** Com base nas lembranças das experiências singulares, construir a própria linguagem visual desses momentos, utilizando o processo artístico.
- **CONTEÚDO(S):** Aplicação da técnica da monotipia a óleo.
- **METODOLOGIA:** As adolescentes devem montar sua própria matriz que será utilizada no processo da técnica da monotipia. Serão distribuídos os *kits* de pintura individual com a imagem escolhida e os respectivos suportes de acrílico. As cores utilizadas serão os tons entre preto e branco. Os papéis serão distribuídos para impressão com o baren, colher de pau ou impressora. Serão solicitadas três impressões de uma matriz.
- **PARA O PRÓXIMO ENCONTRO:** Solicitar para trazer por escrito o contexto (o que representa, o que aconteceu, quando, onde, etc.) da terceira lembrança. Solicitar que respondam por linguagem verbal (escrito) quais lembranças das experiências citadas pelo artista-pesquisador-professor Rocha (2013), do livro *Museu dos Objetos*, despertou ou tangenciou suas lembranças, e quais lembranças significativas de suas colegas tangenciaram as suas. Entregar a folha com as perguntas.
- **AValiação:** A partir da participação e execução do processo e reflexão do processo e do resultado alcançado pelas adolescentes. Receber os textos escritos da segunda lembrança, que devem ser levados para análise.

UNIDADE II

- 1.º ENCONTRO (3 h/a): Título: Cianotipia
- Aquecimento: Os elementos (objetos, fotografia, desenho, roupa, etc.) e nossas lembranças. Por que selecionamos as imagens que foram trazidas?
- Provocação: Podemos reviver nossas lembranças singulares?
- OBJETIVOS: A partir das experiências singulares, construir a própria linguagem visual dessas lembranças, por meio do processo artístico.
- CONTEÚDOS: Técnica de cianotipia.
- METODOLOGIA: Entregar individualmente o *kit* com envelope fechado contendo o papel com a solução para ser usado. Utilizar a transparência negativa da imagem selecionada pelas adolescentes para impressão com a luz solar. Usar as duas placas de acrílico como suporte para impressão. Colocar sob água para retirar a solução, observar a imagem e colocar para secar.
- PARA O PRÓXIMO ENCONTRO: Dispor no próximo encontro fotografias da família: retratos antigos e atuais.
- AVALIAÇÃO: A partir da participação e execução do processo e reflexão do processo e do resultado alcançado pelas adolescentes, o Professor deve destacar conceito e histórico da técnica de cianotipia e fazer suas anotações sobre as concepções vigentes na turma; exemplificar alguns trabalhos feitos com a técnica. Apresentar os trabalhos no final do encontro e comentar os resultados alcançados. Receber os textos escritos da terceira lembrança, que devem ser levados para análise.

- 2.º ENCONTRO (3 h/a): A fotografia como registro
- Aquecimento: - busca de lembranças de experiências singulares do outro que tangenciaram as suas.
- As fotografias e nossas lembranças. Por que selecionamos as imagens que foram trazidas?
- OBJETIVOS: Perceber e refletir sobre os efeitos de sentido proporcionados na interação com as fotografias; reconhecer a fotografia como um registro de memória pessoal e coletiva.
- CONTEÚDO: História da Fotografia.
- METODOLOGIA. Com as fotografias distribuídas sobre a mesa, cada adolescente refletirá sobre a questão solicitada no aquecimento, havendo tempo para quem quiser compartilhar oralmente. Quem são as pessoas retratadas? Qual a diferença de tempo entre os retratos selecionados? Qual a importância da fotografia? Sempre houve a fotografia? Levar um livro sobre fotografia que aborde aspectos históricos da fotografia.

- **PARA O PRÓXIMO ENCONTRO:** Solicitar que escreva na folha entregue, a partir de uma fotografia que foi apresentada no encontro, identificar os elementos constitutivos, relacionar outros elementos (significantes) que estão na imagem – o entorno, em linguagem verbal do contexto; entregar no próximo encontro.
 - **AVALIAÇÃO:** Realização do texto escrito sobre as perguntas da pesquisa.
-
- **3.º ENCONTRO (3 h/a):** Título: Desenhando em linhas
 - **Aquecimento:** Na chamada, identificar uma imagem sua que se relacione à outra imagem do grupo, que conte algo sobre si. Ex: festa de aniversário - presente.
 - **OBJETIVOS:** Identificar as formas dos objetos e imagens selecionadas que despertam e acionam momentos especiais do passado que ficaram na lembrança.
 - **CONTEÚDOS:** Desenho em linha dos objetos e imagens escolhidas anteriormente.
 - **METODOLOGIA:** Mediante fotografia dos objetos e das imagens selecionadas, impressas em papel como matriz, elaborar os contornos das imagens com lápis HD sobre carbono para reprodução ou sobre acrílico ou à mão livre. Depois usar caneta nanquim. Leitura de imagem com os elementos constituintes da memória e relacionados a ela. Registrar os conceitos da aula.
 - **PARA O PRÓXIMO ENCONTRO:** Apresentar todos os trabalhos realizados, tanto na linguagem verbal como na linguagem visual.
 - **AVALIAÇÃO:** Apresentação dos trabalhos no final da aula, comentando os resultados alcançados. Que reflexão propiciaram os registros das imagens. Receber os textos escritos da terceira lembrança, que devem ser levados para análise.
-
- **4.º ENCONTRO (3 h/a):** Título: Reflexões sobre os trabalhos
 - **Aquecimento:** Escolher uma das três imagens das lembranças que mais tocaram sua percepção e reflexão ao fazer sua representação, utilizando o processo artístico.
 - **OBJETIVOS:** Comentar como foi a seleção das imagens dos objetos que acionam lembranças, destacando facilidades ou dificuldades. Expor os trabalhos para avaliação final.
 - **CONTEÚDOS:** Apresentação de todos os trabalhos realizados pelas adolescentes, com registros fotográficos e identificação das técnicas utilizadas. Solicitar que preencham os questionários sobre a avaliação para a pesquisa e análise.

- METODOLOGIA. Montar uma exposição dos trabalhos executados. Aula dialogada sobre a seleção das imagens; cada adolescente apresenta uma imagem com a qual se identifique, justificando a escolha. Expor para outros elementos da Instituição.
- ÚLTIMO ENCONTRO: O material produzido durante os encontros serão entregues a cada adolescente, após os registros e fotografias no final da exposição e recebimento dos questionários.
- AVALIAÇÃO: Participação na aula, reflexão sobre as recordações, percepção do contexto das lembranças, comparação dos processos utilizados e os resultados alcançados.

Com base no Plano de Educação para o Ensino das Artes Visuais acima exposto, os encontros das micropráticas contemplam os exercícios com a prática de diversos processos artísticos, para serem desenvolvidos pelas participantes. Uma exposição dos trabalhos no final dos encontros será realizada na própria Instituição, bem como uma avaliação pelos participantes e visitantes dos resultados alcançados dos trabalhos no presente estudo. Foram elaborados 16 formulários com perguntas para as participantes, com objetivo de pesquisar suas opiniões e percepções sobre os processos artísticos propiciados pelas micropráticas, assim distribuídos: Unidade I, com quatro encontros e Unidade II com quatro encontros, totalizando oito encontros. Os formulários modelos estão no Apêndice ANEXO A - em CD, assim distribuídos:

- Unidade I - 1.º Encontro: Formulário 1, 2 e 3
2.º Encontro: Formulário 4, 5 e 6
3.º Encontro: Formulário 7 e 8
4.º Encontro: Formulário 9
- Unidade II - 1.º Encontro: Formulário 10
2.º Encontro: Formulário 11 e 12
3.º Encontro: Formulário 13
4.º Encontro: Formulário 14 e 15

Avaliação da Exposição: Formulário 16

As perguntas que foram dirigidas às adolescentes constam nos formulários com o objetivo de obter respostas e posicionamento das participantes quanto aos seus entendimentos e conhecimentos sobre Arte e suas participações nas micropráticas, bem como na produção dos trabalhos desenvolvidos durante os encontros (ANEXO B em CD).

Nesse sentido, propicia-se que as adolescentes não só falem de si e de seu mundo, de suas imagens, de experiências, de memórias, de histórias de vida e de seus sonhos, mas também que apliquem seus próprios elementos de linguagem e expressão, formas e narrativas.

1.3 A ARTE COMO EXPERIÊNCIA POÉTICA

Quais são as experiências que carrego comigo desde que me entendo como gente? Quais as experiências que marcaram substancialmente minha vida? Duas perguntas que balizo como duas retas perpendiculares compostas pelas variáveis tempo/espço, em que me identifico como pessoa, como artista, como pesquisador e agora como professor. Nesse questionamento e contexto, busco no filósofo John Dewey (2012) respostas para compreender a importância desses momentos significativos na composição das minhas experiências e sua representação por meio do processo artístico. Meu primeiro contato com a filosofia de Dewey foi como acadêmico especial do curso do Mestrado em Artes Visuais, na Disciplina Sobre ser Professor Artista (Figuras 7 e 8), em que iniciei os estudos sobre seu pensamento pragmático e empírico. Sua filosofia levou a reflexões e observações sobre experiências e na produção dos meus trabalhos artísticos.

Figura 7 - Prof.^a Jocielle. Acadêmicos da Disciplina: Sobre ser professor artista. 2014



Fonte: Própria

Figura 8 - Apresentação de Seminário Disciplina: Sobre ser professor artista. 2014



Fonte: Própria.

Os estudos sobre Dewey (2012) proporcionam um alargamento de horizonte em todos os sentidos, permitindo adquirir novos saberes e conhecer novos conceitos e forma de ver a Arte no contexto teórico e prático, possibilitando, assim, ampliar e diversificar as práticas e fazeres artísticos.

Entre os temas apresentados, o que mais se discutiu foi o de John Dewey em seu livro *Arte como experiência*, uma das bibliografias básicas da disciplina. O trabalho da professora Jocielle Lampert, *Digressions on art education in the teaching of painting in the Studio: diary of teacher and artist. Research developed as a visiting professor in Teacher College/Columbia University*. New York, EUA, 2013, foi apresentado com explicações de suas etapas e serviu de referência de um diário possível de ser realizado como experiência e como livro de artista.

John Dewey é uma das referências teóricas básicas no desenvolvimento desta pesquisa. Viveu entre 1859-1952 nos EUA. Filósofo, teórico. Doutorou-se em filosofia pela Johns Hopkins University em 1884. Lecionou nas universidades de Michigan, Minnesota, Chicago e Columbia, onde encerrou sua carreira docente. Integrava o grupo de professores da Faculdade de Educação. Foi o primeiro membro da Faculdade de filosofia na Columbia. Segundo Ana Mae Barbosa, Dewey teve influência no Teacher College (TC), um educandário fundado em 1894 e depois integrado à Columbia University. Teve Kilpatrick como discípulo e tradutor de suas ideias para a prática cotidiana das escolas. No início do séc. XX, a instituição Teacher College (TC) tornou-se rapidamente uma liderança no Ensino da Arte, sendo Dewey um dos protagonistas. Arthur Dow foi contemporâneo de Dewey e contribuiu com

seus métodos, que promoviam o desenvolvimento da percepção e criação. Abraham Kaplan, na introdução do livro *Arte como Experiência*, de John Dewey (2012), cita que Dewey pertence a um tempo entre Freud e Einstein.

Nesse contexto, em busca de uma base teórica que aborde o sentido de ter a Arte como experiência, encontra-se na obra desse filósofo norte-americano Dewey (2012) um referencial de suporte para este estudo, em que se pretende também atualizar o próprio conceito de experiência. Explica Dewey que a experiência (geral) ocorre constantemente porque a interação do ser vivo com o meio ambiente está envolvida com o próprio processo de viver. Na filosofia deweyana, por ser a realização do organismo em suas lutas e conquistas em um mundo de coisas, a experiência é a Arte em estado germinal (DEWEY (2012, p. 84). Em seus textos *Arte como Experiência* e *Ter uma experiência*, Dewey (2012) contextualiza dois tipos de experiência: o primeiro trata-se de uma experiência “incompleta”, segmentada e superficial, e o segundo, de outra experiência, considerada “singular”.

Muitas vezes, porém, a experiência vivida é incipiente. As coisas são experimentadas, mas não de modo a se comporem em uma experiência singular. Há distração e dispersão; o que observamos e o que pensamos, o que desejamos e o que obtemos, discordam entre si. (DEWEY, 2012, p.109).

Em uma experiência considerada singular, o percurso completa-se em tempo e espaço de uma “realização perfeita” de algo pensado ou imaginado. Ambas as experiências podem ocorrer simultaneamente. Mas o que as diferenciam são os acontecimentos excepcionais que diferem dos outros porque são expressivos, significativos, e têm qualidades que não são comuns, como em uma experiência incipiente. Dewey explica a diferenciação entre os dois tipos de experiência.

Em contraste com essa experiência [incipiente], temos uma experiência singular quando o material vivenciado faz o percurso até a sua consecução. Então, e só então, ela é integrada e demarcada no fluxo geral da experiência proveniente de outras experiências. Conclui-se uma obra de modo satisfatório; um problema recebe solução; um jogo é praticado até o fim., seja a de fazer uma refeição, jogar uma partida de xadrez, conduzir uma conversa, escrever um livro, conclui-se de tal modo que seu encerramento é uma consumação, e não uma cessação. (DEWEY, 2012, p.109-110).

As experiências reais definem-se pelas situações e episódios a que nos referimos espontaneamente como experiências reais, aqueles fatos de que dizemos ao recordá-los: isso é que foi experiência. Ex: uma briga com alguém que um dia foi

íntimo, uma catástrofe enfim evitada por um triz. Ou algo insignificante. Ou aquela refeição, aquela tempestade por que passou na travessia do Atlântico (parece resumir em si tudo o que uma tempestade pode ser, completa em si mesma, destacando-se por distinguir do que veio antes e depois). Nessas experiências, cada parte sucessiva flui livremente, sem interrupção e sem vazios não preenchidos para o que vem a seguir. Não há sacrifício da identidade singular das partes. Em uma experiência, o fluxo vai de algo para algo.

Já na experiência singular, não há buracos, junções mecânicas, nem centros mortos. Há pausas, lugares de repouso, mas eles definem a qualidade do movimento. A aceleração é contínua e impede que as partes adquiram distinção. Tem unidade, mas não é afetiva, prática nem intelectual. No discurso sobre uma experiência, devemos servir-nos desses adjetivos de interpretação. Há também outras denominações citadas por Dewey, como experiências integrais, totais, intelectuais, emocionais, consciente, isolada (não tem a oportunidade de concluir devido à precipitação), completa (toda obra de Arte segue o plano e o padrão de uma experiência completa, fazendo que seja sentida de modo mais intenso e concentrado) (DEWEY, 2012, p.134).

Considera Dewey (2012) que, em uma experiência estética, as consumações acumulativas resultam de que, na experiência, o passado reforça o presente, e o futuro é uma intensificação do que existe no agora. E cada etapa resume os valores do que veio antes e evoca os que ainda virão, e as coisas percebidas têm significados acumulados na experiência estética. Relata o autor que, na experiência estética, o material é o lócus do ideal encarnado em significados e valores, e que o importante é que o contexto ideal de experiência estética depende apenas do que ela proporciona à percepção. Aquilo que não é imediato não é estético, diz Dewey, e ressalta que a experiência estética é emocional de ponta a ponta. Continua assinalando que as emoções qualificam a experiência como uma unidade. O autor considera, assim, que a experiência estética, em seu sentido estrito, é vista como inerentemente ligada à experiência de criar (DEWEY, 2012, p.129).

Exemplifica Dewey (2012), como uma experiência com qualidade estética, o rolar de uma pedra morro abaixo; há início, movimento, conclusão, etapas, desvios, repouso, consumação etc. e compara com uma experiência inestética, se passarmos desse caso imaginário (ex. pedra) para nossa própria experiência. As coisas acontecem, mas não são definitivamente incluídas, não há interesse do que veio antes e o que vem depois. Há começos e cessações, mas não inícios e conclusões autênticos. Há experiência, porém ela é tão frouxa e discursiva que não é uma experiência singular (DEWEY, 2012, p.116). Portanto, o inestético situa-se em dois limites: num polo, está a sucessão solta, sem começo, e termina no sentido de cessar em lugar inespecífico; no polo oposto, estão a suspensão e constrição, com ligação mecânica entre si. Sem unidade, uma experiência não é estética. Os inimigos do estético não são o

prático nem o intelectual. É a monotonia, a desatenção para com as pendências, a submissão às convenções na prática e no procedimento intelectual. Abstinência rigorosa, submissão coagida e estreiteza, por um lado, desperdício, incoerência e complacência displicente por outro são desvios em direções opostas da unidade de uma experiência, são fatores que Dewey (2012) enumera como inestético, além do medo, ciúme extremo.

Segundo Dewey (2012), uma experiência tem um fechamento, há um componente de sujeição, de sofrimento no sentido lato, em toda experiência. É que incorporar, em qualquer experiência vital, envolve uma reconstrução que pode ser dolorosa. As emoções que duram pouco ou muito podem ser significativas, as emoções são qualidades de uma experiência complexa que se movimenta e se altera.

Quanto às experiências, Dewey comenta que existem padrões comuns a várias experiências, por mais diferentes que elas sejam entre si nos detalhes e conteúdo. Há condições a serem satisfeitas, sem as quais a experiência não pode vir a ser. Padrão comum de uma experiência é o resultado da interação entre uma criatura viva e algum aspecto do mundo em que ela vive. Interação entre os dois constitui a experiência vivenciada, e o encerramento que a conclui é a instituição de uma harmonia sentida. A ação e sua consequência devem estar unidas na percepção. Afirma Dewey que a experiência de uma criança, por falta de uma base de experiências anteriores, não tem grande profundidade nem largueza (DEWEY, 2012, p.122-123). O autor considera que nada cria raízes na mente quando não há equilíbrio entre o agir e o receber, e que a experiência completa é a única base segura sobre a qual se pode erigir a teoria estética.

Exemplifica Dewey (2012) que a concepção da experiência consciente, como a percepção de uma relação entre o fazer e o estar sujeito a algo, permite compreender a ligação que a Arte como produção, por um lado, e a percepção e apreciação como prazer, por outro, mantém entre o fazer e o perceber (DEWEY, 2012, p.126). Enquanto na experiência pela experiência, a Arte, em sua forma, une a mesma relação entre o agir e o sofrer, entre a energia de saída e a de entrada (DEWEY, 2012, p.128), na experiência integral existe forma, desenvolvimento, consumação. É um desfecho, e não uma cessação. Esses exemplos, segundo Dewey (2012), são de experiências intelectuais e práticas, e que vivenciar a experiência é como respirar, é um ritmo de absorções e expulsões. Com base nesses conceitos de diferenciações de uma experiência incipiente de uma singular, identificam-se exemplos vivenciados de um passado distante que permanece na memória, como lembranças. Segundo Dewey (2012), a experiência, essa negociação consciente entre o eu e o mundo, é uma característica irreduzível da vida, e não há experiência mais intensa que a Arte.

Segundo Kaplan, na Introdução do livro *Arte como Experiência*, de Dewey, o produto artístico e a obra de arte constituem uma díade fundamental na filosofia de

arte de Dewey (DEWEY, 2012, p. 21). E, segundo Dewey (2012), a Arte torna comum o que era isolado e singular, rompe barreiras que separam os seres humanos.

De acordo com Clements (2014), Dewey aborda, em seu texto, quatro pensamentos-chaves que derivam da experiência: considera que a Arte faz parte do cotidiano; que a Arte é uma forma imperfeita com erros e acertos de qualquer ação; que a Arte está conectada à cultura e a cultura à Arte; e que a Arte toda é política. Dewey foi um precursor do pensamento pragmático, isto é, trata a questão que envolve a prática do problema como critério da verdade e considera como base o empirismo, ou seja, o conhecimento só pode ser alcançado mediante experiência prática, sensorial e direta na observação e não de conhecimento superficial.

Com base nesse contexto, experiências singulares permeiam minha ações no desenvolvimento do processo artístico, como artista, como pesquisador e como professor, e, nesse sentido, abordo experiências dentro desse conceito de que a Arte rompe barreiras do conhecimento. Diante dos conceitos apontados, localiza-se a prática artística do artista/pesquisador/professor, assinalam-se experiências pessoais que permeiam a memória mediante o processo artístico utilizando ferramentas teóricas e conceituais para investigar e demonstrar o pensamento visual. Nesse sentido, utilizam-se os conceitos da Arte como experiência, segundo Dewey (2012), compreendendo que a experiência poderá ser a paisagem, ou que a paisagem poderá ser, além do trabalho criativo, lugar onde se instauram o pensamento visual, pesquisa poética e o fazer do artista-pesquisador-professor.

Assim, o lugar do artista-pesquisador-professor ancora-se sobre seu próprio fazer em uma pesquisa sobre Arte. Estabelecer tessituras e articulações entre teoria e prática é um eixo que contextualiza o trabalho, no entanto, o trabalho nasce de tempo/ espaço permeado do imaginário, daquilo que foi visto e sentido pelo artista, e que poderá ser configurado com intensidade e potência estética.

As narrativas de memórias e lembranças provocadas pelos desenhos e textos apresentados partem da experiência, pois cada objeto reflete um momento, uma alegria, um aprendizado, os quais são retornados e ressignificados mediante processo artístico. Os desenhos dos objetos representam vivências que são rememoradas pelas lembranças de um tempo, como símbolos, sinais e chaves dessas experiências. Esses desenhos disparam o movimento de uma nova cartografia do tempo passado no presente. A Arte tem o poder de trazer momentos passados para o presente, personificando ou instaurando o que já foi visto, dito ou vivenciado. Desenhar esses objetos é recriar novamente essas histórias. (ROCHA, 2015, p. 749).

Nessa direção, alguns exemplos do autor (Figura 9) demonstram essas lembranças do passado que estão configuradas por desenhos de objetos afetivos e narradas por palavras em interação com o meio vivenciado, caracterizando uma experiência singular, conforme Dewey (2012).

Figura 9 - Objetos afetivos. Desenhos a nanquim. Dim. 10 x 15 cm. José C. da Rocha. 2013



ÁRVORE - Meu primeiro desenho em homenagem ao dia da árvore aos nove anos, minha primeira decepção como artista por ser desacreditado pela professora como autor.

PIÃO - Um dos meus brinquedos prediletos: sua forma, seu equilíbrio, sua cor e sua rotação me fascinavam.

CABELOS - Vestígios dos meus três amores: filhos Maico, Luciana e esposa Marlene (que partiu).

CHAPÉU - Símbolo que marcou o sacrifício da perda por duas vezes dos lindos cabelos da minha amada até seus últimos dias. (ROCHA, 2015, p.750).

Os desenhos são símbolos que despertam reminiscências, os quais, contextualizados por palavras, completam o ciclo de experiências específicas vivenciadas pelo autor. Os textos narrados partem de experiências de um contexto em que se deram os momentos que circundaram esses objetos afetivos identificados no passado, agora presente. Baudrillard considera os objetos abstraídos de sua função e relacionados ao indivíduo:

Neste nível todos os objetos possuídos participam da mesma abstração e remetem uns aos outros na medida em que somente remetem ao indivíduo. Constitui-se pois em sistema graças ao qual o indivíduo tenta reconstruir um mundo, uma totalidade privada. (BAUDRILLARD, 2004, p. 94).

Relata-se por palavras uma síntese da participação desses objetos afetivos nas lembranças das experiências que evocam. São experiências de intensidade que fazem do momento um tempo e um espaço de lembranças, que compõem e decompõem o artista, que o afetam de tal maneira que este encontra na Arte uma forma de exteriorizar a percepção.

Conforme Dewey (2012), as experiências singulares podem ser registradas como forma relevante, específica, e um enredo finalizado. Nesse sentido, os referidos exemplos da minha produção artística apresentam várias experiências vivenciadas que seguem como exemplos poéticos no tempo presente. Acontece em um espaço público compartilhado com milhares de pessoas aguardando a passagem do Ano Novo. Nessa experiência, consideram-se os conceitos de espaços públicos e paisagens de alguns autores, como do geógrafo Santos (1982, p. 82), que define espaço como acumulação desigual de tempos. Nessa perspectiva, o espaço geográfico é coagulação do trabalho social, materialização de ideias e de ações das sociedades sobre a natureza. O espaço materializa diferentes tempos sociais; sua gênese e evolução constituem o objeto da geografia em novas possibilidades. No conceito de espaço, Santos (1982) revela a

noção de paisagem, em que sua forma está em objetos naturais correlacionados com objetos fabricados pelo homem. Santos (1982) aponta que espaço e paisagem não são conceitos dicotômicos, que os processos de mudança social, econômico e político da sociedade resultam na transformação do espaço, que, concatenado à paisagem, adaptam-se às novas necessidades do homem naquele dado período. Assim, o autor revela o conceito de paisagem como algo não estanque no espaço, e sim que, a cada período histórico, altera-se, renova-se e adapta-se para atender aos novos paradigmas do modo de produção social. Seguindo o pensamento de Santos (2001):

[...] novos lugares são chamados a novas funções, velhos lugares se renovam inteiramente ou parcialmente, sendo arrasados ou conservando relíquias. A cada momento histórico, cada pedaço da cidade evolui diferentemente, e o centro histórico sendo, por persistência como lugar central, o espaço por excelência das mudanças contínuas e às vezes brutais de valor. (SANTOS, 2001, p. 24).

Com base nos conceitos teóricos que se relacionam com a experiência vivenciada, a seguinte Figura 10 registra essa conexão.

Figura 10 - Show pirotécnico na Ponte Hercílio Luz. Fotografia. José C. da Rocha. 2014



Fonte: Própria.

Nesse estudo, a fotografia reforça como registro a vivência de um tempo/espaço único, porém, não de uma experiência singular. Mas todo o contexto e etapas que levaram para esse momento final pode caracterizar uma experiência singular definida por Dewey (2012), como as reminiscências de Proust (2002) e as cartografias e territórios de Amaral (2014) e Passos, Kastrup e Escóssia (2012), em um espaço público, onde a passagem do ano é festejada por uma multidão no ambiente em que a Ponte Hercílio Luz serve de ligação e representa o tempo entre o que inicia e o que finda.

Uma experiência poética do futuro ou as dissonâncias sobre o tempo/espaço é uma questão pautada na observação, na sensibilidade e pelo pensamento, quando se busca, por meio de representação da Arte, trazer para o presente uma situação do futuro sobre um território vivenciado, como uma experiência singular ficcional. Nesse sentido, utilizam-se os aportes teóricos dos autores Santos e Dewey.

A paisagem é um conjunto de formas que, num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são as formas mais a vida que as anima. (SANTOS, 2002, p.103).

Dewey (2012) esclarece sobre a finalização da experiência de pensamento:

Na verdade, em uma experiência de pensamento, as premissas só emergem quando uma conclusão se torna manifesta. A experiência, como a de ver uma tempestade atingir seu auge e diminuir gradativamente, é de um movimento contínuo dos temas. Assim como no oceano durante a borrasca, há uma série de ondas, sugestões que se estendem e se quebram com estrondo, ou que são levadas adiante por uma onda cooperativa. Quando se chega a uma conclusão, ela é um movimento que finalmente se conclui. A 'conclusão' não é uma coisa distinta e independente; é a consumação do movimento. (DEWEY, 2012, p.113).

Apresenta-se, por meio de pinturas e elaborações fotográficas, uma situação virtual no cenário da paisagem da cidade de Florianópolis, completas, com profundidade, e plausíveis, dentro da realidade da ação do homem e da natureza. Considerando as definições de experiência de pensamentos de Dewey (2012), da paisagem e espaço por Santos (2002) e Carlos (1997), procura-se, nessas realidades virtuais/ficcionais, uma poética do futuro no presente, que passa a ser, mas que ainda não chegou. A definição de virtual no dicionário Aulete (2011, p.1.420) é "que não existe no momento, mas pode vir a existir. E na filosofia, virtual diz-se daquilo que está predeterminado e que contém as condições essenciais à sua realização". O conceito ficcional "pressupõe uma interpretação, criação, ou adaptação imaginária da realidade" (AULETE, 2011, p. 654). Ou seja, virtual é apenas potencial, ainda não realizado, carrega uma potência

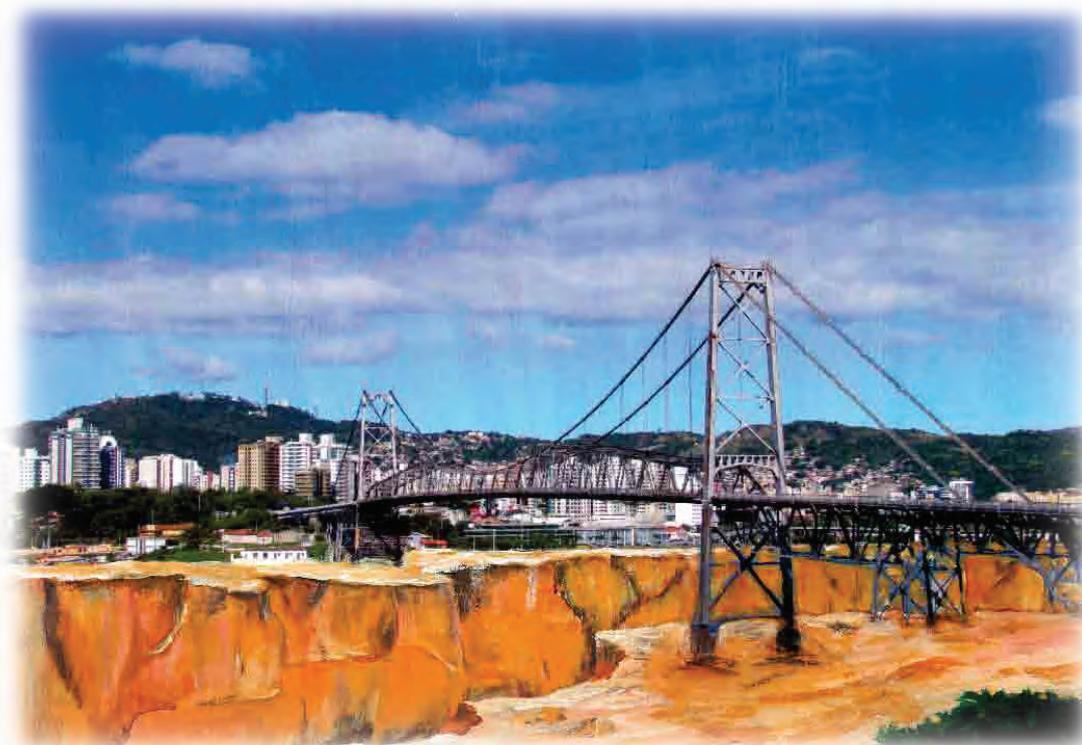
do ser, enquanto o atual já é. Nesse sentido, a produção artística das Figuras 11 e 12 expressa essa percepção do artista como uma experiência do pensamento.

Figura 11 - Florianópolis: Ano 2100. Pintura/photoshop sobre fotografia. Dimensões 30 x 20 cm. José C. da Rocha. 2013



Fonte: Própria

Figura 12 - Florianópolis: Ano 2250. Pintura/photoshop sobre fotografia. Dimensões 30 x 20 cm. José C. da Rocha. 2013



Fonte: Própria

As Figuras 11 e 12 trazem, para o presente, o futuro pela experiência do pensamento, propiciando ao artista uma reconfiguração do presente pelo processo artístico do que poderia vir a ser. Uma situação que nunca ocorreu, mas que pode ocorrer, independentemente da vontade do homem: neve sobre a ponte Hercílio Luz, ou recuo do mar. Assim utiliza-se o processo artístico não só trazendo o futuro para o presente, mas também o passado para o presente. Com base nesses exemplos de reconfiguração e ressignificação de experiências, de objetos afetivos, de imaginação, de narrativas de lembranças singulares, propõem-se essas percepções às adolescentes para reconstruir suas próprias experiências e memórias.

1.4 HIBRIDIZAÇÃO ENTRE NARRATIVA E LINGUAGEM VISUAL

Que metodologia seria apropriada para encontrar respostas investigativas nesse projeto? No processo de ensino-aprendizagem da Arte Visual, apenas “deixar fazer” não leva a lugar algum. Como fator determinante para o desenvolvimento da pesquisa de campo, busco referência metodológica na A/r/tografia, um método com referência teórica utilizado pela professora-pesquisadora-artista canadense Rita Irwin (2013), conhecida internacionalmente pelo trabalho que desenvolve com a A/r/tografia na Arte Educação. A autora pondera que a A/r/tografia tem como objetivo estimular a busca do fazer Arte, pesquisar e ensinar. Um método que utiliza a hibridização de narrativas com desenhos e pinturas, em que se conecta com as experiências e memórias. Saber fazer e realizar fundem-se nos procedimentos. Nessa direção, procuro desenvolver reflexões e observações com o grupo de participantes. A A/r/tografia enfatiza as identidades do artista, do pesquisador e do professor para obter respostas junto ao grupo de foco, cria e reinventa para envolver a investigação como forma de pesquisa com base nas experiências vivenciadas pelas participantes nos desenvolvimentos das práticas artísticas. Nesse sentido, utilizo as micopráticas como forma de alcançar resultados.

Qual o percurso que posso escolher? Busco a A/r/tografia, articulando conceitos como forma de obter resultados que envolvam as participantes da pesquisa. Nesse sentido, utilizam-se o desenho, o texto, a fotografia, a pintura, como meios para compor e expressar percepções e, então, experiências que estão inseridas na memória e na construção do conhecimento.

Segundo Belidson Dias (2013), o referencial teórico da A/r/tografia está na fenomenologia, estruturalismo e pós-estruturalismo e sustenta-se no trabalho de muitos estudiosos, como Michel Foucault, Merleau-Ponty, Felix Guatarri, Jacques Derrida e outros, e que A/r/tografia é uma forma de representação que privilegia tanto o texto (escrito) quanto a imagem (visual), quando eles se encontram em momentos de mestiçagem ou hibridização, e, ainda, que é uma metáfora: A é artista, R é pesquisador,

T é professor, e grafia é escrita e representação. É um método que propicia ao artista pesquisar, ensinar algo provocador para repensar, reviver e refazer suas práticas estéticas pedagógicas. Sobre o acrônimo A/r/tografia, Rita L. Irwin expõe:

A/r/t não apenas reconhece o papel de cada indivíduo, mas também possibilita que todos nós tenhamos um momento de imaginação ao apreciarmos e entendermos que os processos e produtos envolvidos na criação da Arte, não importando se são objetos ou tarefas profissionais, são formas exemplares de integração entre saber, prática e criação. (IRWIN, 2008, p. 92).

Segundo a autora, a A/r/tografia vai além da visão da dualidade da Arte para incluir uma próxima dualidade, que é a escrita ou grafia. Segue considerando que Arte e escrita unificam o visual e o textual por complementarem-se, refutarem-se, e que imagem e texto não duplicam um ao outro, e sim ensinam algo de diferente mas também similar, permitindo que nos questionemos mais profundamente a respeito de nossas práticas. Para entender teoria como A/r/tografia, Irwin (2008) apresenta sua ideia:

Arte é a organização visual da experiência que torna complexo o que é aparentemente simples e simplifica o que é aparentemente complexo. Pesquisa é o que realça o significado revelado por contínuas interpretações de complexos relacionamentos que são continuamente criados, recriados e transformados. Ensino é a pesquisa realizada em relacionamentos carregados de significados com os aprendizes. (IRWIN, 2008, p. 94).

A autora Irwin relata que aqueles que vivem nas fronteiras da a/r/t reconhecem a vitalidade de viver num espaço intermediário e reconhecem que arte, pesquisa e ensino não são feitos, mas vividos. Considera também que as experiências e práticas vivenciadas por indivíduos criando e recriando suas vidas são inerentes à produção de suas obras de A/r/t e de escrita (grafia).

Nesse sentido, o Plano de Ensino em Arte Educação contempla as micropráticas para as participantes do Grupo de Pesquisa expressarem suas experiências e memórias, tanto no contexto verbal como na produção artística. E parte-se do princípio do conceito da autora Irwin, de que “A/r/tografia é uma prática viva da Arte, da pesquisa e do ensino: uma mestiçagem viva; uma escrita, experiência que cria a vida”. (IRWIN, 2008, p.97).

Ressalta Irwin (2008) que, por meio da atenção à memória, identidade, reflexo, meditação, histórias que dizem, à interpretação e à representação, os artistas-pesquisadores-professores que compartilham suas práticas estão procurando por novas maneiras de compreender suas práticas como artistas, pesquisadores

e professores, e que os A/r/tógrafos preferem pensar sobre as práticas de artistas e educadores como ocasiões para a produção de conhecimento e influenciar as experiências dos outros. Também podem usar as formas qualitativas de coletar dados que interessam por história de vida, lembranças e fotografias. Segundo Irwin (2008), alguns pesquisadores que se baseiam nas Artes e na Educação acreditam que pesquisadores baseados na prática precisam ter compromissos educacionais, bem como práticas artísticas. Ainda, que a redundância ocorre quando as pessoas compartilham experiências e conhecimentos semelhantes, trabalhando juntas para criarem possibilidades mais sofisticadas, e isso não teria sido possível sem essa interação (IRWIN, 2013). Nesse sentido, o desenvolvimento dos processos artísticos proposto nas micropráticas desta pesquisa propicia compreender a prática de uma perspectiva diferente, para possibilidades e potencialidades, e não como procedimentos.

Para Dias (2013), A/r/tografia busca o sentido denso e intenso das coisas e estuda formatos alternativos para evocar ou provocar entendimentos e saberes cujos formatos tradicionais da pesquisa não podem ou não conseguem possibilitar, e busca o entendimento das relações de poder e de entendimento da Arte na construção de conhecimento acadêmico. No entanto, para Irwin (2013), a A/r/tografia também reconhece que as percepções devem ser exploradas, tanto a *performance* quanto a palavra, mas interligados para produzir significados adicionais, e que explorar ideias, questões e tema artisticamente origina maneiras de produzir significados, pessoal e coletivamente.

Os métodos da A/r/tografia unem o potencial colaborativo do pesquisador e dos participantes. Por exemplo, a proposição de uma exposição de obras desenvolvidas nos exercícios de micropráticas do Plano de Ensino Arte Educação proposto nesta pesquisa pode trazer várias respostas previsíveis e imprevisíveis e também compartilhamento de experiências vividas e memórias revividas, que amplia a compreensão das participantes.

A A/r/tografia proporciona a busca do fazer Arte, pesquisar e ensinar formulando perguntas e questionamentos para encontrar respostas, de colocar-se no lugar do outro, de compreender a experiência dos trabalhos de reflexão nos exercícios das atividades para fazer e criar nas micropráticas e do contexto de suas experiências e memórias. Assim, diferentes textos, imagens e linguagens fundem-se, rompem-se e fundem-se de novo. A pesquisa não se designa a responder perguntas iniciais de uma pesquisa, mas sim propor perguntas para uma investigação que evolua com o desdobramento e o tempo. Os formulários com perguntas às participantes, distribuídos a cada encontro, apresentam perguntas cujos desdobramentos subsequentes guiarão as relações rizomáticas do projeto como um todo, à medida que as participantes compartilharem suas próprias interpretações do conhecimento no sentido de revelar novos significados das suas experiências e memórias.

O grupo de foco da pesquisa gira em média de oito participantes, em uma instituição socioeducativa de menores em conflito com a Lei, na cidade de Florianópolis – SC. O método utilizado é qualitativo, utilizando-se a A/r/tografia como dispositivo de ação metodológica, aplicando essa metodologia no sentido de ampliar as possibilidades de construir conhecimento com ênfase na ação, sem perder de vista a base teórica.

1.5 REMINISCÊNCIAS

No presente estudo, utilizo reflexões e conceito de memória sob a ótica do filósofo francês Henri Bergson, com os quais crio conexões com minha práxis, e também com os conceitos de Ana Mae Barbosa entre memória e história. Ponto de partida dos mais importantes, tanto na pintura, como no desenho, reconheço a lembrança de um tempo que passou e que ficou marcado pelo momento especial, assinalado em certos objetos que simbolizam e acionam essa fenda que se abre, desatualizando inesperada e inadvertidamente o presente. A base teórica considerada para a prática é pautada principalmente em Henri Bergson (2010), que considera:

[...] em geral, para remontar o curso de nosso passado e descobrir a Figura-lembrança conhecida, localizada, pessoal, que se relacionaria ao presente, um esforço é necessário, pelo qual nos liberamos da ação a que nossa percepção nos inclina: esta nos lançaria para o futuro; é preciso que retrocedamos no passado. (BERGSON, 2010, p. 107).

Assim, reconheço a presença de uma multiplicidade de tempos, em que incidem o ato de lembrar e esquecer, imaginar e ficcionar, de ver as imagens e de elaborar, por meio de diferentes linguagens, a existência de um tempo que passou, marcando uma indistinção temporal. Entendo que, para uma clareza sobre as memórias que temos dos objetos afetivos, é necessário levar em consideração os componentes reais/ficcionais das experiências individuais. Segundo Bergson (2010, p. 89), temos “duas memórias”: uma que “imagina” e a outra que “repete”. Estamos diante de dois tipos de lembrança: uma lembrança “cuja imagem imprime-se de imediato na memória” (p. 86), devido a um acontecimento “real”, que contém um tempo, uma data e que se repete pela lembrança. A outra memória é a “lembrança da lição enquanto aprendida de cor, como hábito, é adquirida pela repetição (p. 86). É impessoal e fica cada vez mais estranha à nossa vida passada” (p. 91).

Outro argumento para compreender a importância da memória é apresentado por Martorano:

O papel da memória é o de fazer coincidir duas visões, ou dois atos ‘bioquímicos’, o ver e o lembrar. Mais uma vez surgem as passagens entre as linguagens artísticas, entre o olhar e a memória, a realidade e a recordação. (MARTORANO, 2000, p. 24).

Quando penso no futuro, também ocupo a mente no mesmo instante. Ou seja, o tempo passado, o tempo presente e o tempo futuro coexistem. A simultaneidade ou a superposição dos pensamentos de tempos diferentes coexistem num único momento ou ao mesmo tempo. Na teoria do eterno retorno de Nietzsche (1975), as coisas que vivenciamos e que gostaríamos que fossem revivenciadas têm seu princípio no querer, na vontade, na ação. Devemos desejar com uma intensidade tal que possamos reavivar, reconfigurar determinados momentos. O tempo, como camadas que mudam de ordem, cria novas combinações. Cada um utilizará o meio a que mais se ajusta para reviver esse retorno. Nas Artes, existem múltiplas linguagens: fotografia, vídeo, pinturas, desenhos, símbolos, textos, esculturas, objetos, figuras, etc. Eu elaboro e crio, por meio de desenhos e textos, elegendo objetos afetivos que me trazem momentos passados, recriando-se no presente, e procuro expressar e compartilhar esses procedimentos artísticos às participantes da pesquisa.

O corpo carrega sensações e também é o condutor das lembranças e suas durações. Cada corpo em sua singularidade é produtor de subjetividades. Nossa vida diária desenrola-se em meio a objetos cuja mera presença nos aciona lembranças. Logo, os objetos que participam de nossas vidas como elementos que compõem o cenário, os signos, os símbolos, destacando-se assim as mais expressivas histórias que nos envolveram afetivamente, lembram-nos de algo, porque esse algo nos atravessou, provocou-nos.

Bergson (2010) considera que a percepção, por mais instantânea que seja, consiste numa incalculável quantidade de elementos rememorados, e toda percepção já é memória. Considera que percepção e lembrança penetram-se sempre, trocam sempre entre si algo de suas substâncias, graças a um fenômeno de troca entre si, como uma endosse. Já Ana Mae Barbosa (2008) considera que na Arte e na vida, memória e história são personagens do mesmo cenário temporal, mas cada uma se veste a seu modo. Relata que a história intelectual e formal usa a vestimenta acadêmica, enquanto a memória não respeita regras nem metodologias, é afetiva e revive a cada lembrança. Ainda para o filósofo Bergson (2010, p. 209), no que diz respeito à memória, o papel do corpo não é armazenar as lembranças, mas simplesmente escolher para trazê-las à consciência distinta graças à eficácia real que lhe confere a lembrança útil, aquela que completará e esclarecerá a situação presente em vista da ação final. E também relata: “Para evocar o passado em forma de imagem, é preciso poder abstrair-se da ação presente, é preciso saber dar valor ao inútil, é preciso querer sonhar” (BERGSON, 2010, p. 90).

Outra concepção sobre a memória encontra-se em Walter Benjamin, que cita: “A língua tem indicado inequivocamente que a memória não é um instrumento para a exploração do passado; é, antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas” (BENJAMIM, 1995, p. 239).

Os aspectos de ordem teórica e prática na área das Artes Visuais que justificam a pesquisa são fundamentais para estabelecer o vínculo entre os objetos, experiência e suas memórias. Assim, os objetos de nossa existência, bem como nossas experiências, têm um papel fundamental em nossas lembranças afetivas.

Para a realização deste projeto, considero a importância da memória em lembrar, por meio dos desenhos, pintura, textos, fotografia, objetos afetivos e das experiências singulares, a importância de cada uma dessas lembranças e as suas narrativas contextualizadas expressas por meio da Arte. A necessidade de expressar as lembranças afetivas dos objetos e experiências singulares no meu processo artístico fez com que eu caminhasse para realizar este projeto. Nesse sentido, quanto aos objetos lembrados, considera-se a aceção dada a eles, segundo Littré, conforme cita Baudrillard: “tudo aquilo que é a causa, o alvo de uma paixão. Figurado e por excelência: o objeto amado” (LITTRÉ apud BAUDRILLARD, 2004, p. 93).

As narrativas de memórias e lembranças provocadas pelos desenhos e textos partem da minha experiência individual, em que cada objeto reflete um momento, um instante, uma alegria, um aprendizado, ou uma lembrança retida, a qual é representada e simbolizada na publicação do livro de artista *Museu dos objetos* (ROCHA, 2013). Muitos dos objetos afetivos só estão na minha memória, outros ainda guardo, e alguns eu já havia esquecido. O resultado é um museu de objetos que remete às reminiscências pessoais retornadas e ressignificadas mediante o processo artístico. Para isso, utilizo meus trabalhos como exemplo, de que é possível recordar, desde que nos permitamos adentrar novamente os compartimentos fechados pelo tempo, descortinando nosso passado. Muitos dos objetos afetivos só resistiram em minha memória, pois o tempo transformou-os, reconfigurou-os; outros, ainda os guardo, e alguns, já até os tinha esquecido. Os textos que relaciono aos objetos afetivos fundamentam-se na minha experiência pessoal, mas não esgotam e não limitam as experiências similares e comuns lembradas por outras pessoas ao ter contato com meus trabalhos. As várias dimensões de minha experiência revelaram elementos para compor diálogos distintos com os campos de pesquisa para uma reflexão múltipla com pessoas que sensibilizam suas reminiscências, possibilitando materializar suas narrativas pelo processo artístico. Assim, as lembranças de objetos e de experiências para cada indivíduo são distintas e únicas, mas podem ter pontos em comum com as vivências e lembranças de outras pessoas. A meu ver, o presente projeto contribui para identificar a importância da memória e das experiências na vida de cada ser desde a tenra idade até o limite de sua existência. Muitas vivências são rememoradas pelas lembranças de um tempo em que muitas vezes os objetos são símbolo e chave dessas recordações revividas.

A Arte tem essa potência: trazer momentos passados para o presente. E uma das possibilidades é a demonstração dessas experiências e lembranças que estão

gravadas em nossas memórias e que nos permitem abrir cortinas e trazer o passado para o presente expressado pelo processo artístico. A experiência pessoal de cada indivíduo pode desencadear um *flash* do passado, ao ver, no presente, um objeto, uma experiência, um perfume, uma cor, algo que marcou seu passado. Assim, a possibilidade de reviver e retornar ao ciclo das lembranças está ao alcance de todos. São experiências muito significativas quando elaboramos e expressamos nossas recordações por meio do desenho, pintura e contexto. Desenhar, pintar, contar, escrever nossas próprias memórias é recriar novamente essas histórias. As memórias muitas vezes acionam uma chave para adentrar esses instantes tão distantes do presente, mas revisitados em nossas vidas quando recordamos as lembranças que sempre vêm de maneira diferente, em movimento de transformação.

Algumas abordagens remetem-nos a um entendimento sobre a complexidade das reminiscências. Por mais exaustivos que sejam os estudos, ainda existem lacunas quando se tenta contemplar o fenômeno em toda a sua amplitude, principalmente a amplitude das lembranças afetivas dos objetos e experiências com os quais convivemos e que um dia recordaremos sua importância e significância em nossas vidas.

O projeto ora proposto exemplifica as lembranças espontâneas dos acontecimentos que fizeram parte da minha história de vida, em que esses momentos têm suas recordações em minha memória, as quais utilizo como exemplo de artista-pesquisador-professor, compartilhando com as adolescentes do grupo de pesquisa. Nesse sentido, busco no processo artístico, por meio das micropráticas, ferramentas que propiciem que às participantes da pesquisa expressem suas memórias e experiências. Procuo demonstrar, no projeto proposto, a importância de rememorar memórias e experiências, identificando nos trabalhos realizados pelas participantes a representação desses momentos que foram marcados afetivamente. E, para isso, proponho a utilização do processo artístico como forma de identificar e mostrar momentos especiais vividos que não foram esquecidos e que podemos compartilhar no presente com todos. Esse compartilhamento por meio da Arte facilita uma conexão e reflexão entre as pessoas envolvidas em uma dinâmica intersubjetiva, propiciando assim a todos um enriquecimento e um maior conhecimento de si e do outro.

Como posso construir subjetividades e intersubjetividades com as participantes? Conseqüentemente, e diante do reconhecimento do papel da memória nas lembranças dos objetos afetivos e das experiências em nossas vidas, verifica-se a relevância em rememorar esses momentos. Por meio do processo artístico e pelas palavras contextualizadas, podemos nos identificar e mostrar para as outras pessoas nossos momentos especiais vividos que não foram esquecidos e que podemos compartilhar no presente com todos. Desse modo, o presente projeto não tem um caráter individualista, pois pretendo, a partir das minhas lembranças, provocar a lembrança das participantes da pesquisa. As histórias cruzam-se, contaminam-se, não somos

ilha, somos territórios movediços, e nossas fronteiras sofrem fissuras pelo território do outro, contagiam-se. Nesse sentido, muitas perguntas podem ser feitas para reflexões e permitem novas problematizações.

- É possível expressar lembrança da memória por meio do processo artístico?
- Podemos nos lembrar somente do que queremos?
- Podemos guardar ou esquecer lembranças que não queremos?
- O que as lembranças da memória representam para nós? Saudade? Angústia? Medo? Alegria? Tristeza? Arrependimento? Decepção? Ensinamentos?
- As bases metodológicas do processo artístico aplicadas possibilitam materializar as lembranças dos objetos afetivos?

Nesse contexto, a memória é como um castelo, em que armazenamos todas as lembranças e experiências que vivenciamos. Cabe a cada participante abrir a porta de seu castelo e adentrar os compartimentos onde as lembranças estão guardadas. Muitas portas podem estar sem chaves, outras chaveadas, e muitas nunca foram abertas. É nesse sentido que o projeto de pesquisa busca, por meio da Arte, adentrar esses espaços e trazer para o presente, para compartilhamento, essas memórias e experiências individuais.



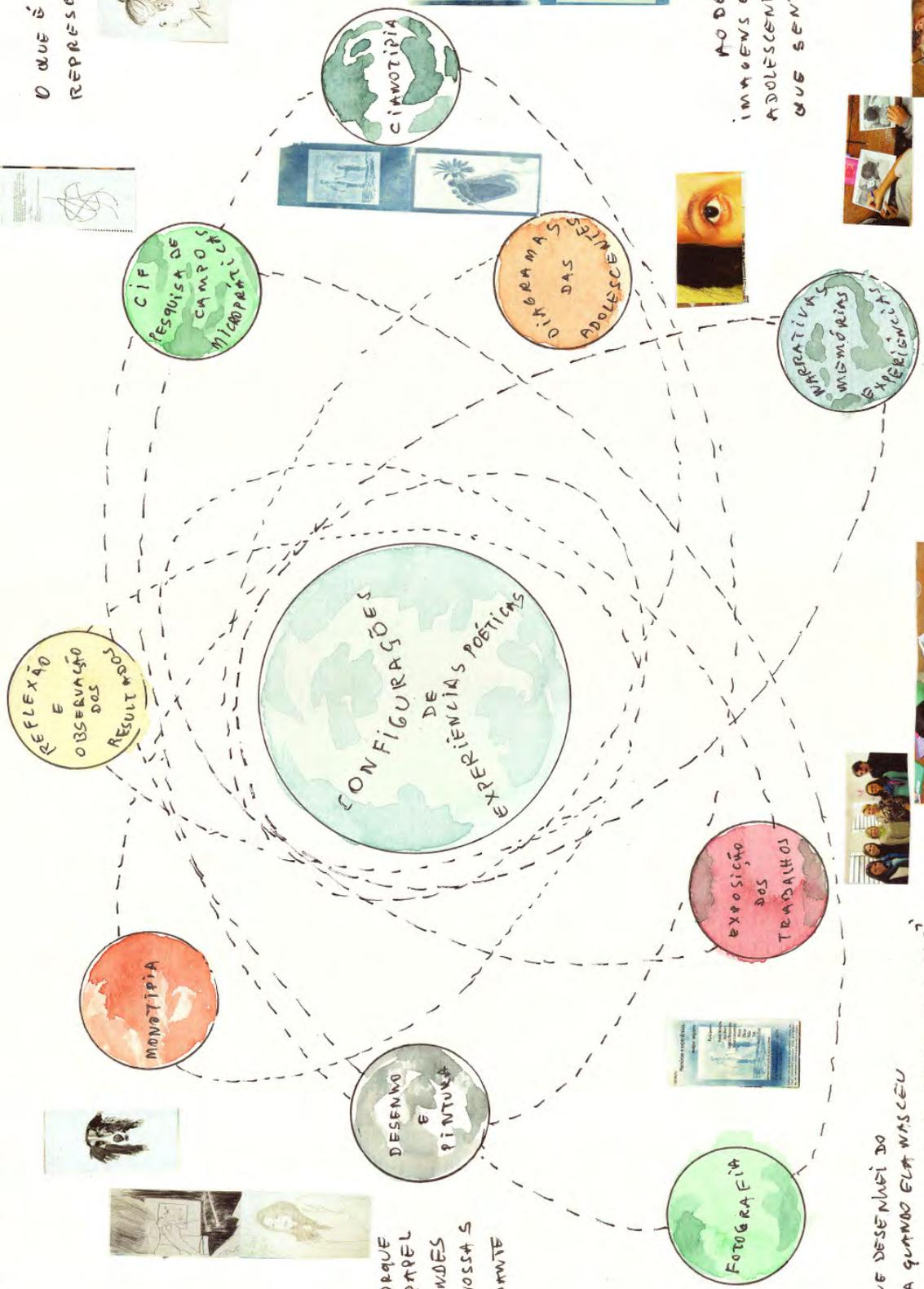
Figura 13

O QUE É UMA LEMBRANÇA?
 SIGNIFICA UMA EMOCÃO QUE A GENTE
 SENTE QUANDO LEMBRA DE UMA PESSOA
 OU UM MOMENTO DE SUA VIDA
 PARTICIPANTE



QUESTIONÁRIOS ENCOLOBANDO
 AS TÉCNICAS DE MONOTÍPIA,
 CIMOTÍPIA, E PENCUNHAS SOBRE
 MEMÓRIAS EXPERIÊNCIAS

O QUE É ARTE? E SUA
 REPRESENTAÇÃO?



“FICARAM LINDOS PORQUE
 EM UM SIMPLES PAPEL
 ILUSTRAMOS GRANDES
 MOMENTOS DE NOSSAS
 VIDAS” PARTICIPANTE



EXPOSIÇÃO
 DOS
 TRABALHOS



“O DESENHO QUE DESENEI DO
 PEZINHO DELA QUANDO ELA NASCEU
 ESTÁ NA MINHA MEMÓRIA PARA SEMPRE”
 PARTICIPANTE



AO DESENHAR AS SUAS
 IMAGENS ESCOLHIAM AS
 ADOLESCENTES EXPRESSARAM
 QUE SENTIRAM EMOCÃO





2 CONFIGURAÇÕES DE EXPERIÊNCIAS POÉTICAS

Na busca de novos desafios, forma-se outra camada para conhecimento e constituição como artista-pesquisador-professor. O desenvolvimento da pesquisa de campo deste projeto leva a diversas experiências no Ensino das Artes Visuais. Todo conhecimento é colocado em prática na busca de resultados da presente pesquisa. Para chegar até aqui, vários caminhos foram escolhidos, e muitos deslocamentos foram necessários para obter tais experiências. A atuação do artista como pesquisador e professor de Arte forma uma tríade que permite ampliar de maneira considerável novos conhecimentos e possibilidades criativas para o Ensino das Artes Visuais. Exemplifico pela minha própria trajetória. Nesse sentido, a elaboração da pesquisa de campo leva em consideração o Plano de Ensino Arte Educação, conforme elaborado para ser desenvolvido em oito encontros, no Centro de Internação Feminina (CIF), com as adolescentes em conflito com a Lei. Nesses encontros planejados, foram abordadas as micropráticas de monotipia, cianotipia, desenho, pintura e fotografia. O material foi levado para os encontros, desde papel, lápis, borracha, caneta esferográfica (Figuras 14, 15 e 16), tinta a óleo, pincéis, placa de acrílico, caderno, cola, fita crepe, crachá, livros, material para demonstração, impressões, folhas de acetato com as imagens, pasta para colocar o material, recipientes para colocar água, caderneta para diário, folha de papel em várias gramaturas, enfim, nada foi utilizado da Instituição além das carteiras e bancos para sentar e mesa de madeira.

O acesso ao local sempre seguiu os protocolos de segurança, ou seja, todo o material a ser utilizado era contado antes e depois dos encontros. Meus pertences pessoais eram deixados fora do ambiente das práticas artísticas, antes de adentrar o ambiente de convívio das menores. Só o material que seria usado nas micropráticas era permitido levar. No planejamento das micropráticas, foi levado em consideração não usar materiais que apresentavam riscos, como tesoura, estiletes, produtos químicos, ou seja, evitar levar materiais que pudessem ser utilizados com finalidades prejudiciais à saúde e à integridade física das menores. No primeiro encontro, foram estabelecidas algumas regras de procedimentos que deveriam ser respeitadas entre o professor e as participantes.

Na apresentação inicial, não perguntei os nomes das participantes, pois não gostaria de saber seus verdadeiros nomes, sugerindo que fossem identificadas com um pseudônimo. Assim, iniciamos nossas apresentações. Combinamos que nos encontros seguintes esses nomes seriam suas identificações. A partir dessa nova identidade, fiz os crachás e entreguei a elas para colocarem os seus novos nomes. Também foi orientado que todo o material utilizado e produzido nos encontros deveriam ser entregues ao professor, com exceção de uma caderneta como diário que foi presenteada a elas (Figura 17).

Figura 14 - Crachás elaborados pelo artista-pesquisador para as participantes. 2016



Fonte: Própria.

Figura 15 - Materiais distribuído para uso das participantes. 2016



Fonte: Própria.



Figura 16 - Participantes utilizando pastas e materiais nas micropráticas. 2016



Fonte: Própria.

Figura 17 - Diários distribuídos as participantes. 2016



Fonte: Própria.

Quanto aos questionários sobre experiências e memórias, foram elaborados dezesseis formulários com perguntas e solicitações de relatos e avaliações sobre as micropráticas, para serem preenchidos e identificados pelo pseudônimo das participantes (ANEXO A). Mediante as respostas dos questionários preenchidos no ANEXO B, verificam-se as opiniões das participantes e suas avaliações dos encontros.

Nas micropráticas com monotipia, cianotipia, desenho/pintura e fotografia foram abordados temas relacionados às experiências e memórias das participantes. Na monotipia e cianotipia, as participantes utilizaram imagens relacionadas às suas narrativas, imagem estas que foram pesquisadas e levadas para suas escolhas com relação às suas experiências e memórias narradas como singulares. Assim, essas imagens selecionadas representam uma chave de suas lembranças e vivências. Quanto ao desenho/pintura, foi solicitado que as participantes respondessem o que é Arte e a representassem em linguagem visual. Outros exercícios com o desenho e pintura foram desenvolvidos com base nas imagens escolhidas pelas adolescentes que simbolizavam suas experiências e memórias. Foram realizadas fotografias das próprias participantes para serem decompostas em desenhos de linhas, palavras e pintura. Exercícios foram replicados por desenho com carbono e lápis HD como forma de transmitir a imagem. Sobre a origem da fotografia, foi relatada sua história e apresentados vários livros técnicos e poéticos de fotografia, principalmente do brasileiro Sebastião Salgado.

No final dos encontros, os materiais produzidos pelas diversas técnicas de processos artísticos elaborados pelas participantes nos encontros das micropráticas são demonstrados em uma exposição na própria Instituição, para apreciação e reflexão das participantes, dos funcionários da Instituição e dos visitantes. Esta foi uma oportunidade de valorização das adolescentes como pessoa, elevando a autoestima, e como elementos socioeducativos que a Arte proporciona. Foi brindado um autorretrato de perfil de cada participante por meio de desenho em linha pelo artista-pesquisador-professor, e oferecido um coquetel na abertura da exposição pela administração do CIF. A exposição ficou aberta para visitação durante uma semana.

2.1 PESQUISA DE CAMPO: QUESTIONÁRIOS - MICROPRÁTICAS

Na pesquisa de campo, a realização do Plano de Ensino, conforme apresentado na Seção 1 – Caminhos Escolhidos – Arte Educação, contempla o planejamento do desenvolvimento dos oito encontros das micropráticas e de dezesseis questionários, englobando as técnicas de monotipia, cianotipia, desenho/pintura e fotografia. Nos encontros com as participantes, foram elaboradas perguntas, para serem respondidas, sobre o entendimento, opiniões, desenvolvimento das técnicas das micropráticas, resultados alcançados e avaliações de cada encontro.

Unidade I - Primeiro encontro. Foi apresentado o projeto da pesquisa, seus objetivos e o planejamento previsto para ser desenvolvido nos oito encontros das micropráticas e dos questionários para serem preenchidos nos formulários, sendo previsto o preenchimento dos Formulários 1, 2 e 3 nessa primeira apresentação. Foi solicitada a colaboração das participantes na realização das práticas artísticas e ressaltada a importância de suas participações. Ficaram então estabelecidas algumas regras de procedimentos entre o artista-pesquisador-professor e as participantes, com objetivo de propiciar um canal de relacionamento com base na educação, no respeito entre as participantes, visando a obter um bom aproveitamento nesses encontros. Foi explicado que cada um tem as suas próprias respostas e diferentes dos outros. E que cada um fala de suas próprias experiências significativas e memórias, que não há respostas iguais, e que precisamos ouvir todos. Também, que há várias pessoas interessadas em conhecer suas experiências com a prática artística e seus trabalhos. Utilizo os formulários com perguntas porque ajuda a não esquecer suas opiniões no que elas têm a dizer, assim eu não preciso tomar nota de tudo. Ainda, que as perguntas fossem feitas somente por uma participante de cada vez, e sem discussões paralelas, pois com isso poder-se-ia perder algum depoimento ou comentário importante. Esclareço que o que sei e o que penso não é importante, mas o importante é o que elas pensam e o que acham. “ por isso que estou aqui. Não se sintam mal se não conhecem muito bem alguma coisa das quais estarei falando – não tem problema. Não

tenham medo de serem diferentes. Preciso abordar uma série de técnica de processos artísticos, portanto, às vezes, vou precisar redirecionar a discussão.” Finalizei com o questionamento: Perguntas? Unanimemente, todas concordaram em observar as recomendações e agradeceram a oportunidade de obter novos conhecimentos que o processo artístico proporciona.

A partir dessa manifestação, foi proposto que cada participante não se identificasse pelo nome, mas por um pseudônimo como gostaria de ser chamada nos encontros, e que deveriam depois preencher o novo nome como identificação nos formulários que seriam entregues. Antes de responderem às perguntas dos formulários, foi distribuída uma pasta plástica com um lápis HD com borracha, uma caneta esferográfica, uma caneta nanquim, uma caderneta pequena para anotação e o crachá para identificação (Figuras 14,15,16 e 17).

Em seguida, foi distribuído o Formulário 1, contendo perguntas (ANEXO A). A primeira pergunta teve objetivo de conhecer as participantes quanto ao seu estado de ânimo no início dos oito encontros. Entre as inúmeras opções dadas (alegre, ansiosa, eufórica, com raiva, preocupada, com medo, triste, infeliz, motivada, deprimida, feliz, em solidão, outros), foi solicitado que assinalassem somente três opções com que mais se identificavam. Assim responderam, sendo assinalado mais vezes: oito participantes assinalaram o estado de ansiedade, quatro, motivada, três, preocupada, três, alegre, duas, com medo, duas, com raiva, duas, feliz, uma, triste, e outras adicionadas pelas participantes: (uma, incomodada, uma, falta da família, uma, arrependimento, e uma, ressocialização. Observa-se que a ansiedade é o que mais revela o estado de ânimo das participantes, seguida de motivação, alegria e preocupação. Verifica-se também que foram relacionados pelas participantes outros itens que também expressam seu estado de ânimo, conforme relatados.

Na segunda pergunta, o objetivo de conhecer as preferências de lazer (ir à praia, comer, desenhar, conversar, ver filme, roupas, música, pintar, ler, namorar, viajar, dançar, cantar, festejar, escrever, ficar em silêncio, brincar e estudar), foi solicitado que assinalassem três opções, mas muitas assinalaram muito mais. Verifica-se a incidência das seguintes quantidades de opções selecionadas: oito, de música, quatro, de roupas, quatro, de namorar, três, de festas, três, de cantar, dois, de desenhar, dois, de praia, um, de comer, um, de ler, um, de dançar, e outras relacionadas pelas participantes: *reave*, minha liberdade, família, balada, piscina, vôlei, cachorro, animais em geral. Verifica-se que a música é a preferência, seguida de roupas, namoro e festas.

A terceira pergunta solicita para as participantes citar três coisas de que não gostam. Responderam que não gostam de: cinco, falsidades, quatro, mentiras, dois, casinha (intriga), e uma opção de talaricagem (tagarelas), palavrões, alho, discutir, inveja, infidelidade, promessas, ficar na trama, não ter liberdade, brigas, não ter a família, ficar privada (trancada), matemática, ficar sem família, traição. Nota-se que a

palavra falsidade e mentira são as mais citadas. Embora estejam confinadas em razão de conflito com a lei, essas duas palavras têm um significado muito representativo na conduta e convivência de comportamentos de que não gostam.

Na quarta pergunta, foi solicitado para dizer qual nome gostariam de serem chamadas ou identificadas, sendo sugerido que colocassem um nome ou apelido que gostariam de ter ou de serem identificadas. Então, após pensarem e trocarem sugestões entre si, assim se identificaram: Dudah Boladona, Jana Ruiva, Janaína Menorzinha, Menor Cachoerinha, Pérola, Pikena, Puka, Tati e Yasmin Kezy. À última pergunta sobre o grau de instrução, responderam com o seguinte nível escolar: três participantes estão na 8.^a série, três na 7.^a série, uma no 2.^o grau do ensino médio e uma no 1.^o grau (ANEXO B), sendo suas idades 15, 15, 15, 15, 16,16,17,17, cuja média é de 15,7 anos. Nota-se que a idade média é bem baixa em relação à faixa de idade que a Instituição acolhe, de quinze a vinte e um anos.

Em seguida, foi distribuído o Formulário 2, com a pergunta: O que é Arte? Foi solicitado para ser respondida em linguagem visual, sendo esclarecido que deveria ser representado por um desenho, um objeto, ou qualquer coisa que mostrasse o entendimento do que seria Arte. Não foi explicado o que é Arte, propositadamente, para conhecer o conceito de uma representação do que é Arte, de cada adolescente, antes de falar de um exemplo conceitual. No início, algumas participantes tiveram resistência em desenhar, pois não tinham, segundo seus depoimentos, habilidades para o desenho, e nem sabiam o que fazer e nem como começar. Conversei com duas participantes, perguntei se sabiam fazer um ponto com a caneta nanquim, prontamente responderam sim. E continuei perguntando se sabiam fazer um risco, disseram que sim também. Então esclareci que elas sabiam, sim, desenhar, pois todo desenho sempre começa com um ponto ou riscos, que se transformam em linha curva, retas e círculos, que podem derivar para muitos desenhos. Ressaltei que se sabiam escrever, sabiam desenhar, pois as letras são pequenos desenhos. Recorri aos livros como exemplos de desenhos feitos com garatuja e diferentes traços de linhas e rabisco, do artista Peter Jenny (2014) – *Técnicas de desenho, Como desenhar de forma errada, Um olhar criativo, e Desenho Anatômico*.

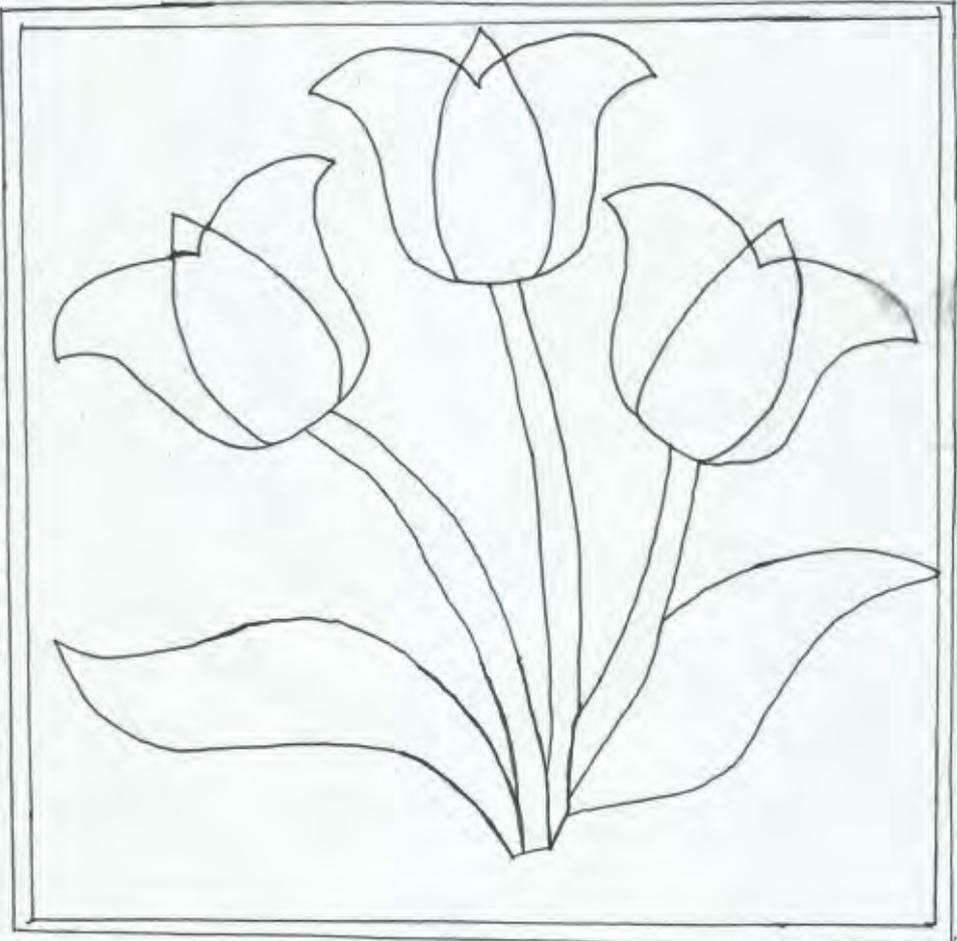
Depois desses exemplos, uma das participantes ainda comentou que não sabia o que iria fazer, e que não tinha ideia. Então expliquei que a Arte pode ser abstrata, figurativa, realista, etc. Assim ela ficou refletindo sobre essa nossa conversa e iniciou seu desenho. As participantes utilizaram o espaço do próprio Formulário 2 para desenhar com caneta nanquim, suas representações, conforme Figuras 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25.

Figura 18 - Jana. Representação do que é Arte. 2016

Universidade Estadual de Santa Catarina – UDESC - Centro de Artes - CEART
Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais – PPGAV - Orientadora: Profª. Dra. Jociete Lampert
Projeto do Mestrado: Proposições poéticas em arte/educação: reflexões sobre experiência, memória e imagem.
Mestrando em Ensino das Artes: José Carlos da Rocha – 2015/2016
Plantão de Atendimento Inicial – PAI - Centro de Interação Feminina – CIF - Florianópolis - SC
I Unidade – 1º Encontro. Data: 06-05-2016 - FORMULÁRIO - 2

PARTICIPANTE: *Jana Ruivo*

1ª PERGUNTA:
O que é arte? Para responder em linguagem visual (fazer um desenho ou representação do seu entendimento do que é arte).



Fonte: Própria.

Figura 19 - Tati. Representação do que é Arte. 2016



Fonte: Própria.

Figura 20 - Menor. Representação do que é Arte. 2016

Universidade Estadual de Santa Catarina – UDESC - Centro de Artes - CEART
Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais – PPGAV - Orientadora: Profª. Dra. Jociele Lampert
Projeto do Mestrado: Proposições poéticas em arte/educação: reflexões sobre experiência, memória e imagem.
Mestrando em Ensino das Artes: José Carlos da Rocha – 2015/2016
Plantão de Atendimento Inicial – PAI - Centro de Interação Feminine – CIE - Florianópolis - SC
I Unidade – 1º Encontro. Data: 06-05-2016 - FÓRMULÁRIO - 2

PARTICIPANTE: Ximén

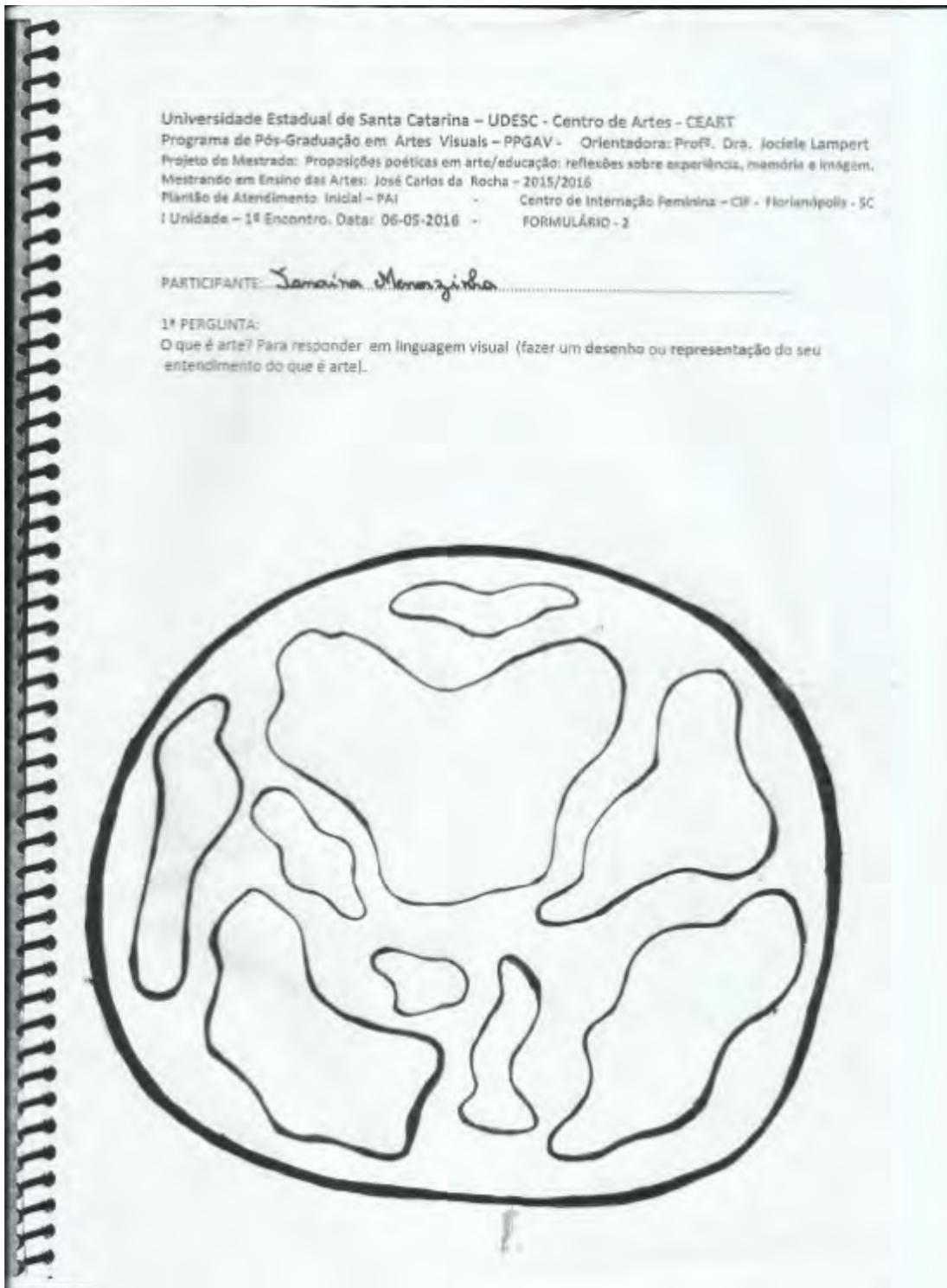
1ª PERGUNTA:
O que é arte? Para responder em linguagem visual (fazer um desenho ou representação do seu entendimento do que é arte).



The drawing depicts a simple, stylized figure with a round face, a wide smile, and small eyes. The character is wearing a hat with a grid or checkered pattern. They are dressed in a collared shirt and overalls with two buttons on the straps. A large, empty basket is hanging from the overalls. The entire drawing is composed of black outlines and cross-hatching for shading.

Fonte: Própria.

Figura 21 - Janaína. Representação do que é Arte. 2016



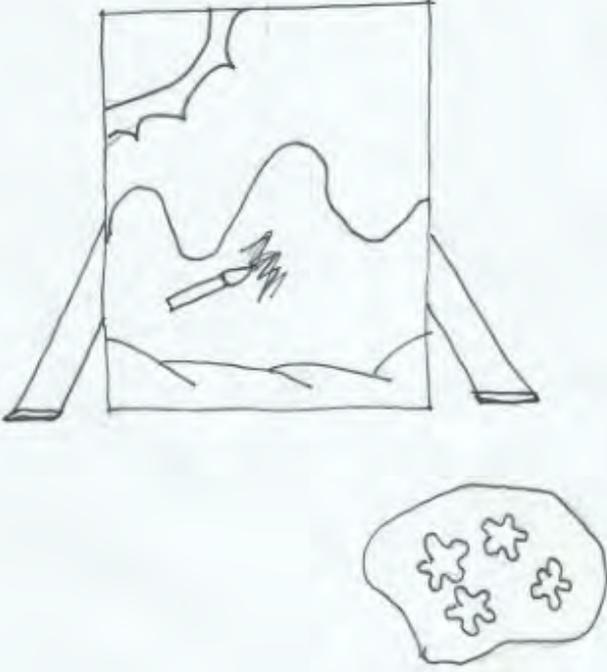
Fonte: Própria.

Figura 22 - Djessyh (Puka). Representação do que é Arte. 2016

Universidade Estadual de Santa Catarina – UDESC - Centro de Artes - CEART
Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais – PPGAV - Orientadora: Profª. Dra. Jociele Lampert
Projeto do Mestrado: Proposições poéticas em arte/educação: reflexões sobre experiência, memória e imagem.
Mestrando em Ensino das Artes: José Carlos da Rocha – 2015/2016
Plantão de Atendimento Inicial – PAI - Centro de Interação Feminina – CIF - Florianópolis - SC
| Unidade – 1º Encontro. Data: 06-05-2016 - FORMULÁRIO - 2

PARTICIPANTE: Djessyh

1ª PERGUNTA:
O que é arte? Para responder em linguagem visual (fazer um desenho ou representação do seu entendimento do que é arte).



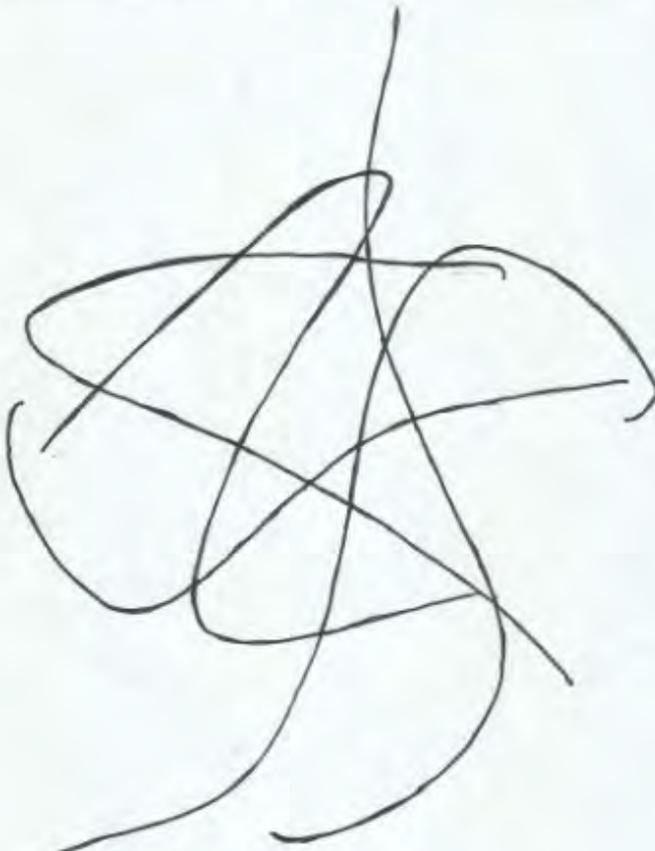
Fonte: Própria.

Figura 23 - Píkema. Representação do que é Arte. 2016

Universidade Estadual de Santa Catarina – UDESC – Centro de Artes - CEART
Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais – PPGAV - Orientadora: Profª. Dra. Jociele Lampert
Projeto de Mestrado: Proposições poéticas em arte/educação: reflexões sobre experiência, memória e imagem.
Mestrando em Ensino das Artes: José Carlos da Rocha – 2015/2016
Plantão de Atendimento Inicial – PAI - Centro de Integração Feminina – CIF - Florianópolis - SC
I Unidade – 1º Encontro. Data: 06-05-2016 - FORMULÁRIO - 2

PARTICIPANTE: Píkema

1ª PERGUNTA:
O que é arte? Para responder em linguagem visual (fazer um desenho ou representação do seu entendimento do que é arte).



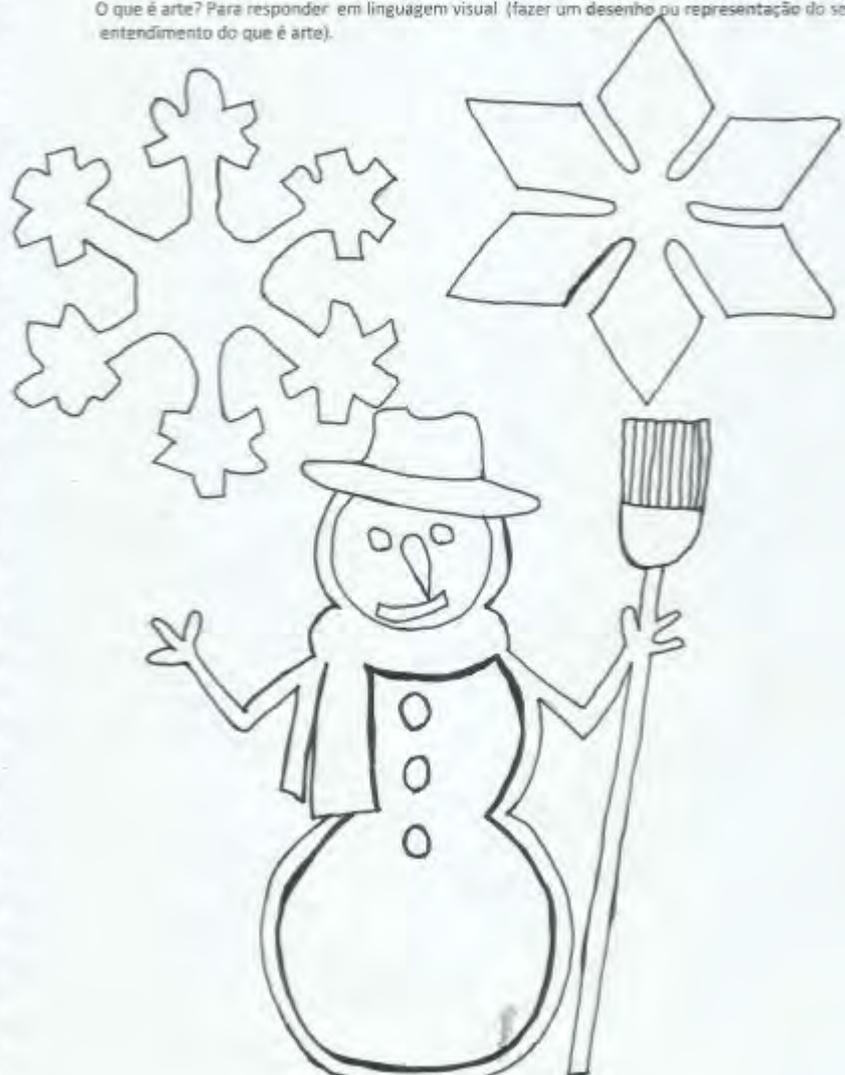
Fonte: Própria.

Figura 24 - Dudah. Representação do que é Arte. 2016

Universidade Estadual de Santa Catarina – UDESC - Centro de Artes - CEART
Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais – PPGAV - Orientadora: Profª. Dra. Jociele Lampert
Projeto do Mestrado: Proposições poéticas em arte/educação: reflexões sobre experiência, memória e imagem.
Mestrando em Ensino das Artes: José Carlos da Rocha - 2015/2016
Plantão de Atendimento Inicial – PAI - Centro de Interação Feminina – CIF – Florianópolis - SC
Unidade – 1º Encontro. Data: 06-05-2016 - FORMULÁRIO - 2

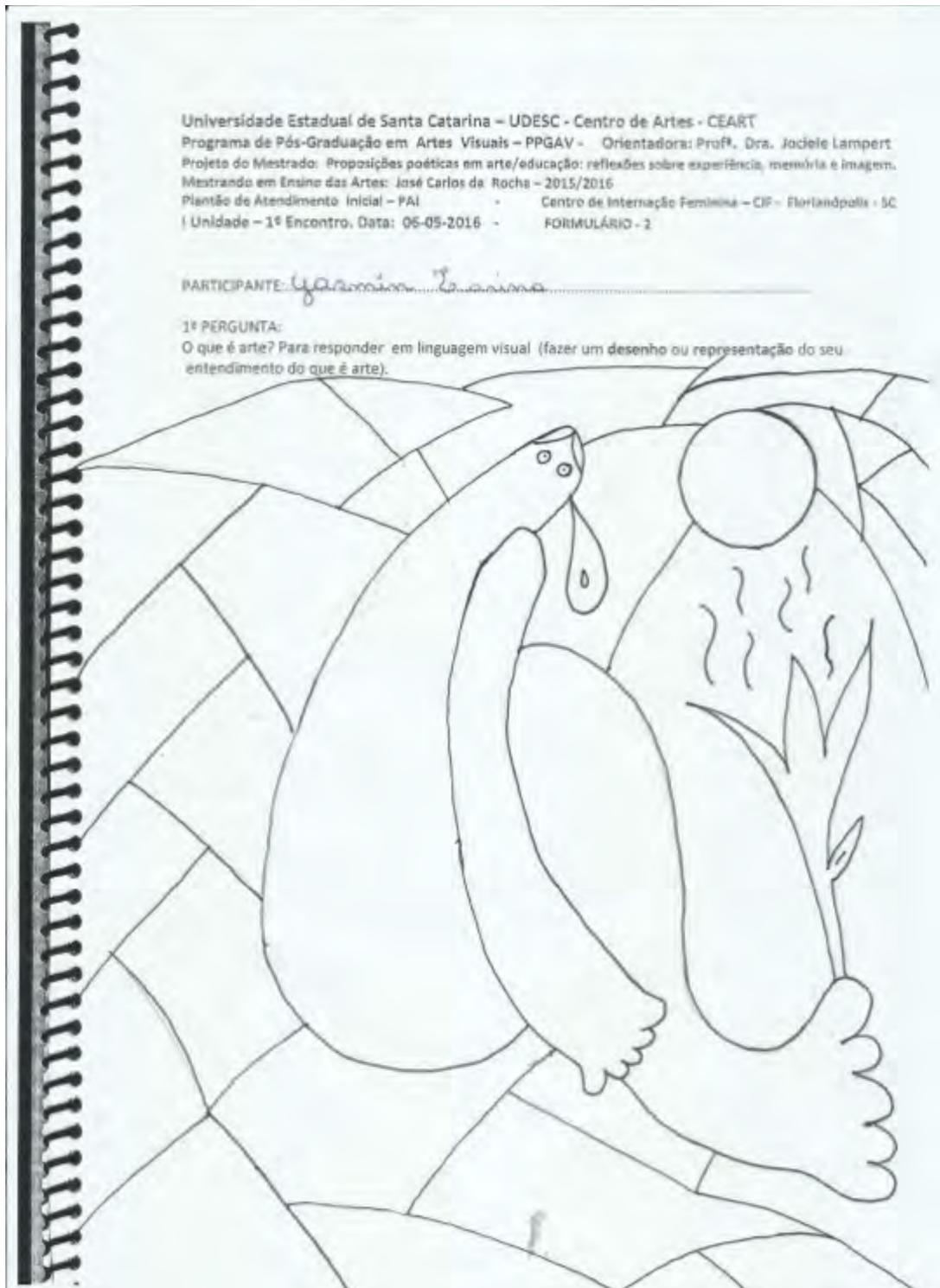
PARTICIPANTE: Dudah Beladama

1ª PERGUNTA:
O que é arte? Para responder em linguagem visual (fazer um desenho ou representação do seu entendimento do que é arte).



Fonte: Própria.

Figura 25 - Yasmin. Representação do que é Arte. 2016.



Fonte: Própria.

Observa-se que os desenhos realizados por linha representam seus entendimentos do que é Arte, identificando objetos, pinturas, quadros, flores, terra, animais e representação abstrata. Ressalta-se que uma das participantes desenhou Abaporu, de Tarsila do Amaral, como seu entendimento e representação. Outra participante desenhou um pinguim feliz, segundo seu depoimento, *mas ao mesmo tempo triste, pois o mundo é assim, uma máscara*. Assim, todas as participantes expressaram seus entendimentos do que é Arte, utilizando o processo artístico como meio de expressão. No final, as participantes observaram e refletiram sobre suas representações.

Após as participantes representarem por desenho o conceito de Arte, foi feita a mesma pergunta no Formulário 3, mas agora para responder em linguagem verbal o que é Arte. Alguns depoimentos citam que: *Arte é um tipo de personalidade que as pessoas expressam com desenhos, pinturas, esculturas, trabalhos [...] e que as pessoas expressam seus sentimentos em obras, quadros que acabam se tornando obras de Arte; expressão de sentimentos. Arte não é só um desenho, [...] é liberdade de expressão, rua, o mundão; obra da Tarsila do Amaral, Abaporu como referência, pelas cores; a Arte é uma coisa que não tem explicação [...] e está em nós em todos os momentos e lugares; a Arte para mim é tudo, um quadro, uma paisagem, uma escultura, até mesmo o por do sol*. Nota-se que consideram que Arte é desenhar natureza, pessoas e sua própria família, que a Arte é o mundo, que a Arte tem vários sentidos, que é uma expressão de sentimentos. Verifica-se que a noção do que é Arte, tanto na representação por meio de desenho, como pela linguagem escrita, está representada de diferentes formas no conceito das participantes. Uma pergunta que é impossível de ser respondida certamente por um conceito único mesmo pelos mais estudiosos. Mas a intenção da pergunta provoca uma reflexão e percepção de como a Arte está inserida no conhecimento das adolescentes. Como pesquisador e observador, verifica-se nesse resultado que há um bom entendimento do sentido do que é Arte.

Entre as participantes, cada qual se posicionou e mostrou seu desenho para apreciação das demais. Houve elogios mutuamente e grande satisfações sobre os resultados alcançados. A partir dessas trocas de comentários, foram apresentados alguns conceitos de Arte, com base nos teóricos e textos utilizados como suporte na presente pesquisa.

Unidade I - Segundo encontro. Foi proporcionado às participantes refletirem sobre a importância de objeto, desenho, fotografia, em suas lembranças e experiências, bem como identificar suas experiências singulares. As perguntas para serem respondidas nesse segundo encontro constam nos Formulários 4, 5 e 6. Após reflexão e comentários, foi solicitado às participantes responderem: O que é uma lembrança? Seria respondido por linguagem verbal no Formulário 4. Algumas respostas das

participantes consideram que *lembrança pra mim significa alguma coisa que vai ficar na memória para sempre, não apenas um objeto mas sim algum momento que tive e que passei com alguma pessoa e até mesmo sozinha*, outra associa o significado da lembrança como uma caixinha no nosso pensamento ou no nosso coração onde guardamos alguns acontecimentos de bom ou ruim que aconteceu na nossa vida. Outras relatam: *uma lembrança para mim significa uma enorme saudade. Lembrança da minha mãe que é falecida. Lembranças do meu tio e da minha família; lembrança é uma recordação e você lembrar momentos com algumas pessoas, família e amigos. E lembrar momentos que te fizeram feliz de algum modo. Mas assim como tem lembranças boas tem as lembranças ruins; lembrança significa uma emoção que a gente sente quando lembra de uma pessoa ou um momento da sua vida, às vezes até quando tem um objeto que nos faz lembrar de coisas que nos fez felizes*. Então, verifica-se, pelos depoimentos, que há um entendimento claro do conceito do que é uma lembrança da memória, a qual pode ser boa ou ruim, e que as pessoas e objetos têm uma participação significativa para as participantes. Foram abordados alguns exemplos do autor Bergson sobre o papel da memória para relembrar fatos ocorridos que ficaram registrados como experiências e lembranças.

Na sequência, foi solicitado às participantes citarem sinteticamente três lembranças significativas da sua memória no Formulário 5. Esses questionamentos e respostas são utilizados como suporte para outros desdobramentos, principalmente para as micropráticas. Sinteticamente, à 1.^a, 2.^a e 3.^a lembrança, as participantes responderam: *em uma festa eletrônica, que estava eu e o meu marido, ai ele me levou para fora da festa, e nós sentamos no capô do carro, ai ele começou a falar coisas lindas e disse que me amava; quando vi pela primeira vez minha filha e seus pezinhos, e quando eu ganhei o meu primeiro skate long e uma correntinha com um pingente de um anjinho protetor; quando conheci meu coroa, quando minha cachorra pulou no meu colo e me sujou toda, e quando vi minha sobrinha recém-nascida; lembrança que eu tenho é da minha mãe, e meu tio que foram embora e nunca mais vão voltar, sinto uma enorme saudade; quando meu irmão falou a primeira vez que me amava, e quando eu minha mãe, minha irmã, meu irmão e meu sobrinho fizemos uma roda no quarto e começamos a rezar; quando vi meu pai chorando na minha audiência, [...] que percebi que naquele momento do fundo do meu coração o meu pai; passei o revellion com minha prima ou quando conheci minha irmã*. Constata-se que essas lembranças envolvem principalmente familiares e alguns objetos e animais.

Busca-se, em Walter Benjamin, relação com essas recordações: “Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava” (1995, p. 239). Essas lembranças são desdobradas e contextualizadas, com objetivo para serem expressas nas micropráticas.

No formulário 6, é solicitado às participantes descreverem o contexto da primeira

lembrança despertada na memória, e relatarem o que aconteceu, como, onde, por que, e informarem os fatos importantes que envolveram o acontecimento, explicando que o contexto das lembranças compõe-se de etapas, como o início, meio e fim de uma experiência. Como são desdobramentos das lembranças sintetizadas descritas anteriormente, os contextos trazem e ampliam novas percepções e reflexões, como relata uma das participantes: *Reveillon, fomos para lá em uma turma de amigos e eu estava com ex-namorado, fizemos a nossa festa comemorando muito, aí deu uma confusão e [...] mas eu ela e meu ex e o amigo ficamos, continuamos lá vendo os fogos [...] eu e ela começamos a beber [...] e fiquei “malzona” e ela e meu ex me cuidaram [...] e tiramos muitas fotos [...] mas alguns meses depois ela faleceu.*

Já outra participante relata: *A minha primeira lembrança é de uma lembrança muito boa, o nascimento da minha filha Yasmin Vitória. Fui para o hospital com muita dor e contração, cheguei lá com a bolsa estourada, fiquei num quarto 4 dias quando não aguentava mais de dor fui para sala de parto, foi muito difícil e complicado, mas nasceu e foi a sensação mais maravilhosa do mundo. E quando as enfermeiras me deram ela no meu colo eu fiquei muito feliz para o rostinho dela. É perfeita e o pezinho dela é muito lindo e pequenininho [...]*

Outra participante, cita: *quando conheci meu pai numa lanchonete chamada Mister X [...]. É uma lembrança muito importante para mim porque eu nunca tive pai desde quando eu nasci porque minha mãe engravidou e fugiu, aí eu tive padrasto e eu conheci meu pai agora com 14 anos. Com relação à família, menciona uma das participantes: quando recebi a visita da minha mãe, foi um dia muito especial [...] foi o melhor dia desde que eu estou aqui. Ela chegou às 8:30 e foi para casa 17:30, eu sinto muita saudade dela e ainda sinto este vazio [...]. Já outra descreve: foi muito bom aquele momento, não tenho como explicar esse momento! Foi inesquecível, porque é a última e única lembrança que tenho do meu pai [...] eu estava deitada na cama, eu era pequena, aí meu pai sentado começou a balançar a cama para me fazer sorrir começou a fazer palhaçadas, aí me cantou um rap do racionais, mc's para eu me sentir bem, o nome era “Jesus chorou”. Não tenho palavras para descrever esse momento.*

Outro depoimento ressalta a importância da família, pois considera um erro ter desprezado a família, e que não está ao lado da família porque cometeu erro. E cita o ditado de que a gente só dá valor quando a gente perde, mas que não vai chorar e nem se humilhar, pois ainda tem tempo para recuperar e fazer as coisas certas. Enquanto outra participante considera a declaração do seu irmão, quando diz que “te amo” num momento de despedida.

Essas são as primeiras lembranças contextualizadas pelas participantes, e observa-se que os familiares têm um papel fundamental nessas recordações.

Observa-se o relato de uma adolescente de uma lembrança sobre um cachorro. Segundo Baudrillard, o cachorro “representa o mais belo animal doméstico e que

[os animais domésticos] constituem uma espécie intermediária entre os seres e os objetos” (2004, p.97). E segue considerando o papel que desempenham também os objetos que nos rodeiam, pois o objeto é o animal doméstico perfeito.

Como ilustração de lembranças e experiências singulares, foi apresentado o livro de artista *Museu dos Objetos* do próprio artista-pesquisador-professor Rocha (2013), cujos desenhos e textos representam e ilustram exemplos de objetos, viagens, experiências singulares e histórias da sua vida (Figura 26), além das referências dos artistas, escritores e filósofos, utilizados como suporte teórico na presente pesquisa.

Figura 26 - Apresentação dos trabalhos do artista-pesquisador. 2016

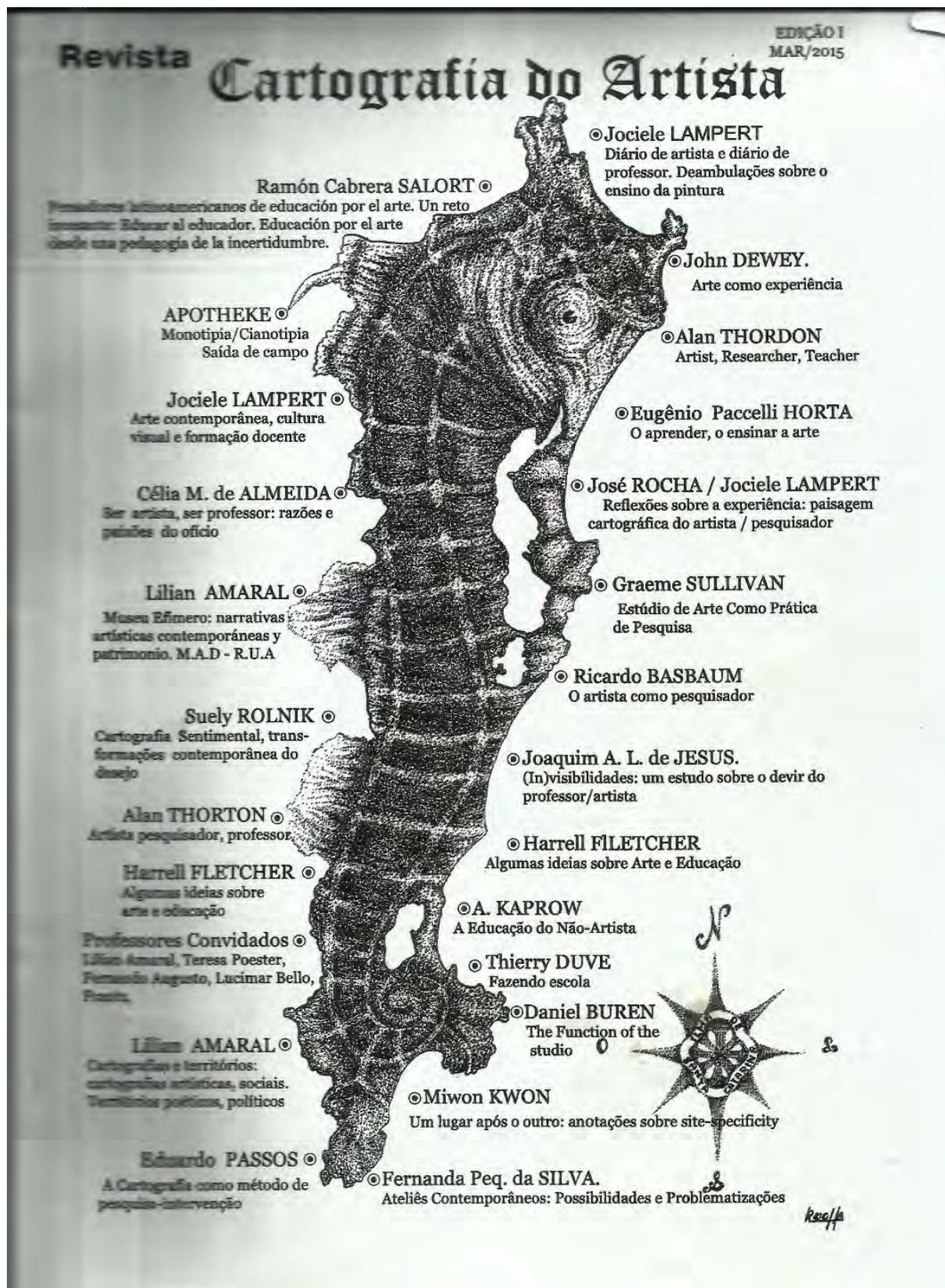


Este autor apresenta sua subjetividade com relação ao que pensa, sente e como trabalha em direção à subjetividade das participantes como forma de convite e demonstração de um caminho para encontrar novos sentidos e olhares sobre o mundo, e de serem elas mesmas, como encontro nas palavras de Paulo Freire (1996), quando nos traz a reflexão da aproximação necessária da teoria e da prática, na ação e na reflexão, como uma forma de sustentação de pensar o lugar que estamos convivendo.

No final desse segundo encontro, as participantes avaliaram entre si as suas lembranças e experiências contextualizadas.

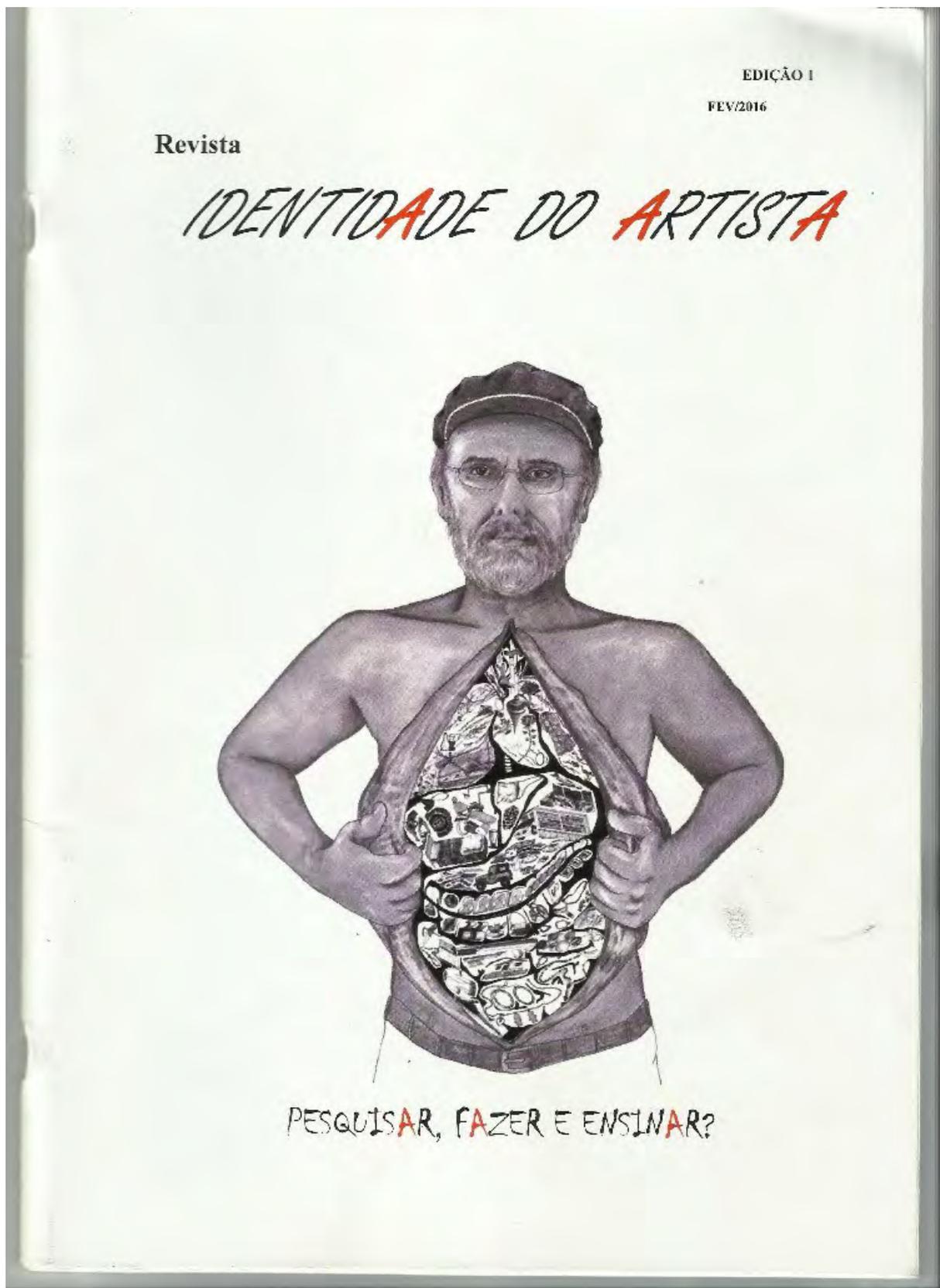
Unidade I - Terceiro encontro. Foi proporcionada uma reflexão dos objetos de nossas lembranças das experiências singulares, e por que selecionamos as imagens escolhidas, tendo como objetivo reconhecer a importância das lembranças dos objetos, textos, imagens, desenhos, pinturas e outros meios que nos fazem recordar momentos significativos em nossas vidas. Foi dirigida às participantes a pergunta: O que é monotipia a óleo? Foi explicada a técnica conforme Seção 2, item 2.3, que relata o estudo da técnica, bem como apresentados vários trabalhos originais de monotipia e cianotipia como exemplos ilustrados e realizados pelo artista-pesquisador-professor da presente pesquisa e os conteúdos das publicações: Revista Cartográfica do Artista e Revista Identidade do Artista (Figuras 27 e 28), que abordam trabalhos de monotipia e cianotipia do próprio mestrando pesquisador, editado na Disciplina Sobre ser professor Artista, do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UDESC. As duas revistas foram distribuídas às adolescentes, que leram atentamente e observaram as imagens dos trabalhos desenvolvidos por diversas técnicas.

Figura 27 - Revista Cartografia do Artista. José C. da Rocha. 2014



Fonte: Própria.

Figura 28 - Revista Identidade do Artista. José C. da Rocha - 2016



Fonte: Própria.

Foram distribuídas as imagens pesquisadas relacionadas ao contexto de suas lembranças e memórias, sendo impressas em folha de acetato para que as participantes escolhessem quais gostariam de vincular às suas experiências e memórias. As imagens foram selecionadas, e cada participante escolheu três imagens com que mais se identificavam com relação às suas memórias e experiências relatadas (Figura 29). Assim, cada adolescente ficou com as imagens para desdobramento nas técnicas artísticas apresentadas.

Figura 29 - Imagens selecionadas pelas participantes. 2016





Quanto aos objetos e figuras escolhidos, encontro em Baudrillard uma conceituação de objeto:

Também a forma ao circunscrever o objeto faz com que uma parcela da natureza fique incluída nele tal como no corpo humano: o objeto é fundamentalmente antropomórfico. O homem acha-se então ligado aos objetos ambientes pela mesma intimidade visceral (guardadas as devidas proporções) que aos órgãos do próprio corpo e a “característica” do objeto tende sempre virtualmente à recuperação desta substância por anexação oral e “assimilação”. (BAUDRILLARD, 2004, p. 34).

Foram distribuídas fotografias impressas em papel, realizadas no encontro anterior, para serem escolhidas pelas participantes (Figura 31).

Figura 30 - Fotografias selecionadas pelas participantes. 2016





Em seguida, foi solicitado que respondessem às perguntas dos Formulários 7 e 8 para descreverem o contexto verbal das suas segunda e terceira lembranças, respectivamente. A segunda lembrança contextualizada pelas participantes, conforme solicitado no Formulário 7, relata: sobre o namorado; de estar privada de liberdade; de ter reencontrado sua mãe, argumentando que ela se separou do seu pai e foi embora, e que ela ficou morando com ele quando tinha apenas onze anos, e que ficará para sempre na sua memória esse dia inesquecível; o seu aniversário de quinze anos; que ganhou uma correntinha com um pingente de um anjinho protetor, banhado a ouro, e que esse dia considera um dos mais felizes da sua vida, e que recebeu muitos conselhos de sua mãe, uma festa de aniversário, que sua mãe faleceu e que ficaram só as lembranças e a saudade; a chegada de seu sobrinho e sobrinha da maternidade; que não conseguiu conter as lágrimas de alegria ao ver aquela “pessoinha” linda que já fazia parte da família, e que foi a melhor sensação do mundo quando o pegou pela primeira vez no colo; que a sobrinha foi o melhor presente que Deus lhe deu e que a ama muito; minuciosamente o encontro dela com sua cachorra, que, ao vê-la, sujou-a toda, ficou lambendo-a no rosto, depois pulou em seu colo e que ficou muito feliz porque estava morrendo de saudade dela e ela dela também, descreve suas características de cor, dos filhotes que morreram, das brincadeiras, das comidas, que está morrendo de saudade da sua cachorra; que relembra de ter ido a uma balada eletrônica com seu marido e amigos, que estavam todos felizes naquela noite de final de ano. E que seu marido a levou para fora da festa, sentou com ela no capô do carro e começou a se declarar para ela, dizendo lindas palavras e que iria ficar com ela até o fim, prometeu cuidá-la e falou que a amava, e que essa foi uma das melhores lembranças que ela tem do grande amor da sua vida. Assim, são contextualizadas a segunda lembrança das participantes, as quais serão consideradas como dispositivos no desenvolvimento dos trabalhos das micropráticas.

Na última e terceira lembrança relatada pelas participantes, conforme solicitado no Formulário 8, observam-se as seguintes situações: Uma das participantes ressalta a importância da família e promete consertar seus erros, e que amou as aulas porque fez em lembrar bastante sua família e sua vida. Outra participante relembra seu pai chorando e dizendo que tudo ia passar e que era questão de tempo, e agradece pelas aulas. Enquanto outra cita:

[...] foi quando o meu irmão mais velho engolia droga e foi pro hospital e os médicos falaram que ele ia morrer, então eu, minha mãe, meu outro irmão, minha irmã, e meu sobrinho fizemos uma roda no quarto e começamos a orar, depois de 4 dias minha mãe foi no hospital pra saber como ele estava, os médicos falaram que ele tinha saído de coma. Deus deu mais uma chance para meu irmão. Não tenho nem palavras pra escrever aqui nessa folha o quanto Deus foi bom com a minha família. (Participante Pérola).

Outra menciona, como sua terceira lembrança, o recebimento do presente de um *skate long*, dado por seu irmão, que a deixou muito feliz. Relata que, ao ver o irmão andar, isso fez com que ela gostasse também, e pediu para ele ensinar, e o *skate* do irmão para aprender, o qual sempre dizia não. Até que um dia ele apareceu com uma caixa embrulhada com papel de presente e uma sacolinha plástica, e ela pensou que era para a moto dele; quando ele sentou ao lado dela e falou todo carinhoso que tinha um presente para ela, e quando ela abriu o presente era um *skate long* com lixa preta com rodas rosa. Ela ficou muito agradecida, abraçou o irmão e ficou muito feliz. Algumas participantes descrevem seus familiares, como uma sobrinha recém-nascida, a cor dos olhos azul, sua roupa, sua coberta e brinquedos, ou quando vê sua irmã pela primeira vez e sua sobrinha, descrevendo suas feições e com quem é parecida, ou quando recebe sua mãe e relaciona detalhes de sua roupa e da conversa que teve, dos juramentos de mudanças, das ótimas conversas, de matar suas saudades e refletir muito o passado.

Assim, os contextos das três lembranças foram descritos pelas participantes, os quais agora são utilizados como dispositivos para elaborar os trabalhos artísticos das micropráticas. Como se trata de uma Instituição onde as participantes estão confinadas, e com isso limita-se à pesquisa de imagens que se conectam com essas lembranças e experiências contextualizadas, optou-se em disponibilizar imagens representativas escolhidas e selecionadas pelas participantes. Para superar essas restrições, foi feita uma pesquisa na internet pelo artista-pesquisador-professor de várias imagens e situações que tangenciam as lembranças descritas pelas participantes. Ficou para o encontro seguinte a escolha das imagens para serem utilizadas como chaves dessas lembranças nos trabalhos de monotipia, cianotipia, desenho/pintura. Também foi proporcionada às participantes a opção de desenhar suas próprias imagens com base nas fotografias realizadas pelo artista-pesquisador-professor desta pesquisa. Nesse sentido, foi feita fotografia das menores, com a permissão da pedagoga, desde que não aparecesse o rosto. Foram fotografados a mão, o cabelo, a boca, o olho, a tatuagem, enfim, partes de seus corpos de que mais gostavam e que outras pessoas elogiavam (Figura 31).



Figura 31 - Imagens das participantes. Fotografia. 2016



Fonte: Própria.

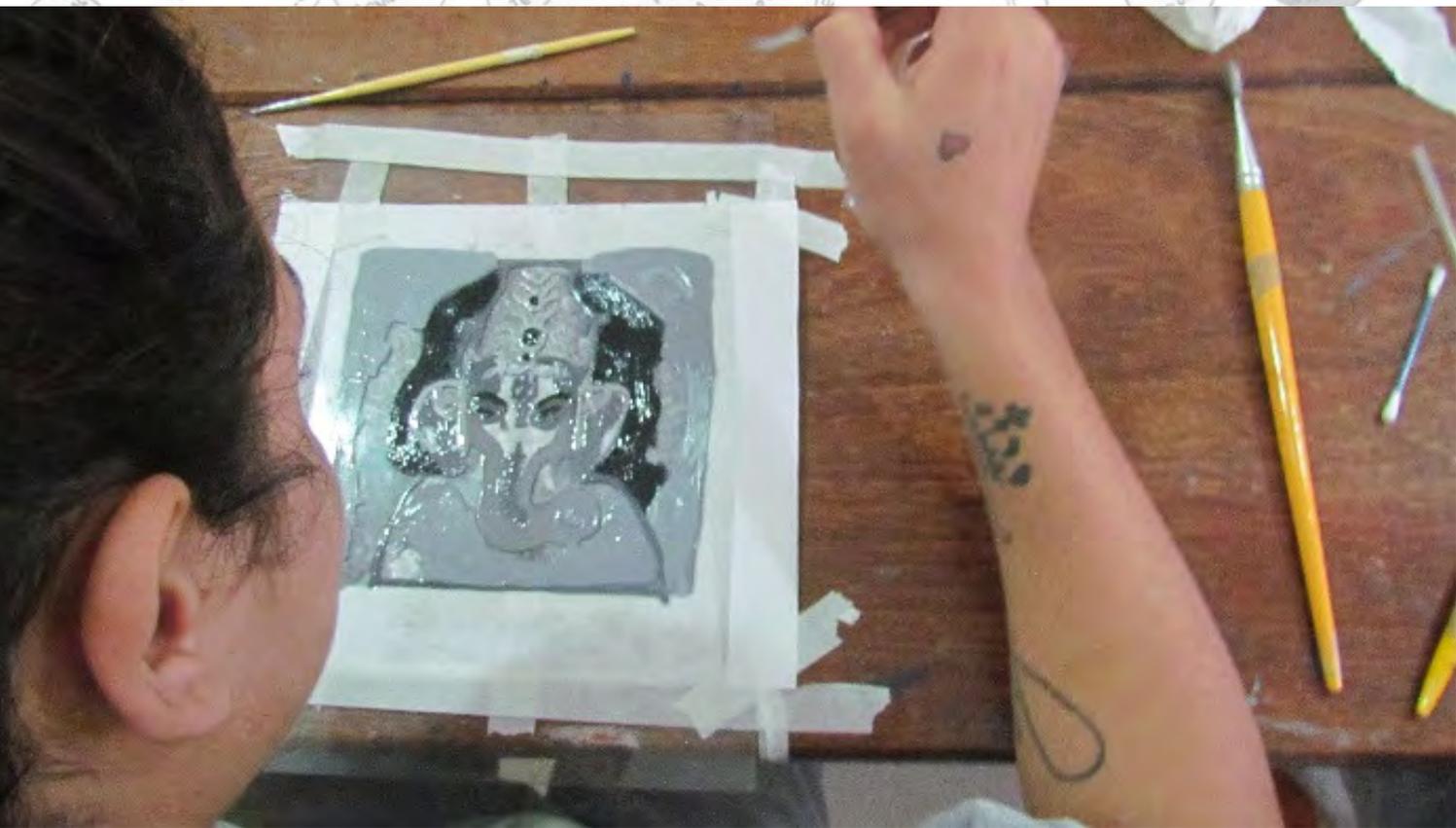
Todas as participantes aderiram as duas opções para escolherem imagens pesquisadas da internet e suas próprias imagens fotografadas, para utilização nas técnicas propostas das micropráticas.

Unidade I - Quarto encontro. Iniciou-se com a proposta de conhecer as lembranças dos outros que lembram ou tangenciaram as suas, após apresentação e contextualização. A partir das escolhas das imagens pelas participantes, foi proposto, com base em suas lembranças, construir a própria linguagem visual, utilizando o processo artístico. Então, utiliza-se a técnica da monotipia a óleo, conforme explicado no encontro anterior, e mostrados vários exemplos do próprio artista-pesquisador da presente pesquisa. Foram explicados os procedimentos que deveriam ser observados, como misturar a tinta a óleo, as cores resultantes, os cuidados com a roupa, a limpeza dos pincéis, a quantidade de óleo de linhaça, diluentes, e distribuídos os *kits* de pintura individual, composto de tinta a óleo preta, branca e tons de cinzas. Foi distribuído às participantes: dois pincéis, suporte de acrílico, folha de acetato já impressa com as imagens escolhidas, fita adesiva. O material de suporte, folha, baren, foram disponibilizados para impressão folhas para três cópias, proposto no desenvolvimento do processo artístico. Embora muitas participantes nunca tenham trabalhado com tinta óleo, participaram ativamente do desenvolvimento dos exercícios propostos. Na Figura 32, verifica-se o desenvolvimento do processo da monotipia, pelas participantes, e seus resultados.



Figura 32 - Processo da microprática de monotipia a óleo. 2016





Após o desenvolvimento da técnica de monotipia, foi distribuído o Formulário 9, solicitando-se às participantes responderem a três perguntas, sendo a primeira para descrever os resultados alcançados com a técnica de monotipia. Os resultados citados foram: *eu gostei, nunca tinha feito isso, acho bom aprender coisas novas e gosto das aulas cada dia aprendo coisas novas; não achei difícil, achei bem legal; bom no início não gostei muito, mas o professor foi explicando e aí o resultado saiu muito bom, eu gostei; no começo eu achei meio difícil, mas depois eu gostei e achei divertido, me empolguei bastante; eu tive resultados ótimos, gostei muito do que fiz. Ficou ótimo, um trabalho que tive vontade de fazer. Eu gosto muito de pintar, mas às vezes não fico com vontade, mas naquele dia, fui criativa e gostei do resultado do meu trabalho; eu gostei de desenhar porque representou a família e eu estou com muitas saudades da minha família.* Observa-se, pelas respostas, que o resultado alcançado pelas participantes foi muito bom e representativo, tanto no fazer, como ao poder relembrar, principalmente, a família.

Na segunda pergunta, é solicitado responder o que representa a imagem agora ressignificada por um processo artístico. Responderam: *pra mim representa uma Arte feita por mim, das minhas lembranças boas que estarão sempre guardadas em minha memória; me senti não muito bem, pois sinto muita falta e saudade da minha mãe, muita falta mesmo, e a correntinha que eu ganhei da minha mãe que já faleceu e também sinto muita, muita falta dela; representa minhas melhores lembranças, com a minha família; o significado das minhas imagens foi mais a minha família, foi o amor por eles; tem um significado muito importante. Ganesha é um deus do hinduísmo, de significado de inteligência, e eu a primeira vez que eu vi ele foi em um momento especial e em uma cartela de doce; na minha opinião representa eu e minha mãe, depois Jesus Cristo; a imagem representa uma mãe e uma filha.* Nesses depoimentos, verifica-se que as lembranças boas e ruins fazem parte das recordações e experiências das participantes, observando-se que as imagens escolhidas expressam esses momentos do passado e que são revividos no presente, tudo isso proporcionado pelo processo artístico.

Na última pergunta, se a imagem propicia conexões com suas memórias, responderam as participantes: *sim, me lembrei da minha cachorra e me bateu muitas saudades dela. E também bateu altas saudades do meu pai, porque recém tinha conhecido ele e vim para aqui; sim, liga muito as minhas lembranças; sim; sim, e muito; meu sobrinho quando era bebê, meu todo, né. E minha prima que, por mais que não esteja mais aqui, eu amo ela; sim, cada vez que eu vejo ela (Ganesha) eu volto ao passado, e eu relembro das loucuras e dos bons momentos, das festas e dos amigos; sim, senti uma imensa saudade da minha mãe, da noite de quando eu ia à igreja com a minha família; sim, representa eu e minha mãe porque eu não vejo ela já faz 15 anos.* Consta-se que as conexões são estabelecidas entre a imagem e

os momentos lembrados pelas participantes, pois a afirmativa “sim” aparece em todas as respostas. Isso leva a refletir que os trabalhos realizados propiciam essas conexões.

Unidade II – Primeiro encontro. Foram planejados quatro encontros nessa segunda etapa, que corresponde ao segundo mês, dando prosseguimento ao desenvolvimento das micropráticas relacionadas com a técnica de cianotipia, desenho/pintura e da fotografia. Para o exercício das micropráticas, são utilizadas as imagens escolhidas anteriormente das lembranças e experiências das participantes. Como motivação, foi questionado: Por que selecionamos as imagens? Podemos reviver nossas lembranças e experiências singulares? Muitas responderam que selecionaram as imagens que mais se aproximavam das suas lembranças e experiências, outras gostariam de ter suas próprias imagens, mas não estavam com elas, com exceção de uma participante que tinha uma fotografia de sua filha, e que usaria nos seus trabalhos. O objetivo do encontro foi construir a própria linguagem visual dessas lembranças, por meio do processo artístico, utilizando a técnica de cianotipia. Foi questionado às participantes: O que é cianotipia? Nenhuma conhecia a técnica. Foi explicada a origem da técnica e sua utilização, que é um método de cópia fotográfica baseado na propriedade que têm certos sais de ferro que, sob a ação da luz, transformam-se em azul da Prússia. Como exemplo, foram apresentados inúmeros trabalhos desenvolvidos pelo pesquisador da presente pesquisa, que demonstra passo a passo a utilização da técnica de cianotipia, na Seção 2, subseção 2. 3 – Estúdio de Pintura Apotheke, conforme publicado na revista *Identidade do Artista*, elaborada pelo artista-pesquisador do presente projeto, na Disciplina Sobre ser professor Artista, do mestrado em Arte Visuais da UDESC, a qual foi disponibilizada para leitura das participantes.

Foi explicado às participantes todo o processo da técnica de cianotipia, sendo ressaltados os cuidados que a técnica exige. Que a luz solar é o protagonista da técnica, e que sem o sol não teremos um resultado esperado. Também foi explicado que poderia ser feito sem sol, por lâmpadas negras, mas que não tínhamos esse equipamento.

As participantes receberam um envelope com folhas preparadas com a solução química, já prontas para impressão do sol e as imagens escolhidas em folha de acetato para fazer a transferência da imagem. Foram montados os *kits* para colocar ao sol. Aguardamos o tempo necessário para retirar do sol e lavar os papéis para impressão nas bacias de plástico com água. O processo foi repetido com outras imagens, que foram colocadas para secar no varal montado (Figura 33).

Figura 33 - Processo dos trabalhos de cianotipia das participantes. 2016





Fonte: Própria.



Foi a primeira vez que conheceram e utilizaram a técnica de cianotipia, e todas participaram ativamente do processo. Muitas das cuidadoras socioeducadoras também presenciaram os trabalhos das participantes expostos ao sol, pois como a quadra estava ocupada pelos menores masculinos, fomos para a parte externa do prédio em busca dos raios do sol.

No final do encontro, foi solicitado o preenchimento do questionário do Formulário 10. As participantes relataram seus depoimentos com relação às perguntas sobre os resultados alcançados com a técnica de cianotipia. Assim se posicionaram: *os meus resultados são lindos gostei muito do Jesus Cristo, de eu mesma tá fazendo o desenho. Bom, ficou top. Adorei; foi bem legal o desenho; gostei, achei bem legal; eu gostei bastante, nunca tinha visto isso e é bem mais legal porque é com os desenhos que nós fazemos; sim, eu gostei. Porque eu usei desenhos que vêm das minhas lembranças do passado. E foi bom porque usei desenhos das coisas de que eu mais gosto e lembranças que me marcaram; eu gostei da aula de hoje porque nós refizemos sobre a placa o trabalho bem caprichado bem gostoso de fazer lembrar bastante a minha família.* Uma parte do processo de utilização da técnica de cianotipia exige cuidados sobre a toxidade e manuseio do produto, bem como a aplicação sobre as folhas de impressão. A emulsão foi preparada fora dos encontros pelo artista-pesquisador desse projeto, de modo que a técnica utilizada não ofereceu risco às participantes. Constata-se que essa técnica apresentou resultados bem surpreendentes às menores em conflito com a lei.

Na segunda pergunta, foi questionado às participantes o que representa essa imagem agora ressignificada por essa técnica de cianotipia. Elas responderam: *me fizeram enxergar e lembrar tudo o que vivi. Foi ótimo. Adorei; representa um momento legal, o senhor traz muitas coisas legais pra gente fazer; representa uma lembrança de quando minha filha nasceu aquele pezinho pequeno dela, e a tatoo em homenagem para ela com o seu nome e com uma coroa de princesa [...]; pra mim representa minhas lembranças, da minha cachorra, do meu pai, da minha mãe, me lembro dos meus momentos bons que eu tive com minha família e com meus amigos [...]; me deixou muito emocionada, adorei, achei muito legal. As imagens ficaram lindas; o processo artístico representa alegria para aquelas pessoas que nunca fizeram esses trabalhos e relembra bastante minha mãe, meu pai e especialmente Deus.*

Observa-se que as imagens escolhidas utilizadas nesse processo artístico, mesmo sendo reconfiguradas por outro processo artístico, ativam as lembranças e experiências das participantes. Segundo Jean Baudrillard (2004, p. 54), “O homem não é livre quanto aos seus objetos, os objetos não são livres quanto ao homem”. Verifica-se uma sobrevivência simbólica nos objetos que respondem a um propósito de lembrança, segundo Baudrillard, e podem ter um duplo sentido, como moderno e antigo. São signos que são retomados no objeto, como o descrito pela imagem

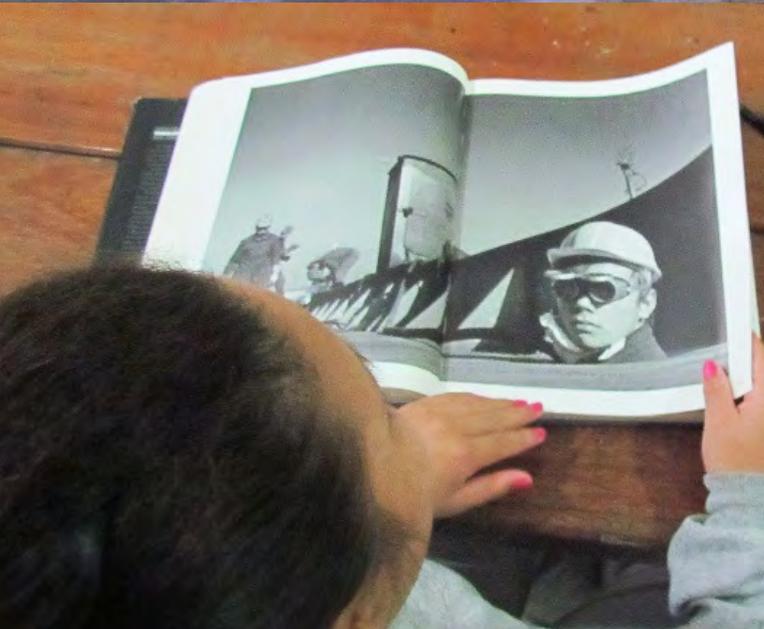
escolhida, por exemplo, de um *long* (*skate*), ou de uma correntinha, descritos por uma adolescente.

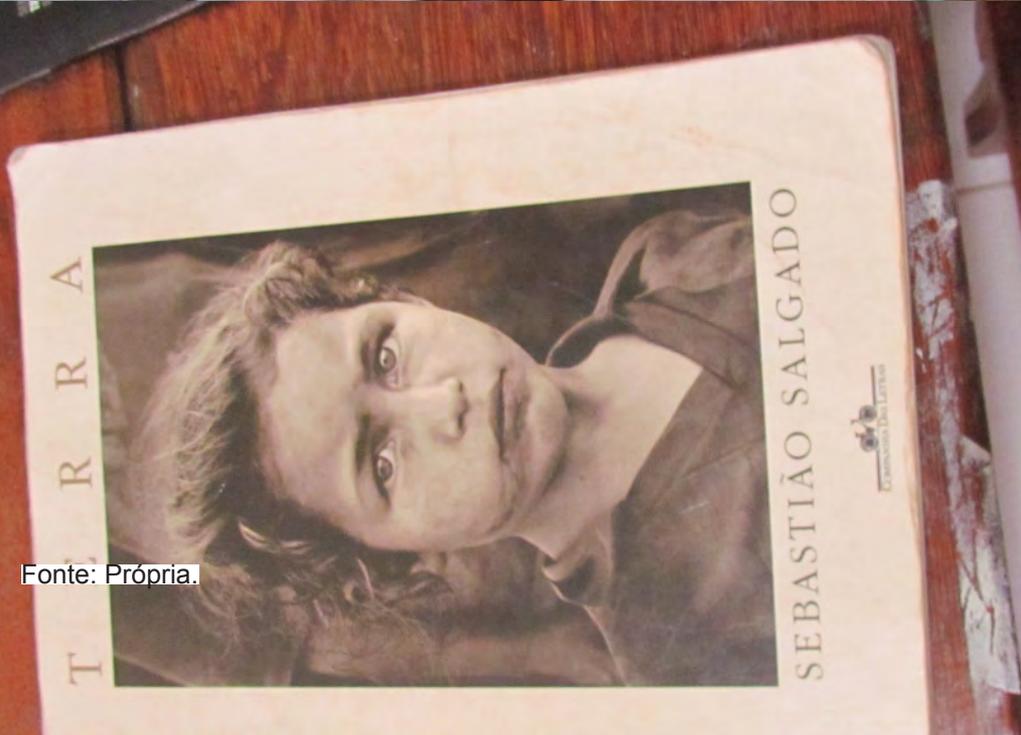
Na terceira pergunta, é solicitado responder se o trabalho desenvolvido com as imagens propicia conexões com suas memórias. As participantes responderam: *sim, quando eu olho pra elas eu lembro várias coisas; sim, tenho muitas lembranças, lembranças que nunca vou esquecer. Coisa lindas que tenho que fiz. Coisas que vão ficar na minha memória para sempre; sim; me lembro da minha família, de todo mundo, tenho muitas saudades do mundão e me lembro muito da minha cachorra, eu amo muito ela; sim, principalmente aquela do capô do carro, me traz boas memórias. Me trouxe grandes emoções e saudades dos tempos dos velhos momentos; esse desenho refletiu bastante na minha memória por causa da minha família e meus amigos.*

Assim relataram suas conexões entre imagem e reminiscência. Ressalta-se que as imagens escolhidas retratam esses momentos especiais, cujas experiências singulares são retidas de uma forma muito especial em suas memórias. No final desse encontro, foram fotografadas todas as participantes de maneira que cada uma escolhesse com quem gostaria de ser fotografada (colega, cuidadora socioeducadora, ou sozinha). Como há restrições de fotografar as menores, foi solicitado à pedagoga Flávia autorização para fotografá-las de uma forma que não compromettesse suas imagens, pois as fotografias seriam unicamente para fins da presente pesquisa para desenho em linha. Isso foi autorizado.

Unidade II – Segundo encontro. Foi feita a pergunta sobre o tema “As fotografias e nossas lembranças”. Por que selecionamos as imagens que escolhemos? O objetivo proposto foi de perceber e refletir sobre os efeitos de sentido proporcionados na interação com as fotografias e reconhecer a fotografia como um registro de memória pessoal e coletiva. Foi relatada a história da fotografia, seu surgimento e evolução até os dias de hoje, e ressaltada sua relação com a Arte. Nesse sentido, foram apresentados vários livros de fotografia do Sebastião Salgado (Figura 34) e de outros autores, proporcionando refletir sobre as questões: Quem são as pessoas retratadas? Qual a diferença de tempo entre os retratos selecionados? Qual a importância da fotografia? Todas as participantes manusearam e observaram as fotos dos livros, alternando entre si, comentando e emitindo opinião e observações.

Figura 34 - Participantes observando as fotografias e seus contextos. 2016.





Fonte: Própria.

Após, foram distribuídas as fotografias das próprias participantes impressas em papel, feitas anteriormente para que escolhessem e que gostariam de desenhar no encontro seguinte.

Foi solicitado às participantes responderem às perguntas do Formulário 11, que aborda o tema apresentado no encontro. À primeira pergunta: Quem são as pessoas retratadas?, assim responderam: *agente socioeducativa e Menor Cachoerinha, Pikena, Pérola, Menorzinha; colega Duda Boladona; a minha amiga Pérola e minha filha linda; pessoas da minha família e amigas; eu tirei foto com a Puka*. Nesse dia, faltaram duas participantes por motivo de saúde. Na segunda pergunta, qual a diferença de tempo entre os retratos selecionados?, foram abordados vários aspectos, um sobre os livros pesquisados de fotografia do Sebastião Salgado, outros sobre as fotografias realizadas entre as participantes, e outros de fotografia própria. Assim responderam: *Sebastião Salgado em 2010, nossas fotografia de 6 dias; A diferença que vi é que tem muitas crianças que não tem família, muitas crianças tristes, muitas crianças que passam fome na vida; é de três meses atrás (retrato da filha); As minhas fotos são algumas velhas e uma que eu tirei na hora; as fotos foram tiradas há algumas semanas*.

À terceira pergunta é: Qual é a importância da fotografia?, responderam as participantes: *a percepção, o momento, o dia, a hora, o motivo e principalmente a lembrança; a fotografia é importante para mim porque o registro é importante e ela também marca bastante em uma memória; a importância é registrar um momento bom que vai ficar na memória e na fotografia; a importância da foto é registrar um momento ou uma lembrança; Sei lá, talvez uma lembrança*.

E a última pergunta questiona se sempre houve a fotografia. Responderam: *a primeira fotografia foi feita em 1826; a primeira fotografia em 1826; sim, preto e branco; Não; sim em preto e branco; Não, nós tiramos fotos*. Observa-se que a noção da importância da fotografia está relacionada com um momento inesquecível que é registrado, e que ficam também registrados na memória esses instantes singulares. E a maioria das participantes tem uma noção do tempo do surgimento da fotografia e sua relação com a Arte. O fato de fotografarem junto com suas colegas e cuidadoras comprova que há interesse em registrar essas amizades, mas não podem ser utilizadas por restrições das normas internas da Instituição, só as que não são possíveis de identificação. Mas consideram que a fotografia é importante para registrar esses momentos (Figura 35).

Figura 35 - Participantes como registro de amizade. 2016



Fonte: Própria.

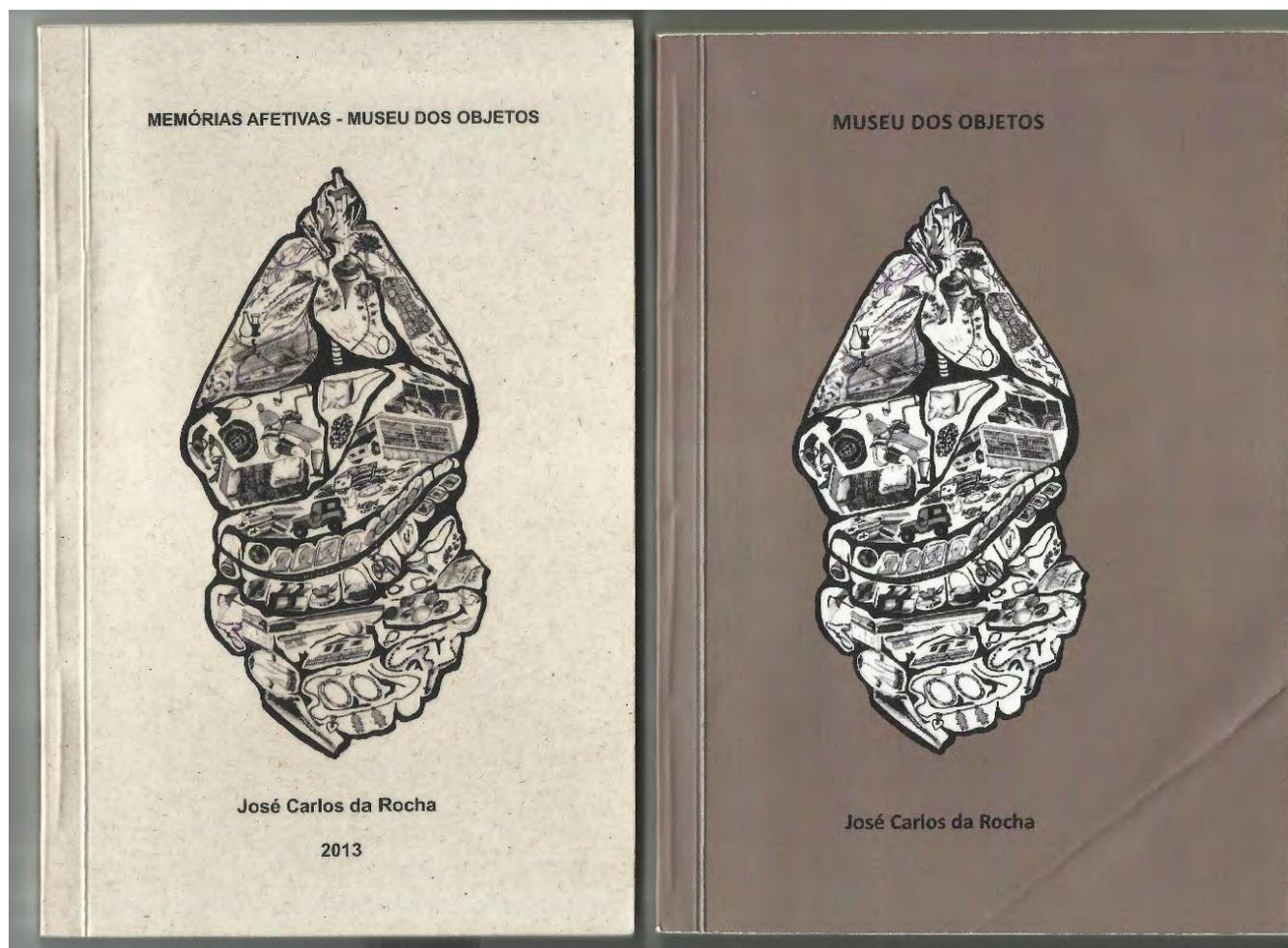
O Formulário 12 propõe às participantes a identificarem os elementos constitutivos (cor, linha, textura, etc.), relacionando com outros elementos significantes (sentidos) que estão nas fotografias escolhidas, tanto dos livros do fotógrafo Sebastião Salgado, como das fotografias que foram feitas ou trazidas. Responderam assim: *na foto que tenho de importante era eu claro né, to brincando o que eu achei importante no que eu vi no livro é que como eu falei né tinha bastante criança que eram bem magrinhas que não tinha família, que passaram fome, que trabalham mesmo sendo crianças então eu queria pedir para Deus em primeiro lugar ajudar essas crianças para que elas cresçam com bastante saúde, bastante paz, e bastante alegria; em alguns livros vimos muitas fotos em preto e branco e outras coloridas. As fotos que tiramos com o professor também foram em preto e branco. As que foram feitas com carbono (foto que serviu para desenho em linha) das imagens também ficaram muito bonitas. Eu gosto muito de tirar fotos; eu vi algumas coloridas e outras não. Mas as que trabalhei era preta e branca. As fotos que o professor tirou era preta e branca e eu gostei muito das fotos. As fotos do livro eram preta e branca e eu fiquei triste por causa do sofrimento das crianças; nós fizemos trabalhos em preto e branco. Trabalhamos com tintas, foto, carbono, preenchemos formulários, fizemos algumas aulas em que só conversamos, vimos algumas técnicas, como monotipia, cianotipia. Foram trabalhos adoráveis, adorei fazer o que fizemos. Os desenhos foram bons também, fizeram minhas lembranças voltarem à tona como se fossem minutos; algumas eram coloridas e outras preto e branco, mas a maioria era preto e branco. As imagens minhas tiradas eram preto e branco e não tinha nenhuma colorida de que eu me lembre.*

Os relatos das participantes trazem vários elementos significantes e alguns constitutivos. Nota-se que as participantes relatam suas percepções de sofrimento em relação às imagens contidas nos livros de fotografias de Sebastião Salgado, disponibilizados para leitura no encontro. Também verbalmente comentaram sobre algumas imagens que as sensibilizaram e as comoveram, como as crianças que passam fome e que não têm o que comer. Relacionaram com suas vidas, que, embora privadas de liberdade, não passavam fome. Observa-se, pelos depoimentos, que as cores em preto e branco foram um dos elementos constitutivos observados, e que as imagens das crianças desnutridas pela fome foram os elementos significantes.

Unidade II – Terceiro encontro. Foi proposto às participantes identificarem uma imagem que conte algo de si, sob a forma de objeto, desenho, fotografia, pintura, de modo que relembrem momentos especiais do passado que ficaram na memória. Houve troca de experiência. A questão familiar foi o assunto comentado com relação às imagens mencionadas e identificadas. Foi explicado que a proposta é o desenho em linhas das imagens escolhidas. Foi comentado sobre o conceito de desenho em linha pura, e sua aplicação no exercício proposto. Como exemplo, foi apresentado um trabalho artístico feito com desenho em linha pura do artista-pesquisador, O Livro de

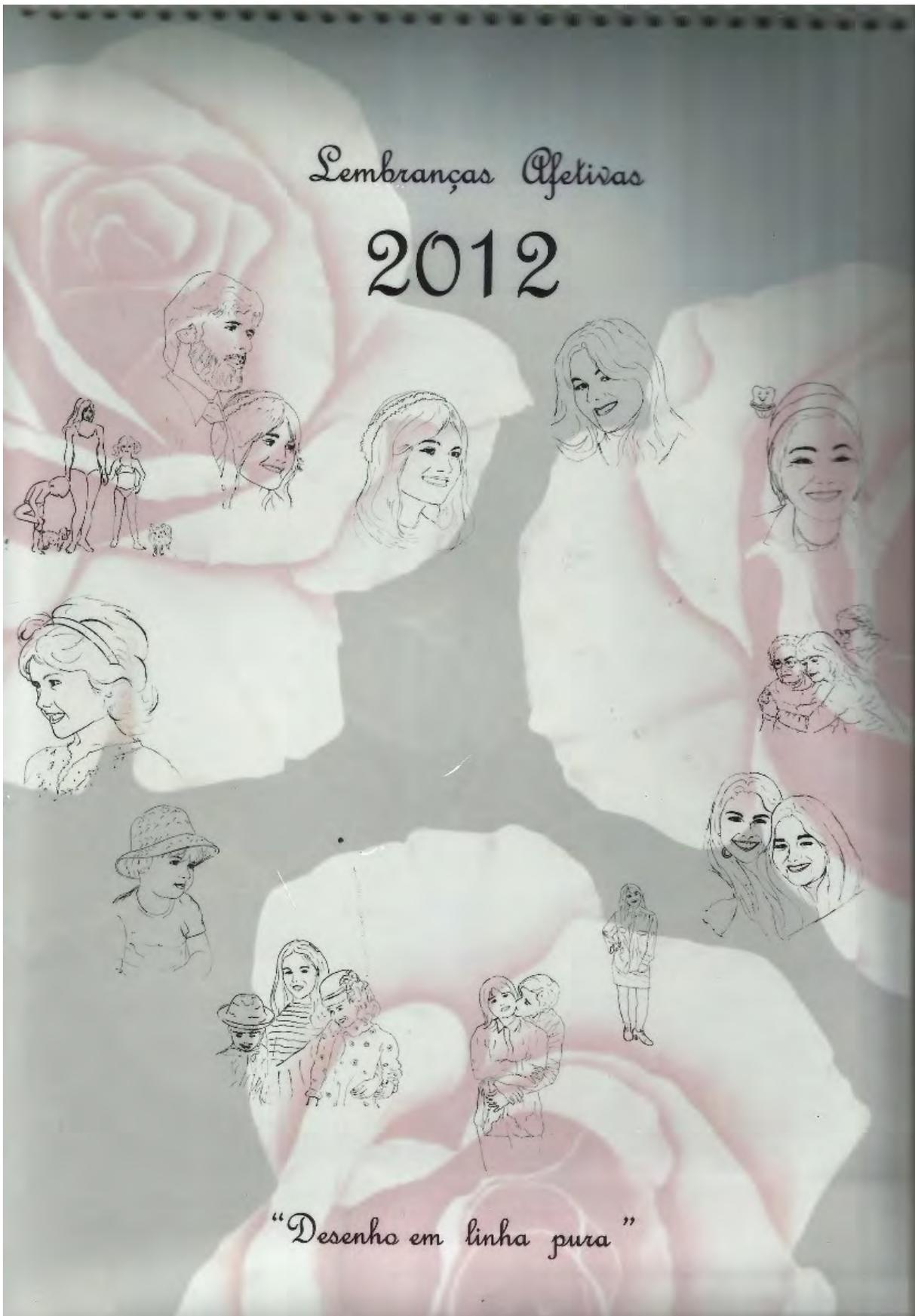
Artista, *Museu do Objeto* (2013) (Figura 36), e o *Calendário de Lembranças Afetivas*, representando os doze meses, em que utiliza o processo proposto (Figura 38), cujos desenhos são referentes às suas reminiscências e experiências.

Figura 36 - Os livros: *Memória Afetiva e Museu dos Objetos*. José C. da Rocha. 2016



Fonte: Própria.

Figura 37 - Calendário Lembranças Afetivas em desenho de linha pura. José C. da Rocha. 2012

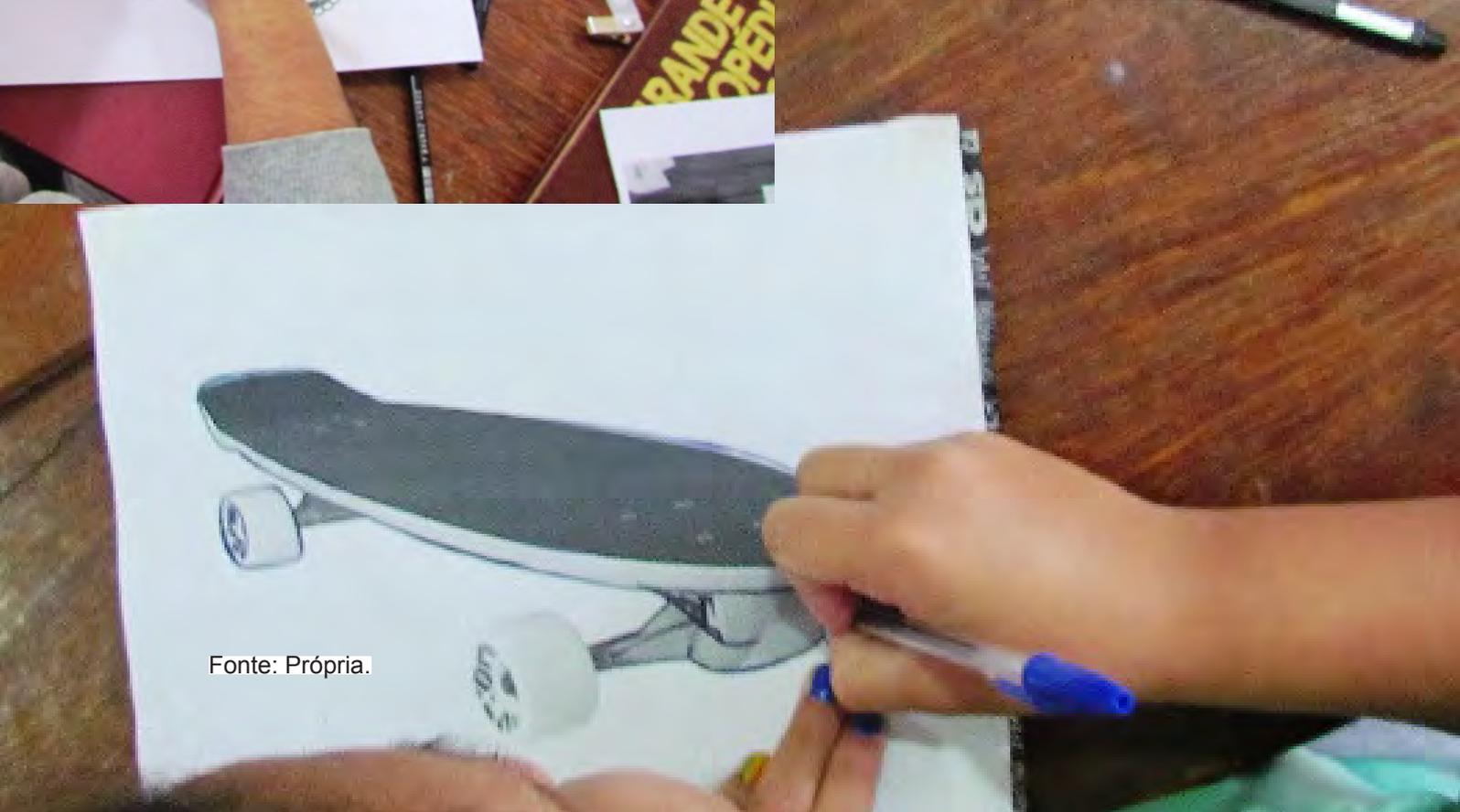


Fonte: Própria.

Após demonstração, foram disponibilizadas as imagens escolhidas pelas participantes para elaborar o desenho em linha dos contornos das figuras e formas, sendo distribuídos lápis HD, carbono e folha para reprodução. Depois usou-se a caneta nanquim para pintar. Algumas das participantes relataram que não conheciam folha de carbono. Foi demonstrado que também poderia ser feito sem carbono, riscando com lápis o verso da imagem e depois, na frente da imagem, fazer os contornos com desenho em linha, sobre uma folha branca. Isso teria um efeito similar ao carbono, mas com intensidade menos visível das linhas. Algumas fizeram esse procedimento com as imagens fotografadas e impressas em papel, conforme Figura 38.

Figura 38 - Participantes na microprática do processo de desenho em linha. 2016.





Fonte: Própria.

O Formulário 13 solicita às participantes que relatem suas experiências com base no desenho realizado sobre a imagem dos elementos referentes às lembranças da sua memória, qual a percepção e emoção que sentiram. Relataram as participantes; *eu tive saudades de algumas coisas, lembrei de algumas lembranças, mas sei lá, só senti saudade na hora, depois me esqueci. Nem eu me entendo. Eu não tenho coração, eu acho, eu nem sinto saudades da minha mãe. E olha que eu já to aqui há dois meses e dez dias, mas ela vai vir me visitar e vai trazer fotos dos meus irmãos e dela; na hora que eu fui desenhar eu senti muitas saudades porque lembrou muito a minha família e também, eu lembrei bastante minha coroa; enquanto estava desenhando a minha tatoo, veio na minha memória o dia que eu fiz ela. Foi uma coroa de princesa com o nome da minha filha embaixo, Yasmin... E senti muita saudade dela; foi uma boa experiência! Naquele momento eu me senti bem emocionada. Fiz um desenho que lembrei de um ótimo momento que eu tive com o amor da minha vida. Adorei fazer aquele desenho, me trouxe boas lembranças, e a aula ajudou bastante; bom na minha opinião ou melhor na minha cabeça foi um momento único, várias coisas se passaram por minha cabeça. Foi muito divertido, uma sensação ótima. Com um aroma de felicidade. Bom obrigado; na hora eu não senti nada, mas fiquei feliz. Aprendi várias coisas legais que eu nunca tinha feito antes.*

Observa-se que, ao desenhar as imagens escolhidas, muitas das participantes expressaram que sentiram alguma emoção, outras, citaram as técnicas aprendidas. Essas emoções expressadas pelas adolescentes cruzam as minhas, pois tive os mesmos sentimentos quando lembrei minhas memórias e experiências por meio do desenho, da pintura e das interseções dos textos e imagens.

Unidade II – Quarto encontro. Nosso último encontro. Foi sugerido às participantes escolherem uma das três memórias trabalhadas, relatando o que mais tocou sua percepção e reflexão ao fazer, utilizando o processo artístico. Cada uma relatou sua experiência, contextualizando suas escolhas das imagens. Foi feito um breve retrospecto das técnicas utilizadas e dos trabalhos que seriam apresentados na exposição. Os trabalhos expostos das participantes foram montados na parte da manhã, ficando a abertura da exposição para o período vespertino, conforme convite confeccionado e enviado à administração da Instituição (Figura 39).

Figura 39 - Convite Exposição dos trabalhos das participantes. 2016.

EXPOSIÇÃO

Memórias e experiências vestígios singulares

Participantes:

Dudah Boladona
Jana Ruiva
Janaína Menorzinha
Menor Cachoeirinha
Pérola
Pikena
Puka
Tati
YasminKezy

Abertura: 24 de junho de 2016 às 15 horas

Visitação de 24 a 30 de junho

Local: Centro de Internação Feminina - CIF - PAI
Agrônômica - Florianópolis

Idealização: José Carlos da Rocha - Projeto Mestrado - Ensino das Artes Visuais - Orientação Prof.^a Jocielle Lampert - UDESC - Apoio: Apotheke - Dep. Adm. Socioeducativa da Secretaria de Estado e Justiça e Cidadania - SC

Fonte: Própria.

O Formulário 14 questiona as participantes sobre os trabalhos artísticos desenvolvidos nos encontros: primeiro, o que representou para elas. Segundo, se expressam suas memórias. Mesmo sob tensão, pois estavam muito ansiosas aguardando a abertura da exposição, todas vestidas com seus trajes de passeio, arrumadas, as participantes responderam à primeira pergunta: O que representaram os trabalhos desenvolvidos? Responderam: *foi muito legal, porque a gente trabalhou com as pessoas que a gente gosta e eu aprendi muitas formas para desenhar; foi um grande aprendizado pois aprendi a gostar de desenho e de desenhar. E aprendi muitas formas para desenhar; as fotografias são importantes para registrar momentos bons e ruins, lembranças. Me fez também conhecer um pouco mais algumas técnicas de pintura, fez eu também gostar um pouco mais da arte visual; representou para mim momentos bons, momentos inesquecíveis que vão ficar na minha mente; bons momentos que nunca mais voltarão, lembranças de coisas boas que aconteceram na minha vida. Alguns momentos que não queria lembrar, outros bons que ficaram em minha memória depois das aulas; foi bom, me lembrei de várias coisas, tive em mente algumas lembranças e aprendi várias coisas e gostei muito e até faço alguns desenhos na minha cela daquele que se faz carbono, com lápis de escrever. Gostei porque aprendi várias coisas.*

À segunda pergunta, se os trabalhos artísticos desenvolvidos nos encontros expressam suas memórias, as participantes responderam: *expressou emoção e lembranças boas. Gostei muito de verdade e eu queria ter mais aulas com o professor e a gente mata um pouco da saudade da família nem que seja só na lembrança; muitos desenhos que fiz foi sobre a memória da minha filha. Desde nascimento dela até hoje que ela tem três anos de idade. O desenho que desenhei do pezinho dela quando ela nasceu estará na minha memória para sempre; Sim. Todos os trabalhos que eu fiz me lembrei de todos os momentos lindos que expressei nas folhas, pude também voltar ao passado e sentir aquele gostinho gostoso de felicidade que já vivi. Foi ótimo relembrar aquelas lembranças; em minha memória vão ficar os dias que nós meninas aprendemos bastante coisas que eu nunca iria aprender se eu estivesse na rua, eu quero agradecer por esses dias [...]; minhas melhores memórias estão guardadas em meu pensamento. Estarão em minha memória para sempre, lembranças boas e algumas desagradáveis demais entre todas elas a melhor eu construí nas suas aulas. [...] eu fico grata de ter preenchido minhas memórias com suas aulas; Sim, os meus desenhos são todos lembranças, que me dava muita saudade da minha família e dava uma coisa assim que dava vontade de sair correndo atrás das minhas lembranças!*

Nota-se que a relação entre desenho, imagem, fotografia com as lembranças de suas memórias estão presentes na observação e reflexão das participantes e no fazer artístico propiciado pelos encontros. São depoimentos que por si só revelam as sensibilidades e percepções das suas experiências vivenciadas que estão marcadas

em suas memórias. Observa-se que são valores que estão muitas vezes submersos pelas diversidades da vida, e que o processo artístico propicia emergir novas reflexões e fortalecimento de vínculos afetivos que estavam soterrados.

Já o Formulário 15 retoma a conhecer o estado de ânimo das participantes no final dos encontros, como se sentiram e qual a mensagem que deixam de sua impressão. Quanto ao estado de ânimo, responderam: cinco, alegre, quatro, ansiosa, quatro, feliz, três, motivada, uma, preocupada, e outros pensativa, responsável, ótima. Embora tenham preenchido três opções, observa-se que estão com seus ânimos mais elevados em relação ao início dos encontros.

À segunda pergunta, como se sentiu na participação dos encontros, responderam: cinco, muito bem, dois, bem. Observa-se que a maioria das participantes sentiu-se muito bem, outras bem, demonstrando que gostaram de participar dos encontros das micropráticas.

E à última pergunta, qual a mensagem que você deixa com relação às ações desenvolvidas nos encontros, responderam: *a mensagem que eu deixo é agradecendo a Deus por mais um dia de vida e que outras pessoas também tenham essa oportunidade que nós meninas aqui tivemos e como hoje vai ser um dia muito especial obrigado ao professor por você vir dar aula para nós [...]; que eu queria [...] mais vezes. Gostei muito de verdade. Obrigado. [...]; valeu a pena participar das aulas, pois aprendi bastante coisa que nunca tinha feito e nem visto e gostei porque isso vai ficar para sempre o que eu aprendi. Vale a pena conhecer coisas novas; Na primeira aula eu não gostava de desenhar, mas depois comecei a gostar das aulas e a desenhar. Hoje quando estou dentro da cela trancada sozinha sempre faço algum desenho ou alguma coisa parecida. Muito obrigado, aprendi muita coisa [...]; Fizeram um bem para mim, estou motivada, feliz por ter aprendido coisas novas. Bom, eu vou me despedindo por aqui. Eu peço desculpa pelas aulas que não prestei atenção. Obrigado; Bom eu deixo as pessoas que lerem isso, que a arte não é um simples desenho que fazemos em uma simples folha, e sim uma forma de expressar nossos sentimentos, nossas lembranças e nossas emoções. E que a arte não é um negócio chato de se aprender e sim importante para o nosso viver e saber.*

Observa-se que há agradecimento das participantes pela oportunidade de obter novos conhecimentos, e que a Arte é um caminho prazeroso a conhecer. Após o preenchimento dos Formulários 14 e 15 do último encontro, fez-se agradecimento à participação e colaboração das participantes, e dito que os trabalhos desenvolvidos nos encontros que estavam na exposição seriam devolvidos a elas. Como artista-pesquisador-professor, fiz um retrato de perfil de cada participante com desenho a lápis HD, como surpresa e agradecimento de suas colaborações e participação desta pesquisa de campo, porque sem elas nada seria possível.

2.2 DIAGRAMAS DAS ADOLESCENTES

Utiliza-se a reflexão sobre os sistemas planetários como forma de representação das participações das adolescentes nas atividades desenvolvidas nas micropráticas. Usam-se diagramas individuais nos itens A, B, C, D, E, F e G como representação sintética das ressignificações das memórias e experiências relatadas pelas adolescentes nos questionários formulados³ e nas práticas desenvolvidas. Os diagramas das Figuras 40, 42, 44, 46, 48, 50 e 52 representam as adolescentes individualmente com referência de alguns dos seus trabalhos nas diversas técnicas desenvolvidas com a pintura, o desenho, a monotipia, cianotipia, a fotografia, bem como do recorte de alguns trechos de suas narrativas sobre suas memórias e experiências. Em seguida, apresenta-se uma síntese individual das suas respostas com relação às perguntas dos questionários. Finalizando, foi feito, como agradecimento e presente, um retrato de cada adolescente, conforme Figuras 41, 43, 45, 47, 49, 51 e 53.

3 Formulários preenchidos 01 a 16 (Anexo B).

Nós aprendemos bastantes coisas que eu nunca iria aprender se eu estivesse na rua.

Na hora que eu fui desenhar eu sentir muita saudades, porque relembrei muito a minha família.

Nonotinia



Alegre ansiosa feliz



Tenho orgulho de ter aprendido uma coisa que eu talvez nunca iria ter aprendido lá no mundão.

Matrículas

Uma lembrança significativa: quando vi minha sobrinha recém nascida

Ansiosa com taiva triste



Epontafia

Pra mim lembrança é uma coisa que aconteceu no passado algo ruim ou bom. Ex. Bom: Me lembro quando minha cachorra pulou em mim e me sujou toda. Ruim: Me lembro quando minha coroa fez cirurgia foi muito ruim.



O que é Arte?

Lembrança significativa quando conheci meu coroa. É uma lembrança muito importante pra mim porque nunca tive pai desde quando nasci. E conheci agora com 14 anos. Eu nunca vou esquecer desse momento.

Música namorar festar

Para mim arte é o mundo. Os animais, as ruas, as naturezas, as paisagens, as luzes, o escuro, pra mim tudo é arte as crianças correndo pra brincar na rua isso é uma arte pra mim

Fáscade Casinha Matemática

Experiências



Mensagem que eu deixo é agradecendo a Deus por mais um dia de vida e que outras pessoas também tenha essa oportunidade que nós meninas aqui tivemos.



Desenho



As imagens propicia conexões com suas memórias? Sim me lembrei da minha cachorra e me bateu muitas saudades dela. E também bateu altas saudades do meu pai, porque recém tinha conhecido ele e vim para aqui.

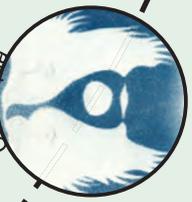
Centro de Interação Feminina - CIF

Janaina Menorzini

Estou morrendo de saudades da cachorra e ela também tá morrendo de saudades minhas. Já tu 1 mês e 20 dias sem ver ela.

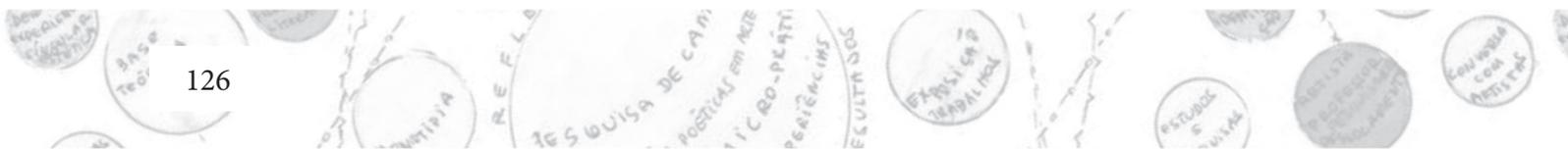


Cianotinia



As imagens ressignificadas pra mim representa um arte feita por mim, das minhas lembranças boas que estarão sempre guardada em mimha memória

O que representou os trabalhos artísticos? Representou para mim bastante momentos bons bastantes momentos inesquecíveis que vai ficar nas minha mente.



A) Inicia-se com a adolescente com de pseudônimo Janaina Menorzinha com o primeiro diagrama na Figura 40. Observa-se que considera a Arte como um movimento vivo do mundo, onde tudo faz parte da Arte. Sua representação do mundo reflete sua visão (Figura 21). Suas lembranças mais singulares estão na convivência familiar, e a ausência de alguns membros é lembrada em suas narrativas. Relata que se identifica como uma pessoa ansiosa, preocupada e com medo, e que gosta de praia, música e namorar. Não gosta de palavrões e falsidade. Considera lembrança como um acontecimento no passado como algo ruim ou bom. Relata como uma lembrança boa, quando sua cachorra pulou sobre ela e a sujou toda. Uma experiência ressignificada pelo momento da alegria de rever uma pessoa ausente e de um animal de estimação que faz parte da sua vida. Detalhadamente, descreve sua felicidade em matar a saudade da cachorra pelo fato de ficar sem vê-la por alguns dias. Descreve suas cores, tamanho e raça, bem como das coisas que gosta de fazer com a bola, e do que prefere comer. Ressalta que está morrendo de saudade dela, pois não pode vê-la. Uma recordação ressignificada nos seus desenhos de uma cachorra. Concomitantemente, cita uma lembrança desagradável quando sua mãe fez uma cirurgia, considera uma experiência muito ruim. Outra lembrança significativa que marcou sua memória foi quando conheceu seu pai somente aos quatorze anos, relatando com detalhes o encontro e sua experiência que não teve pai, mas padrasto. E que esse encontro nunca vai esquecer. Após as lembranças serem rememoradas pela escrita, pelas imagens escolhidas, pelos desenhos e pinturas, pelas diversas técnicas desenvolvidas com a monotipia e a cianotipia, relata que os resultados alcançados representam uma arte feita por ela, das suas lembranças boas que estarão sempre guardadas em sua memória. E que as imagens dos desenhos e pinturas ressignificadas pelos processos artísticos propiciaram conexões com suas memórias, gerando saudade de sua cachorra e de seu pai, que recém tinha conhecido. Quanto a imagens fotográficas, comenta que se lembra que suas fotografias eram em preto e branco e que não tinha nenhuma colorida. Quanto aos desenhos, relata que sentiu emoção somente na hora que desenhou, depois esqueceu. E que não sente saudade da mãe, por isso acha que não tem coração, pois já estava ali há dois meses.

O que representou para você os trabalhos artísticos desenvolvidos nos encontros, eles expressam suas memórias? Uma pergunta, cuja resposta da adolescente reafirma que se lembrou de várias coisas em sua memória e que fez alguns desenhos na cela. E que seus desenhos *são todas lembranças que dava muitas saudades da sua família e que dava uma coisa assim que dava vontade de sair correndo atrás das minhas lembranças.*

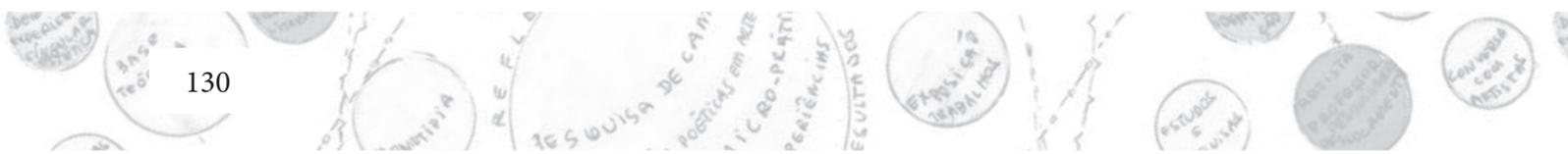
Quanto ao seu estado de ânimo, no final dos encontros, identifica-se como ansiosa, preocupada e triste, mas não assinalou “com medo” como no início dos encontros. E deixa como mensagem que valeu a pena participar das aulas, pois

aprendeu bastante coisa que nunca tinha feito e nem visto e que gostou e que vai ficar para sempre o que aprendeu. E finaliza: *Vale a pena conhecer coisas novas.*

Como presente e agradecimento, foi feito o retrato da adolescente como forma de surpresa, estímulo a autoestima, exposto na mostra (Figura 41). Nesse contexto, verifica-se que todo o processo artístico propiciou momentos de rememoração das lembranças e experiências vividas pela adolescente e pelas demais participantes.

Figura 41 - Retrato Janaina Menorzinha. Lápis HD – Dim. 30 x 20 cm. José C. da Rocha. 2016





Lembrança é uma recordação e você lembrar momentos com algumas pessoas família, amigos. E lembrar momentos que te fizeram feliz de algum modo. Mas assim como tem lembranças boas, tem as lembranças ruins. Mas lembranças é recordar alguém ou alguma coisa.

Música Roupas Festar

Monotopia



Ansiosa Preocupada Com medo

Lembranças que marcou muito pra mim, última vez que passei o rellion com minha prima em Piratuba.

Fotografia



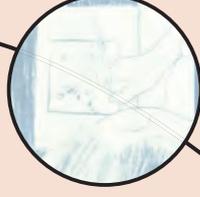
Pintura



Experiência



Cianotipia



Dia 08 de junho de 2008, foi quando eu a vi pela primeira vez Vanessa minha irmã mais velha. Ela é morena, cabelos castanhos curtos, magrinha, olhos escuros. Ela era linda, muito parecida com meu pai.

Centro de Internação Feminina - CIF
Jana Ruiva



Melhor sensação do mundo quando pequei ele pela primeira vez no colo.



Narrativas

Arte tem vários sentidos. Mas arte para mim não significa apenas desenhos em quadro, tem também artes em argila, bordados e vários outros.



O que é Arte?



Primeira vez que vi meu sobrinho quando ele nasceu, aquele rostinho pequeno, branquinho e cabelinhos clarinhos.

Quando conheci minha irmã pela primeira vez em 2008.



Memórias



Lembranças



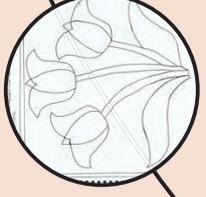
Desenho



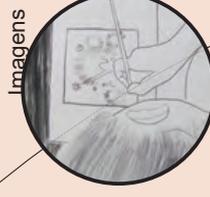
O primeiro presente que eu dei a ele foi um carrinho vermelho com as rodinhas azul e um pijaminha branco.

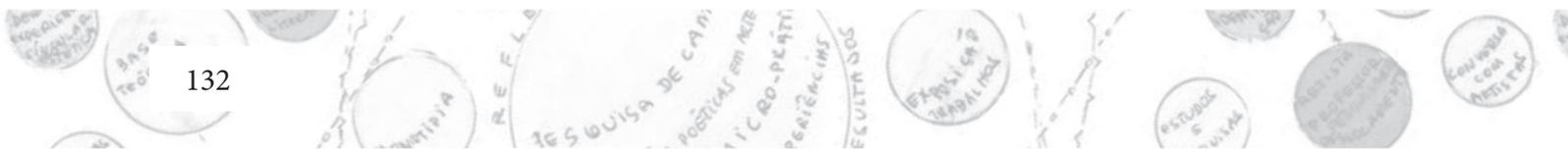
... Não gosta de ficar privada (Trancada), mentira e fadiga

O significado das minhas imagens foi mais a minha família



Imagens





B) A adolescente com o pseudônimo de Jana Ruiva está representada no diagrama da Figura 42 e identifica-se com seu estado de ânimo como alegre, ansiosa, preocupada e com medo, gosta de música, festas e roupas, não gosta de falsidade, mentira e ficar privada. Sua representação por desenho do que é arte está na Figura 18, comenta que a Arte tem vários sentidos, que não significa apenas desenhos em quadro, mas tem também artes em argila, bordados e vários outros meios. Para a adolescente, a lembrança da memória é uma recordação para lembrar momentos com algumas pessoas, família e amigos. É lembrar momentos que nos fizeram felizes de algum modo. Considera que tem lembranças boas e ruins. Cita três lembranças significativas de sua memória que marcaram muito, foi quando passou o *revellion* com sua prima, quando viu seu sobrinho quando ele nasceu com seu rostinho pequeno, branquinho e cabelinhos clarinhos, e quando viu sua irmã pela primeira vez. Relata minuciosamente em detalhes a comemoração da festa de *revellion* com amigos e amigas e com seu namorado e das fotos que fizeram. Mas que alguns meses depois sua prima e colega da festa faleceu, que só as lembranças depois foram o que ficaram. Também detalhadamente comenta sobre um dos melhores momentos da sua vida quando conheceu seu sobrinho. Que não teve como conter as lágrimas de alegria ao ver aquela pessoinha linda que fazia parte dela. Presenteou com um carrinho vermelho com as rodinhas azuis e um pijama branco, e que foi a melhor sensação do mundo quando segurou o bebê pela primeira vez no colo. Observa-se que a família, os amigos e amigas são muito importantes na sua vida e fazem parte de suas melhores experiências e memórias. Outro momento de felicidade lembrado pela adolescente foi quando viu pela primeira vez sua irmã mais velha que chegou em sua casa com sua sobrinha, considerando uma alegria dobrada. Quanto aos resultados alcançados, ressalta que a imagem do seu sobrinho propicia conexões com suas memórias quando era bebê, e também a de sua prima. Mas a participação dessa adolescente foi finalizada devido à sua volta para casa, não participando da segunda unidade prevista com mais quatro encontros. Sua presença foi muito importante nos encontros, pois, com sua liberdade retomada, serviu de esperança para as demais adolescentes. Ao mesmo tempo, outra adolescente foi internada, sendo inserida no grupo de pesquisa. Foi desenhado um retrato da adolescente (Figura 43) como agradecimento e participação nos encontros das micropráticas.

Figura 43 - Retrato Jana Ruiva. Lápis HD. Dim. 30x20 cm. José C. da Rocha. 2016



As fotos do livro era preta e branca e eu fiquei triste por causa do sofrimento das crianças.

Monotipia



alegre

ansiosa

feliz



Gosta de desenhar, de música e cantar. Não gosta de pessoas falsas, discutir e pessoas invejosas.

Narrativas

Apreendi varias coisas legais que eu nunca tinha feito antes



Desenho



Experiências



Qual a importância da fotografia? E registrar um momento ou uma lembrança.



Fotografia



Lembrança é um pensamento bom que fica guardado na memória das pessoas, ou um momento bom ou ruim que fica na memória e nas lembranças.

Centro de Interação Feminina - CIF

Pérola



O que representa essa imagem agora ressignificada por um processo artístico? Representa minhas melhores lembranças, com a minha família.

O que é Arte?



Lembranças



A imagem própria conexões com suas memórias? Sim liga muito as minhas lembranças. Quando eu olho pra elas eu lembro várias coisas.

ansiosa com raiva preocupada

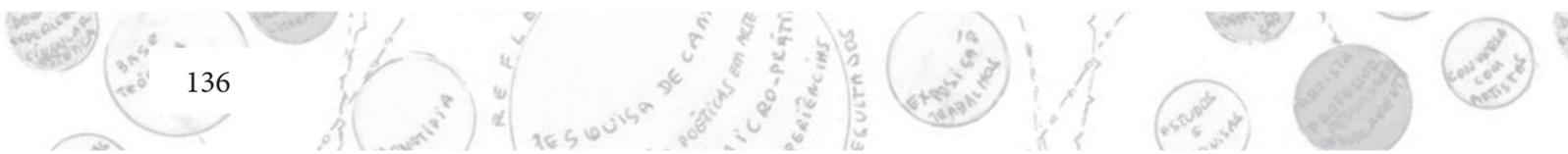
Lembranças significativas quando meu irmão falou a primeira vez que me amava. A primeira vez que eu peguei minha sobrinha no colo.

Cianotipia



Os trabalhos artísticos desenvolvidos expressam suas memórias? Expressou emoção e lembranças boas. A gente mata um pouco da saudade da família nem que seja só na lembrança.





C) A adolescente Pérola participa do grupo a partir da segunda etapa dos encontros das micropráticas. Como chegou depois no Centro de Internação, foi solicitado que preenchesse também os formulários da primeira unidade, relatando assim também suas experiências e lembranças mais importantes. Sua participação está representada pelo diagrama da Figura 44. Quanto ao seu estado de ânimo, relata que se identifica ansiosa, com raiva e preocupada. Gosta de desenhar, ouvir música e cantar. Não gosta de pessoas falsas, de discutir e de pessoas invejosas. Cita que uma lembrança da memória é um pensamento na memória das pessoas, ou um momento bom ou ruim que fica na memória e nas lembranças. Relata suas três lembranças mais importantes, lembrando quando seu irmão falou a primeira vez que a amava, quando pela primeira vez que segura sua sobrinha no colo, e, por último, quando ela e sua mãe, sua irmã, seu irmão e seu sobrinho fizeram uma roda no quarto e começaram a rezar. Observa-se que a família e seu relacionamento afetivo são as experiências mais significativas que rememora. Discrimina várias etapas de sua experiência com seu irmão mais velho, quando ele ingeria droga e foi parar no hospital e ficou em coma, e que os médicos falaram que ele iria morrer. Quando fizeram uma roda para rezar com seus familiares, depois de quatro dias, ele saiu de coma e agradece a Deus que deu mais uma chance para seu irmão. Que não tem palavras para agradecer o quanto Deus foi bom para sua família. Foi perguntado o que representam as imagens ressignificadas pelo processo artístico, e respondeu que representam suas melhores lembranças com sua família e que isso tem conexão com suas memórias. E quanto aos resultados alcançados, agora ressignificados por um processo artístico, considera a adolescente que representam conexões com suas memórias, pois quando olha para as imagens lembra várias coisas. Considera a importância da fotografia como a percepção, o momento, o dia, a hora, principalmente a lembrança. Explica que ficou triste por causa dos sofrimentos das crianças fotografadas por Sebastião Salgado. Quanto à pergunta “O que representam os trabalhos artísticos”, respondeu que aprendeu muitas formas para desenhar. E se essas imagens expressam suas memórias, relata que expressaram emoção e lembranças boas, e que mata um pouco da saudade da família nem que seja só na lembrança. Identifica seu estado de ânimo no final dos encontros como alegre, ansiosa e feliz, e que se sentiu muito feliz nos encontros. Seu retrato como presente está na Figura 45.

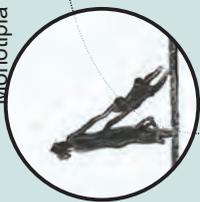
Figura 45 - Retrato Pérola. Lápiz HD. Dim. 30x20 cm. José C. da Rocha. 2016



Fonte: Própria.

Gosta de ler, namorar e cantar, além da balada, piscina, vôlei e música. Não gosta de ficar na trama, não ter liberdade e não ter a família.

Monotipia



Identifica seu estado de ânimo como alegre, motivada e feliz.

Os desenhos fizeram suas lembranças voltarem a tona como se fossem minutos e com um aroma de felicidade.



Narrativas
A família é o centro de suas memórias e de suas experiências singulares.

Memória significa uma emoção que a gente sente quando se lembra de uma pessoa ou um momento de sua vida, e as vezes até quando tem um objeto que nos faz lembrar de coisas que nos fez felizes.



Identifica seu estado de ânimo como alegre, ansiosa e feliz.

Colorir, nem que seja apenas rabiscar, isso já é Arte, e que as pessoas expressam seus sentimentos em obras e quadros que acabam se tornando obras de Artes e pinturas famosas.

Também explica que a imagem propicia conexões com suas memória e que nunca vai esquecer das coisas lindas que fez e que vão ficar na sua memória para sempre.

Fotografia



Pintura



Experiência



Cianotipia



Centro de Internação Feminina - CIF

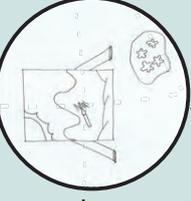


Puka

Arte é um tipo de personalidade que as pessoas expressam com desenhos, pinturas, esculturas e trabalhos.

O que é Arte?

Memórias



Lembranças



Desenho





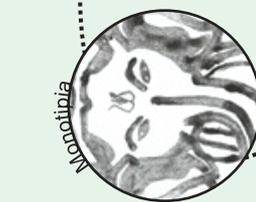
D) O diagrama da Figura 46 representa as experiências e memórias da adolescente Djessyh Puka dentro do contexto das micropráticas. Identifica seu estado de ânimo como alegre, ansiosa e feliz. Gosta de ler, namorar e cantar, além de balada, piscina, vôlei e música. Não gosta de ficar na trama, não ter liberdade e não ter a família. Sobre Arte, explica que Arte é um tipo de personalidade que as pessoas expressam com desenhos, pinturas, esculturas e trabalhos. Seu desenho de representação do que entende por Arte está demonstrado na Figura 22. Exemplifica como colorir, nem que seja apenas rabiscar, isso já é Arte, e que as pessoas expressam seus sentimentos em obras e quadros que acabam tornando-se obras de artes e pinturas famosas. Relata que uma lembrança da memória para ela significa uma emoção que se sente quando se lembra de uma pessoa ou um momento de sua vida, e às vezes até quando tem um objeto que nos faz lembrar de coisas que nos fazem felizes. Cita três lembranças singulares significativas em sua memória, sendo a primeira quando ela encontrou sua mãe. Fazia dois anos que ela não a via, e que correu a abraçá-la, e que foi uma sensação ótima, a melhor lembrança. Na segunda lembrança, relata quando ela viu seu pai chorando na sua audiência, depois ele lhe disse que tudo isso iria passar e que era questão de tempo, e que ela sentiu como a força de um barranco desmoronando. Na última lembrança, citou quando recebeu a visita de sua mãe na Instituição e que o vazio que sente não vai ser preenchido por ninguém. Verifica-se que a família é o centro de suas memórias e de suas experiências singulares. Quantos aos resultados alcançados, comenta que gostou dos resultados, que foi criativa e que representa as imagens ressignificadas pelo processo artístico, ela e sua mãe e Jesus Cristo, e que essas imagens propiciam conexões com suas memórias. Ressalta que tudo ficou lindo e gostou do Jesus Cristo, pelo fato de ela mesma ter feito o desenho. E que os desenhos fizeram suas lembranças voltarem à tona como se fossem minutos e com um aroma de felicidade. O que representa essa imagem agora ressignificada por um processo artístico? A adolescente responde que as imagens a fizeram enxergar e lembrar tudo o que viveu. Também explica que a imagem propicia conexões com suas memórias e que nunca vai esquecer das coisas lindas que fez e que vão ficar na sua memória para sempre. Sobre a importância da fotografia, considera a percepção, o momento, o dia, a hora, o motivo e principalmente a lembrança. No final do encontro, identifica seu estado de ânimo como alegre, motivada e feliz. Seu retrato como agradecimento e para sua autoestima está na Figura 47.

Figura 47 - Retrato da Djessyh Puka. Lápis HD. Dim. 30 x 20 cm. José c. da Rocha. 2016



Fonte: Própria.

A arte não é um simples desenho que fazemos em uma simples folha, e sim uma forma de expressar nossos sentimentos, nossas lembranças e nossas emoções.



Memória

O que é uma lembrança da memória? Eu acho que significa uma caixinha no nosso pensamento ou no nosso coração onde guardamos alguns acontecimentos de bom ou ruim que aconteceu na nossa vida.

Narrativas

Alguns desenhos que foram feitos para contar uma história. E por isso, eles são chamados de narrativas. São desenhos que contam uma história, uma história que aconteceu com alguém, alguém que viveu um momento importante na vida. Mas não são apenas histórias que foram contadas, são histórias que foram vividas.

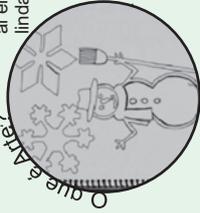
Lembranças que desperta na memória foi inesquecível, porque é a última e única lembrança que tenho do meu pai. Como era pequena, aí meu pai sentado na cama, para fazer palhaçada, aí me cantou um rap do racional MC'S para eu sentir bem o nome era "Jesus chorou". Não tenho palavras para descrever esse momento.

Fotografia



O que é Arte? É uma expressão de sentimentos, e existe vários tipos de artes, artes de períodos de estações de ano, paisagens, sentimentos, expressões faciais, plantas, árvore, artesanatos, cultura.

O que é Arte?



Naõ gosta de ficar privada, ficar sem família, traição

Eu usei desenhos que vem das minhas lembranças do passado. E foi bom porque usei desenhos das coisas que eu mais gosto e lembranças que me marcaram. Me deixou emocionada, adorei. Me trouxe grandes emoções e saudades dos tempos dos velhos momentos.



Desenho



Preferências: Música roupas, festa, Reaver, minha liberdade e a Família



Experiências

Sobre os trabalhos artísticos desenvolvidos nos encontros, expressam suas memórias? Sim, todos os trabalhos que eu fiz me lembrei de todos os momentos lindos que expressei nas folhas, pude também voltar ao passado e sentir aquele gostinho gostoso de felicidade que já vivi.



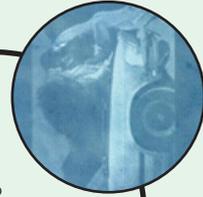
Centro de Interação Feminina - CIF

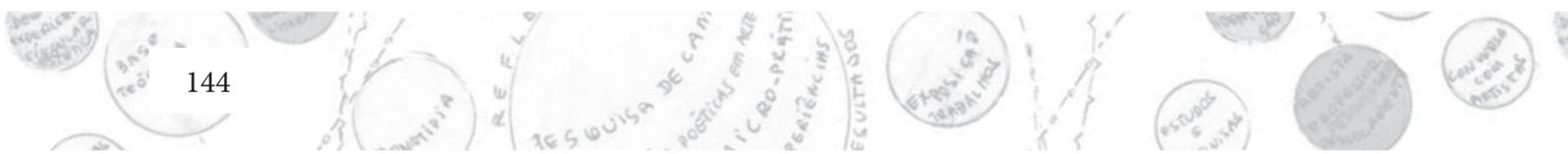
Duda Beladonna



A imagem propicia conexões com suas memórias? Sim, cada vez que eu vejo ela(Ganesha) eu volto ao passado, e eu relembro das loucuras e dos bons momentos, das festas e dos amigos.

Cianotipia





E) Sobre a adolescente Dudah Boladona, o diagrama da Figura 48 representa o contexto de suas experiências e memórias. Identifica seu estado de ânimo como alegre, motivada e feliz. Gosta de roupas, música, festas *reave*, de sua liberdade e da família. Não gosta de ficar privada, ficar sem família e de traição. Sua representação em linguagem visual do que é Arte está na Figura 24, e entende a Arte como uma expressão de sentimentos, que existem vários tipos de Artes, Artes de períodos de estações de ano, paisagens, sentimentos, expressões faciais, plantas, árvores, artesanatos e cultura. Por lembrança, entende que significa uma caixinha do nosso pensamento ou do nosso coração, onde guardamos alguns acontecimentos de bom ou ruim que aconteceram na nossa vida. Relata na primeira lembrança, quando uma vez seu pai estava sentado na cama, e ela deitada ainda pequena, quando ele sentou e balançando a cama, cantou um rap dos Racionais MC'S "Jesus chorou" e algumas "palhaçadas" para fazê-la rir e sentir-se bem. Que foi inesquecível e não tem como explicar esse momento. Foi a última lembrança do seu pai. Na segunda lembrança comenta sobre uma festa eletrônica com o marido, o qual levou-a para fora da festa, e sentaram no capô do carro, aí ele começou a falar coisas lindas e disse que a amava. Na terceira, quando sua mãe a visitou na Instituição e prometeu que ia mudar, e que falaram coisas lindas uma para a outra e refletiram muito sobre o passado. Descreve que sua mãe estava com um vestido florido comportado, com os cabelos soltos, vestida igual à sua tia. Quanto às técnicas artísticas, no início achou meio difícil, mas depois gostou, achou divertido e empolgou-se. A imagem de Ganesha tem um significado muito importante em sua vida, e cada vez que a vê, volta ao passado e relembra as loucuras e os bons momentos, as festas e os amigos. Quanto aos resultados alcançados, relata que usou desenhos que vêm das suas lembranças do passado e das coisas de que mais gosta e que a marcaram. E o que representa essa imagem agora ressignificada por um processo artístico, respondeu que a deixou muito emocionada, e que ficaram lindas. Se a imagem propicia conexão com suas memórias, relatou que sim, principalmente a do capô do carro, que lhe trouxe boas memórias, grandes emoções e saudades dos tempos dos velhos momentos. E todos os trabalhos que fez causaram a lembrança de todos os momentos lindos, os quais expressou nas folhas, como também voltar ao passado e sentir "aquele gostinho gostoso de felicidade" que já viveu. No final dos encontros, identifica-se como alegre, ansiosa e feliz. Seu retrato como presente está na Figura 49.

Figura 49 - Retrato Dudah Boladona. Lápis HD. 30 x 20 cm. José C. da Rocha. 2016



Fonte: Própria.

A lembrança que eu sinto é da minha família e o pior erro da minha vida foi desprezar minha família e porque fiz coisa errada e não estou agora no lado da minha família.

Artista é aquele que sai para ver, conhecer, desenhatar, pintar, registrar.

Tenho lembrança do meu namorado.

Errei mais vou consertar todos os erros.

Lembrança que eu tenho é da minha mãe que foi embora em nunca mais vai voltar e eu sinto uma enorme saudade do meu tio que também já foi embora e não vai mais voltar.

A fotografia é importante para mim porque o registro é importante é ela também marca bastante em uma memória.

O processo artístico relembra bastante minha mãe meu pai e especialmente Deus. Um desenho refletiu bastante na minha memória por causa da minha família e meus amigos.

Não gosto de palavras falsas de casinha.

Na hora que eu fui desenhatar eu senti muita saudades porque relembrou a minha família e relembrei bastante minha coroa.

Lembrança que eu tenho é um anel de ouro, uma camiseta de quando eu era bebezinha eu sinto uma enorme saudades da minha família.

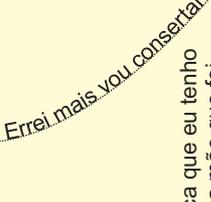
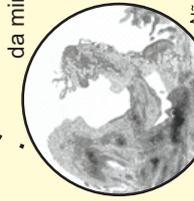
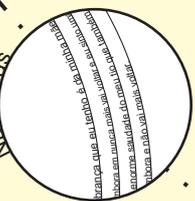
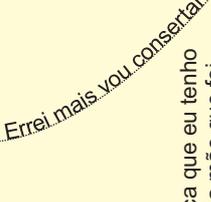
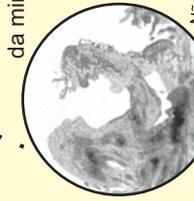
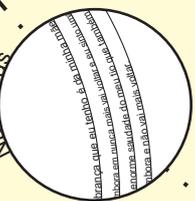
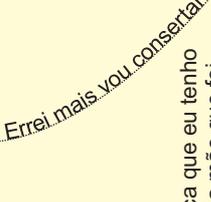
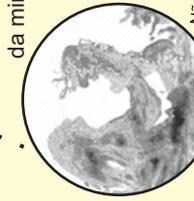
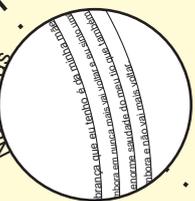
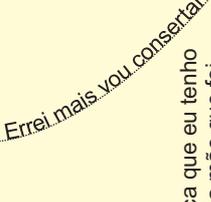
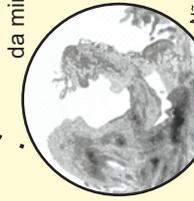
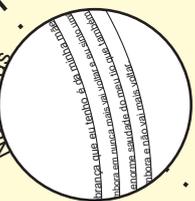
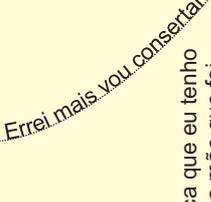
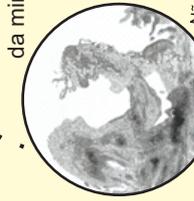
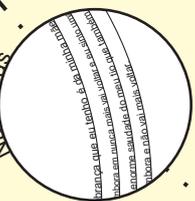
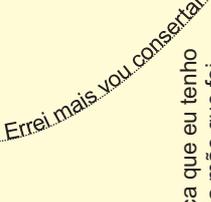
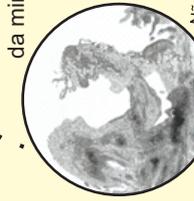
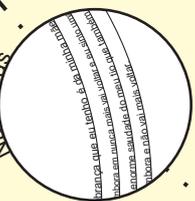
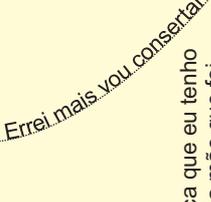
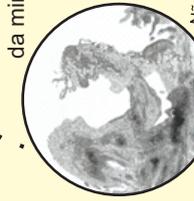
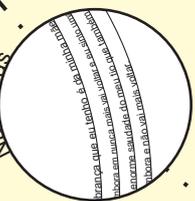
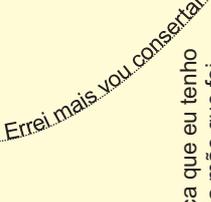
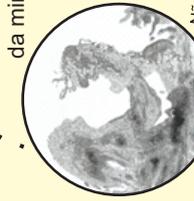
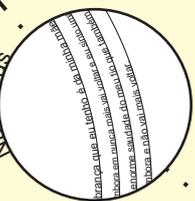
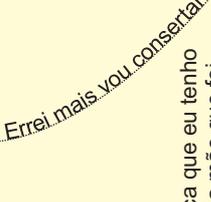
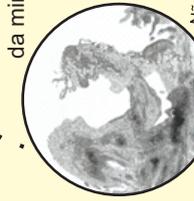
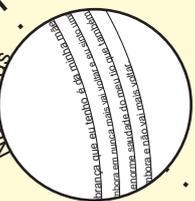
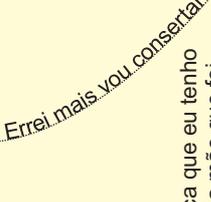
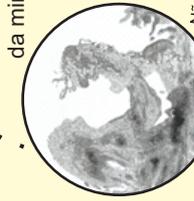
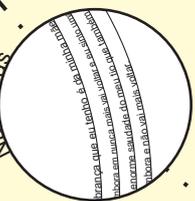
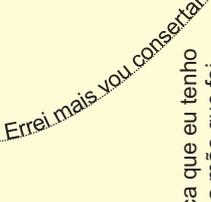
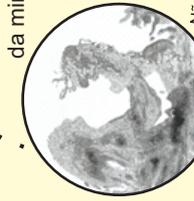
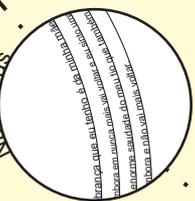
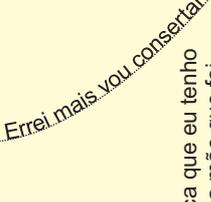
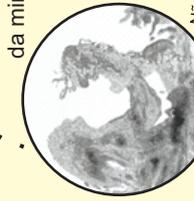
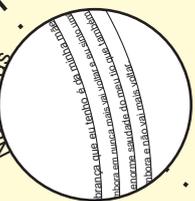
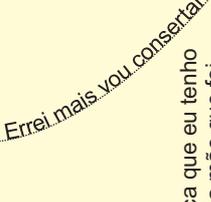
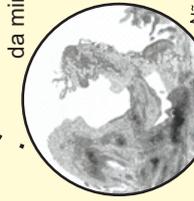
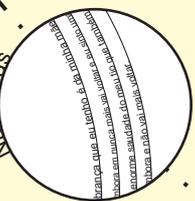
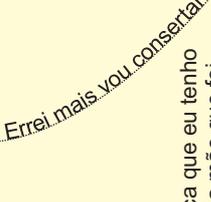
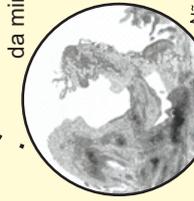
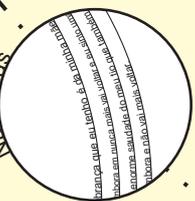
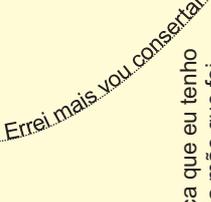
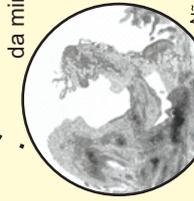
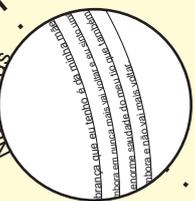
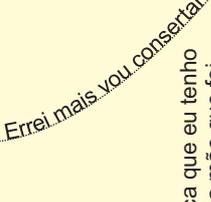
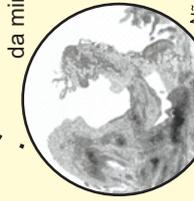
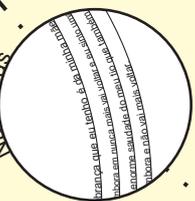
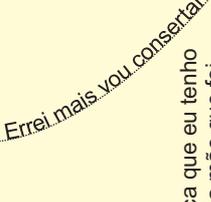
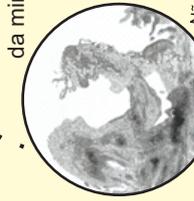
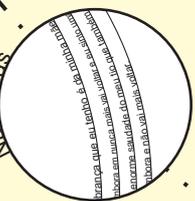
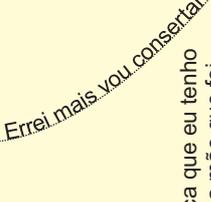
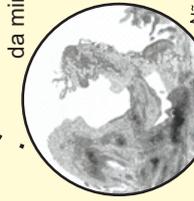
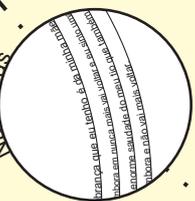
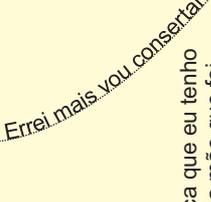
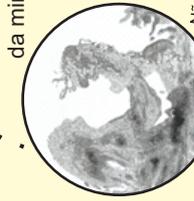
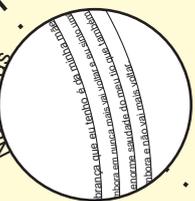
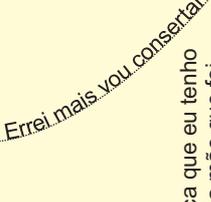
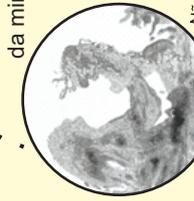
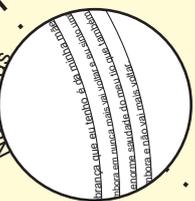
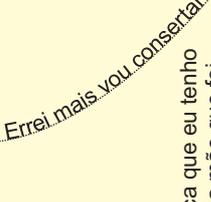
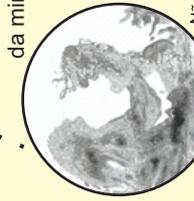
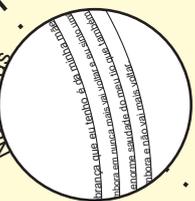
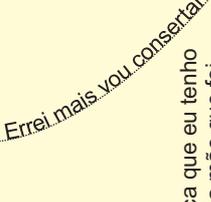
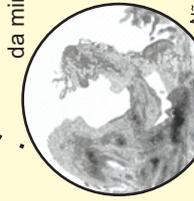
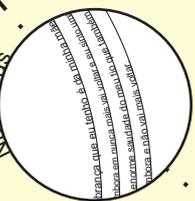
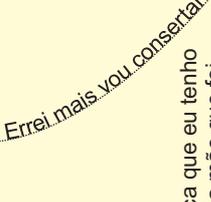
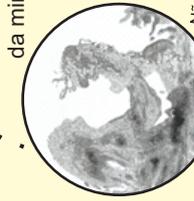
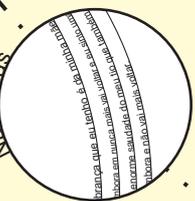
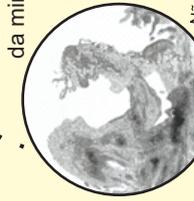
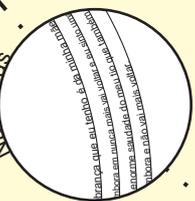
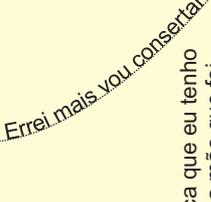
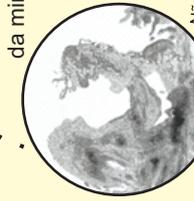
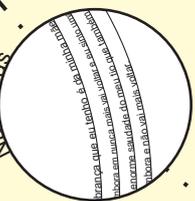
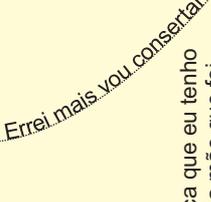
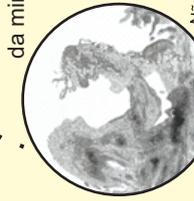
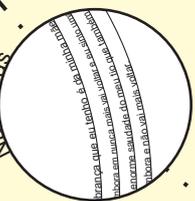
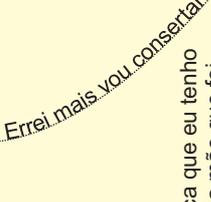
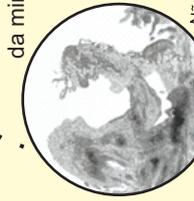
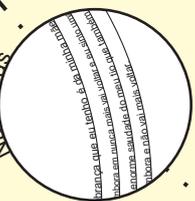
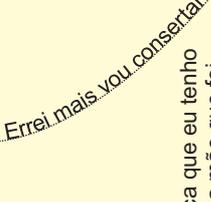
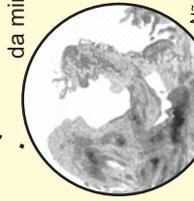
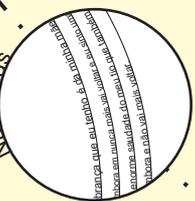
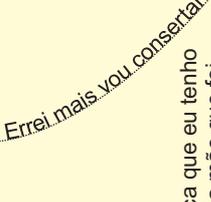
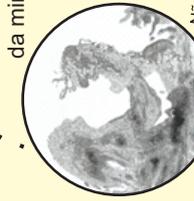
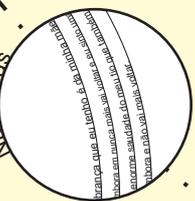
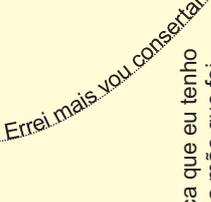
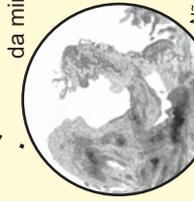
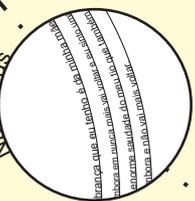
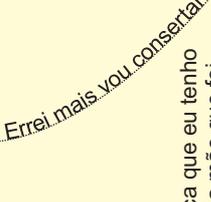
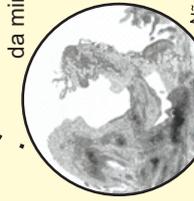
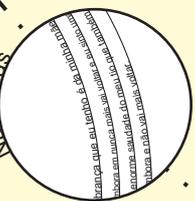
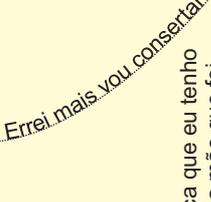
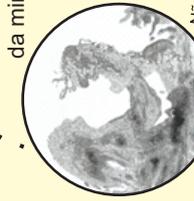
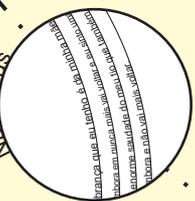
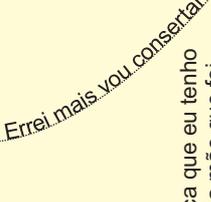
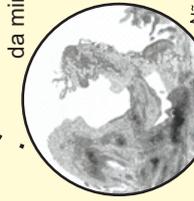
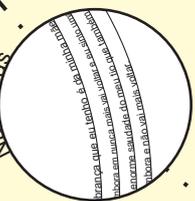
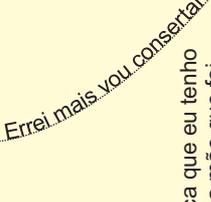
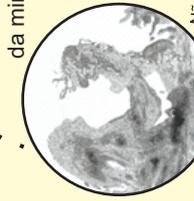
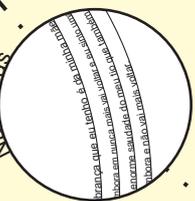
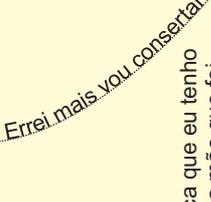
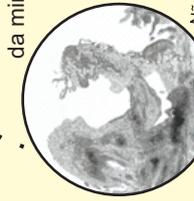
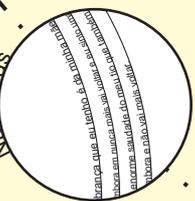
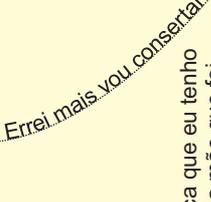
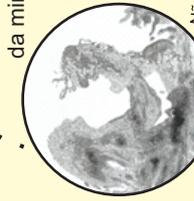
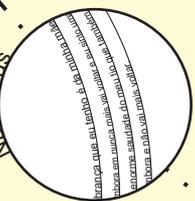
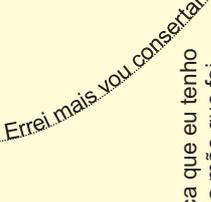
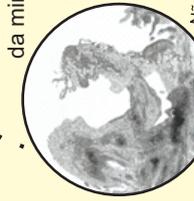
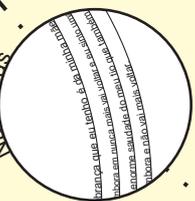
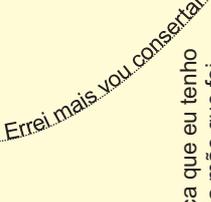
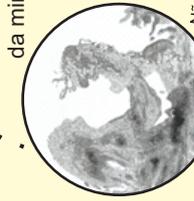
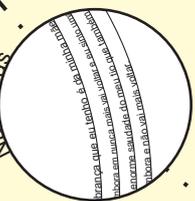
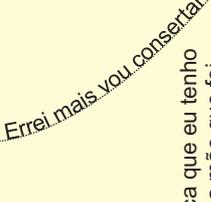
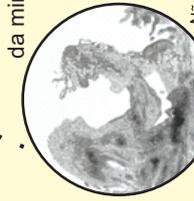
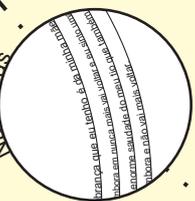
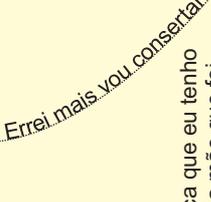
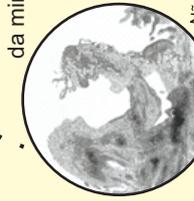
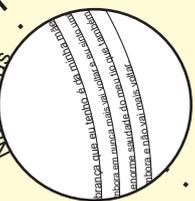
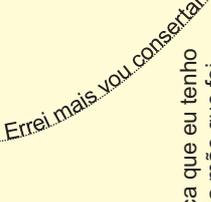
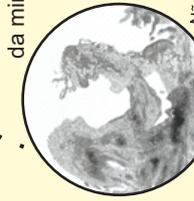
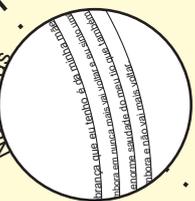
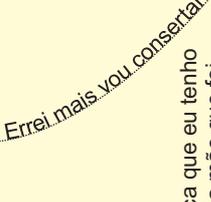
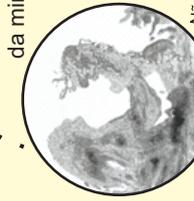
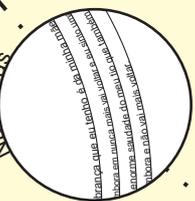
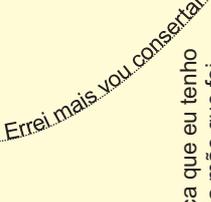
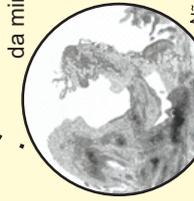
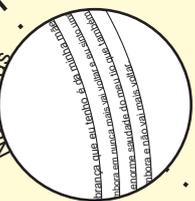
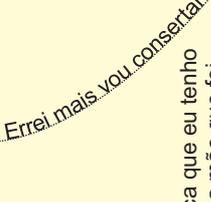
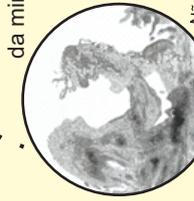
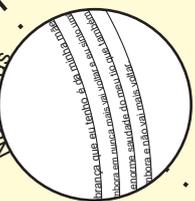
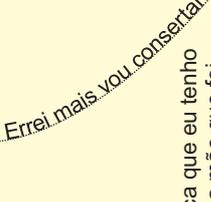
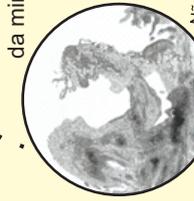
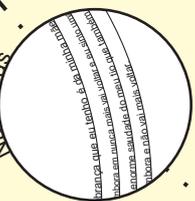
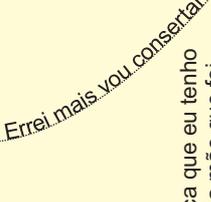
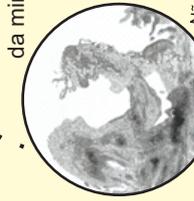
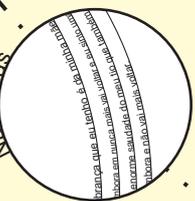
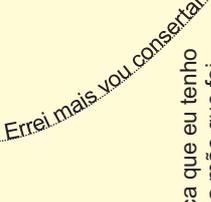
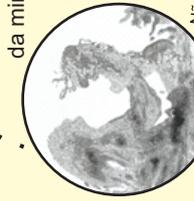
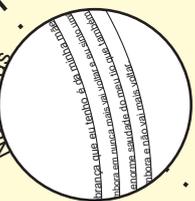
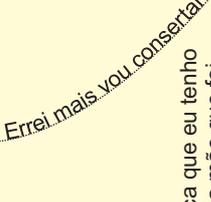
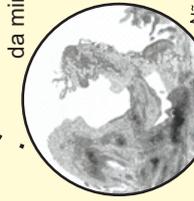
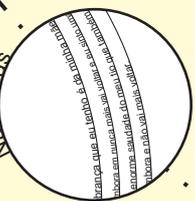
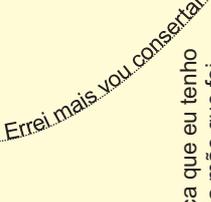
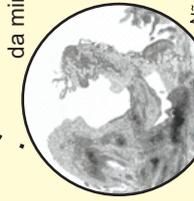
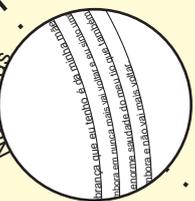
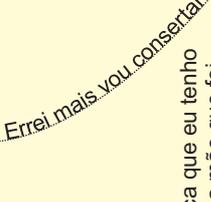
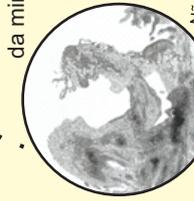
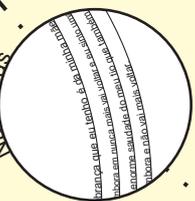
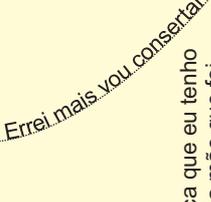
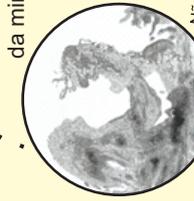
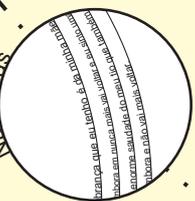
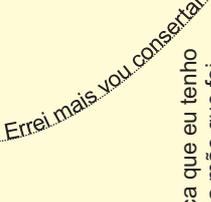
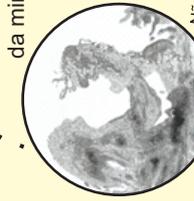
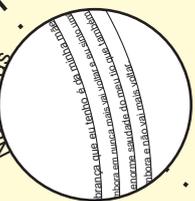
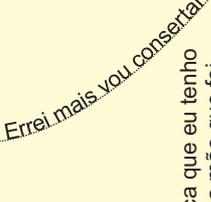
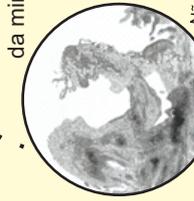
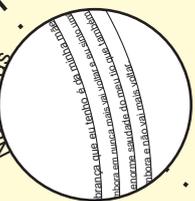
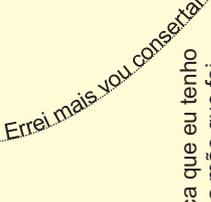
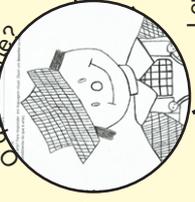
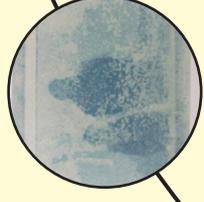
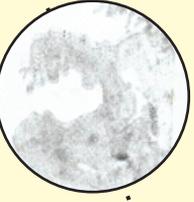
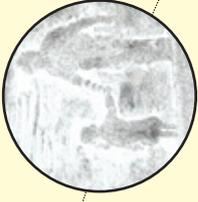
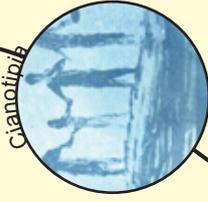
A imagem representa uma mãe e uma filha. O desenho representou eu e minha mãe porque eu não vejo ela faz 15 anos e eu amei.

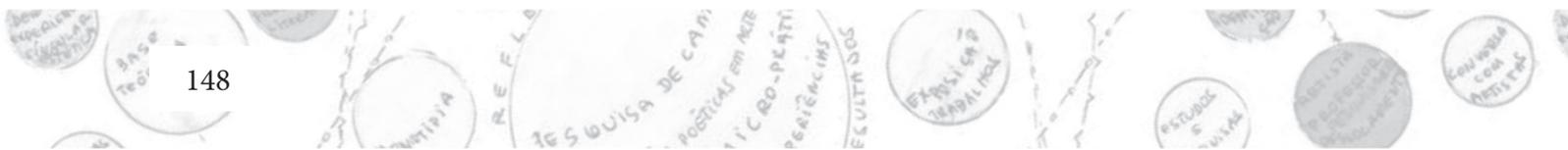
Eu gostei de desenhatar porque representou família e eu estou com muita saudades.

Lembrança significa uma enorme saudade. Lembrança da minha mãe que é falecida. Lembranças da minha família.

Centro de Internação Feminina - CIF

Menor Cachoeirinha





F) Com relação à adolescente Menor Cachoeirinha, o diagrama da Figura 50 representa uma síntese do contexto de suas experiências e memórias. Identifica seu estado de ânimo como ansiosa, preocupada e com medo. Gosta de praia, música e namorar. Não gosta de palavrões, falsidades, e casinha. Ela representa seu entendimento do que é Arte na linguagem visual, pelo seu desenho (Figura 20). E na linguagem verbal considera que artista é aquele que sai para ver, conhecer, desenhar, pintar, registrar seu próprio livro, criar imagens geográficas, fazer pinturas humanas, desenhar sua própria família. Entende que uma lembrança significa uma enorme saudade, como da sua mãe falecida e de sua família. Cita três lembranças, primeiro sente falta da família, o erro de desprezar a família e dos dias que passou com seu namorado, que no momento está privada de liberdade, mas um dia vai estar do lado dele e vai consertar todos os seus erros. Outras lembranças significativas que tem é de sua mãe e de seu tio, que foram embora e nunca mais vão voltar. E a terceira lembrança que tem é de um anel de ouro, uma camiseta de quando era bebezinha. Quanto aos resultados alcançados com os processos artísticos, gostou de desenhar porque representou e lembrou bastante sua família. Quanto às imagens ressignificadas, estas representam para ela uma mãe e uma filha, e que propiciam conexões com suas memórias, porque o desenho que fez representou a si e sua mãe, e que não a vê faz 15 anos, que a amou. Também considera que representa alegria para as pessoas que nunca fizeram esses trabalhos e lembra bastante sua mãe e seu pai, e especialmente Deus. E que esses desenhos refletiram bastante na sua memória por causa da sua família e dos seus amigos. Desenhou sua amiga Duda Beladona. Considera a fotografia importante porque o registro é importante e também marca bastante uma memória. Observou nas fotografias de Sebastião Salgado muitas crianças que não têm família, muitas crianças tristes e magrinhas, e que muitas passarão fome na vida. Pede a Deus ajudar essas crianças para que elas cresçam com bastante saúde, paz e alegria. Relata que quando desenhou sentiu muitas saudades porque lembrou muito sua família e sua mãe. E que representou para ela momentos inesquecíveis que vão ficar na sua mente. Seu estado de ânimo, no final dos encontros, identifica-se alegre, ansiosa e feliz e diz que se sentiu muito bem nos encontros. Deixa sua mensagem agradecendo a Deus por mais um dia de vida e que outras pessoas também tenham essa oportunidade que elas tiveram. Como agradecimento de sua participação, recebeu seu retrato do artista-pesquisador-professor (Figura 51).

Figura 51 - Retrato Menor Cachoeirinha. Lápis HD. Dim. 30x20 cm. José C. da Rocha. 2016



Fonte: Própria

Arte para mim é tudo. Ex. um quadro, uma paisagem, uma escultura até mesmo o por do sol. Arte está em todos os lugares.



Minha lembrança, quando vi, pela primeira vez, minha filha e seus pezinhos.

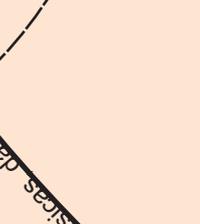
Fotografia



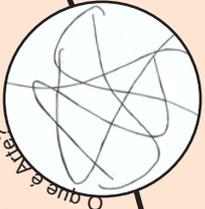
Quando vi pela primeira vez minha filha e seus pezinhos.



Lembrança para mim significa alguma coisa que vai ficar na memória para sempre não apenas um objeto mais sim algum momento que tive, que passei com alguma pessoa e até mesmo sozinha.



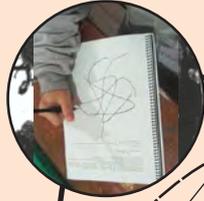
Sobre os trabalhos artísticos desenvolvidos nos encontros o que representou? Foi um grande aprendizado pois aprendi a gostar de desenho e de desenhar. Muitos desenhos que eu fiz foi sobre a memória da minha filha.



Não gosto mentira, falsidade, alho.



O que representa essa imagem agora ressignificada por um processo artístico? Me senti não muito bem, pois sinto muita falta e saudade da minha filha muita falta mesmo e a correntinha que eu ganhei da minha mãe que já faleceu e também sinto muita falta dela.



Centro de Interação Feminina - CIF



Pikena

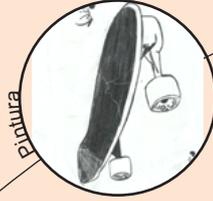


Quando ganhei de presente da minha mãe, no aniversário dos quinze anos uma correntinha com um pingente de um anjinho protetor, banhado de ouro. Ela já faleceu e ficou só as lembranças e a saudade.

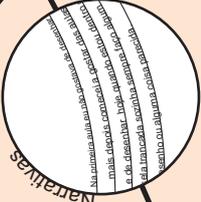


Quando eu ganhei o meu primeiro long (skate) do meu irmão.

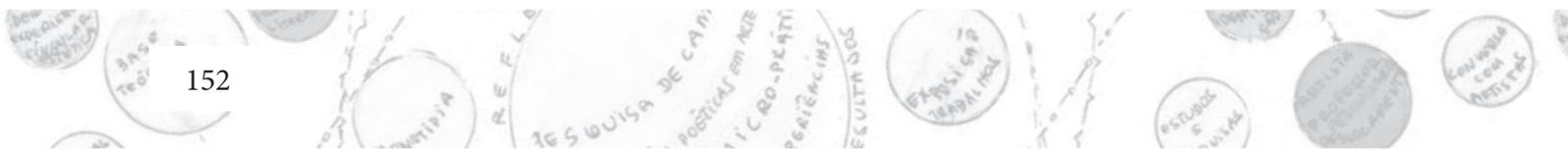
Pintura



Enquanto estava desenhando a minha tatoo veio na minha memória o dia que eu fiz ela.



Eu me lembro da primeira vez que vi minha filha e seus pezinhos. Quando eu ganhei o meu primeiro long (skate) do meu irmão. Quando ganhei de presente da minha mãe, no aniversário dos quinze anos uma correntinha com um pingente de um anjinho protetor, banhado de ouro. Ela já faleceu e ficou só as lembranças e a saudade. Enquanto estava desenhando a minha tatoo veio na minha memória o dia que eu fiz ela. Não gosto mentira, falsidade, alho.



G) Por último, apresenta-se o diagrama da Figura 52 da adolescente com pseudônimo Pikena. Identifica seu estado de ânimo como ansiosa e motivada. Suas preferências são a praia, música, roupas e dança. Não gosta de mentira, falsidade e de alho. O que é Arte? Sua resposta em linguagem visual está representada pelo seu desenho abstrato na Figura 23. Arte para ela é tudo, por exemplo, um quadro, uma paisagem, uma escultura e até mesmo o pôr do sol, e que a Arte está em todos os lugares. Entende como lembrança da memória alguma coisa que vai ficar na memória para sempre, não apenas um objeto, mas sim algum momento que teve que passou com alguma pessoa e até mesmo sozinha. Suas três lembranças singulares escolhidas foram o nascimento de sua filha quando a viu pela primeira vez, e seus pezinhos, e que foi a sensação mais maravilhosa do mundo; quando ganhou no seu aniversário de 15 anos, de presente da sua mãe que já faleceu, uma correntinha com um pingente de um anjinho protetor, banhado a ouro, e que só ficaram as lembranças e a saudade; por último quando ganhou de surpresa do seu irmão o seu primeiro *skate Long*, que tinha lixa preta e as rodas rosa; descreve minuciosamente essa experiência e que ficou muito feliz. Quanto aos resultados alcançados, relata que não achou difícil. E o que representam essas imagens agora ressignificadas? Responde a adolescente que não se sentiu muito bem, pois sente muita falta e saudade de sua filha, e a correntinha que ela ganhou de sua mãe que já faleceu, também sente muita saudade. Afirma que essas imagens propiciam conexões com suas memórias. Considera a importância da fotografia como registro de um momento bom que vai ficar na memória e na fotografia. Com base no desenho realizado sobre as imagens referentes às suas memórias, relata sua experiência utilizando o processo artístico, citando que enquanto estava desenhando a tatuagem de uma coroa com o nome de sua filha, veio na sua memória o dia que ela fez a tatuagem e que sentiu muita saudade. Sobre os trabalhos artísticos desenvolvidos nos encontros, representaram para a adolescente um grande aprendizado, pois aprendeu a gostar de desenho, de desenhar e aprendeu muitas formas para desenhar. Se expressam suas memórias, responde que muitos desenhos foram sobre a memória de sua filha, do pezinho dela quando nasceu, que estará na sua memória para sempre. No final dos encontros, identifica-se como alegre, ansiosa e motivada. Sentiu-se muito bem na participação dos encontros e agradece por começar a gostar de desenhar, desenha mesmo quando está trancada na cela. Ganhou de presente seu retrato (Figura 53).

Figura 53 - Retrato Píkena. Lápis HD. Dim. 30x20 cm. José C. da Rocha.2016



Fonte: Própria

2.3 EXPOSIÇÃO DOS TRABALHOS DAS ADOLESCENTES

O lugar da realização da exposição dos trabalhos desenvolvidos pelas adolescentes foi no próprio Centro de Internação Feminina (CIF), instituição em que a presente pesquisa de campo foi desenvolvida. São expostos os trabalhos realizados nas micropráticas, resultado do desenvolvimento do Plano de Ensino Arte Educação descrito no Seção 1, subseção 1.1 – Arte Educação.

Foi oferecido um coquetel de abertura pela Instituição (Figura 54). A participação dos funcionários, visitantes e das menores na exposição (Figura 55, 56, 57, 58 e 59) foi importante para valorizar e elevar a autoestima das adolescentes. Foi um momento muito especial de confraternização e compartilhamento entre as adolescentes e a Instituição, com a participação dos convidados. Desse modo, a Arte estimula o desenvolvimento de ações socioeducativas com base na socialização e humanização do ser humano, principalmente às adolescentes que estão iniciando suas vidas, potencializando outras perspectivas e projetos de vida de ser e estar no mundo.

Como agradecimento, foi realizado pelo artista-pesquisador-professor um retrato de cada adolescente como presente, já demonstrado na Seção 2, na subseção 2.2, Diagramas das adolescentes, conforme Figuras 41, 43, 45, 47, 49, 51 e 53, apresentado na exposição como surpresa.

O Formulário 16 foi entregue após a exposição, o qual solicita uma avaliação sobre a exposição - *Memórias e experiências: vestígios singulares* - às participantes e funcionários do Centro de Internação Feminina sobre os trabalhos apresentados. A primeira pergunta solicita qual a opinião sobre a exposição. Responderam: *a exposição realizada teve um papel relevante para apoiar no processo de autoavaliação das adolescentes do CIF; a exposição foi interessante, pois pode, além de mostrar os sentimentos em forma de arte, valorizar o trabalho e empenho das adolescentes que participaram do projeto; achei bastante interessante a exposição por vários motivos. Primeiro, porque possibilitou um contato com elementos pouco usuais para as adolescentes e propiciou momentos de reflexão ao mesmo tempo que explorou o lúdico. Segundo, porque serviu de exemplo para mostrar um “mundo” pouco explorado pela sociedade civil, e terceiro, porque, de certa forma, contribuiu para quebrar este “preconceito” arraigado na maioria das pessoas acerca de adolescentes que cometem ato infracional; achei extremamente válido, as adolescentes se interessaram pela atividade, o vínculo com o professor foi positivo, e a exposição coroou devidamente o fechamento daquela etapa do trabalho, as jovens se sentiram fortalecidas, valorizadas e reconhecidas. Espero que aconteça de novo; na minha opinião foi uma boa iniciativa, algo diferente, algo que fez bem para expor as memórias e experiências que tivemos.*

Foi porque até voltamos um pouquinho ao passado e lembramos das coisas

Figura 54 - Abertura Exposição. Coquetel. Confraternização. 2016



Fonte: Própria



Figura 55 - Funcionários da Administração da Instituição. CIF. 2016.



Fonte: Própria

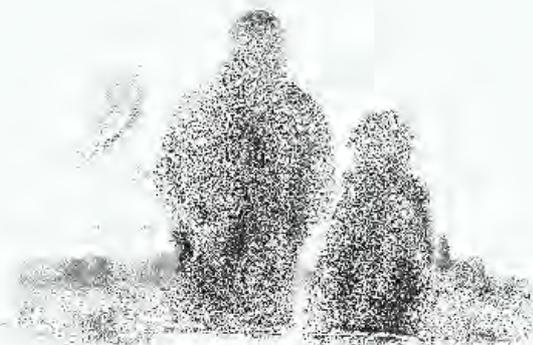
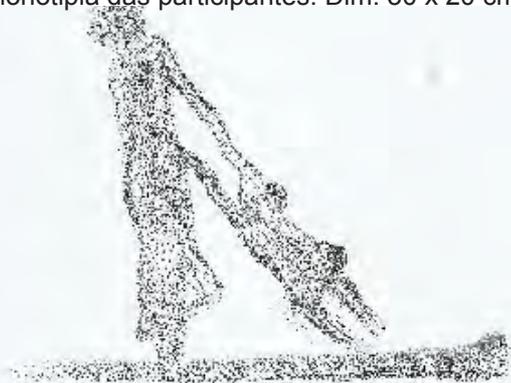
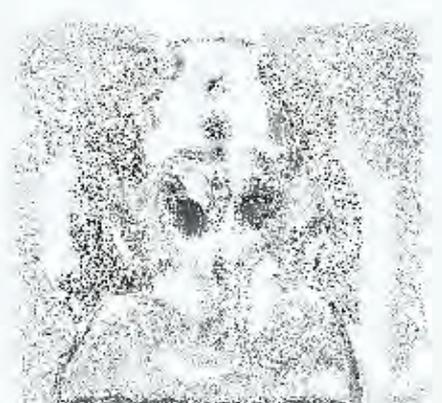
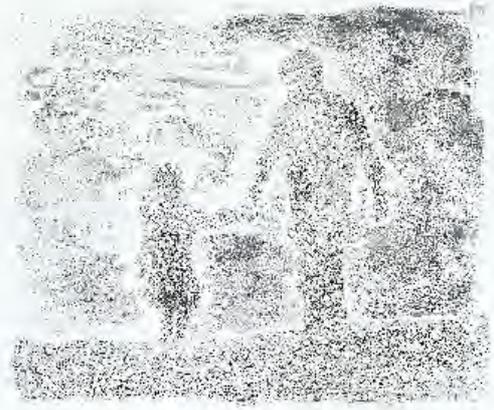


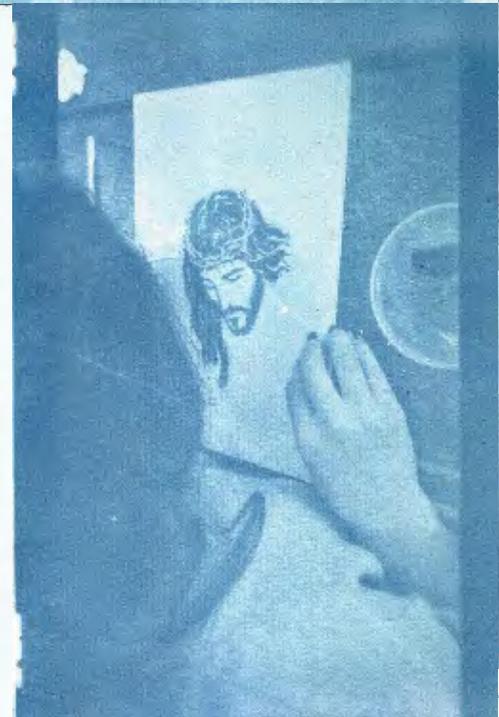
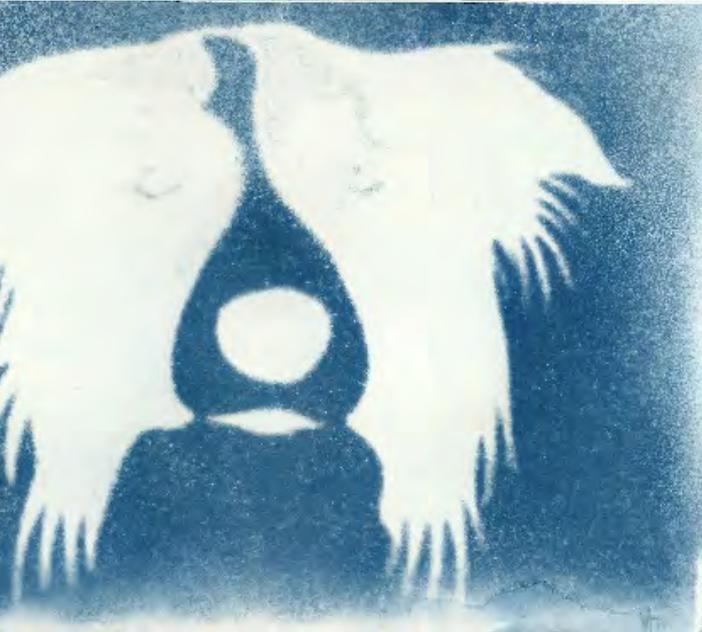
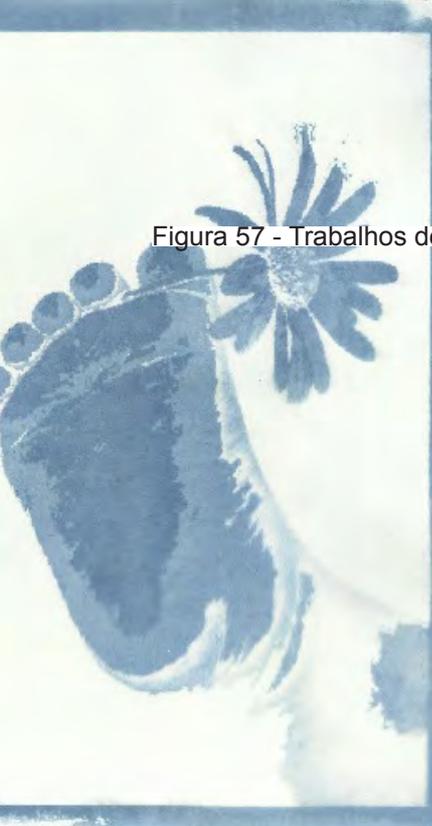
Figura 56 - Trabalhos de monotipia das participantes. Dim. 30 x 20 cm. 2016





Fonte: Própria.

Figura 57 - Trabalhos de cianotopia das participantes. Dim. 30 x 20 cm. 2016





Fonte: Própria.

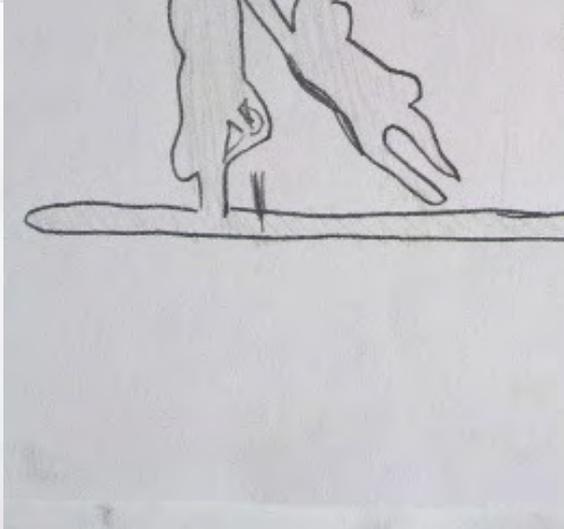
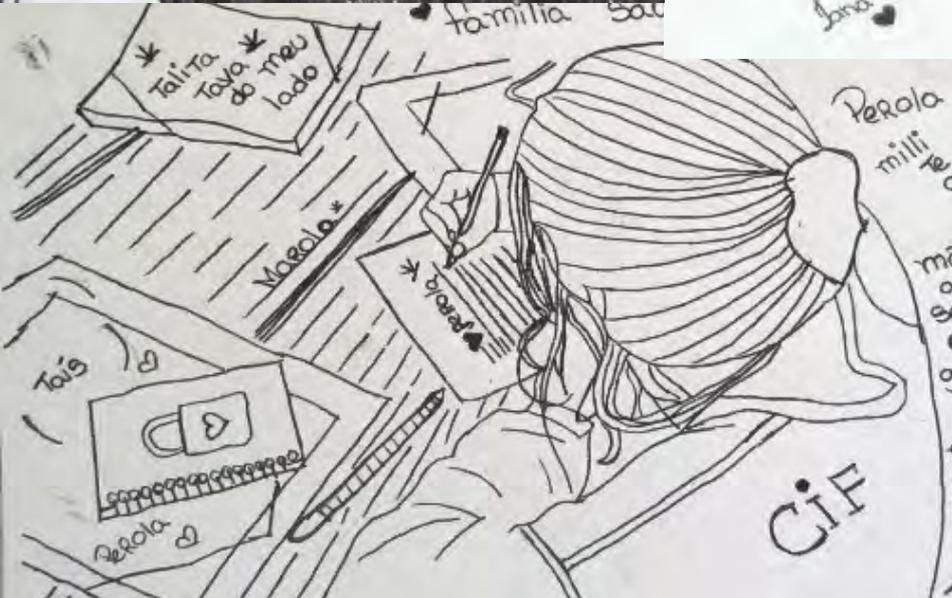
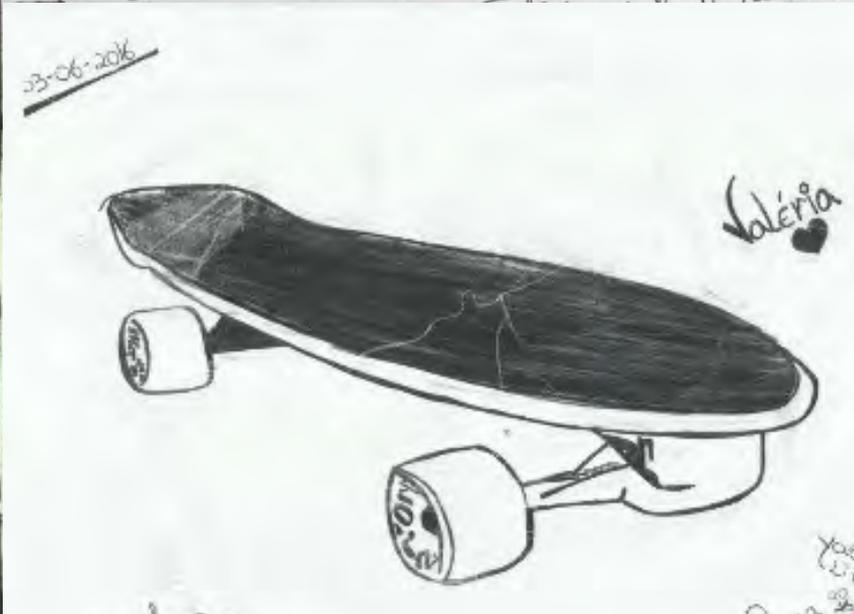
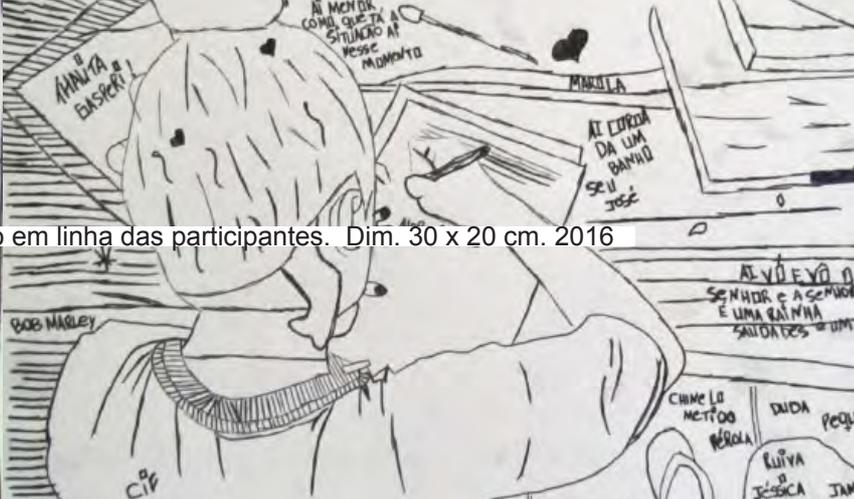
Figura 58 - Fotografia das participantes nas micropráticas. José C. da Rocha. 2016

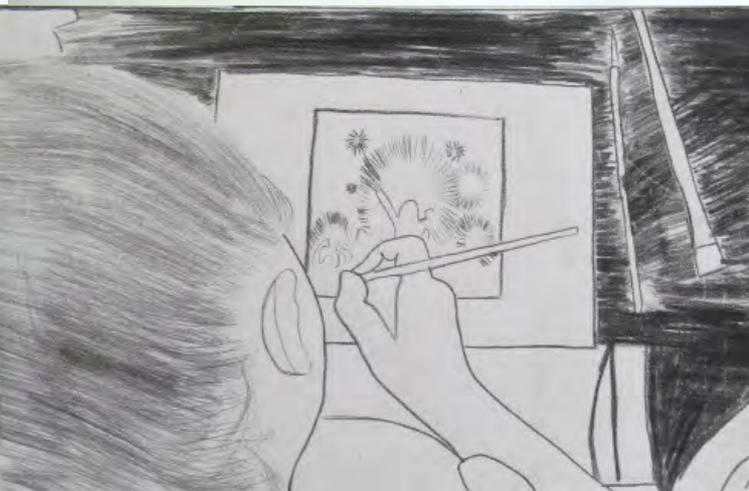
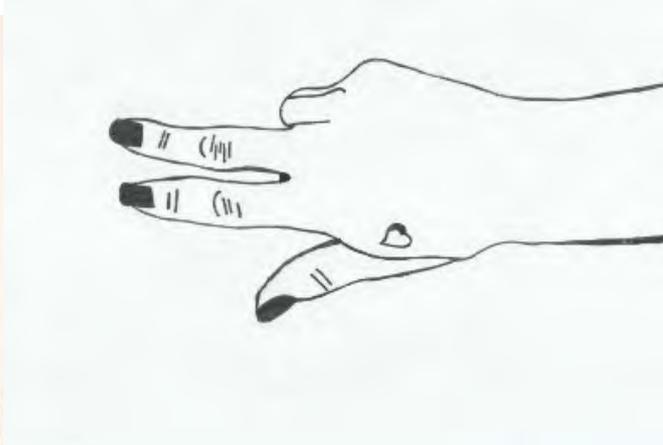




Fonte: Própria.

Figura 59 - Trabalhos de pintura e desenho em linha das participantes. Dim. 30 x 20 cm. 2016





Fonte: Própria.

boas que já vivemos. E mesmo estando nessa situação, foi bom para fazermos uma viagem ao mundo da arte; tem do carbono, monotipia, livros que nós vimos, o livro que o professor trouxe para ler, fotos das nossas lembranças que nós trabalhamos com aquele negócio de pôr no sol, cianotipia, também aquele que se põe na água e põe no sol, autorretrato nosso, dos nossos cachorros que pintava com tinta branca e preta que tinha a telinha, dos docinhos kkk do negócio que o professor montou e deu para nós (pasta com todos os trabalhos). Foi muito bom. Eu adorei; minha opinião é que ficou legal e eu gostei muito. Por mim eu queria de novo; a exposição foi um momento de muita alegria para adolescente e funcionário. As adolescentes se sentiram prestigiadas pela produção de seus desenhos. Foi feito um coquetel festivo para as adolescentes. Convidados funcionários e o professor para fecharmos de forma festiva esse trabalho que foi apreciado pelas adolescentes.

Nota-se que as opiniões foram bastante generosas quanto à produção dos trabalhos desenvolvidos pelas participantes, a autoestima das participantes ficou elevada pelo contentamento dos resultados alcançados, e novos encontros de microprática foram sugeridos.

Quanto à segunda pergunta sobre qual é a opinião sobre os trabalhos apresentados na exposição, responderam: *contato das adolescentes com o trabalho realizado pode proporcionar uma reflexão sobre “quem sou eu”, “como eu me vejo” e “como vejo o outro”; os trabalhos estavam muito bonitos, em alguns eram nítidos os sentimentos expressados através da arte; gostei muito. Foi uma ótima experiência para as adolescentes mostrarem características pouco exploradas e talentos escondidos; achei bastante interessante, expressivos, perceptível que foram trabalhos que vieram de um movimento interno, onde elas refletiram sobre suas vidas e, portanto, foi socioeducativo de fato; minha opinião é que os trabalhos ficaram lindos, aprendemos um pouco mais, porque saber nunca é demais. Ficaram lindos porque em um simples papel ilustramos grandes momentos de nossas vidas; bom, foi bem legal expor nossos trabalhos. Tenho orgulho de ter aprendido uma coisa que eu talvez nunca iria ter aprendido lá no mundão. Gostei bastante das aulas; eu achei bem legal porque a gente aprendeu várias coisas; a gente aprendeu muitas coisas, coisas que eu nunca tinha visto na vida. Eu vou guardar bastante em minha memória. Na exposição foi bem legal, a gente se divertiu bastante, ocupamos nossa mente aprendendo a fazer coisas bem legais, brincamos, choramos. Agradecida de coração, obrigado mais uma vez; os trabalhos estavam muito bonitos e expostos de maneira delicada, organizada por temas e de muita qualidade.*

Observa-se que as opiniões emitidas sobre os trabalhos desenvolvidos ressaltam a importância dessas experiências na vida das adolescentes, propiciando reflexões e conhecimentos por meio do processo artístico no Ensino das Artes Visuais. Todas essas opiniões levam a observar que os resultados encontrados foram

gratificantes tanto para as adolescentes como para a Instituição e para o próprio artista-pesquisador-professor. Talvez os resultados sejam verificados não agora, mas no futuro, como uma pedra do alicerce na construção da vida dessas adolescentes. A Arte tem a magia de mostrar sempre novos caminhos e projetos para a vida. Nesse sentido, como artista-pesquisador-professor, faço do meu trabalho uma semente para germinar em locais institucionais onde a Arte está ausente.

2.4 REFLEXÃO E OBSERVAÇÃO DOS RESULTADOS

Na presente pesquisa de campo, observa-se que todas as etapas são construídas como uma casa, e cada etapa tem a sua participação no resultado. Tudo começa no desejo de compartilhar saberes e buscar novos conhecimentos no Ensino das Artes Visuais. Para conhecer outros caminhos e ressignificar memórias e experiências, a Arte aponta múltiplos meios artísticos. Nesse sentido, a pesquisa propõe o desenho, a pintura, a fotografia, as técnicas de monotipia e cianotipia como possibilidades de manifestação dessas reflexões e observações nos trabalhos artísticos desenvolvidos. Assim, foi elaborado o Plano de Ensino Arte Educação como ferramenta de direção para o desenvolvimento da investigação, com possibilidades de ampliar os conceitos de Arte e formação do conhecimento.

Observa-se que, nos encontros das micropráticas, as respostas das adolescentes nos questionários revelam percepções e observações com relação ao potencial do processo artístico. Em cada técnica desenvolvida nos encontros, verifica-se, nas respostas das avaliações das adolescentes, que todas as técnicas propiciaram conexões entre suas lembranças e experiências. As avaliações evidenciaram o quanto significou desenvolver os processos artísticos expressando suas reminiscências. Para algumas participantes, os exercícios artísticos foram momentos de alegria por terem conseguido ressignificar e rememorar memórias e experiências, e criar “Arte” com as “suas próprias mãos”. Verifica-se que o contexto das lembranças e experiências relevantes das adolescentes está vinculado à família como elemento fundamental, seguido de suas relações com maridos, namorados e amigos. Nesse sentido, revivenciaram situações lembradas como se retornassem no tempo em busca desses momentos. Observou-se que o silêncio imperava na elaboração dos trabalhos, pois a concentração das adolescentes era como se estivessem revivendo aquele momento do passado no momento presente. Cada trabalho desenvolvido foi como uma viagem feita de contentamento específico para cada adolescente, e assim era aguardada a próxima viagem no próximo encontro. Os trabalhos desenvolvidos refletem esses momentos significativos de suas vivências, como a própria poesis, ou seja, algo em que antes nada havia e que passou a existir, suscitando um sentimento

de lembrança e emoção. O resultado é um trabalho original, único, e transpassa o presente indo até o passado, e representa momentos de liberdade de pensamento, mesmo que seus corpos estejam encarcerados pelas grades da Lei. Uma liberdade que não precisa do movimento do corpo para transpor os limites e barreiras dos espaços físicos a que estão confinadas. Os trabalhos são como prova de experiência e lembranças de vida anterior, que servem como estímulo e reconstrução de suas identidades em frente às adversidades encontradas. Como as adolescentes ainda têm um longo caminho a percorrer, sujeitas a serem desprezadas e incompreendidas, a Arte aponta possibilidades de reconstrução de identidade e remove obstáculos para obter experiências e conhecimento. As técnicas artísticas desenvolvidas foram realizadas sem dificuldades pelas adolescentes, mesmo sem conhecimento anterior dos processos artísticos propostos, como a monotipia e a cianotipia. O desenvolvimento e compartilhamento das experiências estabelece uma relação legítima com as adolescentes, e não por deveres e direitos fixados no papel.

As participações das adolescentes nos encontros das micropráticas não se limitaram ao fazer, escrever, refletir, mas também observar, perceber, experienciar e, sobretudo, falar a produção de sentidos que não foram escritos, mas foram verbalizados e visualizados na sala de encontros entre colegas. Histórias do passado faziam-se presentes nas concentrações dos trabalhos em cada microprática. Os telefonemas recebidos no horário dos encontros provocaram choro e tristeza, outros esperados, mas não recebidos, provocavam choro na mesma intensidade. Várias situações precisam ser lembradas. Dores de barriga e horários dos remédios. Ausências e impedimentos das participantes de estarem presentes nos encontros. Participantes que voltaram para suas casas, e outras que chegaram. Conversas ao pé do ouvido para outra participante não escutar. Braços como proteção para escrever e para não ser lido pela participante ao lado. Bilhetes que circulavam de mão em mão revelando segredos e brincadeiras entre elas. A desconcentração ao saborear o presente de uma bala, de uma bolacha recheada para alegrar o encontro, a chuva que impediu de usar a sala e assim trocar de ambiente, o bolo de aniversário presenteado pela Instituição a uma aniversariante participante do grupo de estudo, os abraços carinhosos das socioeducadoras com as adolescentes. As brincadeiras para verificação de lêndeas ou piolho nas cabeças entre as participantes, enquanto secavam no varal os trabalhos de cianotipia. A curiosidade para revelar a imagem que ia aparecendo na bacia cheia de água. O sol que não apareceu no dia esperado para a microprática de cianotipia. As declarações de que estavam aprendendo muitas coisas, mesmo estando sem liberdade. A prontificação em ajudar a guardar os materiais, de limpar a mesa, de respeitar as normas, de cuidar para não sujar o ambiente de tinta, de participar com entusiasmo, de acordar depois do almoço, ainda com sono, em dia de frio, tudo isso fez parte do contexto que não está escrito nem gravado, mas que faz parte da

experiência. Segundo Dewey (2012), a experiência, mesmo que seja incipiente, vai contribuir para outras experiências. Todo esse contexto exposto faz parte do processo artístico do Ensino das Artes Visuais, como também dos resultados alcançados e refletidos nesta investigação.

Nesse sentido, a exposição realizada dos trabalhos das participantes, seus depoimentos e o das pessoas que visitaram a exposição, principalmente funcionários da Instituição, são reflexos dos resultados alcançados na pesquisa de campo com base nos trabalhos desenvolvidos nos encontros das micropráticas. Os resultados propiciaram interpretações, principalmente no sentido de refletir como o processo artístico propicia expressar as experiências e memórias, mesmo em situações em que a liberdade física é cerceada por determinação da justiça, devido aos conflitos com a Lei. Observa-se que as lembranças e experiências mais significativas e ressignificadas tiveram relação principalmente com a família, seguidas de objetos materiais. Percebe-se que a recordação da ausência e presença de familiares na vida das adolescentes tem importância fundamental na expressão e significados dos trabalhos artísticos desenvolvidos, fazendo a ponte de ida e volta entre o passado e o presente.

Constata-se que alguns fatores colaboraram na pesquisa de campo, como manter o anonimato dos nomes das adolescentes, desconhecer seus atos em conflito com a Lei, suas histórias e trajetórias que as levaram até a Instituição, suas origens e suas idades. Naturalmente esses fatores foram deixados adormecidos propositalmente para não comprometer ou criar resistências ou subjetividades, sendo as adolescentes consideradas como qualquer aluna de uma escola acadêmica, sem discriminação, ou seja, valorizou-se a pessoa como ser humano, independentemente de seus atos ou opções. Como fator de anonimato, o pseudônimo utilizado pelas adolescentes foi uma forma de reconstrução de uma nova identificação sem rótulos e de aproximação entre o grupo.

Apresente pesquisa mostra resultados significativos e expressivos esteticamente nos trabalhos desenvolvidos nas atividades propostas com as adolescentes, conforme demonstrado na exposição realizada na Instituição, cujas imagens estão na Seção 2, subseção 2.3 - Exposição dos trabalhos das adolescentes. São formas de repensar e ressignificar por meio do fazer, segundo Richard Sennett, que argumenta:

Sustento duas teses polêmicas: primeiro, que todas as habilidades, até mesmo as mais abstratas, têm início como práticas corporais, depois, que o entendimento técnico se desenvolve através da força da imaginação. A primeira tese focaliza o conhecimento adquirido com a mão, através do toque e do movimento. A tese sobre a imaginação começa explorando a linguagem que tenta direcionar e orientar a habilidade corporal. [...] As duas teses convergem no exame da maneira como a resistência e a ambiguidade podem ser experiências instrutivas [...] Podemos entender os processos imaginativos que nos capacitam a fazer melhor as coisas. (SENNETT, 2008, p. 20-21).

Outro fator que propiciou expressar e registrar conceitos, avaliações, memórias e experiências foram os formulários com as perguntas para embasamento da pesquisa, o que possibilitou simultaneamente as adolescentes manifestarem-se. Quanto à gravação de áudio e filmagem, não foram realizadas devido às restrições das normas internas da Instituição.

As dificuldades encontradas também são fatores presentes, mas são justificadas devido à situação de controle e segurança.

É proibido qualquer tipo de objetos nas dependências dos quartos das adolescentes. As visitas de familiares são esparsas devido às distâncias das residências familiares, uma vez que a Instituição acolhe adolescentes em conflito com a Lei de todo o Estado. E quando há objetos como livros, diários, fotografias, estes são recolhidos pelas socioeducadoras em um armário, ou pela pedagoga, sendo disponibilizados nos horários determinados, conforme as normas internas da Instituição. Quanto a equipamentos de apoio, há limitações.

Observa-se que no relacionamento entre as socioeducadoras com as adolescentes, nos encontros das micropáticas, há respeito e carinho entre ambas as partes. Verifica-se que a amizade nessa relação contribuiu para a humanização e socialização das participantes. Nem sempre isso é percebido nos sistemas penitenciários. Segundo Vicente Concilio,

A cadeia aparenta estar em crise. Isso não significa que seu fim esteja próximo. A cada dia exigem-se mais e mais unidades, na medida em que diferentes setores da sociedade civil se apoiam na desumanidade da prisão com o intuito de fazer a “justiça” prevalecer.[...] E quando se constata que os grupos mais radicais da sociedade civil não conseguem pensar em outras formas de justiça que não o aprisionamento... (CONCILIO, p. 149, 2006).

O respeito às regras e normas foi mantido em todos os encontros, sem nenhum imprevisto, propiciando assim uma maior concentração nos exercícios desenvolvidos. Percebe-se que, em alguns momentos, a concentração de algumas participantes era tênue e dispersiva, necessitando mais atenção e redirecionamento para os exercícios, sobretudo quando eram conversas relativas a outros assuntos fora do contexto das micropráticas.

Exercendo simultaneamente as funções de artista, pesquisador e professor, verificaram-se outras percepções e reflexões sobre o Ensino das Artes Visuais. Considera-se que na Arte a liberdade do pensar é sem censura, livre e sem horário, e permite expressar e rememorar, em qualquer tempo, as memórias e experiências. Nesse sentido, constata-se que os resultados da pesquisa indicam possibilidades de o Ensino das Artes Visuais propiciar ressignificações de experiências e memórias do outro por meio de processos artísticos.

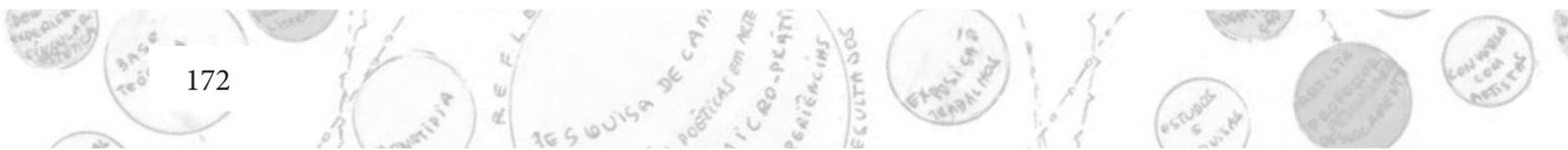


FIGURA 60

APRENDEI QUE SE APRENDE MAIS QUANDO SE COMPARTELA COMHECIMENTOS.



APOTHEKE. FORMADO POR UM GRUPO DE ARTISTAS/PROFESSORES/ACADEMICOS. - UDESC.



PESSOAS

COMO ME IDENTIFICO?



ARTISTA



PROFESSOR



COMO QUORRE ESSE DESLOCAMENTO?



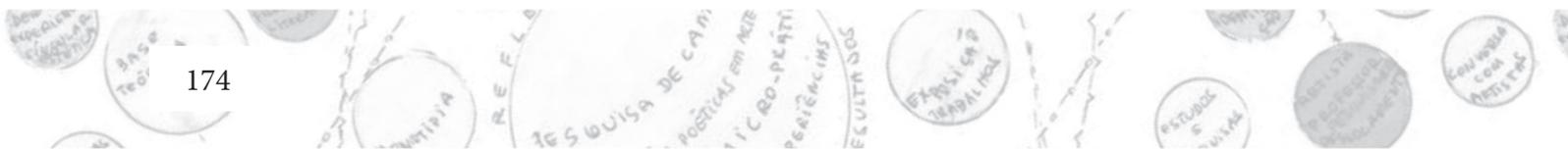
EXPERIENCIAS SINGULARES DESLOCAMENTO DE IDENTIDADE

DESLOCAMENTOS COMO ARTISTA-PESSOIS/PROFESSOR

DESLOCAMENTOS DE IDENTIDADE

ENTAO REFLETA PINTURA APOTHEKE ESTUDO DE

APRENDEI A IDENTIFICAR ME MAIS, A REFLETIR SOBRE MINHAS PŪMIAS, MINHAS INCERTEZAS E ATÉ SOBRE AS CORTEIAS QUE VIRARAM INCERTEZAS. PESQUISADOR



3 DESLOCAMENTOS COMO ARTISTA-PESQUISADOR-PROFESSOR

As palavras artista, pesquisador e professor têm sentidos diferentes, mas, agregadas, tomam amplamente outros sentidos, quando justapostas como artista-pesquisador-professor. Entendo como uma ponte que liga as palavras, mas não funde numa só, nem por aglutinação ou superposição, mas por justaposição, e conserva as três propriedades independentes e unidas, conservando suas autonomias e características específicas. Considero como se fosse um triângulo equilátero, cujas partes iguais possuem a mesma importância e valor, embora com funções distintas, mas que formam um todo. Parto desse entendimento para identificar meu processo como artista-pesquisador-professor nesta pesquisa. Para compreender os conceitos das palavras “artista, pesquisador e professor”, é necessário, primeiro, entender o significado da palavra conceito, definida no Aulete (2011) como:

O que se concebe sobre algo ou alguém no pensamento, na ideia. Modo de pensar sobre algo. Noção, ideia, concepção. Conceito na filosofia: representação mental e linguística de qualquer objeto concreto ou abstrato, que para a mente significa o próprio objeto no processo de sua identificação, descrição e classificação. (AULETE, 2011, p. 368).

Assim, considera-se o conceito das palavras “artista”, “pesquisador”, e “professor” em um recorte de profissionais que trabalham na área de Artes, como artista, pesquisador e professor de Ensino das Artes Visuais, aprofundando as derivações da tríade denominada artista-pesquisador-professor. Como proposta do presente estudo, considero a terminologia artista-pesquisador-professor, com a qual me identifico, e procuro demonstrar as justificativas que corroboram meu deslocamento no desenvolvimento do presente projeto. Nesse sentido, buscam-se conceitos sobre a ótica de artistas, teóricos, estudiosos e críticos sobre o entendimento das palavras agrupadas ou separadas de artista, pesquisador e professor.

A definição de “artista-etc.”, de Ricardo Basbaum, é um ponto de partida importante para entender o seu trabalho e o seu papel como artista:

Quando um artista é artista em tempo integral, nós o chamaremos de ‘artista-artista’; quando o artista questiona a natureza e a função de seu papel como artista, escreveremos ‘artista-etc.’ (de modo que poderemos imaginar diversas categorias: artista-curador, artista-escritor, artista-ativista, artista-produtor, artista-agenciador, artista-teórico, artista-terapeuta, artista-professor, artista-químico etc.); [...] Vejo o ‘artista-etc.’ como um desenvolvimento

e extensão do 'artista-multimídia' que emergiu em meados dos anos 1970, combinando o 'artista-intermídia' fluxus com o 'artista-conceitual' – hoje, a maioria dos artistas (digo, aqueles interessantes–) poderia ser considerada como 'artistas-multimídia', embora, por 'razões de discurso', estes sejam referidos somente como 'artistas' pela mídia e literatura especializadas. 'Artista' é um termo cujo sentido se sobre-compõe em múltiplas camadas (o mesmo se passa com 'Arte' e demais palavras relacionadas, tais como 'pintura', 'desenho', 'objeto'), isto é, ainda que seja escrito sempre da mesma maneira, possui diversos significados ao mesmo tempo. Sua multiplicidade, entretanto, é invariavelmente reduzida apenas a um sentido dominante e único (com a óbvia colaboração de uma maioria de leitores conformados e conformistas). Logo, é sempre necessário operar distinções de vocabulário. O 'artista-etc.' traz ainda para o primeiro plano conexões entre arte&vida (o 'an-artista' de Kaprow) e arte&comunidades, abrindo caminho para a rica e curiosa mistura entre singularidade e acaso, diferenças culturais e sociais, e o pensamento. [...] Amo os artistas-etc. Talvez porque me considere um deles, e não é correto odiar a mim mesmo. (BASBAUM, 2005).

Quanto à concepção da palavra “pesquisa”, encontra-se nos textos da Pesquisa Educacional Baseada em Arte: *A/r/tografia* (IRWIN, 2013), como sendo uma “Pesquisa Viva”, um encontro constituído mediante compreensões, experiências e representações artísticas e textuais (IRWIN, 2013). A autora expõe que o processo de investigação (pesquisa) torna-se tão importante quanto a representação dos resultados alcançados, e identifica dois processos:

Artistas se envolvem em investigações artísticas que os auxiliam a explorar questões, temas, ou ideias que inspiram sua curiosidade e sensibilidades estéticas. Já Educadores se envolvem em investigações educacionais que os ajudam a estudar assuntos, tópicos e conceitos que influem nas suas aprendizagens, assim como nas maneiras de aprender a aprender. Estes processos formam a base da Pesquisa Viva. (IRWIN, 2013, p. 29).

A autora finaliza que a *A/r/tografia* é uma forma relacional de investigação (pesquisa) que busca a produção de significados, a compreensão e a criação de conhecimentos, e que as questões relacionais estão em todos os aspectos de *A/r/tografia*.

Como definição de “professor”, o autor Jesus (2013) conceitua “professor” como:

Aquele que organiza as experiências, tendo em conta metas, objetivos ou o programa da disciplina, torna-se pertinente questionar o tipo de experiências que este proporciona aos alunos. É que se os sujeitos constroem a sua identidade através das experiências que efetuam ao longo da sua vida, as experiências que lhes são proporcionadas no espaço escolar, durante o seu percurso de ensino-aprendizagem, são determinantes na produção de sua identidade. (JESUS, 2013, p. 33).

Outro conceito de “professor” é considerado por Lampert (2015) em seu texto *Tessituras sobre Arte e Arte Educação*:

O professor precisa entender, compreender e saber para poder ensinar Arte, assim como o professor precisa produzir praticamente. Sim, eu sou a favor de que o professor produza sua arte (pintando, gravando, esculpindo, fotografando, ou seja o que for). A experiência precisa transitar pela vivência e pelo conhecer o que se faz. Neste caso, conhecer significa experimentar para então produzir sentido e ensinar. (LAMPERT, 2015, p. 106).

Já Joaquim Alberto Luz de Jesus, *(In)visibilidades. Um estudo sobre o devir do professor-artista no Ensino em Artes Visuais (2013)*, embora associe a palavra também à escola, com relação a professor, leva em consideração suas experiências como identidade. Parece mais difícil ser professor desvinculado do meio escolar e acadêmico, porque se cultiva que para Ensinar há que ter formação de metodologia de Ensino, entender de pedagogia, estudar, pesquisar, enfim, associa-se à escola e à academia. Esse é o conceito dominante de professor. Nesse sentido, muitos teóricos e professores estão em busca de soluções e de novos métodos para a prática do Ensino das Artes Visuais.

A palavra professor tem uma conotação ampla em vários sentidos. Na atualidade, a figura do professor é fundamental na formação de qualquer pessoa, seja nas Artes Visuais, na música, no Teatro ou em qualquer atividade humana. Paralelamente ao mundo escolar e acadêmico, há professores que não estão inseridos nesse universo, mas que também cumprem e desempenham o papel de professor em seu espaço privado, ou em instituições ou órgãos com fins sociais. Ainda, há os professores que se dedicam ao Ensino gratuitamente, ou como voluntário, ou participando de grupo ou coletivo de apoio em instituições. Enfim, os professores ocupam e permeiam os mais diversos níveis na vida das pessoas. Quem não teve um professor? Cada vez mais pessoas têm acesso a ter um professor devido às novas tecnologias, novas informações e novas descobertas em todos os níveis de conhecimento. Quando se trata de uma qualificação específica de professor, então nem todos têm a oportunidade e condição de tê-lo, como

exemplo de professor de Ensino de Artes Visuais e, mais raro ainda, de um artista-pesquisador-professor.

Em outro segmento, há artistas denominados autodidatas, ou seja, que aprendem por si mesmos, sem apoio do professor, não frequentam alguma instituição de Ensino da Arte, e inexistem um professor de Arte na formação de suas atividades artísticas. Mas isso não impede de o artista aprender por meio da percepção, observação, sensibilidade, e pela apreciação de outros trabalhos artísticos.

No entanto, a denominação de “artista-professor” configura um desdobramento de um artista, quando sua ação deriva para orientar o aprendiz, quando se desdobra pelo fato de falar de sua técnica, de sua forma de produzir, de suas referências teóricas, de suas reflexões e indagações sobre sua própria produção. Nesse contexto, surgem dúvidas e questionamentos da atuação e relação do artista como professor e sua interação simultânea na produção e Ensino das Artes Visuais. Assim, surgem muitas perguntas e dúvidas, como: Há uma única formação para ser artista professor ou professor artista? Existe diferença entre artista-professor e professor-artista? O curso de Graduação de Bacharel em Artes Plásticas é suficiente para formar o artista e o pesquisador? O curso de Graduação em Licenciatura em Artes Visuais é o ideal para o professor? É necessário ser formado em Artes para ser artista-professor? O curso de Pós-Graduação em Artes Visuais preenche todos os requisitos para produzir, pesquisar e Ensinar Artes Visuais? Certamente pode-se responder “não” para todos os questionamentos mencionados, pois a resposta mais de acordo com a realidade contemporânea está na contribuição de uma parcela de cada uma dessas questões.

Consideram-se os estudos teóricos de Lampert (2009), em sua tese, que aponta:

Como professora, como artista e como pesquisadora, sempre me pergunto: qual o papel do pesquisador na sociedade, e o que eu poderia fazer para que meus alunos compreendessem o significado de ensinar e produzir Arte hoje. Como pesquisador, passei a observar e a desenvolver um olhar questionador e duvidoso, desacreditei das verdades em que um dia ousei acreditar. (LAMPERT, 2009. p. 3).

Partindo das referências citadas, pode-se ter uma ideia para compreender e refletir o significado dessas três palavras separadamente dentro do contexto pesquisado: artista, pesquisador e professor, uma tríade pesquisada na formação e deslocamento do professor de Artes Visuais.

3.1 DESLOCAMENTOS DE IDENTIDADE

Busco encontrar referências teóricas e práticas para o desenvolvimento da pesquisa sobre deslocamentos de identidade, principalmente nos autores Thornton (2005), Almeida (2009), e Jesus (2013). Apresentam-se alguns posicionamentos dos referidos autores pesquisados, com objetivo de esclarecer dúvidas e questionamentos no presente estudo, bem como trazer contribuições para reflexão de ser artista-pesquisador-professor. Antes de apresentar os estudos teóricos dos referidos autores, ressalto que o sentido de artista-pesquisador-professor e professor-artista-pesquisador, embora as palavras estejam de uma forma escrita com o mesmo sentido nos textos dos autores pesquisados, leva-me a questionar se a utilização dos termos em que a palavra artista precede a palavra professor e pesquisador, e ora o inversamente, tem uma conotação de historicidade, ou seja, o deslocamento de identidade de ser artista primeiro para ser professor e pesquisador depois, e assim inversamente. Embora essa observação não seja claramente definida nos estudos apresentados, considero os três no presente estudo, a justaposição dos termos: artista-pesquisador-professor.

No texto pesquisado referente a uma versão da tese de Célia Maria de Castro Almeida, *Ser Artista, Ser Professor, Razões e paixões do ofício*, constatam-se inúmeras perguntas e questionamentos sobre o Ensino da Arte. A autora reflete sobre convicções ao indagar artistas-professores do nível superior. Considera Almeida (2009) a terminologia artistas-professores, que vem ao encontro da identificação deste trabalho como artista e do processo artístico na área de Ensino das Artes Visuais.

A autora parte dos princípios de suas observações entre a prática e a teoria, uma vez que queria compreender de que modo foi construído o conhecimento sobre como deve ser o Ensino da Arte; que quadro de referências fundamenta esse conhecimento, e quais visões do mundo explicam as rupturas na forma de pensar e fazer o Ensino de Arte. Os questionamentos básicos que a inquietavam eram: É possível ensinar Arte? O que é o Ensino da Arte? E como se Ensina Arte? Para isso, decidiu investigar o Ensino da Arte, analisando os modos como os artistas-professores experienciam e pensam suas práticas e que interações estabelecem com seus alunos e seus pares, bem como a experiência concreta vivenciada e historicidade de cada entrevistado. Como é ampla a gama de vários questionamentos, procuram-se os recortes que abordam especificamente o foco do objetivo da pesquisa, ou seja, o deslocamento da identidade do artista para o Ensino das Artes Visuais. Nesse sentido, a experiência vivida no cotidiano do Ensino e as percepções dos artistas-professores passam a ser analisadas pela autora em busca de resposta, o que e por que acontece; como pensam e o que pensam de suas experiências. A autora utiliza o sentido de experiência com base em Heidegger (1987), ou seja, a experiência com o que nos afeta e nos transforma. Almeida (2009), em busca de respostas, propõe:

Numa palavra, queria discutir a concretude de um trabalho feito por quem é artista e professor; ouvir a voz dessas pessoas: saber não só o que pensam sobre Ensinar Arte, mas também como ensinam e como se sentem ao fazê-lo, o que pretendem. (ALMEIDA, 2009, p. 23).

As indagações desdobravam-se em outras mais específicas, como: O que os artistas plásticos entendem por Ensino das Artes Visuais? Acreditam ser possível Ensinar Artes Visuais? Como e por que um artista se torna professor? Que valores e sentidos atribuem às atividades de criar e Ensinar? Haveria relação entre produzir Arte e Ensinar Arte? Assim, grande parte do estudo da autora deriva de reflexões suscitadas por duas posições antagônicas relativas à prática de atividade de Ensino por artistas. Uma observação entre ser artista e Ensinar Arte verifica-se em uma citação de Barbosa apud Almeida (1984):

[...] recuso o preconceito mesquinho de artistas contra o ensino de arte, atitude que é uma espécie de posse exclusivista do conhecimento estético e artístico, uma tentativa de detenção do poder cultural'. Para ela, o artista teria de estar presente não só na universidade, mas também em todos os graus da educação formal. A autora exemplifica o sucesso desse tipo de experiência nas escolas norte-americanas citando Klee, Kandinsky, Albers, Moholy-Nagy e outros grandes artistas que desenvolveram atividades de ensino paralelamente à sua produção artística. Para Barbosa, todo artista é um educador, tendo ou não uma atuação no ensino, pois toda obra, mesmo livre de intenção didática, tem caráter educativo: influi na formação de um gosto estético. (BARBOSA, 1984, p.160 apud ALMEIDA, 2009, p. 65-66).

Ao discutir a produção artística, a autora complementa com a citação de Benjamim (1985), ressaltando o papel educativo do autor: sua ação não se restringe à simples fabricação de produtos, ela tem a intenção de modificar os meios de produção. Por isso a obra de Arte tem “caráter modelar”, serve de modelo ao “orientar outros produtores em sua produção” e põe “à disposição deles um aparelho mais perfeito”. (BENJAMIM, 1985, p.132 apud ALMEIDA, 2009, p. 65-66).

No entanto, há os que veem o Ensino como “atividade” pouco compatível com a produção artística, segundo a autora Almeida, em referência a um dos entrevistados, que justifica que Ensinar “consome o artista”, e que a aprendizagem artística teria de ocorrer “por osmose”, e não via ensino formal: o aluno aprenderia ao conviver com o artista, ao acompanhar seu trabalho no ateliê, e o artista não teria a intenção de Ensinar (Ensino como ação específica), direcionada à consecução de objetivos, que recorre a certos procedimentos e orienta-se por uma programação específica. A autora menciona outros exemplos que consideram um contrassenso Ensinar Arte no sistema institucional. Mas questiona essa posição com outras perguntas: Outros artistas pensariam assim? Creem que são mesmo incompatíveis as atividades do artista e as do professor? Para o artista, o que significa ser professor? Como e por que alguns assumem esse papel duplo? Que motivações os levam à docência? Segundo a autora,

os artistas-professores ligados a instituições públicas entendem que, além das oficinas para aulas práticas, deveriam ter um espaço próprio no local de trabalho onde pudessem desenvolver sua produção artística: ‘[...] o professor de arte deveria ter, aqui dentro, um ateliê, para pintar aqui. E teria alunos que viessem vê-lo pintar. [...] O aluno entraria quando quisesse no ateliê, para ver o que o professor está fazendo’. (ALMEIDA, 2009, p. 47).

A autora segue que a instituição não fornece aos professores um ateliê onde possam desenvolver sua produção, eles necessitam realizá-la fora dela, e cita um comentário de um entrevistado: “O professor-artista não pode, de nenhuma maneira, ficar oito horas dentro da universidade porque, se assim o for, ele não se desenvolve. Ele fica ministrando aula e não desenvolve a sua própria Arte” (ALMEIDA, 2009, p. 48).

Outro questionamento da autora que divergiu de sua preconcepção foram as respostas às suas perguntas, se, para os entrevistados, Ensinar não seria uma tarefa exercida “por obrigação”. Para quem tem produção artística, que exige dedicação, o que significaria dividir o seu tempo entre essa produção e o Ensino? As atividades de Ensinar e produzir Arte teriam valorações diferentes para os artistas-professores? Todas as respostas divergiram de suas ideias preconcebidas. Surpreendeu-se Almeida com a serenidade com que os artistas-professores admitem o Ensino como atividade paralela à produção artística, e valorizam o ensino mesmo nessa condição. Estariam as duas atividades, ser artista e ser professor, em nível igual de valoração? Pelas respostas, existe nas duas atividades algo muito forte, muito animador, tanto na produção artística como no trabalho de Ensinar. As respostas demonstram que tanto artistas como professores realizam-se tanto ministrando aula como produzindo Arte, e que as interações entre alunos e professores trazem enriquecimento para ambos nas duas atividades desenvolvidas.

Outro aspecto importante ressaltado por Almeida (2009, p. 81) é que, embora gostem de Ensinar, os entrevistados não estão interessados nas chamadas “questões pedagógicas”. Apenas um defendeu a ideia de que deveriam estar mais engajados na problemática do Ensino.

Assim, outros questionamentos surgiram para Almeida (2009, p. 81) para serem discutidos: existe ou não afinidade entre os dois exercícios, criar e Ensinar: Há pontos comuns, ou as duas funções coexistem independentemente? Que implicações o exercício de uma traria à outra? Em que pontos se aproximam ou se distanciam? Conclui a autora, pelas respostas dos entrevistados, que, para os artistas-professores, o criar e o Ensinar se inter-relacionam. Muitos depoimentos dos entrevistados dão ênfase à inter-relação entre essas duas atividades, como alguns exemplos: que uma é a extensão da outra; não vejo como se possa dar uma aula prática de Arte sem ter essa experiência na vida como profissional; é um pingue-pongue o tempo inteiro entre produção e Ensino, e ser artista e professor é uma coisa só, é um processo único.

Assim menciona Almeida (2009) sobre o vínculo dessas duas atividades:

Essa relação entre ensino e produção artística deriva da necessidade de se coadunarem as duas formas de trabalho. A relação entre ensino e produção de arte ocorre, em primeiro lugar, nas trocas que acontecem entre uma atividade e outra. Muitas vezes, as questões, as pesquisas, a temática, os materiais e os procedimentos que os artistas-professores desenvolvem em seu trabalho pessoal são levados para a sala de aula. (ALMEIDA, 2009, p. 82).

A autora cita um depoimento dos entrevistados:

Meus produtos de trabalho, minhas pinturas, minhas gravuras - que são meus pensamentos -, direta e indiretamente, vão rebater no projeto de Ensino. Fazer um programa muito simples, mas na hora em que vou discutir com esse aluno a minha experiência passa de imediato. (ALMEIDA, 2009, p. 82).

Constata-se que a autora Almeida (2009) não procura uma dedução conclusiva de resultados de sua pesquisa, mas busca compreender e interpretar as informações obtidas por meio do seu modo particular de ver. Procurou refletir sobre o fazer e pensar a Arte na Instituição de Ensino Superior. Não encontrou oposição dos entrevistados entre ser artista e ser professor: uma atividade não exclui a outra; estes reconhecem

a complementariedade entre Ensinar e produzir Arte, consideram que são atividades que se complementam, embora cada uma tenha sua especificidade, e que não há contradição entre artista e professor.

Outro estudo que busco como aporte teórico sobre a atividade de artista, pesquisador e professor está na tese de doutoramento em Educação Artística, de Joaquim Alberto Luz de Jesus (licenciado em artes plásticas pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto), com o título: *(In)visibilidades: um estudo sobre o devir do professor-artista no Ensino em Artes Visuais*, de 2013, o qual assume como um exercício de autoanálise a formação do duplo professor-artista. O referido autor relata um conjunto de experiências realizadas com suas práticas letivas em busca de si, com relação às tensões de sua gestão política e social como professor de Artes Visuais. Faz referência a uma citação de Larrosa (1994, p. 80): “aprender a ver-se, a dizer-se ou a julgar-se é aprender a fabricar o próprio duplo” e “sujeitar-se a ele” (LARROSA apud JESUS, 2013, p.17). O autor Jesus parte do estúdio do artista e a sala de aula do professor, sua ligação no campo artístico e do Ensino. Por meio desse estudo, pretende aprender a ver-se, a pensar-se e avaliar-se e, conseqüentemente, transformar-se. Além da literatura, utiliza três artistas para dialogarem com ele, os quais foram seus alunos. Teve como objetivo questionar os discursos em torno da figura do professor-artista, levando professores e artistas a uma reflexão sobre os alicerces das suas representações.

JESUS (2013, p. 26), desde que se recorda, sempre manteve um interesse com a visualidade, e relaciona-se com o mundo e com os outros antes de abraçar a prática docente. Mas considera a sua maneira de ver, agir e pensar o mundo que o rodeia pela formação que teve na licenciatura. Aborda vários questionamentos de sua vivência como professor e artista, com relação à estrutura, currículo, método, técnica e desenvolvimento de processos artísticos empregados nas escolas. Toda sua vivência ao mesmo tempo desencadeia uma insatisfação que o desafia continuamente a pensar noutras possibilidades. Pergunta o que se pode esperar do cruzamento entre cultura do artista e a cultura do professor, que é o caso dele. E sugere interceptar a pergunta com suas movimentações como professor e artista, situando-se em relação a cada uma delas, até o surgimento do professor artista. Outra pergunta feita pelo autor: como se situa como professor?

Enquanto professor estou contaminado pela minha experiência e memória de aluno [...] me percebi que a tinha lecionado da mesma maneira que a tinha aprendido há quinze anos atrás, e sabendo que o mundo mudou e as exigências que se colocam hoje são outras [...] Contudo, eu ainda estava a lecionar

por imitação, por práticas pensadas por outros num contexto e do qual eu funcionava apenas como um reprodutor. (JESUS, 2013, p. 31).

Foi dessa forma que o autor citou que se viu envolvido na rede de poder atuante da instituição escolar. Jesus cita Eisner (2002, p. 3):

trabalhar Arte não é apenas uma maneira de criar performances e produtos; é uma forma de criar as nossas vidas pela expansão da nossa consciência, moldando os nossos dispositivos e satisfazendo as nossas buscas de sentido numa relação de contato e partilha de cultura com os outros (EISNER apud JESUS, 2013, p. 32).

Para Jesus (2013), em algumas passagens, como professor de Arte, havia um confronto de forças, nem sempre pacífico, em que reinavam noções de senso comum, estereotipadas e massificadas. E o que dizer, diz o autor, quando afirmavam que o desenho deveria desenvolver a motricidade fina e a relação óculo-manual? Segundo Popkewitz (2002, p. 262 apud JESUS, 2013, p. 34), essa alquimia em torno de um determinado saber ocorre pelo fato de a escola submeter os saberes à sua organização temporal, teorias e modos de Ensino.

Considera Jesus (2013) que sua mundividência (visão do mundo) artística lhe permite desenvolver um diário visual, numa relação de visualidade com o mundo e com os outros, que lhe possibilita, num duplo movimento, refletir sobre os fatos e as vivências ocorridos, ao mesmo tempo que desencadeia uma insatisfação que lhe desafia continuamente a pensar noutras possibilidades. Como me situo como artista?, pergunta-se Jesus (2013, p. 36). Comenta que um tipo de percepção gerada pelo seu trabalho artístico em torno dos processos fotográficos alternativos, com especial relevo para a cianotipia como ferramenta conceitual, pode possibilitar uma visão crítica do mundo e das coisas. Jesus (2013) diz que foi assim que começou como fotógrafo a questionar o alicerce das suas representações, tentando perceber por que processos e meios de uma imagem conseguia orientar as representações coletivas onde outras falhavam. Seu pensar e a sua produção artística entre os aparelhos fotográficos e a visão permitiram questionar o lugar do olhar diante das representações e das coisas que lhe apresentam.

Outra questão abordada pelo autor Jesus (2013) são os pontos de tensões e conflitos em torno das movimentações que ele faz como artista e como professor. Enumera:

a) de forma dissemelhante de ser e estar, do artista e do professor, na sua relação com o mundo e com a sua atividade; b) do uso que a escola faz do artístico

sem a correspondente atualização dos campos por onde a arte e os artistas se movimentam; da imagem que a escola tem do artista como um prático que domina tecnicamente um determinado saber-fazer, afastando-o da produção teórica e do pensamento reflexivo do artista; uma alquimia que, por sua vez, acaba por determinar o tipo de experiências artísticas que a escola propõe aos alunos; c) da negociação permanente entre mundividência como artista e a gramática da 'forma escolar': a divisão dos saberes em disciplinas 'ensinadas em unidades de tempo preestabelecidas' e baseada em processos de ensino simultâneo que resumem à 'submissão de todos a um conjunto de procedimentos e regras impessoais, cuja realização se constitui como a sua principal finalidade, procurando eliminar tudo o que seja do domínio do imprevisível', fabricando um espaço e um tempo 'distintos das restantes atividades sociais' (Canário, 2010, p. 252); c) do controle social do tempo a que está sujeito o professor e que claramente não se reflete no tempo do artista. (JESUS, 2013, p. 39).

Perante tudo isso, para o autor Jesus (2013), vai gerando-se progressivamente um sentimento dual e de tensão na construção de sua identidade, pois se encontra cada vez mais afastado do campo artístico, tanto no campo prático como para planejar seus trabalhos e exposições, sentindo-se a fazer algo contra sua própria identidade e contra o que acredita. Nesse contexto, o autor se pergunta, então: Como posso continuar a resistir num meio que, ao mesmo tempo, é hostil, mas é a minha sobrevivência? (JESUS, 2013, p. 39).

Outro item abordado pelo autor Jesus é a formação do duplo, e como ele se sente perante esse duplo. No artigo de Alan Thornton (2005) – *The Artist Teacher as Reflective Practitioner*, o autor Jesus (2013) identifica-se, no intuito de situar a digestão de suas tensões e reflexões na condição de professor e artista. Segundo Thornton (2005), a construção de identidade do professor-artista inter-relaciona-se com três mundos distintos: o da Arte, o da Educação e o da Educação Artística. Cada um destes detém um conjunto de práticas, história, cultura e literatura, que tem de ser assimilado pelo professor-artista pelo exercício de autorreflexão (THORNTON, 2005). Nesse sentido, Thornton (2005) citado por Jesus (2013) apresenta o professor-artista como:

a) uma pessoa que está envolvida com a prática artística e com o ensino; b) possui características próximas de outros artistas que historicamente se dedicaram também ao ensino, baseado a sua relação pedagógica numa imagem de mestre/aprendiz; c) as suas motivações e convicções estão baseadas na sua prática artística e no seu comprometimento com o mundo da arte; d) pode apresentar características paternas ou maternas

que incitam os alunos a resolver os problemas por si próprios e a acreditar, tal com um progenitor, no valor da autoeducação; e) sente a tensão entre a função social da educação e a autonomia do artista; f) encara o ensino como uma espécie de mecenato; g) está sujeito aos mitos que povoam as representações em torno da profissão artista e da sua personalidade, mais concretamente na ideia que para se ser artista se deve ter um comprometimento assumido e puro para com o seu métier. (THORNTON apud JESUS, 2013, p. 40).

Segue Jesus (2013), utilizando outra citação, que ser professor-artista é uma maneira de estar na vida, assim como uma prática profissional. O professor-artista encara a sua prática artística como um aspecto importante para a sua prática docente, e vice-versa (THORNTON, 2005, p.169 apud JESUS, 2013, p. 41).

Porém, para Lampert (2009), é relevante entender, por mais dinâmica que possa ser a identidade, que nunca conseguiremos deslocar “totalmente”, embora possamos inserir novas inscrições e repertórios, deslocamos conceito, mas não apagamos o que fomos (LAMPERT, 2009, p.144).

Diante da descrição de um professor-artista por Thornton (2005), o autor Jesus (2013) questiona-se qual ideia poderia retirar para amenizar os pontos de tensão entre sua atividade artística e docente. Encontra resposta em outro teórico, Schön (1983), dizendo que a reflexão em ação – antes, após e durante, é uma forma de resolver as tensões e conflitos de identidade que advêm da prática dual do professor-artista. E que, nesse sentido, as práticas dirigidas a fomentar essa autorreflexão baseiam-se em “instruções para que o professor se observe a si mesmo no seu trabalho, assim como em questionário para o registro dessas auto-observações (LARROSA, 1994, p. 64)”. O autor acrescentaria também o diário de bordo, as entrevistas e os vídeos utilizados por ele (JESUS, 2013, p. 41). Outro aspecto considerado pelo autor, baseado em Larrosa (1994):

Por isso a autorreflexão, a autoavaliação e o autocontrole são ‘práticas pedagógicas’ que se podem assumir como ‘espaços institucionalizados’ de mediação, nos quais os sujeitos encontram ferramentas para o desenvolvimento pleno da sua ‘autoconsciência e autodeterminação, ou para a restauração de uma relação consigo mesmo’. Todavia, estas ‘práticas pedagógicas’ mais do que oportunidades favoráveis para o desenvolvimento da autoconsciência, autonomia e autodeterminação, devem ser vistas como mecanismos de produção de experiência de si’ (LARROSA, 1994, p. 44 apud JESUS, 2013, p. 41).

Assim, sobre a identificação do artista, pesquisador e professor em uma só unidade, conforme abordado pelas referências teóricas pesquisadas, constata-se que há muitas questões que ainda precisam ser solucionadas para que o artista e o professor possam exercer uma única função que contemple essas três atividades. Verifica-se que, desde a aceitação e o reconhecimento do próprio artista como professor, há um longo processo de superação, desde a autoavaliação até as condições de estrutura de trabalho em que está inserido. Esse deslocamento de identidade de ser artista-pesquisador-professor é uma questão que ainda apresenta muitas indefinições, e talvez ainda falte mais pesquisa e reflexão sobre essa questão.

3.2 ESTÚDIO DE PINTURA APOTHEKE COMO FONTE DE ESTUDO E PRÁTICA ARTÍSTICA

O Estúdio de Pintura Apotheke⁴ formou-se pelo desejo de um grupo de artistas/professores/acadêmicos em pesquisar, estudar e praticar juntos processos artísticos de pintura e Arte Educação em fevereiro de 2014. Iniciou com o grupo que se reúne semanalmente e realiza estudos de práticas artísticas e teóricas no ateliê de pintura do Centro de Artes da Universidade Estadual de Santa Catarina – UDESC, e em saídas de campos e ateliê de outros artistas. Considera o processo criativo como uma impulsão para implantar o pensamento visual individual, e a Arte, a experiência que movimenta e propicia deambulações e conexões.

O Grupo de Estudo Estúdio de Pintura Apotheke é coordenado pela Professora Dr.^a Jocielle Lampert, professora da graduação e pós-graduação do Centro de Artes da UDESC, e composto de diferentes participantes: acadêmicos de graduação, pós-graduação e ex-alunos. O grupo mantém uma programação intensiva, com encontros semanais com temas para estudar as linguagens pictóricas e suas práticas. Nesse sentido, todos têm a oportunidade de estudar, conhecer e praticar novas técnicas e executá-las por meio do processo artístico e, atualmente, com base em seus projetos específicos. São abordados vários temas ao longo dos encontros a cada ano, e desses encontros cito algumas técnicas que me propiciaram aprofundar o conhecimento e experiências, as quais foram utilizadas na pesquisa de campo, por meio das micropráticas, para desenvolvimento da presente pesquisa com as adolescentes em conflito com a Lei no Centro de Internação Feminina.

4 O objetivo do Grupo Apotheke é propiciar o estudo de processos pictóricos, bem como a possibilidade de ensino que envolve a pintura, não como meio tradicional, mas em um campo expandido. Dessa forma, o espaço do estúdio torna-se ampliado para práticas que envolvem a investigação artística no ensino e processo de criação, oferecendo ações de extensão, oficinas de prática artística, conversas com artistas e professores. Está vinculado atualmente à área de pintura da UDESC, com alunos, ex-alunos, bolsistas de IC, extensão e alunos de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado em Artes Visuais), e a grupos de estudos e pesquisas cujo projeto é reconhecido e aprovado pelo CNPq.

Abordam-se a seguir alguns temas de estudos de técnicas e práticas desenvolvidos nos encontros do Grupo de Estúdio de Pintura Apotheke.

Estudo de Técnica de Monotipia a Óleo é uma técnica de impressão simples que possibilita criar uma poética com pouco material. Usa-se tinta a óleo, placas de vidro e papel. Com relação à técnica de monotipia, primeiro é entender o que significa. A princípio, é uma técnica de gravura, ou seja, um processo de imersão/impressão de uma pintura a óleo feito sobre um vidro, transferido para o papel. Tem origem no séc. XVII, com Giovanni Benedetto Castiglione (1616-1670). É um processo de impressão artística por meio do qual se transfere, por pressão, uma pintura em uma superfície lisa como um vidro, placa de plástico, cobre ou metal, para o papel. Cada impressão é uma série única, tendo em vista que o óleo sobre o vidro vai aderindo ao papel a cada tiragem, resultando em uma nova cópia com menor intensidade e visibilidade em relação à primeira cópia. Mesmo refazendo a pintura do vidro, a diferença entre as cópias é uma constante. Relato minha experiência referente à saída de campo propiciado pela disciplina “Ser professor artista”, para o estudo de técnica monotipia, usando tinta a óleo sobre uma placa de vidro, papel japonês e aquarela. A metodologia é simples, fácil de ser desenvolvida, e o resultado é instantâneo. Pinta-se primeiro a imagem desejada sobre o vidro, que pode ser uma imaginada, ou sob o vidro colocar a imagem desejada como referência. Depois, coloca-se o papel sobre a base pintada do vidro, e, por pressão com uma colher de madeira ou baren, faz-se a transferência. Após retirar o papel, colocar para secar. O processo em si permite que se obtenha mais de uma cópia com intensidade diferente, uma vez que a tinta vai diminuindo em cada impressão realizada. Como exemplo, identifico, por meio das Figuras, 61, 62, e 63 os resultados alcançados com papel específico para aquarela.

Observa-se que, a cada tiragem da matriz, a imagem vai ficando com menos visibilidade em relação à imagem inicial. São resultados diferentes, mas que trazem uma poética interessante; uma vez que é uma derivação da imagem inicial da matriz, só é possível ver quando se repete o processo, colocando um novo papel para uma nova cópia da imagem inicial. Outro exemplo (Figuras 64 e 65) da técnica em papel japonês:

Figura 61 - Verão I - 1.^a impressão da técnica de monotipia em papel aquarela. Dimensões 20 x 30 cm. José C. da Rocha. 2014



Fonte: Própria.

Figura 62 - Verão II - 2.^a impressão da técnica de monotipia em papel aquarela. Dimensões 20 x 30 cm. José C. da Rocha. 2014



Fonte: Própria.

Figura 63 - Verão III - 3.^a impressão da técnica de monotipia em papel aquarela. Dimensões 20 x 30 cm. José C. da Rocha. 2014



Fonte: Própria.

Figura 64 - Praia da solidão I - 1.^a Impressão da técnica de monotipia em papel japonês. Dimensões 20 x 30 cm. José C. da Rocha. 2014



Fonte: Própria.

Figura 65 - Praia da solidão II - 2.^a Impressão da técnica de monotipia em papel japonês. Dimensões 20 x 30 cm. José C. da Rocha. 2014



Fonte: Própria.

Essa técnica de monotipia é uma das várias possibilidades existentes entre as derivações com outras tintas, pigmentos, misturas de materiais, suportes e papéis. Com essa experiência, muitos trabalhos podem ser executados com essa técnica sem precisar de muitos elementos, propiciando a todos criar sua própria poética. Foi realizada essa técnica com papel de aquarela em um dos encontros da pesquisa de campo com as adolescentes no Centro de Internação Feminina.

Estudo da Técnica de Cianotipia é uma técnica de fotografia, mas exige um pouco mais de cuidado que a monotipia. É um método de cópia fotográfica baseado na propriedade que têm certos sais de ferro que, sob a ação da luz, transformam-se em azul da Prússia. É usado para a reprodução de desenhos a traço, plantas e mapas. A cianotipia difere das fotografias fixadas em prata, fotos em PB, pois utiliza na sua fórmula sais de ferro. Os sais de ferro são sensíveis à luz UV. Essa descoberta devemos a Sir John Herschel, que, em 1842, desenvolveu a fórmula básica da cianotipia.

As primeiras experiências foram com diversas folhas de vegetais e com o negativo de desenhos de diversos autorretratos. Ambas as experiências tiveram resultado satisfatório. Foi seguida toda a orientação da técnica: misturados os produtos na proporção recomendada, de acordo com a preparação da fórmula pronta elaborada pela Professora Jocielle Lampert e disponibilizada para todos os participantes do Grupo de Estudo de Pintura Apotheke. Foi aplicada a solução química sobre o papel com um pincel, e depois esperou-se secar. Depois de seco, foi colocado o negativo das imagens de autorretrato sobre ele, e, em seguida, colocado entre duas placas de vidro. Para não movimentar ou deslocar os vidros, foi fixado por fitas nas bordas. Em seguida, levado ao sol. Depois de trinta minutos, foi retirado e levado para lavagem para retirada dos resíduos de cianeto. A princípio, a imagem não fica visível, só aparece aos poucos, à medida que se vai lavando. O azul da Prússia vai aparecendo, e a cor marrom-amarelada (cianeto) vai saindo à medida que a água vai removendo. Em seguida, colocado para secar. Essas experiências estão ilustradas nos exemplos das Figuras 66 e 67, a seguir.



Figura 66 - Resultado da experiência de cianotipia. Dimensões 20 x30 cm. José C. da Rocha. 2014



Fonte: Própria.

Figura 67 - Folíolos. Resultado da experiência da monotipia. Dimensões 20 x 30 cm. José C. da Rocha. 2014



Fonte: Própria.

Com base na experiência obtida, procurei aperfeiçoar a técnica e melhorar os resultados obtidos. Escolhi novas imagens que se relacionassem com meu trabalho. Parti dos retratos e autorretratos que foram pintados e desenhados na condição de artista e pesquisador. Selecionei dois a óleo e dois a lápis HD/Nanquim, totalizando quatro, o primeiro da minha esposa, o segundo da minha filha, o terceiro e quarto, meu autorretrato. Segui todos os passos que aprendi e inseri mais alguns pela experiência e observação. Ressalto que, desde a escolha do papel até a secagem, foi um aprendizado.

Essas experiências permitiram conhecer as dificuldades encontradas com relação ao tempo de exposição, remoção dos resíduos de cianeto com água corrente, tipo de impressora mais adequado para fazer o negativo da imagem, pincel, prendedores, e evitar a formação de vapor d'água entre as placas de vidros, etc. Somente praticando e vivenciando é que podemos obter experiência e conhecimento. Para finalizar essas experiências, apresento uma síntese, em três etapas, do processo feito com a técnica de cianotipia, conforme Figuras 68, 69, 70 e 71. São apresentados quatro trabalhos escolhidos, os respectivos negativos e os resultados alcançados.

Figura 68 - Retrato A, pintura a óleo, negativo e resultado da técnica de cianotipia. Dim. 30 x 20 cm. José C. da Rocha. 2014



Fonte: Própria.

Figura 69 - Retrato B, Pintura a óleo, negativo e resultado da técnica de cianotipia. Dim. 30 x 20 cm. José C. da Rocha. 2014



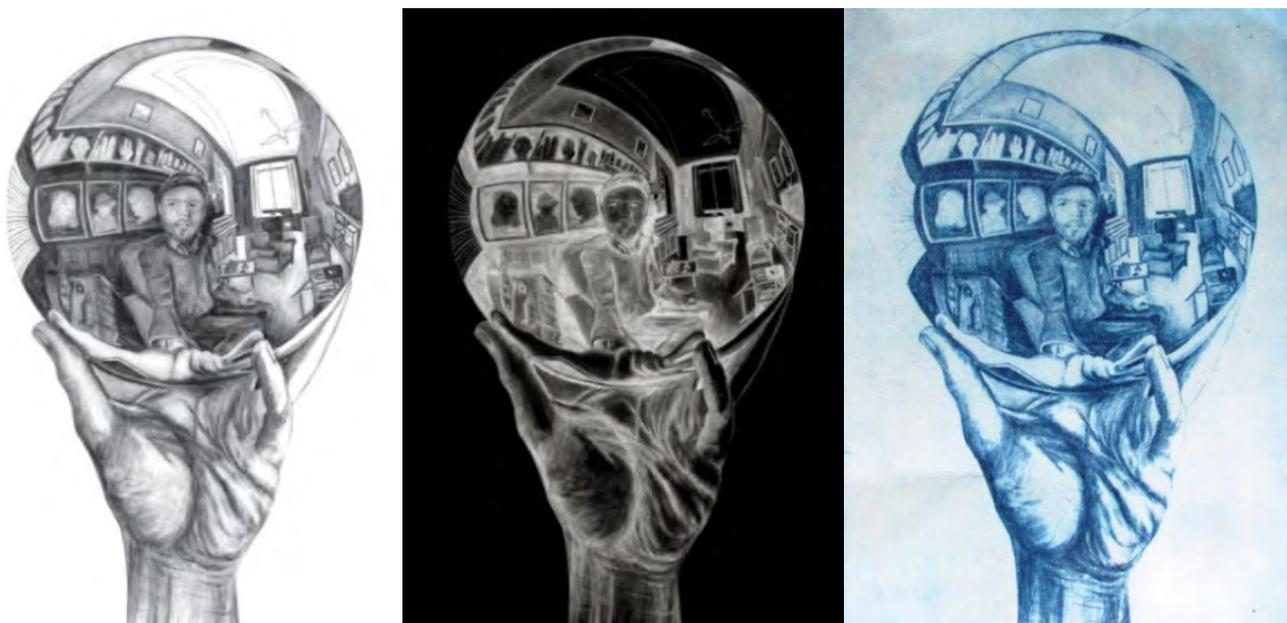
Fonte: Própria.

Figura 70 - Autorretrato A. Lápis HD e nanquim. Negativo e resultado de cianotipia. Dim. 30x20 cm. José C. da Rocha. 2014



Fonte: Própria.

Figura 71 - Autorretrato B. Lápis HD. Negativo e resultado de cianotipia. Dim. 30 x 20 cm. José C. da Rocha. 2014.



Fonte: Própria.

A realização dessas experiências com a técnica de monotipia e cianotipia permitiu fazer uma conexão entre a teoria e a prática. Com isso, novos conhecimentos são adquiridos, e novas possibilidades são oferecidas no fazer do processo artístico como meio para externar a subjetividade poética. Essas duas técnicas foram realizadas na pesquisa de campo com as adolescentes nos encontros das micropráticas no Centro de Internação Feminina. A produção de trabalhos mostra a proximidade e intimidade do artista com a técnica e o domínio dos materiais, uma premissa muito importante para obter experiências como artista e pesquisador de novas possibilidades na formação de professor de Artes Visuais, como condições essenciais para formar a identidade do artista-pesquisador-professor.

Estudo de Técnica Bidimensional de Encáustica: é uma técnica pictórica antiga que usa cera (o ideal é a de abelhas) e resinas misturadas como material para fazer trabalhos artísticos. Sua aplicação exige aquecimento anterior para ser utilizada, e a temperatura tem de ser controlada devido à condição inicial de ser sólida. A técnica de encáustica é um processo que exige bastante atenção e instrumentos adequados para trabalhar em alta temperatura. Apresento alguns trabalhos que foram realizados com essa técnica (Figura 72).

Figura 72 - Ilha Flutuante I. Técnica: encáustica. Dim. 20 x 30 cm. José C. da Rocha. 2014



Fonte: Própria.

Mais uma oportunidade de aprofundar a técnica e expandir a criatividade na Arte foi realizada na microprática de Encáustica, propiciada aos acadêmicos do mestrado em Artes Visuais, turma da disciplina “Sobre ser professor Artista”, ministrada pela Prof.^a Jocielle Lampert na sala de Pintura da UDESC no 2.º semestre de 2015, conforme demonstrado nas Figuras, 73, 74, 75 e 76.

Figura 73 - Microprática de Encáustica e referências bibliográficas. 2015



Fonte: Própria.

Trabalhos executados no desenvolvimento e prática na oficina de encáustica. (Figura 74).

Figura 74 - Retratos e autorretrato. Encáustica sob pintura, desenhos e fotografia. Dimensões 10 x 15 cm. José C. da Rocha. 2015



Fonte: Própria.

Paisagens criadas utilizando a técnica de encáustica (Figuras 75 e 76). Observa-se que a técnica possibilita criar livremente várias imagens, permitindo que a imaginação seja um elemento significativo na elaboração do trabalho do artista com várias opções, desde a bidimensionalidade até a tridimensionalidade.

Figura 75 - Paisagem I. Encáustica. Dim. 10 x 15 cm. José C. da Rocha. 2015



Fonte: Própria.

Figura 76 - Paisagem II. Encáustica. Dim. 10 x 15 cm. José C. da Rocha. 2015



Fonte: Própria.

A produção de trabalhos mostra a proximidade e intimidade do artista com a técnica e o domínio dos materiais, uma premissa muito importante para obter experiências como artista e professor de Arte, duas condições essenciais para formar a identidade do artista professor.

Estudo da Técnica de Suminagashi: é uma técnica japonesa de marmorização de papel, utilizando tinta sumi-ê na água. Utilizam-se tintas específicas para *marbling* (tinta japonesa), nanquim, ecoline. Os papéis mais finos são melhores, como papel japonês de fina gramatura, papel para sumi-ê. Para papel aquarela, o mais indicado é com gramatura alta. Também é possível utilizar papéis artesanais. O processo é simples, mas o material tem de ser adequado para obter-se bons resultados. Apresento o trabalho em que apliquei a técnica em papel aquarela de 200 gramas sobre o desenho de pontilhismo (Figura 77).

Figura 77 - Ilha Flutuante. Suminagashi sobre desenho. Dim. 40 x 30 cm. José C. da Rocha. 2015



Fonte: Própria.

Estudo de pigmento/produção artesanal de tinta (óleo e acrílica): nesse estudo, foi fornecida a lista de materiais necessários e as referências para fazer artesanalmente a tinta a óleo e acrílica. Todo o processo foi desenvolvido de acordo com a orientação, desde a fragmentação dos pigmentos por molete para macerar, até a colocação da tinta nas bisnagas. Foi uma experiência única, que permitiu conhecer a fabricação das tintas e como fazê-las. Como uso sempre tinta a óleo, optei por essa produção. Uma das vantagens é que permite fazer tonalidades que nem sempre estão disponíveis para comprar no mercado. A composição e proporção dos elementos usados no processo de fabricação também são opções que manualmente você pode fazer, de acordo com seu projeto artístico. São possibilidades que são acessíveis para obter-se uma tinta específica e genuína. A dificuldade é adquirir pigmentos, muitas vezes inacessíveis pela quantidade/preço/qualidade. A Figura 78 a seguir ilustra etapas dessa produção.

Figura 78 - Preparação manual das tintas a óleo. Molete para trituração de pigmento, embalagem. Ilha III. Tinta a óleo fabricada sobre desenho. José C. da Rocha. 2015



Fonte: Própria.

Estudo de Técnicas de Têmpera: é um estudo para fazer tinta com ovo. Foi feita da receita baseada no livro Manual do artista, de Ralph Mayer. São utilizadas a clara e a gema do ovo como componente básico da tinta. Foram adicionados pigmentos com diversos tipos de cores, e feita uma tabela para estudo. As tintas foram colocadas em vidros. Como experiência, além de fazê-las, testei as referidas tintas numa composição de uma paisagem feita numa tela preparada com gesso e impermeabilizada com cola de coelho. Uma das dificuldades foi o odor emitido proveniente da composição da tinta com ovos, e o prazo para usá-la. Apresento a pintura nessa técnica (Figura 79), conforme segue.

Figura 79 - Natureza. Técnica de Têmpera. Dim. 40 x 60 cm. José C. da Rocha. 2014



Fonte: Própria.

Dia Fluxus - Outra atividade do meu percurso como artista-pesquisador-professor foi o DIA FLUXUS, uma Ação fechada para artistas, professores e pesquisadores vinculados ao Estúdio de Pintura Apotheke e participantes da Disciplina Sobre Ser Professor Artista (PPGAV) na Casa Ateliê Lagoa, da Prof.^a Jocielle, denominado Dia Fluxus, idealização e criação do Estúdio de Pintura Apotheke, com os objetivos de desenvolver micropráticas artísticas; Coabitar o mesmo espaço criativo simultaneamente em ações distintas; refletir sobre o espaço/tempo criativo. Os colegas inscritos participaram de vários processos artísticos com micropráticas (Figura 80). Foram desenvolvidas atividades de colagem, aquarela, desenho/pintura de modelo vivo na paisagem – jardim, biblioteca, encáustica, cianotipia e gravura (monotipia).

Figura 80 - Fluxus. Apresentação dos trabalhos práticos com encáustica. Artistas Rocha, Aline, Viviane e Odete. Fotografia Osmar Yang. 2015



Fonte: Própria.

Particpei como facilitador e nas práticas das atividades de microprática de encáustica, compartilhando saberes em conjunto com colegas artistas.

Exposição Vorkus. Outra oportunidade de ter uma experiência dupla: ser artista e auxiliar de professor artista foi a participação na Exposição Vorkus, do Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke da UDESC, na Galeria Municipal de Arte Pedro Paulo Vecchietti, e como auxiliar de professor de Arte da Oficina de Encáustica ministrada pela Prof.^a Dr.^a Jocielle Lampert na mesma entidade (Figuras 81, 82, e 83).

Figura 81 - Exposição Vorkus. Artistas Do Estúdio de Pintura Apotheke. Fotografia Denilson Antonio. 2015



Fonte: Própria.

Figura 82 - Exposição Vorkus. Artista José C. da Rocha. Fotografia de Osmar Yang. 2015



Fonte: Própria.

Figura 83 - Abertura da Exposição Vorkus. Prof.^a Jocielle e Oficina de Encáustica. 2015

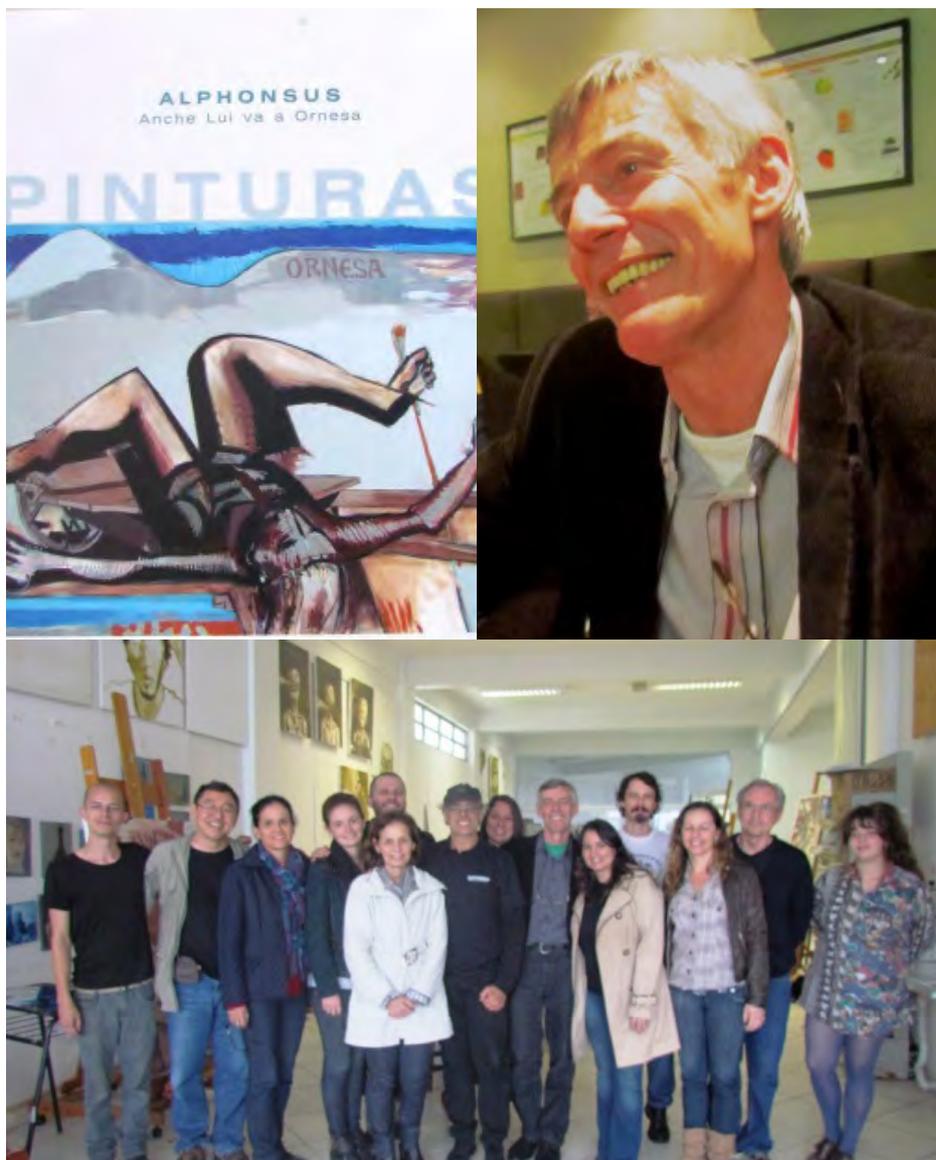


Fonte: Própria.

Esta foi uma oportunidade de ter mais uma experiência no deslocamento de identidade, participar como artista na exposição e como auxiliar de professor de Arte na oficina. Duas funções diferentes, mas que se completam.

Conversas com Artistas. Outra oportunidade de aprender foram as conversas e entrevistas com os professores-artistas, como Alphonsus da UFSM, na sala de pintura da UDESC (Figura 84).

Figura 84 - Artista Prof. Alphonsus, ladeado pela Prof.^a Jocielle e acadêmicos de Artes Visuais. 2015



Fonte: Própria.

Outro convidado foi o professor artista Fernando Augusto, na sala de pintura da UDESC, a convite do Grupo de Estudo Estúdio Apotheke, com os pós-graduandos em Artes Visuais (Figura 85).

Figura 85 - Conversa com o Artista Prof. Fernando Augusto. Sala de pintura da UDESC. Trabalho realizado no encontro: Dilaceramento. Pintura sobre desenho. Dim. 30 x 20 cm. José C. da Rocha. 2015



Fonte: Própria.

Artista Prof. Alphonso e Artista Prof. Fernando Augusto são duas referências de identidade de professor-artista que relataram suas experiências de ser artista e professor de Arte simultaneamente. Suas trajetórias são caminhos já percorridos e cujos deslocamentos pontuam pontos positivos e negativos como professores-artistas, segundo seus relatos. Pontos que vêm ao encontro dos temas abordados pelos estudiosos e pesquisadores sobre a identidade do artista professor, como os autores pesquisados, Alan Tornton, Célia Almeida, Joaquim A. L. Jesus e Ricardo Basbaum.

Saída de Campo: Outra oportunidade foi a saída de campo para prática do desenho no Ribeirão da Ilha em Florianópolis, com os colegas artistas do Apotheke, em que a convidada artista Prof.^a Dr.^a Rosana Paulino compartilhou uma conversa sobre o olhar e percepção ao desenhar a natureza (Figura 86). No final do encontro, foram apresentados os trabalhos e realizada uma conversa compartilhada sobre cada trabalho (Figuras 87, 88, e 89). Nesse cenário, minha identidade de artista se fez presente com toda a intensidade.

Figura 86 - Encontro de artista no Ribeirão para desenhar. Artista Convidada Prof.^a Dr.^a Rosana Paulino. 2015



Fonte: Própria.

Figura 87 - Casario do Ribeirão da Ilha. 2015



Fonte: Própria.

Figura 88 - Ribeirão da Ilha. Desenho de lápis aquarela. Dim. 20 x 30 cm. José C. da Rocha. 2015



Fonte: Própria.

Figura 89 - Confraternização dos Artistas do Grupo Apotheke na praça do Ribeirão da Ilha. 2015



Fonte: Própria.

Residência Artística. Aqui inicia mais uma etapa de uma nova experiência como artista-pesquisador-professor na constituição e formação dessa recente identidade. Uma oportunidade para conhecer e praticar o Ensino da Arte. Nesse contexto, participei da Residência Artística: Artist Inside the School (Figura 90). A Residência aconteceu durante a última semana do mês de outubro, entre os dias 26 e 30, na Escola de Educação Básica Lauro Müller, Florianópolis/SC. Parceria: Projeto EnREDados 2015.

Figura 90 - Cartaz de chamadas para Residência Artística. 2015

RESIDÊNCIA ARTÍSTICA

ARTIST INSIDE THE SCHOOL

O ateliê do artista no campo expandido, derivando sobre o espaço escolar

Prof^a Dr^a Jocielle Lampert (UDESC)

Caio Cavichiolli de Souza
 Carol Ramos Nunes
 Daniela Almeida Moreira
 Fábio Savicki Henschel
 Fábio Wosniak
 José Carlos da Rocha
 Letícia Haines
 Leto William
 Luciana Finco Mendonça
 Márcia Figueiredo
 Nadia Maciel da Cunha
 Patrícia Vilhena
 Tharciana Goulart

De 26 a 30 de outubro de 2015
 EEB Lauro Müller,
 Rua Marechal Guilherme, 134,
 Centro, Florianópolis/SC.

Idealização e curadoria:
 Prof^a. Dr^a. Jocielle Lampert

Organização:
 Fábio Wosniak
 Luciana Finco Mendonça



 **UDESC**
 UNIVERSIDADE
 DO ESTADO DE
 SANTA CATARINA

Programa
 Pós-graduação
 Artes Visuais
 cent/udesc

 **APOTHEKE**
 ESTÚDIO DE
 PINTURA

 **enREDados**

Fonte: Própria.

Particpei na programação, ministrando uma oficina de monotipia a óleo para os alunos do 3.º ano do segundo grau noturno. Foi uma experiência docente singular, na qual aprendi e convivi intensamente com a interação dos alunos e professores. O resultado alcançado foi muito bom. Fiquei surpreso pela produção e participação dos alunos, uma vez que era a primeira vez que estavam trabalhando com tinta a óleo e com a técnica de monotipia (Figuras 91 e 92).

Figura 91 - Trabalho de uma aluna utilizando a técnica de monotipia a óleo. Três cópias da matriz. Dimensões 30 x 20 cm. 2015



Fonte: Própria.

Figura 92 - Autorretratos dos alunos utilizados para a técnica de monotipia a óleo. 2015



Fonte: Própria.

Outras práticas como professor de Artes Visuais foi a sessão de modelo vivo, em que a pluralidade de idade foi uma das características presenciadas (Figuras 93 e 94). Observei que a Arte não estabelece fronteiras ou limites para ser praticada.

Figura 93 - Sessão de desenho de modelo vivo. Escola Lauro Muller. 2015



Fonte: Própria.

Figura 94 - Pintura e desenhos dos participantes na E.B. Lauro Muller. 2015



Fonte: Própria.

Ressalto que não resisti à condição de ser somente o auxiliar de professor para os alunos, minha condição de artista se manifestou, tendo como resultado um desenho do modelo vivo. Estava exercendo duas funções numa só identidade, a de auxiliar de professor de Arte e como artista. Outra atividade de que participei foi a conversa com o professor-artista convidado Fernando Augusto sobre o tema “professor de Arte na universidade” (Figura 95 e 96). Uma conversa de reflexão sobre o papel e responsabilidade do professor-artista nas graduações e pós-graduações. Também realizei uma intervenção (Figura 97) no mapa da Ilha de Santa Catarina da escola com base no meu trabalho de tatuagem e desenho da ilha de Santa Catarina como cavalo-marinho.

Figura 95 - Modelo. Desenho lápis HD. Dim. 10 x 15 cm. José C. da Rocha. 2015



Fonte: Própria.

Figura 96 - Artista Prof. Fernando Augusto. 2015



Fonte: Própria.

Figura 97 - Intevenção pelo artista José C. da Rocha. Fotografia Luciana Mendonça. 2015



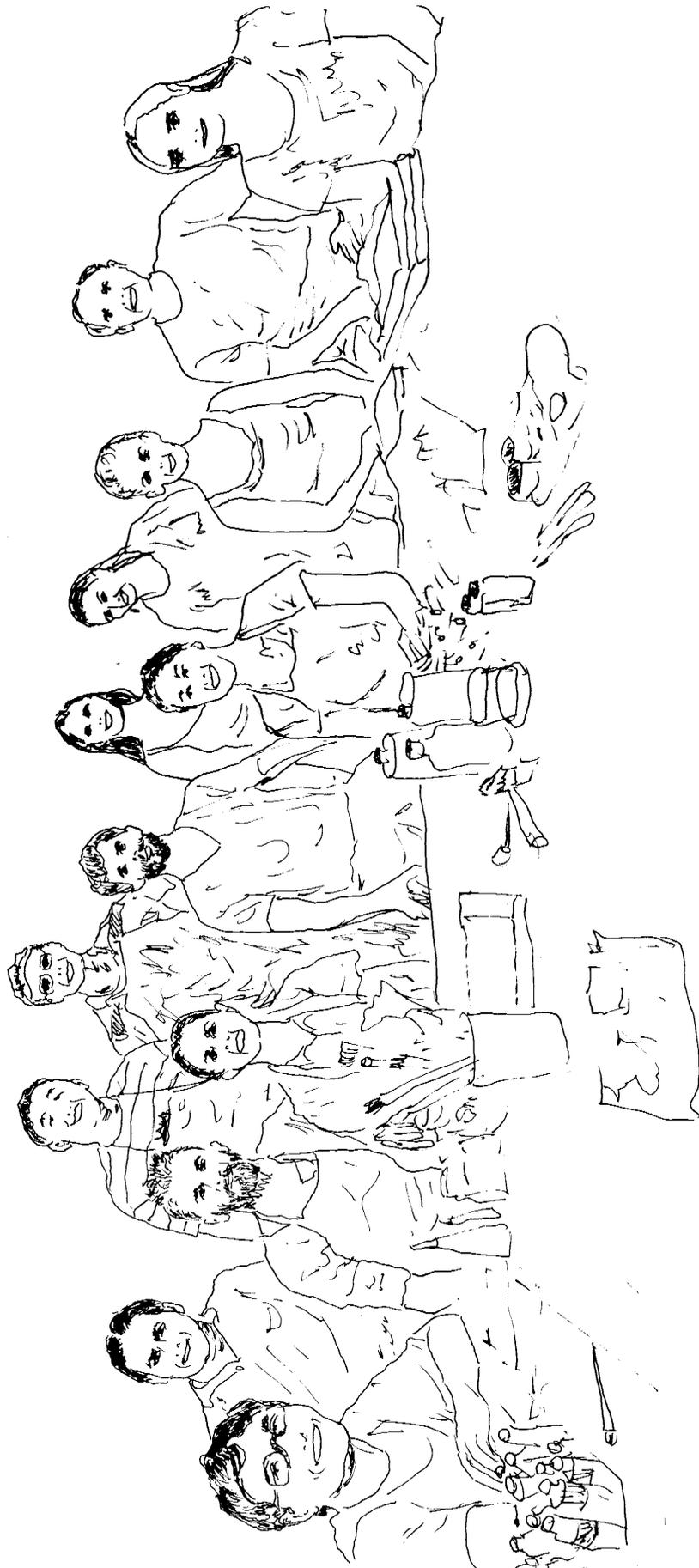
Fonte: Própria.

Nesse contexto, foi minha primeira experiência como participante de uma residência, em que aprendi e vivenciei a dinâmica de ser artista-pesquisador-professor numa só identidade.

Assim, meu percurso pelo grupo de Estudo Estúdio de Pintura Apotheke proporciona novos saberes a cada encontro, tanto na parte teórica como na prática artística, gerando várias possibilidades, como um passaporte para o Ensino da Arte, sedimentando a cada encontro novos conhecimentos como artista-pesquisador-professor. E, nesse contexto, com uma nova identidade, tudo que aprendo levo ao conhecimento do outro como forma de compartilhamento da Arte.

Além da prática das técnicas, concomitantemente vários estudos de artistas e suas obras (Wolf Kahn, Teresa Poester, Guillermo Kuitca, Frida Kahlo, Edward Hopper, Hugh O'Donnell, Alex Katz) contribuíram significativamente para meu aprendizado artístico e conhecimento, bem como os encontros com os artistas Liliam Amaral, Lucimar Bello, Fernando Augusto, Teresa Poester, Frantz Soares, Milton Mendes, Marcos Gianotti, José Maria, e as visitas no Ateliê da Prof.^a Yara Guasque e do artista Rubens Oestroem, bem como visita e ações nos Ateliês das artistas Sílvia e Lampert, e as saídas de campo, que enriquecerem meu olhar e percepção. Entretanto, muitos outros artistas foram referenciados, pesquisados e estudados, contribuindo para minha expansão da visão do Ensino das Artes Visuais. O Estúdio de Pintura Apotheke, representado pelos seus membros na Figura 98, proporciona esse horizonte de possibilidades de experiências e conhecimento para o aprimoramento do artista-pesquisador-professor ou do professor-pesquisador-artista. E esse caminho continua!...

Figura 98 - Anatomia do Apotheke. Desenho a nanquim. Dim. 20 x 40 cm. José C. da Rocha. 2015



Fonte: Própria.

3.3 EXPERIÊNCIAS SINGULARES NO DESLOCAMENTO DE IDENTIDADE

Meus deslocamentos de identidade para a composição de três elementos em um só, como artista, pesquisador e professor, começaram com a curiosidade de compartilhar conhecimentos, experiências e ampliar meus horizontes sobre o Ensino das Artes Visuais, pois aprendi que se aprende mais quando se compartilha conhecimentos. Qual caminho devo percorrer para obter mais conhecimentos? Nessa direção, inicia-se minha primeira participação na sala de aula com colegas artistas que participaram da disciplina do Mestrado Sobre ser professor Artista, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Jocielle Lampert, no curso de Pós-Graduação em Artes Visuais da UDESC, iniciando assim meus primeiros momentos de reflexão, dúvidas, incertezas, atenção, compreensão e aprendizado sobre os estudos, pesquisas e obras apresentados pelos colegas artistas e professores sobre Arte e o papel do professor no Ensino das Artes Visuais. Um novo percurso para conhecer e caminhar simultaneamente como artista, pesquisador e professor. Assim, minha nova identidade foi formando-se, fruto desses deslocamentos na busca de outros conhecimentos sobre a Arte. A Figura 99, captada dos colegas artistas durante esse percurso, emite essas interrogações e reflexões sobre os novos conhecimentos apresentados e compartilhados na disciplina. E assim começou meu primeiro deslocamento de artista para artista-pesquisador-professor, vivenciando, experimentando, pesquisando, fazendo, participando e compartilhando com todos os colegas artistas os momentos especiais, gerando dúvidas e mais dúvidas e curiosidades sobre as dimensões da Arte.

Como professor em estágio docente, inicio mais um deslocamento no percurso de aprendizado para entender e fazer a conexão entre ser artista, ser pesquisador e ser professor. Nesse sentido, sob a orientação da Prof.^a Jocielle Lampert, iniciei meu caminho a ser percorrido nessa nova experiência de Professor do Ensino das Artes Visuais. Nesse contexto, exercitei o papel de estagiário como professor de Artes Visuais na disciplina Processo Pictórico perante os alunos da graduação do curso de Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais da UDESC, e vivenciei novas experiências. A visão e o controle da dinâmica de uma sala de aula voltada para atividades das práticas e estudos dos processos artísticos era um cenário em que eu



Figura 99 - Fotografias dos artistas na disciplina Sobre Ser Professor Artista. José C. da Rocha. 2015



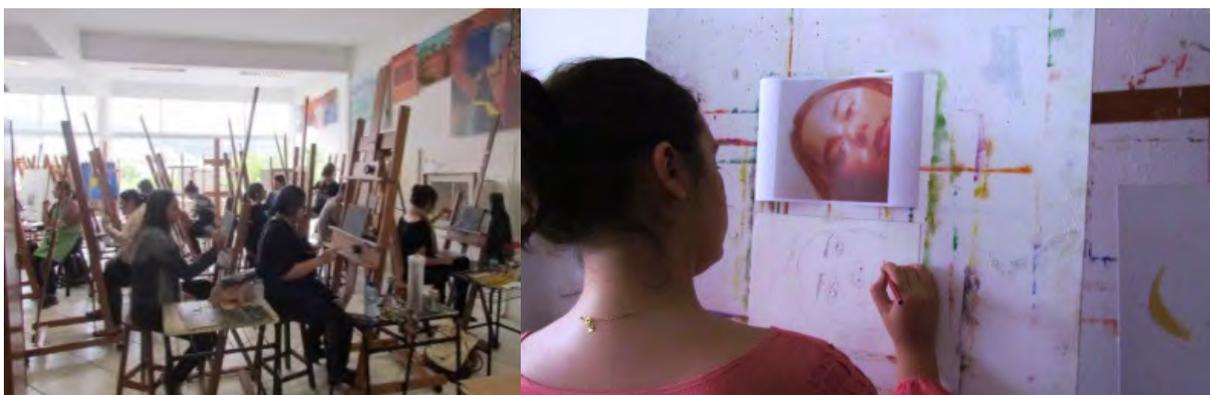


Fonte: Própria.

entrava pela primeira vez como professor de Artes Visuais.

Assim, meu aprendizado como estagiário (Figura 100) iniciou pelo planejamento, observação, seguindo pelo acompanhamento das práticas, estudo, preparação, observação e compartilhamento de saberes com os acadêmicos, conciliando a tríade: pesquisar, produzir e ensinar.

Figura 100 - Estágio docente Sala de pintura na disciplina Processo Pictórico. UDESC. 2015



Fonte: Própria.

A Prof.^a Jocielle orientou os acadêmicos da disciplina Processo Pictórico, como fabricar tinta a óleo e armazenar nos tubos. Um processo artesanal e prático, conforme Figuras 101 e 102.

Figura 101 - Orientação da Prof.^a Jocielle aos acadêmicos e estagiários docentes. CEART/ UDESC. 2015



Fonte: Própria.

Figura 102 - Fabricação de tinta a óleo. Colocação no tubo pelos acadêmicos e estagiários docentes José C. da Rocha e Tharciana Goulart. CEAR/UEDESC. 2015.



Fonte: Própria.

Dentre as práticas desenvolvidas como estagiário de professor de Artes Visuais, resalto a apresentação feita aos alunos sobre meus trabalhos práticos e teóricos referentes a autorretratos e retratos feitos em diversas técnicas, servindo de exemplo para exercícios dos acadêmicos. Pela primeira vez, identifiquei-me como artista e professor em uma só identidade diante da função exercida. Para a elaboração de retrato e autorretrato, os acadêmicos aprenderam a técnica de monotipia a óleo e a técnica do espelho, que significa desenhar/pintar o autorretrato olhando a própria imagem no espelho.

Como artista, pesquisador e professor, identifico-me nos resultados de muitos trabalhos artísticos e estudos teóricos proporcionados pela disciplina Sobre Ser Professor Artista, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Jocielle Lampert, no curso de Pós-Graduação em Artes Visuais da UDESC. Essas condições foram os componentes básicos para elaboração do artigo: *Reflexões sobre a Experiência: Paisagem Cartográfica do Artista Pesquisador* (ROCHA, 2015, p. 713). O referido artigo foi aprovado pela ANPAP e aceito para comunicação no 24.º Encontro Nacional. Foi minha primeira experiência como artista e pesquisador.

Esses deslocamentos ampliam meus conhecimentos e propiciam uma contínua reflexão e percepção para minha formação como artista, pesquisador e professor. A participação de trabalhos artísticos em várias exposições, a frequência em cursos de aperfeiçoamentos e de seminários, de elaboração de pesquisas e leituras, de publicação de artigos são deslocamentos que têm somado e multiplicado os saberes e conhecimento no meu processo de formação.

Afinal, como nos identificamos? Artista professor? Professor artista? Artista-professor? Professor-artista? Artista/professor? Professor/artista? Artista-pesquisador? Artista-pesquisador-professor? Ou, como propôs a equipe do colega Silfarlem na apresentação do seminário sobre o tema (In) Visibilidades, do autor Joaquim Alberto Luz de Jesus, na aula da Disciplina Sobre Ser Professor Artista. Cada um escolheu a palavra escrita na placa que mais o identificava como artista, pesquisador e professor numa só identidade (Figura 103). Um deslocamento necessário para reflexão e autoconhecimento de si como artista-pesquisador-professor.

Os inúmeros exemplos demonstrados de deslocamentos de identidade do artista como pesquisador e professor possibilitaram-me várias experiências singulares e vivências. Certamente não sou mais o mesmo desde que iniciei o primeiro passo na direção de conhecer-me e identificar-me como artista, pesquisador e professor numa só identidade. E assim vou caminhando com essa identidade como passaporte para o Ensino das Artes Visuais: artista-pesquisador-professor, em busca de novos deslocamentos e experiências singulares.

3.4 COMO ME IDENTIFICO?

Sempre gostei das imagens dos livros, de desenhar, de histórias infantis, de pintar, das revistas, dos livros, tudo que conseguia ver e ler. Fui crescendo cada vez mais interessado pelo mundo da Arte. Assim multiplicaram-se as primeiras linhas, desenhos e pinturas. Desse modo, considero minha primeira identificação. Quando comecei a ler, a curiosidade ultrapassava o que via. Minha percepção e imaginação misturavam-se, levando-me para onde desejava. Até que um dia, ainda muito criança, uma professora não acreditou que eu tivesse feito o desenho de uma árvore em homenagem ao Dia da Árvore, conforme ela havia solicitado. Esta foi a minha primeira decepção como artista.

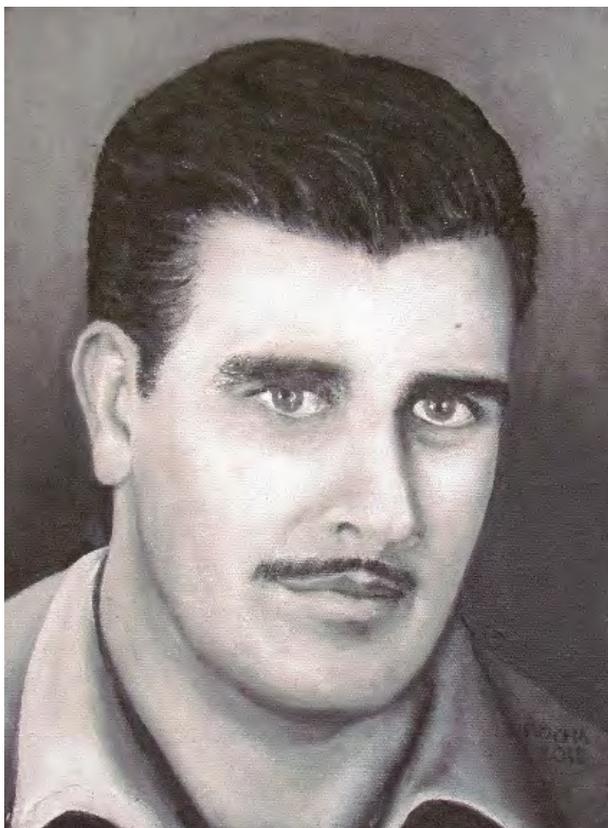
Depois de um longo tempo navegando em outras áreas distantes do mundo da Arte que a vida reservou, com o transcorrer dos anos, a curiosidade como artista retomou, e assim parti em busca de realizar o sonho que ficou guardado, mas não esquecido: obter experiências e conhecimento de processos artísticos. Depois de muitos e muitos anos, outros professores ocuparam esse distanciamento que eu mantinha da Arte. Agora, ressignificado por professores-pesquisadores-artistas, do Curso de Bacharelado em Artes Plásticas e, atualmente, no curso de Pós-Graduação em Artes Visuais, reconheço a relevância de ser artista, pesquisador e professor, com conhecimento para ser um professor de Artes Visuais, tanto para criança, como para adolescente ou adulto, pertencendo ou não ao mundo acadêmico. Assim, abriu-se um mundo novo de uma forma contagiante, impulsionando novos questionamentos. Agora parto para o maior desafio: ser mestre em Artes Visuais na linha do Ensino das Artes, com o desejo de exercer um novo ciclo como artista-pesquisador-professor.

A partir dos conceitos de artista, pesquisador e professor e entendimento como pessoa, questiono-me. Como me identifico? Uma pergunta crucial que penetra o âmago da minha essência. Acredito que minha identificação desloca-se com o tempo, com as experiências, com as vivências, com as informações e conhecimentos que se vão sedimentando dia após dia, transformando-se a cada momento, tanto internamente como externamente. A própria vida é uma eterna transformação, e pertencemos a esse determinismo. O texto de Alan Thornton (2013), *A identidade do*

artista professor, formula a seguinte pergunta: Como eu me identifico a mim mesmo? Um questionamento seminal que leva cada um a questionar-se a si mesmo e o que se representa para as outras pessoas. Sou um artista? Sou um professor? Sou um artista-professor? Sou um professor-artista? Sou um artista-pesquisador? Sou um artista-pesquisador-professor? O que produzo? O que pesquiso? O que ensino? Enfim, o texto de Thornton leva a muitos outros questionamentos e reflexões. Talvez não se encontrem todas as respostas, mas muitas outras perguntas. Afinal, quem sou eu? Um longo caminho está à minha espera. Tanto como artista, como pesquisador e como professor, uma identidade que agora me personifica e que reúne três atividades distintas, mas complementares. Agora estou sendo constituído por essa nova identidade: artista-pesquisador-professor, cujo deslocamento permite-me transitar e praticar meu objetivo: pesquisar, fazer e Ensinar Artes Visuais. Com base nas minhas experiências e deslocamentos como artista, pesquisador e professor, parto das minhas observações, aprendizados, reflexões e dos meus estudos, pesquisas e práticas do Ensino das Artes Visuais como ferramentas para demonstrar minha nova identidade como artista-pesquisador-professor.

Como **Artista**, apresenta-se o próprio pesquisador deste estudo nos trabalhos desenvolvidos, em seus deslocamentos em busca de novas técnicas e processos artísticos (Figuras 104 e 105).

Figura 104 - Retrato Afetivo. Pintura a óleo. Dimen. 35 x 20 cm. José C, da Rocha. 2013



Fonte: Própria.

Figura 105 - Autorretrato. Lápis HD. Dimen. 50 x 30 cm. José C. da Rocha. 2015



Fonte: Própria.

Em outra perspectiva como artista, registra o autorretrato como forma de um tempo/espço percorrido e que, ao longo dos anos, vai modificando-se pelas experiências e deslocamentos, mas congelado pela representação pictórica, conforme demonstrado na Figura 106.

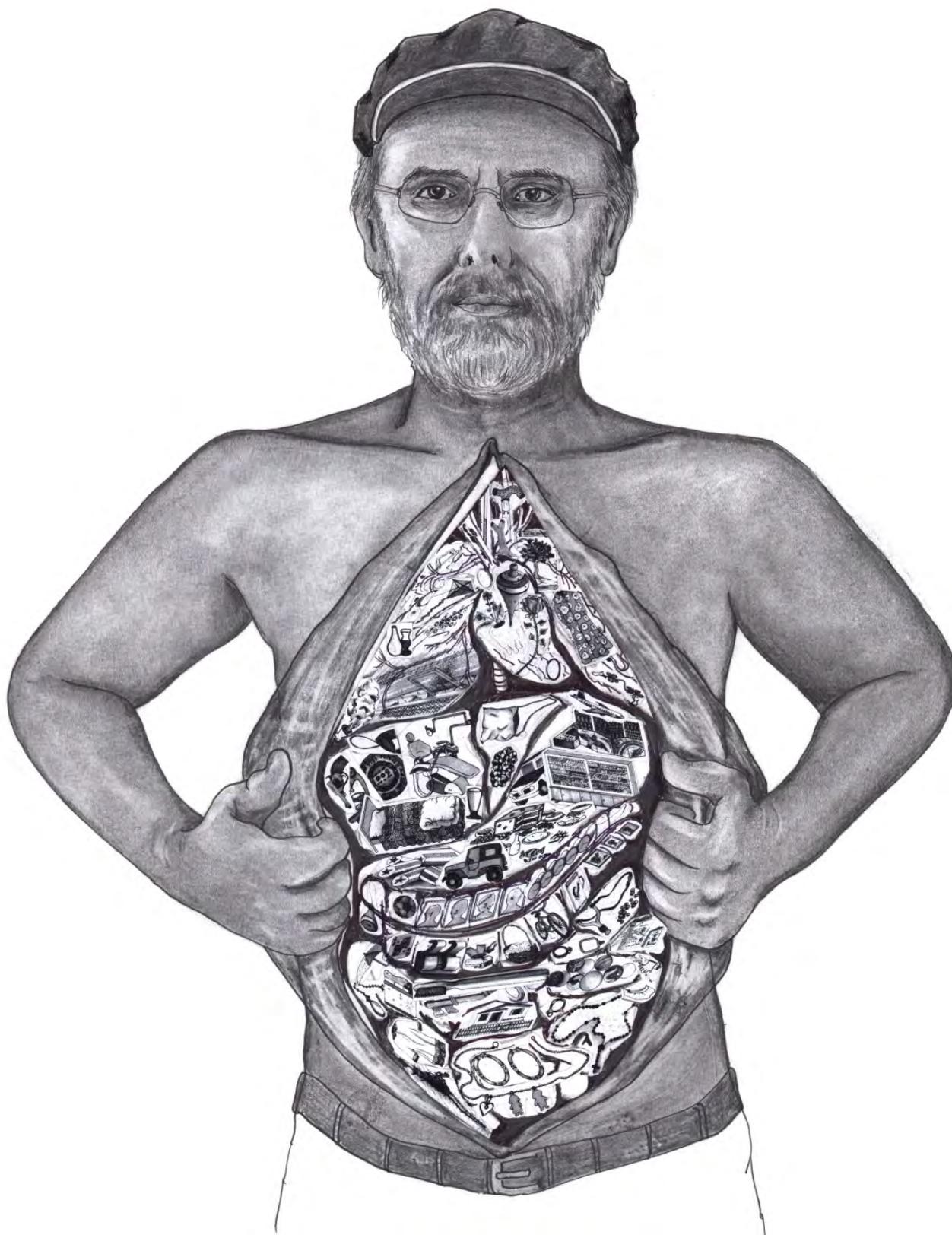
Figura 106 - Autorretratos. Técnicas: lápis aquarela, lápis HD e tinta a óleo. Dim. 30 x 20 cm. José C. da Rocha. 2013



Fonte: Própria.

Como outro exemplo de autorretrato, a Figura 107 representa as memórias afetivas que estão impregnadas na anatomia do artista.

Figura 107 - Memórias Afetivas - Museu dos Objetos - Técnica lápis HD/Nanquim. Dimensões 40x30 cm. José C. da Rocha. 2013



Fonte: Própria.

Outro exemplo é o da Figura 108, que é o resultado de um trabalho em aquarela, representando um recorte da natureza.

Figura 108 - Natureza. Técnica Aquarela. Dimensões 20 x 30 cm. José C. da Rocha. 2016



Fonte: Própria.

Como **Pesquisador**, procura-se, nas respostas e nos resultados dos trabalhos artísticos das adolescentes desenvolvidos no CIF, encontrar significados, percepções, reflexões, críticas e observações decorrentes das ações desenvolvidas nos encontros. Nesse sentido, para Basbaum (2013, p. 194), o artista/pesquisador é resultado do meio do trabalho, isto é, conforme considera que “não há como escapar desta máxima: dentro da universidade, o trabalho de Arte se transforma em pesquisa e o artista em pesquisador”. Como parte integrante do repertório instrumental de um pesquisador e professor de Arte, como pesquisador busco respostas e resultados e utilizo a investigação como forma de responder às questões presentes como as realizadas nos questionamentos da pesquisa no Centro de Internação Feminina.

Como **Professor**, pelos trabalhos realizados e compartilhados com alunos e participantes em escolas e instituições, pelo planejamento do presente estudo e enfoques pedagógicos do Planos de Ensino de Arte Educação e seu desenvolvimento no Centro de Internação Feminina com as adolescentes em conflito com a Lei, pelas disciplinas cursadas com múltiplos focos pedagógicos, de processos artísticos e leituras visuais, pela experiência de Residência Artística na Escola de Educação Básica Lauro Müller, pelo estágio docente na disciplina Processos Pictóricos do curso

de graduação de Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais.

Constata-se que, mesmo atribuindo algumas características específicas para cada função do artista, do pesquisador, e do professor, há muitos temas que são transversais, que ultrapassam simultaneamente todas as diferenças e conectam entre si o conhecimento e a experiência como forma de uma nova identidade mais complexa e rica de possibilidades para exercer atividades com o Ensino das Artes Visuais. Como professor, Jorge Larrosa cita:

Tropear não é nada; o mal está em divagar, em sair do próprio rumo, em já não prestar atenção ao que se diz, em esquecer o que se é. [...].Então trato de recordar o que sou, qual é ou foi o meu caminho, em que e de que maneira fui, eu também, um buscador, e me ocorre que o que sou é um professor [...], que passou a vida pensando em outras formas de entender a leitura, a escrita e a conversação, e se tratando de levar a sério a potência de certas linguagens para ampliar as formas de relação com a linguagem para ampliar as formas de experiência, para modificar as relações com o mundo, com os outros e com nós mesmos, para alcançar, ainda que por um momento, outros umbrais de consciência, para impulsionar a vida. (LARROSA, p. 149, 2015).

Em uma entrevista dada a Willoughby Sharp em 1969, Beuys afirma que “ser docente é a minha obra de arte mais importante, o demais é um desejo, uma demonstração” (BEUYS, 2011, p.20).

Nesse contexto, verifica-se que a reflexão de si como artista-pesquisador-professor provoca um deslocamento de conscientização da própria identificação. Identifico-me nestas linhas de Bourdieu (2005):

Nada me tornaria mais feliz do que ter conseguido que alguns dos meus leitores e leitoras reconhecessem as suas experiências, as suas dificuldades, as suas interrogações, os seus sofrimentos, etc., nos meus e que a identificação realista que é completamente distinta de uma projeção exaltada, todos retirassem meios para fazer e viver um pouco melhor tanto aquilo que vivem como aquilo que fazem (BOURDIEU, 2005, p. 119 apud JESUS, 2013, p. 23).

Atualmente, depois de algumas experiências, considero-me um artista-pesquisador-professor e com muitos questionamentos à medida que avanço e amplio meu conhecimento e visão de Educador da Artes Visuais. Conforme Lampert, que comenta:

‘Comungo com o pensamento de que o artista é um avião furtivo da cultura: imperceptível ao radar do espetáculo, porém, extremamente eficaz por sempre apontar para lugares afiados, para as situações mais críticas [...] um novo intruso o artista contemporâneo habita todas as formas de Arte [...]’ (BOURRIAUD, 2002 apud LAMPERT, 2009, p.144).

Como ocorreu esse deslocamento? É possível esse desdobramento de reconhecimento de tripla identidade? Sim, primeiro, por minha vivência como artista, e, depois, pela busca incessante de conhecimentos no mundo acadêmico do Ensino das Artes Visuais, o que me proporcionam a identificar-me como um artista-pesquisador-professor com condições de orientar, pesquisar, refletir e incentivar outras pessoas a caminhar e a conhecer processos artísticos como forma de liberdade e expressão.

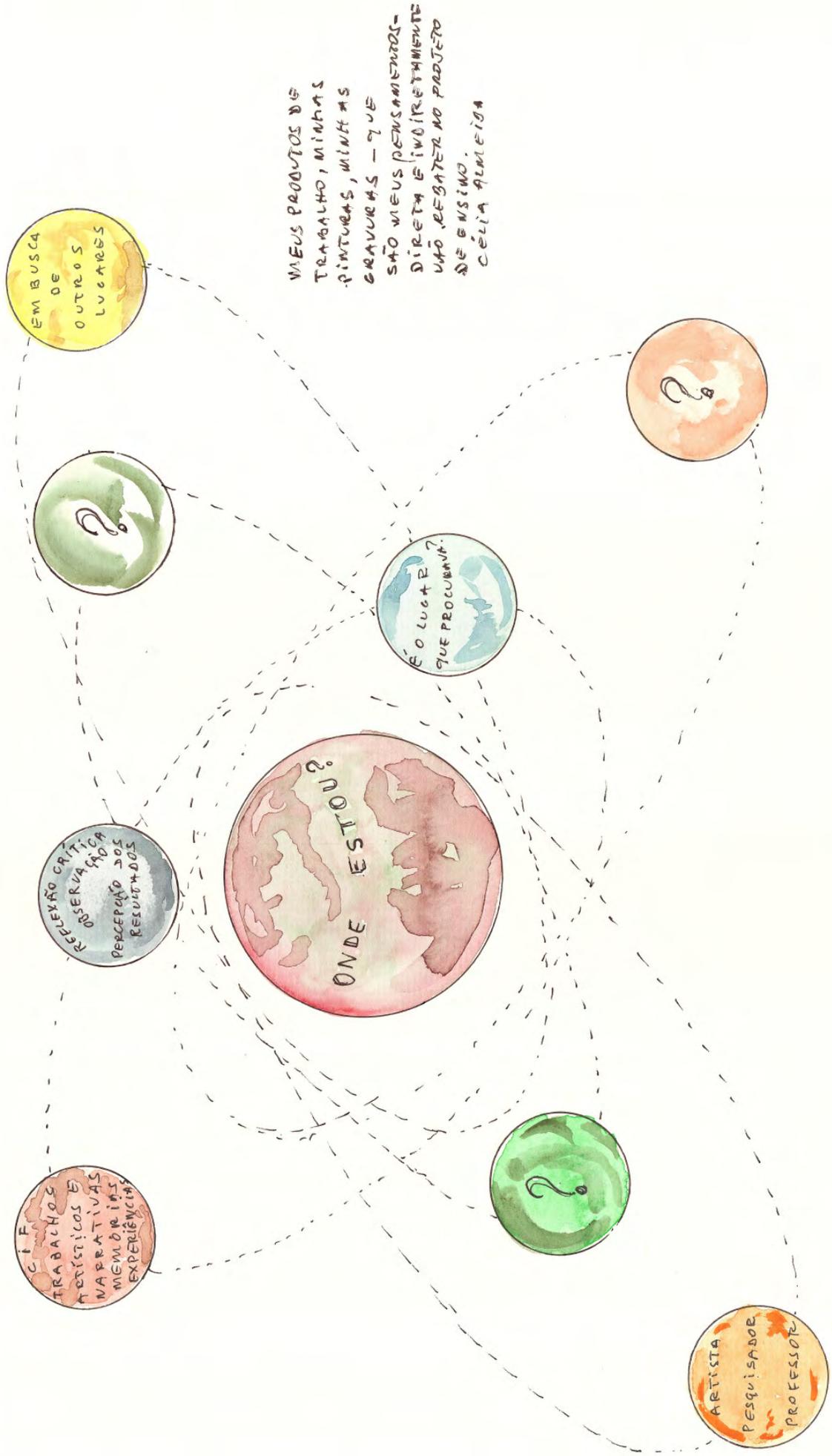
Assim, exemplifico alguns dos meus deslocamentos de identidade de artista para pesquisador-professor, que inicia como acadêmico no curso de pós-graduação em Artes Visuais, com a disciplina Sobre ser Professor Artista, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Jocielle Lampert. Uma experiência singular propiciada pelos professores e colegas artistas que compartilham e contribuem com seminários, pesquisas, opiniões, sugestões para meu conhecimento e aprimoramento em todos os sentidos. Nesse contexto, várias oportunidades surgiram no 2.º semestre de 2015 para meu aperfeiçoamento e treinamento, como: cursos, workshops, exposições, publicação e apresentação de artigo, conversa e entrevista com artista, viagens curtas e longas para conhecer obras de Artes, tudo isso somado com as outras disciplinas e na participação semanal nos estudos e produção de trabalhos no Estúdio de Pintura Apotheke. Assim configura-se minha iniciação nessa trajetória delineada para o Ensino das Artes Visuais.

Na preparação e apresentação do seminário sobre a Identidade do Artista Professor na disciplina Sobre ser Professor Artista, apreendi a identificar-me mais, a refletir sobre minhas dúvidas, minhas incertezas e até sobre as certezas que viraram incertezas. Este é um tema importante abordado para os mestrandos de Artes Visuais, oferecido pela disciplina a todas as linhas - Ensino da Arte, História e Teoria da Arte e Processos Artísticos Contemporâneos, propiciando aos Pós-Graduandos em Artes Visuais uma noção de identidade, da função e do papel do artista-professor, segundo vários teóricos.

Nesse contexto, verifica-se que a reflexão de si como artista-pesquisador-professor provoca um deslocamento de conscientização da própria identificação, independentemente da linha em que se encontra, pois o papel do artista em Artes Visuais é complementado com os requisitos de uma atitude de professor, tanto para pesquisar, ensinar, como para aprender. Uma função que envolve atividades distintas, mas que se complementam a cada experiência.

FIGURA 109

NÃO HÁ EXPERIÊNCIA MAIS INTENSA QUE A ARTE.
John Dewey





ONDE ESTOU?

Depois de percorrer os caminhos escolhidos, os deslocamentos como artista-pesquisador-professor, e da abordagem da própria experiência na realização desta pesquisa de campo, chego neste último espaço e me pergunto: Onde estou? Para chegar até aqui, utilizei como suporte teórico e prático e como dispositivos e meios, para atingir os objetivos propostos no presente estudo, referências de vários teóricos, pesquisadores, professores, colegas artistas, e relatos de experiências e lembranças de participantes nos encontros de processos artísticos compartilhados. Nessa direção, a elaboração do planejamento do Plano de Ensino Arte Educação para os encontros das micropráticas configura essas possibilidades no desenvolvimento dos processos artísticos propostos pela pesquisa no grupo de adolescentes em conflito com a Lei, do Centro de Internação Feminina. Com espaço delimitado e restrições de liberdade das participantes da pesquisa, observam-se, nos exercícios desenvolvidos e resultados alcançados, várias possibilidades que a Arte proporcionou para ressignificar suas experiências e memórias.

Com a utilização da metodologia da hibridização entre a narrativa contextualizada e a linguagem visual com base na pesquisa em arte, verifica-se que a/r/tografia possibilitou redimensionar possibilidades de construção de conhecimentos por meio dos processos artísticos desenvolvidos nas micropráticas, nos dois sentidos, tanto para minha experiência como artista-pesquisador-professor como para as adolescentes do grupo de estudo. Nas imagens resultantes dos trabalhos das participantes, verifica-se que revivem e identificam suas memórias e experiências, com emoção, percepção, e sentimento, mesmo desenvolvendo em diferentes processos artísticos por meio das técnicas do desenho, pintura, monotipia, cianotipia e fotografia. Essas possibilidades que a Arte propicia de lembrar e levar a reviver esses momentos ressignificados são identificadas nos depoimentos, nos trabalhos e nas avaliações das adolescentes. Nota-se que o compartilhamento dessas memórias e os descortinamentos de alguns momentos que estavam congelados, guardados e esquecidos, propiciaram novas experiências às participantes a cada encontro, manifestando percepções e sentimentos soterrados pelas adversidades da vida.

Nessa direção, constata-se que o compartilhamento das memórias e experiências entre o pesquisador e o grupo de estudo está nos resultados dos trabalhos realizados pelas adolescentes, cuja interação nos encontros demonstram essa conexão satisfatória de entendimento para alcançar os objetivos das micropráticas. Observa-se que o relato e o compartilhamento da produção artística sobre memórias e experiências que compõem e decompõem o próprio artista-pesquisador-professor e de outros artistas apresentados, tanto imagem como contexto, propiciaram que as participantes conhecessem diversas técnicas e possibilidades para expressarem as

suas reminiscências por meio de diversos processos artísticos. Consta-se que a apresentação da produção artística do pesquisador às participantes das micropráticas estabelece um vínculo direto de uma experiência que nenhum livro ou imagem virtual substitui. Percebe-se que as conversas entre as participantes e a experiência prática passam de imediato, propiciando o entendimento das práticas artísticas desenvolvidas com as adolescentes. A apresentação de como foi feito o trabalho artístico, o que representa, qual seu significado, qual a importância que tem como experiência, são curiosidades e questionamentos que levaram as adolescentes a conhecer as respostas do artista-pesquisador-professor. Nesse sentido, Eisner comenta:

El saber humano es una forma construida por la experiencia y, en consecuencia, un reflejo tanto de la mente como de la naturaleza: el saber se hace, no simplemente se descubre. (EISNER, p.22, 2011).⁵

Verificou-se que o encontro sobre os trabalhos apresentados do pesquisador como artista, propiciou às participantes a refletirem e observarem que o artista-pesquisador-professor também tem suas ressignificações de suas experiências e lembranças boas e doloridas, identificadas nos significados dos trabalhos artísticos realizados, e que ele sofre e sente saudade como qualquer mortal. Por isso, utiliza a Arte como meio para expressar sua maneira de pensar e estar no mundo. E que embora as lembranças não peçam licença para aparecer, foram convidadas a se mostrarem por meio artístico, especialmente no seu livro *Memórias Afetivas - Museu dos Objetos*, que contextualiza verbalmente setenta e duas lembranças de suas memórias representadas por desenhos em linha. Observou-se que a curiosidade da leitura de texto e imagem do livro apresentado gerou observação e comentários das adolescentes sobre alguns trabalhos, expressando compaixão de alguns contextos, como a narrativa e desenho da representação de um chapéu que substituiu a perda de cabelos e da vida por uma doença. Outro exemplo de percepção e observação pelas adolescentes foi sobre os livros de fotografias de Sebastião Salgado, *Retratos de crianças do êxodo* (2000) e *Terra* (1997), que mostram a magreza das crianças que passam fome e vivem na miséria em alguns países do mundo, levando-as a refletirem e observarem que existem situações bem piores às que estão vivenciando, conforme seus relatos, ressaltando-se que algumas pediram a Deus para ajudar aquelas crianças. Consta-se que, nos exemplos dados, as adolescentes mostraram sensibilidade e entendimento de vivências difíceis pelas adversidades da vida, representadas por desenho e fotografia.

⁵ “O saber humano é uma forma construída pela experiência e, em consequência, um reflexo tanto da mente como da natureza: o saber se faz, não simplesmente se descobre.” (EISNER, p. 22, 2011, tradução nossa).

Por outro lado, uma das questões que movem questionamentos encontra-se no deslocamento de identidade entre ser artista, ser pesquisador e ser professor. Observa-se que essa trilogia justaposta compõe as ações da presente pesquisa em um só elemento, personificado pelo próprio pesquisador, que vem ao encontro dessa identificação do processo desta pesquisa.

Algumas questões que inicialmente me inquietavam como artista, como pesquisador e agora como professor: Como é possível Ensinar Artes Visuais? Como se Ensina Artes Visuais? Por algumas respostas, como exercício de artista-pesquisador-professor, no Ensino das Artes Visuais, observa-se que as micropráticas desenvolvidas produziram resultados e interação entre participantes e o mestrando pesquisador. E que as experiências desenvolvidas mostram essas possibilidades. Segundo Almeida (2009), “meus produtos de trabalho, minhas pinturas, minhas gravuras – que são meus pensamentos -, direta e indiretamente vão rebater no projeto de ensino”, e configuram como uma ponte entre produzir e ensinar. Constata-se que tensões e dúvidas são recorrentes no exercício das funções da tríade artista-pesquisador-professor e que fazem parte do cotidiano e da relação com o meio em que se move e se convive, gerando experiências sobre experiências, como camadas ou cascas que se formam na constituição do crescimento de uma árvore.

Outros deslocamentos como artista-pesquisador-professor foram sendo pausadamente construídos na participação do Grupo de Estudo Estúdio de Pintura Apoteke, em que a pesquisa, a prática de processos artísticos adquiridos embasaram principalmente o desenvolvimento das técnicas de monotipia e cianotipia nas micropráticas propostas na presente pesquisa. Os resultados alcançados pelas participantes no desenvolvimento dos exercícios das técnicas oferecidas observam-se nos trabalhos da exposição. Sem esses conhecimentos adquiridos, não seria possível realizar os trabalhos apresentados como resultado da pesquisa de campo, tanto do pesquisador como das participantes. A Arte como experiência e as possibilidades de práticas de Ensino das Artes Visuais que envolvem diversas técnicas de pinturas artística e processo de criação foram conceitos utilizados como referência no projeto, proveniente do objetivo do Grupo de Estudo Estúdio de Pintura Apotheke. Nesse sentido, os resultados alcançados estão configurados nos trabalhos realizados com as técnicas desenvolvidas com as participantes. Observa-se que os relatos das participantes legitimam os processos artísticos desenvolvidos como possibilidades de ressignificar e expressar os remêmoros de suas experiências e memórias.

Como abordagem de experiência no Ensino das Artes Visuais, registra-se, como base da pesquisa de campo, o desenvolvimento do Plano de Ensino Arte Educação, realizado em oito encontros para o exercício e desenvolvimento das micropráticas e do preenchimento dos Formulários como suporte da pesquisa em questão. Verifica-se, no levantamento e acompanhamento de informações e nas respostas das

questões formuladas nos questionários, que a colheita de dados e o registro ao longo dos encontros das micropráticas foram fundamentais para conhecer o que pensam, o que as adolescentes expressam quando voltam a lembrar de suas memórias e experiências, o que sentem quando ressignificam esses momentos, e como avaliam os encontros das micropráticas.

No primeiro encontro, foram formuladas às adolescentes, inicialmente, questões, como conceito de arte e sua representação, em cuja resposta nota-se que, de uma forma geral, expressaram com fundamento o entendimento verbal e posteriormente representaram esse entendimento por meio dos desenhos, antes mesmo da apresentação teórica de um conceito de Arte do autor Jorge Coli (1982). Como resultado, observa-se que todas as adolescentes emitiram seus conceitos, independentemente de uma explicação teórica anterior. Mostra que o entendimento das adolescentes é claro, individual e passível de compreensão do que é Arte e sua representação. Ressalta-se que outros teóricos definem Arte com base em seus próprios conceitos, que ainda há divergência entre autores e estudiosos, e não há um consenso. Em outra pergunta formulada, constatam-se resultados surpreendentes quanto aos conceitos e entendimentos sobre lembranças e experiências das participantes, cujos relatos contextualizados identificam suas compreensões. Exemplifica-se um relato de uma das participantes: *lembrança significa uma emoção que a gente sente quando lembra de uma pessoa ou um momento da sua vida, às vezes até quando tem um objeto que nos fez felizes*. Nota-se nas respostas das participantes que a Arte pode propiciar estímulos a novos conhecimentos, percepções e observações, mesmo fora da academia e sem liberdade. O relato de uma adolescente expressa sobre os trabalhos realizados: *em minha memória vai ficar os dias que nós meninas [...] aprendemos bastante coisas que eu nunca iria aprender se eu estivesse na rua*. O objetivo dos trabalhos propostos não é desocupar o cérebro e ocupar as mãos das adolescentes, mas sim conectá-los simultaneamente com momentos especiais e compartilhamento de saberes e experiências como forma de manifestação e expressão artística e cultural na construção e reconstrução de si mesmas, considerando que hoje estão reclusas, mas amanhã vão sair. E que precisam ter vez para existirem como ser com sua subjetividade.

Constata-se que a exposição dos trabalhos das adolescentes sintetiza os resultados obtidos pelos exercícios dos processos artísticos elaborados nesta pesquisa, proporcionando voltar a lembrar suas próprias experiências e memórias. Verifica-se que há depoimentos de que, mesmo estando na situação de confinamento na Instituição, a Arte proporcionou uma viagem ao passado e permitiu revisitar momentos felizes da vida, que são ressignificados no presente em uma simples folha de papel. Segundo uma adolescente:

Todos os trabalhos que eu fiz me lembraram de todos os momentos lindos que expressei nas folhas, pude também voltar ao passado e sentir aquele gostinho gostoso de felicidade que já vivi.

Nesse sentido, o estudo de Baudrillard considera:

O que o homem encontra nos objetos não é a garantia de sobreviver, é a de viver a partir de então continuamente em uma forma cíclica e controlada o processo de existência e de ultrapassar assim simbolicamente esta existência real cujo acontecimento irreversível lhe escapa.[...] E é um pouco por compromisso igual que, se os sonhos têm por função assegurar a continuidade do sono, os objetos asseguram a continuidade da vida. (BAUDRILLARD, 2004, p.104-105).

Como artista-pesquisador-professor, observando e refletindo sobre todas as experiências obtidas em cada etapa no desenvolvimento da presente pesquisa, constata-se que há sim respostas positivas para as dúvidas e questionamentos, mas isso não impede de que outras dúvidas e perguntas continuem sem resposta. Verificase que a formulação do problema sobre a problemática da experiência e da memória foi delineada por diferentes abordagens entre o suporte teórico e os exercícios das micropráticas. Constata-se que ambos os movimentos entre os trabalhos artísticos e narrativas sobre memórias e experiências elaboradas pelas adolescentes com reflexões críticas, observações e percepções do artista-pesquisador-professor foram articulados, respeitando a individualidade e ampliando as possibilidades dos desenvolvimentos e desdobramentos da proposta desta pesquisa. Como justificativa, meu interesse em explorar outras possibilidades artísticas moveu-me na direção de conhecer e refletir sobre outras memórias e experiências, encontrando respostas que dialogam com a subjetividade das adolescentes. O objetivo geral do projeto da pesquisa foi alcançado, conforme respostas dos relatos e trabalhos realizados pelas participantes não acadêmicas e das informações verbais dos visitantes da exposição.

A reflexão e percepção da experiência e da memória nos desenvolvimentos dos processos artísticos são verificados nos exercícios das micropráticas do Plano de Ensino Arte Educação. Constatam-se, como objetos de pesquisa, os trabalhos da exposição, os quais foram entregues, no final dos encontros, às autoras dos trabalhos. No desenvolvimento da pesquisa, encontram-se respostas nos exercícios e nos trabalhos realizados, contribuindo para uma reflexão do papel do Ensino da Arte

em um horizonte que não tem limite, a ser desbravado em busca de respostas aos obstáculos que impedem a passagem do conhecimento por meio da Arte.

Pergunto-me: Agora, onde estou? É o lugar que procurava? Posso responder que sim e que não. Como afirmativa, constato que o desenvolvimento da presente pesquisa levou a este lugar em que me identifiquei como artista-pesquisador-professor, mas que provavelmente há outros que ainda estão à espera para serem conhecidos e procurados. Mesmo chegando a este lugar procurado, percebo outras saídas para outros, que avivam minha curiosidade para conhecê-los. As conexões entre locais desconhecidos são como as cidades que se interligam por vários sistemas de comunicação, principalmente por uma estrada, por uma ferrovia, um aeroporto, ou por diversos meios digitais. São meios que servem como ponte para ligar e interagir entre o que faço e o que procuro. E não sei se vou conseguir conhecer todos os lugares que procuro e desconheço, mas outros artistas-pesquisadores-professores conhecerão certamente. Segundo Sennett (2008, p.12), o bom mestre dá uma explicação satisfatória; o grande mestre gera dúvida, inquieta, provoca discussão.

O que me tocou, o que me encantou, o que me surpreendeu foram a curiosidade e o encantamento das adolescentes a cada encontro: a espera de intervalos de uma semana que alimentava cada vez mais suas expectativas segundo relatos das adolescentes, tudo isso somado ao depoimento de que estavam praticando o que aprendiam, mesmo quando estavam recolhidas em suas celas sozinhas, fazendo desenhos ou lendo as histórias do livro *Memórias Afetivas - Museu dos Objetos*; a ansiedade e expectativa de ver seus trabalhos na exposição e a surpresa de terem seus retratos expostos; as poses de manequim que fizeram para a fotografia após estarem maquiadas e vestidas com suas roupas para irem à exposição sem o uniforme da Instituição, e cujas fotografias foram presenteadas para elas e não publicadas por serem menores em conflito com a lei; a pasta que ganharam contendo todos os seus trabalhos artísticos; os agradecimentos pelo aprendizado de novos conhecimentos, e principalmente as reflexões das adolescentes sobre as experiências e oportunidade que desfrutaram mesmo tolhidas de liberdade, como nos relatos que expressaram essas vivências: *Tenho orgulho de ter aprendido uma coisa que eu talvez nunca iria ter aprendido lá no mundo; A arte não é um simples desenho que fazemos em uma simples folha, e sim uma forma de expressar nossos sentimentos, nossas lembranças e nossas emoções.*

O que faltou, o que sobrou, o que me decepcionou e o que posso fazer ou contribuir para remover as barreiras existentes? Reconheço que falta uma continuidade no sentido de fazer da Arte um espaço e tempo contínuos de liberdade durante o período de reclusão, de uma forma em que se sintam valorizadas e com perspectiva de uma nova vida com sentido. Constato que ficou a expectativa das adolescentes em continuar a buscar novos conhecimentos e processos artísticos como forma

de aprendizado e valorização da autoestima. O que me decepcionou foi de não ter condições de desenvolver simultaneamente outro projeto de pesquisa com os menores do sexo masculino, devido ao tempo, objetivo e escolha do grupo de foco para o presente estudo. Quando os adolescentes masculinos em conflito com a Lei tiveram a oportunidade de conhecer os trabalhos das adolescentes femininas na exposição, expressaram que gostariam também de terem participado.

Indago-me sobre o que me levou a pesquisar sobre o tema *Produzir, Pesquisar e Ensinar Arte Visual* em uma instituição de reclusão para adolescentes em conflito com a Lei. Como artista, utilizo o processo artístico para compartilhar e expressar minhas memórias e experiências como meio de reviver, relembrar, memorizar, no presente, momentos singulares vividos. E com objetivo de partilhar essa percepção e reflexão da Arte, procuro levar essas experiências a locais onde a Arte não está presente, fora dos currículos escolares e acadêmicos. Sempre pensei que, por meio do conhecimento do Ensino da Arte Educação, poderia expandir e aprofundar percepções e reflexões críticas sobre a essência de ser artista, pesquisador e professor. Essa busca levou-me a pesquisar o sentido de ser artista e ser professor ao mesmo tempo.

Nessa configuração, as ações pedagógicas programadas e desenvolvidas com as adolescentes, observa-se que a narrativa de experiências singulares e reminiscências são desenraizadas e recapturadas pelo desenho, pintura, monotipia, cianotipia e fotografia. Como pesquisador, constato, pelas respostas das perguntas e pelas imagens elaboradas pelas adolescentes, que o objetivo proposto das ações foi alcançado satisfatoriamente, aflorando e envolvendo uma carga enorme de poesia.

Observam-se, nas respostas das adolescentes, percepções, reflexões, emoções, saudades, experiências e lembranças de um tempo que passou, mas que ainda está presente na memória. E constata-se que o processo artístico proporciona uma viagem, revivendo esses momentos. Dessa forma, as ações desenvolvidas proporcionam novas possibilidades de reconfigurar memórias e experiências, não como forma de passatempo, *hobby*, terapia, ou teoria com acuidade, mas de percepções e emoções únicas ao relembrar uma parte singular da vida que está registrada na memória, expressa em uma atmosfera calorosa, mesmo em um ambiente prisional. Assim, o trabalho artístico possui e carrega significado e expressividade, não como um simples desenho bonitinho ou em busca de legitimidade de artista. Busca-se uma visão sobre a Arte em diversas linguagens, para que as adolescentes possam, além de refletir sobre seus trabalhos, apreciá-los nessas linguagens, como expressão criadora e como aprendizagem das Artes, bem como melhorar a autoestima e aprimorar o senso crítico. Resultam, assim, registros que configuram fragmentos de diários de suas memórias e experiências, como em um lexigrama, cujas emoções e percepções estão conectadas nos seus trabalhos artísticos.

Percebe-se que as imagens e os textos das lembranças e experiências são

como uma passagem no tempo, cada uma das adolescentes volta a reviver o passado como um momento de liberdade, em que as narrativas e as imagens elaboradas registram essa viagem, embora estejam reclusas. É como reconstituir uma identidade que foi danificada. As lembranças são a história dos seus mundos, quando revividas e ressignificadas. E a Arte propicia retomar e visitar essas reminiscências.

Concluo, como resposta à reflexão crítica, à busca e às dúvidas, que devo procurar, além das obtidas e observadas, novas possibilidades de reconfigurar o processo artístico no Ensino das Artes Visuais, assumindo plenamente, em todas as dimensões, a identidade de artista-pesquisador-professor, para levar o Outro a apropriarem-se do conhecimento em Arte tanto como forma de perceber e interpretar os trabalhos artísticos produzidos quanto o próprio mundo. Assim, amplo e renovo o conhecimento, reflexão crítica e olhar de Artista, Pesquisador e Educador das Artes Visuais, no sentido de ser um gérmen da Arte em espaços não escolares e acadêmicos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Célia Maria de Castro. **Ser Artista, Ser Professor**: razões e paixões do ofício. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

AMARAL, Lilian . **Cartografia e territórios**: cartografias artísticas, sociais. Territórios poéticos, políticos. São Paulo: Artes/UNESP. Disponível em: <lilianamaral@uol.com.br>. Acesso em: 15 mar. 2014.

AULETE, Caldas. **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Org. Paulo Geiger. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

BARBOSA, Ana Mae. **John Dewey e o Ensino de Arte no Brasil**. Cortez São Paulo, 2002.

_____. Ana Mae. **Arte se Ensina?** Texto publicado pela Faculdade Internacional Signorelli. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<https://br.images.search.yahoo.com/ihs/search>> Acesso em 20 de maio de 2015.

_____. Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**: anos oitenta e novos tempos. São Paulo: Perspectiva; Porto Alegre: Fundação IOCHPE, 1991.

_____. Ana Mae. **Ensino da Arte**: Memória e história. Ed. Perspectiva. São Paulo, 2008.

BASBAUM, Ricardo. **I love etc-artists**. Texto originalmente publicado em inglês, parte do projeto The Next Documenta Should Be Curated by an Artist, traduzido para o português em Políticas institucionais, práticas curatoriais, organizado por Rodrigo Moura (Belo Horizonte, Museu de Arte da Pampulha, 2005). Dossiê do artista. Arquivo 30.ª Bienal 25 Julho 2012 Ricardo Basbaum, um artista-etc. Disponível em: <<http://bienal.org.br/post.php?i=551>>. Acesso em: 3 fev. 2016.

BASBAUM, Ricardo. **Manual do Artista – etc**. Texto: O Artista como pesquisador. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2013.

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema de objetos**. São Paulo. Ed. Perspectiva. 2004.

BENJAMIM, Walter. **Obras Escolhidas**. Rua de Mão única. Ed. Brasiliense. São Paulo. 1995.

BERGSON, Henry. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes Ltda, 2010.

BEUYS, Joseph. **Cada homem um artista**. Lisboa: Editora 7 Nós. 2011.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A Cidade**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

CLEMENTS, Alexis. **Reconsidering John Dewey's Art as Experience**. Disponível em: <<http://hyperallergic.com/67081/reconsidering-john-deweys-art-as-experience/>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

COLI, Jorge. **O que é arte**. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1982.

CONCILIO, Vicente. **Teatro e Prisão: dilemas da liberdade artísticas em processos teatrais com população carcerária**. Dissertação apresentada para o título de mestrado em Artes Cênicas da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo pela Visuais. São Paulo. 2006

DIAS, Belidson. *A/r/tografia como Metodologia e Pedagogia em Artes: uma introdução*. **Pesquisa Educacional Baseado em Arte: A/r/tografia**. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita (Org.). Santa Maria: UFSM. 2013. p.13-17.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. Martins Editora Livraria Ltda. São Paulo, 2012.

EISNER, Elliot. **El ojo ilustrado**. Indagación cualitativa y mejora de la práctica educativa. Barcelona: Paidós Educador. Libreria Paidos, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da prisão**. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

IRWIN, Rita. **Visões e entrevisões: por uma estética de desdobramentos do currículo**. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita. *Pesquisa educacional baseada em arte: A/r/tografia..* Tradução de Luisa Gunther. Santa Maria: UFSM. 2013. p.183-196.

_____. *A/r/tografia: uma mestiçagem metonímica*. In: BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Lillian.(Org.). **Interterritorialidade, mídias, contextos e educação**. São Paulo: Edições SESCSP, 2008. p. 87-104.

_____. *Comunidades de prática a/r/tográfica*. Tradução de Luiza Gunther. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita (Org.). **Pesquisa educacional baseada em arte: A/r/tografia..** Tradução de Luisa Gunther. Santa Maria: UFSM. 2013. p. 155-168.

JENNY, Peter. **Técnicas de Desenho**. Tradução Denis Fracalossi. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2014.

_____, **Como desenhar de forma errada**. Tradução Denis Fracalossi. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2014.

_____, **Um olhar criativo**. Tradução Denis Fracalossi. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2014.

_____, **Desenho Anatômico**. Tradução Denis Fracalossi. São Paulo: Editora

Gustavo Gili, 2014.

JESUS, Joaquim Alberto Luz de. **(In)visibilidades**: um estudo sobre o devir do professor-artista no ensino em artes visuais. 2013. 260 p. Tese (Doutorado em Educação Artística)- Faculdade de Belas Artes. Universidade do Porto, Porto. 2013.

LAMPERT, Jocielle. Tessituras sobre Arte e Arte Educação, ou: sobre deambulações no ensino de arte. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; HERNANDEZ, Fernando(Org.). **A Formação do Professor e o Ensino das Artes Visuais**. 2. ed. Santa Maria: UFSM, 2015. p. 103-118.

LAMPERT, Jocielle. **Arte contemporânea, cultura visual e formação docente**. 2009. 159 f. Tese (Doutorado em Artes Visuais) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - ECA/USP, São Paulo, 2009.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte – Editora Autêntica, 2015.

MARTORANO, Lela. **Da memória e seus lapsos**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Pintura e Gravura) – Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.160f.

MATTAR, Sumaya. **Sobre Arte Educação**. Entre a Oficina Artesanal e a Sala de Aula. Editora Papirus. Campinas – São Paulo – 2010.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regin Benevides de. A Cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas de método da cartografia**: Pesquisa – intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2012.

PATZDORF, Danilo. Corpos encarcerados: breves reflexões sobre o ensino de arte a partir de uma experiência penitenciária. In: MATTAR, Sumaya, ROIPHE, Alberto (Org.). **Arte e Educação**: ressonâncias e repercussões. São Paulo. ECA 2016. p.53-61.

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido**. Tradução de Fernando Py. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. Caixa com três volumes.

ROCHA, José Carlos da. **Memórias afetivas**: museu dos objetos. 2013. 55 p. (v.1), 72 p. (v. 2). Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais) – Centro de Artes Visuais, Universidade Estadual de Santa Catarina - UDESC, Florianópolis, 2013.

ROCHA, José Carlos da. **Reflexões sobre a experiência**: paisagem cartográfica do artista/pesquisador. In: ANPAP, 24, Santa Maria, 2015. Anais... ANPAP, Santa Maria, 2015.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1982.

_____. **O país distorcido:** o Brasil, a globalização e a cidadania. São Paulo: Publifolha, 2001.

_____. **A natureza do espaço:** técnica e tempo – razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2002. 384p.

SALGADO, Sebastião. **Retratos de Crianças do êxodo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Terra.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SENNETT, Richard. **O Artífice.** Rio de Janeiro; São Paulo: Ed. Record, 2008.

THORNTON, Alan. **The Artist Teacher as Reflective Practitioner.** Chicago: Intellect Bristol, 2005.

_____. **A identidade do artista professor.** Chicago: Intellect Bristol, 2013.